

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ZOOLOGIA N.º 39 DEZEMBRO, 1961

II. LACERTÍLIOS DA AMAZÔNIA

OS LAGARTOS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA, COM ESPECIAL
REFERÊNCIA AOS REPRESENTADOS NA COLEÇÃO DO MUSEU
GOELDI

OSVALDO RODRIGUES DA CUNHA
Museu Goeldi

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO	3
I. HISTÓRICO	4
II. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA	7
III. ALGUMAS NOTAS ECOLÓGICAS	22
IV. SISTEMÁTICA DOS LACERTÍLIOS AMAZÔNI- COS PRINCIPALMENTE DOS REPRESENTADOS NA COLEÇÃO DO MUSEU GOELDI	30
V. SUMMARY	179
VI. BIBLIOGRAFIA	180

FALANGOLA
imprimiu

INTRODUÇÃO

Publicamos em 1958 em Boletim deste Museu, um pequeno trabalho que deu início a uma série que nos propusemos efetuar, para o melhor conhecimento e um mais acessível arranjo sistemático, de todos os lagartos que habitam a imensa área da Amazônia brasileira. Outrossim frisávamos, ainda no mesmo opúsculo, que o estudo de nossos lacertílios era bastante deficiente, sob qualquer ponto de vista, já que tínhamos a considerar uma área geográfica muito vasta, como a Amazônia, oferecendo por isso mesmo, inúmeras possibilidades maiores do que qualquer outra região natural do Brasil.

Com a publicação presente, visamos primeiramente tornar mais conhecido de todos, tanto biológica como taxonômicamente, a nossa fauna lacertiliana, aproveitando para isso a oportunidade que se nos oferece, bem como ter à mão a coleção de lagartos desta instituição, e que no momento se encontra em franco desenvolvimento. Por outro lado, o autor resolveu para tornar mais completo este trabalho, fazer doação de sua particular coleção de lagartos, à coleção herpetológica da Divisão de Zoologia do Museu Goeldi. Ditos lacertílios são provenientes de várias localidades do Estado do Pará, coletados pelo próprio autor.

Devemos realçar como fator importante na objetivação deste trabalho, a cooperação inestimável ao Museu Goeldi de dois funcionários viajantes e taxidermistas, que obtiveram interessantes coleções de lacertílios de duas distintas regiões da Amazônia. O primeiro foi o sr. Mariano Moreira, que efetuou e obteve durante os meses de abril e maio de 1959, no Território Federal do Amapá, cerca de 100 exemplares de lagartos diversos, em seringais e castanhais Boa Fortuna, alto igarapé Rio Branco, afluente da margem direita do alto Rio Maracá, Município de Mazagão. O resultado desta coleta foi satisfatório, pois veio preencher uma lacuna a respeito da fauna lacertiliana, daquela área do grande Vale. Assim, inúmeras espécies e subespécies, conhecemos agora ocorrendo na Amazônia brasileira, cuja fauna se relaciona intimamente com as das Guianas.

Quanto ao segundo coletor é o taxidermista sr. José Hidasi, que obteve às margens do Rio Javari, área situada entre o Brasil e o Perú, cerca de 51 espécimens de sáurios variados. A exploração àquelas longínquas paragens mais ocidentais da Amazônia, teve lugar principalmente no lugar denominado Estirão do Equador, núcleo do Exército (Grupamento de Elementos de Fronteira), situado na margem direita, 400 quilômetros acima da foz, durante os meses de outubro e novembro de 1959. O resultado dessa coleta, como a anterior, foi bastante boa, notadamente no número de novos lacertílios para a região Amazônica.

Julgamos de nosso dever expressar aqui a nossa sincera gratidão à memória do distinto botânico, dr. Walter Alberto Egler, Diretor do Museu Paraense "Emílio Goeldi", falecido tragicamente na cachoeira Macacuara, rio Jari, no dia 28 de agosto de 1961. A realização e publicação desta contribuição ao estudo dos Lacertílios Amazônicos, devemos à magnânima compreensão que então dedicava a tudo e a todos, a inesquecível figura do ex-diretor desta instituição

I. HISTÓRICO

Praticamente não existiu no Museu Goeldi, qualquer coisa que indicasse uma coleção de lacertílios. Nem mesmo ao tempo de Emilio Goeldi (1894-1907), provavelmente houve coleção alguma importante destes répteis, visto nada ter sido encontrado, ou muito pouca coisa, senão alguns insignificantes lagartos. Apenas consta mais ou menos daquela época alguns espécimens representando a família *Amphisbaenidae*. Constatamos também que nunca foram feitos estudos sobre o arranjo sistêmico dos nossos lagartos, embora sabemos hajam alguns trabalhos esparsos em publicações de instituições estrangeiras, principalmente na Alemanha, sobre observações biológicas de alguns lagartos amazônicos mais comuns. Muitas dessas observações foram feitas no próprio "habitat" do animal. São especialmente trabalhos independentes ou em conjunto, de Goeldi e Hagmann, publicados nos fins do século passado e começo deste. *

* Particularmente mencionamos aqui o interessante trabalho do dr. Emilio Goeldi, publicado em Boletim deste Museu (tomo III, 1902, pp. 499-500), com o título "Lagartos do Brasil". Aquêl autor apresenta em síntese um apanhado geral sobre o conhecimento dos lacertílios brasileiros até aquela data. No momento presente o trabalho de Goeldi, se apresenta praticamente de pouco valor, notadamente quanto ao aspecto sistemático, pois já se acha bastante obsoleto. Contudo merece ainda hoje em dia lugar de destaque em citações desta natureza, por ser obra pioneira entre nós.

Na realidade a organização de uma coleção de lacertílios só começou a tomar corpo, a partir de 1955, quando o Museu Goeldi passou então à órbita da administração federal, sob os impulsos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e Conselho Nacional de Pesquisas, em acôrdo efetuado com o Governo do Estado do Pará.

Até princípios de 1958 esta coleção não tinha sido objeto de maiores cuidados, estando guardada desordenadamente. Por essa ocasião visitou o Museu Goeldi o herpetólogo patricio Paulo Emilio Vanzolini, do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de S. Paulo, que prontificou-se espontaneamente a executar a necessária ordenação taxonômica preliminar.

Os exemplares todos foram catalogados, em parte determinados cientificamente, numerados e registrados em livro próprio para tal fim. Mesmo assim alguns espécimens ficaram por identificar, muitos outros apenas genericamente, e o restante especificamente. De qualquer forma foi um precioso auxílio prestado ao Museu Goeldi, aquêl do dr. Paulo Vanzolini, e por tal motivo deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos a tão dedicado herpetologista.

Após a identificação feita por Vanzolini, numerosos exemplares foram adicionados à coleção, obtidos por novas excursões realizadas a várias localidades da Planície. Acrescentou-se também depois os inúmeros exemplares cedidos pelo autor, de sua coleção, e que se constituem em parte de algumas espécies novas e raras para a coleção. Dêste modo, tomamos inicialmente a deliberação imediata de identificar específica e subespecificamente os exemplares anteriormente não determinados por Vanzolini, e mais ainda o acréscimo posterior acima mencionado.

*

A obra clássica para o estudo da sistemática dos lacertílios de todo o mundo, é ainda a importante obra em 3 volumes de George Boulenger "Catalogue of the Lizards in the British Museum", publicado em Londres, entre 1885 e 1887. Depois

dêste trabalho, atualmente já um tanto obsoleto, sucederam-se várias e profundas modificações, na validade de nomes científicos ou no arrançamento taxonómico. Posteriormente foram aparecendo listas ou simples apontamentos sôbre os lagartos que ocorriam ou no Brasil ou na América do Sul. Publicações estas baseadas em exemplares depositados em coleções de instituições científicas da Europa e Estados Unidos. Nêsse sentido inúmeras publicações apareceram, contendo trabalhos esparsos, nos quais se incluíam as vêzes novas formas de lagartos da Amazônia. Finalmente, Burt e Burt em 1931, publicaram uma lista dos lacertílios sul-americanos depositados no American Museum of Natural History, de New York. Êste bem ordenado trabalho, mais de sistemática e distribuição geográfica, foi uma disposição feita pelos autores para um novo arrançamento taxonómico, dos lagartos que ocorrem nêste continente, pois até então tôdas as espécies conhecidas se achavam em lastimável confusão. Isto foi ocasionado pelo acréscimo desordenado de novas espécies descritas, desde a publicação da obra de Boulenger. O trabalho dêstes autores tornou-se por isso mesmo básico para o estudo da nossa fauna lacertiliana em geral, porque definiu de vez os pontos incisivos de sua sistemática. Êles aclararam principalmente a enorme lista de nomes de espécies que se encontravam em discrepante sinonímia, fazendo validar os nomes de acôrdo com novos exames morfológicos nas formas duvidosas, e notadamente executando em seus ítems as Regras de Nomenclatura Zoológica, quanto à explícita prioridade de nomes científicos. Mais tarde, em 1933, aquêles mesmos autores novamente publicaram outra lista preliminar de sistemática dos lagartos sul-americanos, baseados em exemplares também de instituições americanas. O objetivo foi o mesmo do trabalho anterior, porém acrescentando novas espécies, delineando nomes e dispondo em mais exata sistemática, aquilo que anteriormente restava em dúvida. Nesta lista muitas formas que antes êles mesmos deram como espécie simples, passaram agora de acôrdo com observações mais acuradas, a serem consideradas como subespécies.

Salientando-se no estudo dos lagartos brasileiros temos a frisar o herpetologista paraense dr. Afrânio do Amaral, que desde 1930 vinha dando o melhor de seu conhecimento para o desenvolvimento dos estudos desta ordem de Répteis, em nosso país. Vários trabalhos esparsos foram publicados durante todo êste tempo, mesmo na época presente, nos quais eram descritos novas formas de lacertílios, não só da Amazônia como do resto do Brasil. Para o arrançamento sistemático dos lagartos brasileiros, publicou em 1935 e depois em 1937, as suas tão conhecidas "Lista Remissiva dos Lacertílios do Brasil", nas quais são feitas apenas referências específicas e subespecíficas, com sinonímia e ligeira citação geográfica. Tais listas foram baseadas em exemplares das coleções de herpetologia do Instituto Butantan, em S. Paulo. Em 1949, o mesmo autor publicou uma sucinta lista, apenas referências dos nomes, de algumas espécies de lagartos que ocorrem no Estado do Pará, inserido no Boletim X, do Museu Goeldi. Esta lista assaz incompleta e com ausência de citações geográficas, ficou muito a desejar, deixando permanecer ainda o conhecimento de nossos lagartos no mesmo ponto de antes. Daí o principal motivo que desde então nos instigou a promover o presente trabalho.

II. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

De acôrdo com a quase totalidade dos zoogeógrafos, a grande e distinta região zoogeográfica Neotropical, se estende desde o sul do México, América Central, Antilhas e tôda a América do Sul. Essa região abrangendo imensa área territorial continental, foi modernamente subdividida, embora com discrepâncias, em várias províncias ou distritos de acôrdo com a ocorrência de uma fauna característica e distinta.

"Dentro de ambientes ecológicos tão variáveis (em umidade, temperatura, altitude, vegetação, etc.) escreve Mello-Leitão, é natural que se encontre uma fauna das mais variadas e ricas, adaptada às mais diversas condições climáticas, de acôrdo com a natureza e regime de suas dilatadas planícies

como pela repartição de suas cadeias de montanhas”. Tendo-se em conta tôdas estas condições e outras mais presentes, foi a região Neotropical dividida em várias subregiões, mais ou menos bem delimitadas e definidas faunisticamente, concordando quase plenamente com a divisão da maioria dos autores. É assim que aí encontramos distintamente delimitada, a vasta subregião Brasileira, abrangendo tôda “a porção tropical da América do Sul, onde predominam as planícies, quer sob o aspecto de selvas centrais e orientais, quer como bosque chaquenho, savanas e pequenas mesetas”. É a maior e mais importante subregião de tôda a Neotropical, ultrapassando de muito ao norte, ao sul e a oeste os limites políticos do Brasil.

Assim a define claramente Mello-Leitão: “*Compreende além de tôdo o Brasil, a Colômbia a partir do vale do Magdalena, tôda a Venezuela com as ilhas de Bonaire, Tobago e Trinidad, as Guianas, a porção cisandina do Equador, Perú e Bolívia, tôdo o Paraguai, tôdo o Uruguai e na Argentina os territórios de Misiones, Formosa e Chaco, as províncias de Corrientes, Entre Rios, e a porção das províncias de Santa Fé, Santiago del Estero e Salta, ao norte do rio Salado*”. Esta subregião foi então subdividida em províncias ou distritos, nem sempre coincidindo exatamente neste ponto a opinião dos especialistas que a têm estudado. Para não nos alongarmos demasiadamente, adotaremos como sempre temos pensado, aquela que se encontra mais em uso, e a que em geral há algum tempo vimos adotando para o estudo dos lacertílios Amazônicos. Cabrera e Yepes (1940) dividiram a subregião *Brasiliana* em distritos: 1.º — *Sabânico*; 2.º — *Amazônico*; 3.º — *Tropical*; 4.º — *Subtropical*; 5.º — *Tupí*. Esta divisão muito bem elaborada e notavelmente delimitada, tem sido bastante usada, pelos zoólogos, na distribuição dos animais sul-americanos.

Mello-Leitão por sua vez, baseado em aprofundados estudos, admitiu quase concordantemente as suas províncias, com os distritos daquêles autores. Assim foi feita a divisão: a) *Caribe*, b) *Amazônica*, c) *Cariri-Bororo*, d) *Tupí*, e por último c) *Guarani*.

Considerando e comparando o distrito *Amazônico* de Cabrera e Yepes, observamos que êle difere um pouco da província de Mello-Leitão, quanto aos limites setentrionais, havendo aí, a supressão das Guianas e parte da Venezuela, na província delimitada pelo zoogeógrafo brasileiro. Decidindo entre uma e outra concordamos francamente com o distrito, ou melhor com os limites amplos propostos por Cabrera e Yepes. Aceitamos contudo a divisão em província para abranger essa vasta área.

Superpondo os limites de ambas divisões e observando as respectivas considerações, delimitaríamos a província *Amazônica* da maneira seguinte: *Compreenderia tôda a bacia do rio Amazonas, e do Tocantins, assim como a do Mearim, sendo limitada ao sul por uma linha recortada, com transgressões de matas e savanas e a leste pela selva monótona dos cocais; abrangendo os Territórios do Amapá, Rio Branco, Acre e Rondônia, Estados do Amazonas e Pará, oeste do Maranhão, norte de Goiás e de Mato Grosso, até às nascentes dos vários afluentes do rio Amazonas; à oeste porção Amazônica da Colômbia, Perú, Equador e Bolívia, ao norte tôdas as Guianas e parte da Venezuela, contornando mais ou menos o rio Orinoco para o sul.*

Esta importante província pela sua vasta extensão, encerra uma fauna notável e peculiar, embora mostrando-se variável em determinadas regiões geograficamente afastadas, que constituem formas típicas ou raças de transição. Algumas destas formas contudo, ultrapassam os limites da província ocorrendo mesmo em outras. Pelos seus limites muito amplos, é a província *Amazônica* a mais vasta da subregião *Brasiliana*, e também a mais bem definida de limites biológicos “com um sem número de formas próprias ou que aí têm o seu centro de dispersão”.

Alguns autores, como por exemplo Mello-Leitão, não admitem a íntima relação e identidade para a maioria da fauna em geral, entre as Guianas, a Venezuela e a Amazônia brasileira. Contudo de acôrdo com recentes estudos, acreditamos que existe relação muito íntima, semelhança e identidade fau-

nística entre respectivas regiões. À área não Amazônica, Cabrera e Yepes denominaram-na distrito *Sabânico*, compreendendo “a parte norte e central da Venezuela e o leste da Colômbia, em toda a zona de influência do rio Orinoco e onde predominam as savanas”. Por outro lado Mello-Leitão denominando-a província *Caribe*, inclui a “porção baixa da Colômbia, voltada para o mar das Antilhas, quasi toda a Venezuela, e as Guianas até aos contrafortes das serras de Parimá, Roraima e Tumuc-Humac, com as bacias do Madalena, do Oiapoque e dos pequenos rios que desaguam no mar Caribe, do Essequibo até ao Oiapoque”.

Como observamos, Cabrera e Yepes diminuíram a província *Caribe*, anexando parte dela à província *Amazônica*, alargando-a sobremodo. Para a elaboração do mapa zoogeográfico da região Neotropical, os distintos zoólogos argentinos valeram-se do estudo e distribuição dos mamíferos sul-americanos, enquanto Mello-Leitão preferiu basear-se na distribuição dos Aracnídeos, nos quais se especializou.

Estudando-se a distribuição dos lacertílios Neotropicais, observa-se claramente que é nítida a diferença não só específica como genérica também, entre as províncias que imediatamente a limitam, tanto para o sul como para oeste. Quanto mais se afasta mais diferente e distinta ela é. Ora, de acordo com os estudos por nós ultimamente efetuados, nos lagartos da Amazônia Brasileira e, presentemente nos do Amapá, particularmente, chegamos tanto quanto possível à conclusão da semelhança e identidade de espécies de lacertílios entre esta região, principalmente da parte norte oriental, e as dos próximos territórios das Guianas e Venezuela.

Forçosamente teremos de admitir que a grande cadeia montanhosa, que separa politicamente o Brasil das Guianas e Venezuela, com suas altas e escarpadas serras, não constituíram e nem constituem barreiras sérias à dispersão da maioria da fauna, incluindo em particular os lacertílios. Isto um tanto facilmente pode ser comprovado.

Considerando-se a região extra-brasileira, fazendo parte geográfica e zoogeograficamente da província *Amazônica*

própriamente dita, não esqueçamos contudo que devemos levar em conta aí naturalmente, os vários fatores locais, as variações de altitudes e clima, etc., que podem influir na adaptação ou não da espécie e sua variabilidade dentro de determinada área geográfica.

Isto se apresenta comprovado, não deixando dúvidas quanto a livre intercomunicação, não só faunística e florística, como sobre outros aspectos físicos, aos quais teremos oportunidade de citar. Para esta análise baseamos-nos somente, como aqui demonstramos, sobre os estudos que estamos efetuando nos lacertílios Amazônicos, confrontando-os com os de outras regiões. Como temos observado, a maioria dos lacertílios que ocorrem na Amazônia brasileira, também se encontram nas Guianas, parte da Venezuela abrangendo desde a margem direita do Orinoco, e a ilha de Trinidad, situada ao largo da costa daquele país. Esta ilha possivelmente pertencerá ainda à província *Amazônica*, embora sua fauna apresente formas próprias e raças endêmicas.

De conformidade com os conceitos estabelecidos, consideramos aqui que toda a área brasileira e pequena parte do território peruano, e avançando rio Javari acima até às nascentes, está compreendida ainda dentro dos limites zoogeográficos da província *Amazônica*, também admitida pela maioria dos especialistas. A ela pertenceria, compreendendo em todo o lado ocidental, os territórios do Acre e Rondônia, o Estado do Amazonas todo, porção do Perú, Equador, Colômbia e parte da Venezuela ao sul do rio Orinoco. Confinaria então naquela região, com os primeiros degraus alcantilados da cordilheira Andina, limitada pela província *Subandino-pampásica* de Mello-Leitão, ou distrito *Subandino* de Cabrera e Yepes, e ainda destes últimos autores o distrito *Incásico*, e daquele a província *Incásica*. Entre o distrito *Subandino* e o *Incásico*, Cabrera e Yepes situam uma estreita e longa faixa, que a partir das cabeceiras do Amazonas se estende até ao norte da Argentina, de-

nominando-a distrito *Andino*. Mello-Leitão suprimiu-a, fundindo-a com as duas anteriores províncias referidas. *

Os zoólogos e zoogeógrafos são acordes em admitir que não é possível e nem pode haver uma delimitação exata, para a divisão e subdivisão em menores categorias na zoogeografia. “As causas — escreve Wallace — que provocaram a atual distribuição da vida animal são tão variadas, sua ação e reação tão complexas, que certamente existem anomalias e irregularidades que fazem desmoronar a simetria de qualquer sistema rígido”. Sabemos, que para caracterizar as maiores ou menores divisões na distribuição geográfica dos animais, devemos levar em conta principalmente, que (1) as várias regiões não são do mesmo valor, e que (2) não podem igualmente ser aplicadas a todas as classes de animais. Há quasi sempre nestas regiões assim definidas, uma troca mútua constante de espécies animais, mais ou menos acentuada entre áreas delimitadas que se confinam. Notam-se entre elas formas penetrantes em grande escala, às vezes, e que tornam difíceis a caracterização da região que se deseja limitar.

No referido caso por exemplo, teremos dificuldade em caracterizar dentro da vasta província Amazônica, categorias menores, isto é, dividi-la em distritos, cada um com sua respectiva fauna característica e peculiar, tomando determinados grupos zoológicos. No caso dos lacertílios parece-nos pelo menos no momento presente, um tanto impróprio e bas-

* Juígamos que nunca é demais escrever sobre o assunto em questão, de modo que fazemos adiante um esclarecimento necessário. Desde o início do século passado inúmeros autores vêm tentando estabelecer, a divisão dos continentes em regiões zoológicas, para tanto assentando bases e conceitos científicos, apoiados principalmente sobre elementos fornecidos pelo estudo das aves, mamíferos, e posteriormente em répteis e anfíbios, moluscos e insetos. O trabalho inicial com bases científicas, é o que realizou Swainson em 1835, seguido depois por Woodward em 1856, os Sclater em 1857, 1876 e 1899, Murray em 1866, Heilprin em 1887, Fischer em 1887, Marshall em 1887, Wallace em 1876, Troussart em 1890, Lydekker em 1896, Bartholomew, Clarke e Grinshaw em 1911, H. Ihering em 1927, Marcus em 1934, Newbigin em 1936, Mello-Leitão em 1935, 1937, 1945, 1946, Hesse, Allee, Schmidt em 1937, Cabrera e Yepes em 1940, Lacerda Feio em 1950, etc., etc.

A divisão estabelecida pelos citados autores para a América do Sul,

tante difícil, retalhar ou caracterizar em distritos com suas espécies de lagartos próprios, a província referida.

Conhecendo estas objeções, admitimos contudo, consoante as informações que possuímos, que algumas espécies de saúrios que se encontram na Amazônia, têm seu “habitat” próprio nas longínquas regiões do Alto-Amazonas, não ocorrendo na Baixa-Amazônia. Geralmente constituem subespécies, ou raças geográficas de confinamento restrito, ou formas de penetração das províncias ou distritos, com que se limitam. Neste caso poderíamos, tal como o fazem alguns autores, dividir a Amazônia em dois grandes e distintos distritos faunísticos: o do Alto e do Baixo Amazonas. Evidentemente não é fácil concordar com este critério, em vista de sua quase impraticabilidade em plano realista.

Conquanto seja uma província de contorno biogeográfico bem definida, apresenta, entretanto, séria confusão na área que limita com as províncias ao norte, a oeste e sul. A província Amazônica abrangendo imenso espaço geográfico no continente sul-americano, apresenta nitidamente profundas penetrações nas províncias circundantes, sob os aspectos florísticos, faunísticos e geográficos. Notadamente no que respeita ao limite norte com a província *Caribe* ou distrito *Sabânico*.

As províncias zoogeográficas *Incásica* e *Subandino-pampásica*, ou distrito *Incásico* e *Subandino* que confinam a oeste da *Amazônica*, abrangem áreas estreitadas relativamente pequenas, compreendendo os contrafortes e a cordilheira Andi-

de um modo geral coincide, principalmente quanto aos limites fixados para a área Amazônica. Em 1878 Sclater considerava a região Neotropical dividida em 6 subregiões, dentre as quais distinguia perfeitamente os amplos limites da subregião acima citada, a qual abrangia toda a bacia do Amazonas, Orinoco e Tocantins. Estes limites quase coincidem com os atuais de Cabrera. A obra mais importante sobre zoogeografia, é contudo ainda o trabalho clássico de Wallace, publicado em 1876 com o título “Distribuição Geográfica dos Animais”, em cuja obra este zoólogo dividiu a terra em 6 regiões. Incluída nestas se acha a região Neotropical que foi dividida em 4 subregiões: *Chilense*, *Brasiliense*, *Mexicana* e *Antilhense*. A maior é a *Brasiliense* que, segundo Wallace, abrangeria toda a região de florestas da bacia do Amazonas e Orinoco até a cumieira dos Andes a oeste; ao norte incluiria as Guianas, Venezuela, Colômbia, e para o sul abarcava quase

na tôda. São um tanto imprecisos os contôrnos zoogeográficos dessas três províncias. Observa-se o facto em muitos grupos zoológicos, entre os quais os lacertílios. A característica fauna Amazônica apresenta penetrações nas citadas províncias, englobando-se ou fundindo-se à fauna local.

O mesmo observa-se com algumas formas andinas ocorrendo em área estritamente Amazônica. Considera-se geralmente uma fauna de transição, constituída quasi sempre de formas locais ou raças geográficas.

É necessário frisar contudo, que tal facto sucede unicamente com a fauna que ocorre exclusivamente a leste dos Andes, pois a que se encontra do outro lado desta cordilheira é bem diferente, tanto na ocorrência de gêneros como espécies.

Zoogeograficamente falando, pode-se admitir que a presença na província Amazônica é bem nítida ainda nas primeiras elevações do contraforte Andino. Justamente a área que estamos visando, isto é, região do Javari, apresenta importante interesse zoogeográfico, por se encontrar nos limites máximos da província e constituir uma área de transição, para as províncias já referidas. Apesar do que acabamos de expor, a fauna de lacertílios que ocorre nessa região, compreende quasi que totalmente formas estritamente Amazônicas. Na coleção de lagartos que estudamos, observa-se este facto perfeitamente. Poucas espécies constituem apenas formas restritas àquela região, não Amazônica. São lagartos das regiões de altitude, embora com penetrações nas florestas da Planície.

tôda a Bolívia e Paraguai e os Estados sulinos do Brasil. No conjunto total esta subregião coincide com os limites propostos por Sclater & Sclater (1899), Mello-Leitão (1937, 1945, 1946) e Cabrera & Yepes (1940).

Com especial atenção à zoogeografia da América do Sul e notadamente para o Brasil salientamos os seguintes autores: Burmeister considerava para o Brasil 3 territórios, dos quais um seria o do Amazonas, com o Estado de mesmo nome e Pará. Esta divisão apresenta pouco valor científico, como também a que propôs em 1893 Goeldi em "Os Mamíferos do Brasil". Este autor considerou para o Brasil 4 territórios, entre os quais colocava primeiramente o do Amazonas como o autor anterior. Em Pelzeln encontramos quase as mesmas considerações dos dois autores já citados. Para H. Ihering o Brasil se dividia em província, das quais dava certo realce à província Amazônica ou Hi-

Outros são formas de sáurios comuns e amplamente distribuídos por tôda a província Amazônica, incluindo na realidade as Guianas e parte do vale do Orinoco para o sul.

A fauna de lacertílios da província Amazônica, encerra formas típicas e características, embora algumas apresentem larga ocorrência em tôda a sua área geográfica. Outras, ao contrário, apresentam formas locais ou subespécies ocupando áreas mais restritas.

Tôdas as famílias de lagartos sul-americanas estão na Amazônia representadas pelas 6 seguintes: *Gekkonidae*, *Iguamidae*, *Scincidae*, *Teiidae*, *Amphisbaenidae* e *Anguinae*. Excetuando esta última família, inúmeros membros das outras restantes se acham representados na coleção do Museu Goeldi até o momento. Seguindo a ordem sistemática acima estabelecida, daremos sobre cada uma, rápidas observações zoogeográficas, tanto quanto nos possa interessar neste trabalho.

Faremos inicialmente considerações sobre a primitiva família *Gekkonidae*. Está largamente distribuída em tôdo o mundo de clima tropical, apresentando ainda algumas formas extremamente cosmopolitas. Ela ocorre em tôda a Amazônia mais ou menos abundantemente, representada atualmente por cerca de 5 gêneros, dos quais pelo menos 2 são típicos. Compreende o gênero *Gonatodes*, *Hemidactylus*, *Thecadactylus*, *Coleodactylus*, *Lepidoblepharis* e *Sphaerodactylus*. Este último, pouco podemos informar, pois sua presença nesta região é ainda duvidosa. *Lepidoblepharis* é um gênero consti-

teia. Mais recentemente encontramos a divisão proposta por R. von Ihering (1939), que admitia para o Brasil 3 regiões faunísticas, entre as quais aparecia a região Amazônica com limites mais amplos que a dos autores anteriores, e compreendia os Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, norte de Mato Grosso e Goiás. Em 1938, Miranda Ribeiro propunha para a América do Sul 2 zonas, a *Brasilico-Platina* e *Mexicana*, que infelizmente se apresenta destituída de interesse científico.

Cabrera e Yepes (1940) em trabalho já citado, e cuja parte deste assunto discutimos no texto deste trabalho, consideram dentro da região Neotropical 2 subregiões: a *Guiano-Brasileiro*, e a *Patagônica*. Para ambas subregiões admitiam 11 distritos assim discriminados: *Sabânico*, *Amazônico*, *Tropical*, *Subtropical*, *Tupi*, *Pampásico*, *Patagônico*, *Subandino*, *Chileno*, *Andino* e *Incásico*. Para o distrito *Amazônico* estabeleceram assim os seus limites: "Compreende tôdo o centro do

tuido de apenas lagartixas, pouco conhecidas entre nós, pois não é Amazônico, mas transandino, embora aqui esteja representado. *Coleodactylus* e *Gonatodes* estão amplamente distribuídos na região, sendo característico aí o primeiro gênero, e o segundo com uma espécie bastante comum. Quanto aos dois restantes, salientamos *Thecadactylus* com uma espécie de grande tamanho, própria da província Amazônica e relativamente comum, enquanto *Hemidactylus* se caracteriza por apresentar uma forma cosmopolita, e sempre presente em tôdas as aglomerações humanas da Planície.

A família *Iguanidae* ao contrário da anterior, pode-se afirmar que é totalmente sul-americana, embora apresente larga distribuição não somente aí, mas ocorre também em algumas ilhas do Pacífico. Compreende numerosos gêneros que encerram inúmeras espécies, sendo que a maioria se encontra dentro do território da província Amazônica. Encerra esta família lagartos de morfologia e anatomia bastante característica, mostrando alguns certas particularidades interessantes, notadamente quanto aos "habitats" e tipos de vida. Na maioria são sáurios adaptados ao sistema arborícola, havendo contudo alguns que podem perfeitamente andar no solo quando o necessitam. A Amazônia abriga muitos gêneros e espécies típicos, sendo alguns aí bastante distribuídos. São os seguintes os gêneros que ocorrem dentro da área da Amazônia brasileira: *Anolis*, um dos gêneros mais comuns e espalhados em tôda a região Neotropical, encerra muitas

espécies e subespécies, das quais contudo poucas ocorrem no grande Vale, algumas apresentando áreas mais ou menos restritas; *Enyalioides* encerra lagartos tipicamente Amazônicos, com duas espécies, uma do alto e outra do baixo Amazonas; *Garbesaura* foi criado por Amaral em 1932, para uma espécie proveniente do rio Tapajós; *Iguana* é um dos mais típicos gêneros desta família e de tôda a região Neotropical, apresentando uma raça extremamente comum em tôda esta região; *Leiocephalus* também comum, é típico da província Amazônica, *Polychrus*, cujos componentes de vistosa e cambiante coloração, compreende 3 formas de ampla distribuição em tôda a província Amazônica; *Uranoscodon*, *Plica* e *Tropidurus* encerram formas extremamente comuns e largamente espalhadas em tôda esta região, salientando-se os dois primeiros como gêneros típicos da Amazônia; *Norops* também aí característico, é todavia pouco conhecido; *Uracentron* é um estranho gênero largamente distribuído por boa parte da região Neotropical, compreendendo algumas espécies, das quais uma é típica e relativamente comum à região do baixo Amazonas.

A família *Teiidae* é a maior e a mais típica da ordem, que se encontra no continente sul-americano. Os lagartos que compõem esta família são autóctones, e os mais característicos de tôdos os que vivem na América meridional. Tôdos os seus gêneros apresentam aí, o seu centro principal de dispersão, sendo que alguns ocorrem na América central, alcançando o México, e apenas o gênero *Cnemidophorus*, che-

Brasil com as bacias do Amazonas e do Madeira, desde as Guianas e litoral Atlântico até a parte oriental da Bolívia, Perú, Equador e Colômbia".

Mello-Leitão em 1946 traçou definitivamente à sua consideração, a divisão da região Neotropical em 2 subregiões: a *Andino-Patagônica*, dividida em 4 províncias, e a *Brasiliana* em 5 províncias. Esta última compreende as províncias *Guianense*, *Hiléia*, *Cariri*, *Tupi* e *Guarani*. Anteriormente a província *Hiléia* foi designada *Amazônica*, continuando ainda distintamente separada da província *Guianense*, a qual compreende as Guianas, Venezuela, e parte norte da Colômbia. De acôrdo com os limites dados pelo próprio autor, a *Hiléia* compreenderia "tôda a bacia do Amazonas", encerrando, portanto, a parte Amazônica da Colômbia, Equador, Perú e Bolívia e, no Brasil como bem a define A. Sampaio: abrange os Territórios do Acre, Rio Branco e Amapá, os Estados do Pará e Amazonas, o norte de Mato Grosso e Goiás até às

nascentes dos vários afluentes do Amazonas; no leste penetra no Estado do Maranhão até Imperatriz, rio Turi e o médio Pindaré e talvez até ao Grajaú e Mearim médio". Para o sul está limitada imeditamente com a província *Cariri*, que abrange tôdo o centro, nordeste do Brasil e boa parte da Bolívia. Os limites de Mello-Leitão embora sendo quase os mesmos, não coincidem com os de Cabrera, principalmente ao norte e centro que são mais amplos neste último.

Neste ligeiro esboço histórico concluímos que de tôdos os autores citados, que melhor estudaram atentamente a zoogeografia da América do Sul, destacamos evidentemente Cabrera e Yepes (1940) e Mello-Leitão (1946). "São, como frisa L. Feio (1950), êsses os trabalhos que devem servir de "fundo de carta" para quem analisar alguma vez o povoamento faunístico da América do Sul".

ga até o sueste dos Estados Unidos. É também por outro lado, a família que mais gêneros e espécies encerra não somente na Amazônia como no resto do continente. *Teiidae* substitui entre nós, a sua mui próxima *Lacertidae*, que se acha distribuída por quase toda a Europa. Adiante damos os gêneros que aqui ocorrem: *Ameiva*, *Cnemidophorus* e *Kentropyx* são gêneros típicos e de larga distribuição em toda a região Neotropical, sobressaindo principalmente o primeiro que com sua raça característica bastante comum, se espalha por quase toda a América do Sul; *Dracaena*, *Tupinambis*, *Crocodilurus* e *Neusticurus* constituem também gêneros representativos e próprios da grande província Amazônica, embora os dois primeiros ultrapassem os seus limites e alcancem as regiões meridionais do continente, os dois últimos gêneros encerram formas de hábitos estritamente equáticos, habitando as margens lodosas de rios e igarapés de todo o Vale; dos 4 citados 3 apresentam apenas uma espécie, enquanto *Neusticurus* compreende espécies e raças vivendo na Amazônia brasileira; *Leposoma*, gênero distribuído em quase toda a região Neotropical, apresenta provavelmente na Amazônia brasileira pelo menos duas ou três espécies, das quais uma é bastante típica; *Cercosaura* é também como o anterior gênero típico da região Neotropical, aí representado por 3 subespécies características, das quais duas ocorrem na Amazônia sendo uma de maior distribuição; *Callisclincopus* parece ser sinônimo de *Tretioscincus*, ocorrendo na região embora duvidosamente admitido; *Iphisa* e *Gymnophthalmus*, são ambos gêneros espalhados em quase toda a Neotropical, salientando-se o primeiro por ser ainda monotípico, e assim mesmo apresentar larga ocorrência pela vastidão Amazônica; *Arthrosaura* é gênero característico desta província zoogeográfica, compreendendo presentemente 4 espécies e raças geográficas, das quais 3 são relativamente comuns à Amazônia brasileira; *Alopoglossus* é um dos que apresenta também ampla distribuição em toda a citada região; compreende 5 espécies de porte pequeno, sendo que pelo menos duas delas ocorrem na parte brasileira; *Bachia* compreende lagartos ápodos pouco conhecidos, embo-

ra apresentem ampla ocorrência em toda a região Neotropical; encerra algumas espécies, porém com certeza apenas duas típicas ocorrem na Amazônia brasileira; *Placosoma* é no momento um gênero duvidoso e bastante confuso; é dado como habitando a Amazônia e outras partes do Brasil; *Micrablepharus* não é gênero Amazônico, pois tem seu centro de dispersão na região sul ocidental do Brasil, contudo se estendendo para o norte consegue ainda penetrar na região mais meridional da Amazônia, na zona de transição para o planalto central; constituem lagartos de diminuto tamanho e pouco conhecidos; *Euspondylus* ocorre nas regiões extremo ocidentais da Amazônia brasileira, e de certo modo na parte do baixo Amazonas; além disso o gênero apresenta ampla distribuição pela região Neotropical, espalhado principalmente pelas províncias que limitam ao norte e oeste da *Amazônica*; encerra numerosas espécies, a maioria de posição ainda incerta específica ou mesmo genericamente.

Seguindo-se à análise da família anterior, temos agora *Anguidae*, na realidade, família escassamente representada na Amazônia. Apesar disso compreende vários gêneros, encerrando formas modificadas ou degeneradas, que amplamente se distribuem pelo norte da Ásia, sul da Europa, norte da África e mais deficientemente pelas Américas. No Brasil ocorrem somente dois gêneros, dos quais um é relativamente comum e bastante espalhado. É o gênero *Ophiodes* que apresenta na Amazônia uma raça geográfica, relativamente pouco conhecida. Constituem lagartos ápodos, vermiformes com hábitos subterrâneos.

Família que apresenta também vastíssima distribuição em todo o mundo, é *Scincidae*, que engloba numerosíssimos representantes disseminados por várias regiões, tanto no Velho como no Novo Mundo. Apesar dessa larga ocorrência, apresenta no continente Americano escasso desenvolvimento, pois dos 32 gêneros conhecidos, somente 5 são aí encontrados. Na América do Sul apenas 2 gêneros ocorrem, sendo que um foi introduzido na costa equatoriana e peruana, e o outro *Mabuya*, de amplíssima distribuição por quase todos os continentes.

A este gênero correspondem, ao todo umas 70 espécies e raças geográficas, das quais somente 4 são conhecidas como habitando a Amazônia brasileira. Destas parece que apenas uma é própria desta região, duvidosamente admitida.

Finalmente passamos a analisar os gêneros componentes da estranha família *Amphisbaenidae*, que compreende sáurios totalmente modificados à vida subterrânea, apresentando corpo vermiforme e olhos e ouvidos atrofiados. A família se divide atualmente em vários gêneros disseminados pelo continente Americano, as Antilhas Maiores, o sul da Europa e África. À exceção de um gênero mexicano provido de patas anteriores, todos os restantes membros desta família carecem de órgãos locomotores. Encontram-se na América do Sul 5 gêneros, dos quais apenas 3 ocorrem em toda a Amazônia. Desses o mais amplamente disseminado é *Amphisbaena*, que se encontra em vários continentes, com inúmeras espécies e raças geográficas, ocupando áreas mais ou menos restritas, algumas com formas próprias à região Amazônica; *Aulura* foi descrito por Barbour em 1914, sendo ultimamente confirmado por Vanzolini, nesta região, sua ocorrência. Parece ser um gênero tipicamente Amazônico. *Leposternon* é também um gênero estritamente Neotropical, compreendendo várias espécies que se encontram em posição incerta, e duvidosa validade específica.

Baseados nos informes acima, observamos pelo menos, neste ponto, que nenhuma das seis famílias citadas, está confinada à área Amazônica ou à região Neotropical, acontecendo com a maioria de seus gêneros o mesmo. Já não podemos dizer assim quanto às espécies, pois muitas destas possuem seus limites geográficos somente dentro dessa província zoogeográfica. Pela seguinte lista apontamos os gêneros que parecem estar confinados à província Amazônica:

Família *Gekkonidae*: *Coleodactylus*.

Família *Iguanidae*: *Garbesaura*, *Uranoscodon*, *Plica* e *Uracentron*.

Família *Teiidae*: *Euspondylus*, *Proctoporus*? *Calliscincopus*? *Iphisa*, *Crocodylurus*, *Cercosaura*, *Dracaena*, *Arthrosaura*, *Alopoglossus* e *Neusticurus*.

Família *Amphisbaenidae*: *Aulura*.

Alguns gêneros têm seu centro principal de ocorrência nos países que confinam com a nossa Amazônia política, na sua parte mais ocidental, aí penetrando e se estendendo por boa parte de sua área. Nesse sentido citam-se os gêneros *Leiocephalus*, *Euspondylus* e *Lepidoblepharis*, tipicamente andinos. De outro modo, a maioria dos gêneros comuns à grande Planície, romperam os seus limites geográficos que aí se confinavam e estenderam-se pela sua vizinhança, e mesmo a pontos distantes da região Neotropical. Quase a totalidade dos gêneros encontrados nesta região zoogeográfica, ocorrem na Amazônia em maior ou menor amplitude, observando-se quanto às espécies um endemismo muito mais acentuado, pois como já foi dado notar, muitas delas são típicas com o seu centro de ocorrência restrito.

Do total geral das espécies e subespécies admitidas para toda a área Amazônica, considerando-se agora a área política (aquela que abrange partes do planalto central para efeito do Plano de Valorização), englobam-se aí ligeiras penetrações de alguns lagartos não Amazônicos, nos limites naturais da Amazônia propriamente dita. Nessa consideração citam-se as seguintes formas mais ou menos comuns: *Cnemidophorus ocellifer* (Spix), *Tropidurus torquatus torquatus* (Wied), *Mabuya frenata* (Cope), *Polychrus marmoratus acutirostris* (Spix), e *Micrablepharus maximiliani* (Reinh. e Lutk.). Por outro lado encontram-se também formas extra-Amazônicas, penetrando principalmente nas partes ocidentais dessa região, com algumas espécies interessantes como *Polychrus gutturosus spurrelli* (Boulenger), *Euspondylus vertebralis* (O'Shaughn.), *Bachia dorbignyi* (Dum. e Bibr.), *Alopoglossus buckleyi* (O'Shaughn.), *Arthrosaura reticulata* (O'Shaughn.), *Leiocephalus iridescens aculeatus* (O'Shaughn.) e provavelmente ou-

tras espécies das quais no momento não temos conhecimento algum.

É interessante observar a fauna de lacertílios que ocorre nas outras províncias zoogeográficas do Brasil, quase na sua totalidade apresenta formas bem distintas e diferentes, daquela que se encontra na província Amazônica. Excetuam-se contudo pouquíssimas espécies comuns entre elas, sucedendo no entanto variações geográficas, em que a espécie se desdobra, naturalmente motivadas por fatores diversos, em subespécies ou raças geográficas adaptadas às condições do meio favorecendo o seu desenvolvimento e a sua distribuição em áreas de ambiente ecológico favorável. Confinando em longa extensão ao sul da província Amazônica, abrangendo uma boa área da região centro-nordeste, se acha o distrito *Tropical* de Cabrera e Yepes, ou a província *Cariri-Bororo* de Mello-Leitão, encerrando uma fauna de lacertílios totalmente diferente da Amazônica. Maior amplitude de diferenciação genérica e específica vamos encontrar dentro das províncias zoogeográficas, mais para o sul do país e do continente.

III. ALGUMAS NOTAS ECOLÓGICAS

Estudando-se a ecologia dos lagartos Amazônicos, observamos a predominância das seguintes condições de "habitats" dentro do respectivo meio ambiente: inicialmente observam-se espécies exclusivamente terrícolas, jamais se afastando deste modo de vida, processando-se aí todo o seu ciclo vital, e o seu comportamento é indiferente a qualquer outro ambiente que lhes seja adverso; neste grupo alguns lagartos apresentam às vezes um processo mimético de defesa. Estão incluídos neste grupo ecológico natural, quase todos os gêneros da família *Teiidae*, sendo aliás neste sentido a mais representativa das que ocorrem na Amazônia. São estes os gêneros aí incluídos: *Ameiva*, *Arthrosaura*, *Calliscolopops*, *Cnemidophorus*, *Dracaena*, *Iphisa*, *Gymnophthalmus*, *Kentropyx*, *Leposoma*, *Alopoglossus*, *Placosoma*, *Bachia*, *Cercosaura*, *Tupinambis*, *Euspondylus* e *Micrablepharus*. Também essencialmente de "habitat" ter-

restre encontram-se as famílias *Anguidae*, com seu único gênero *Ophiodes*, e por último consideramos todos os representantes de *Amphisbaenidae*, com seus respectivos gêneros *Amphisbaena*, *Aulura* e *Leposternon*. Os membros que representam as duas últimas famílias possuem hábitos exclusivamente fura-dores, minadores ou subterrâneos.

Muitos lagartos apresentam ainda um "habitat" semi-terricola, mostrando assim preferência para outros "habitats", achando-se entretanto neste grupo um número muito reduzido deles. Estão assim incluídos os gêneros *Neusticurus*, *Crocodylurus* e *Dracaena*, que podem facilmente viver dentro d'água como em terra. Este último costuma também trepar às árvores de pequeno porte, e deixar-se aí ficar por longo tempo.

Numerosos lagartos diferentemente daqueles que preferem somente o "habitat" terrestre, possuem-no exclusivamente arborícola, passando a vida toda trepados às árvores, a procura de alimento, geralmente insetívoros e às vezes vegetarianos. Eles nunca abandonam esse meio ambiente, exceto por qualquer motivo ocasional. Aí encontramos nesse grupo ecológico a maioria dos gêneros contidos na família *Iguanidae*, família esta tipicamente trepadora espalhada pelo continente sul-americano, salientando-se os gêneros *Anolis*, *Polychrus*, *Uranoscodon* e *Plica*. Contudo encontramos também muitas formas que apresentam um desdobramento deste último grupo, isto é, um "habitat" semi-arborícola, no qual se incluem lagartos arborícolas, mas que podem com facilidade se adaptar ao ambiente terrestre ou aquático. Primeiramente por exemplo, consideramos os gêneros *Gonatodes*, *Sphaerodactylus* e *Thecadactylus*, da família *Gekkonidae*, os quais apresentam características para viverem trepados, tanto aos troncos das árvores, em muros e paredes das casas, como às vezes podem descer ao solo. Ainda na família *Iguanidae*, estão os gêneros *Iguana* e *Enyalioides*, que essencialmente arborícolas principalmente o primeiro, às vezes deixam a quietude das árvores para se postarem sobre pedras, tomando sol ou então ocasionalmente quando perseguidos, lançam-se estrepitosamente n'água quando próximo dela. Também da mesma família

são os gêneros *Norops* e *Leiocephalus*, que igualmente trepadores algumas vezes descem ao solo. *Tropidurus* e *Uracentron* embora não estritamente arborícolas, possuem um "habitat" bastante variado notadamente o primeiro, sobre o qual anteriormente já falamos, e que tanto vivem nos troncos das árvores, como no solo por entre a vegetação arbustiva, ou mesmo em lugares arenosos e pedregosos. Dentro da família *Scincidae* ocorre na Amazônia o gênero *Mabuia*, que possui em parte um "habitat" variado, tanto quanto os anteriores, isto é, vive também em troncos de árvores, sebes, cercas, sobre grandes pedras e às vezes no solo.

Dentro destes principais tipos de "habitats", podemos ainda encontrar inúmeros desdobramentos de menor amplitude, que foram provavelmente adquiridos, ou por necessidade imperiosa de sobrevivência, para refúgio, defesa, ou então, motivado por qualquer alteração ou modificação orgânica, imposto pelas condições do meio ambiente, ao qual automática e irreversivelmente se adaptaram. Neste conceito por exemplo, assinalamos algumas formas que possuem hábitos exclusivamente furadores, minadores ou vivendo em galerias subterrâneas de saueiros, ou construídos pelos próprios lagartos. Constituem geralmente lacertílios degradados, serpentiniformes ou vermiformes, lucífugos e alguns com olhos atrofiados ou inúteis, como sucede com os indivíduos da família *Amphisbaenidae*. Dêsse modo dificilmente são atraídos para a superfície, o que acontecendo não deixa de ser ocasional. Com as mesmas características se acha o interessante sáurio apelidado pelo povo de "cobra de vidro", pela facilidade com que desmante-la o corpo por autotomia natural, de aspecto serpentiniforme, pertence ao gênero *Ophiodes*, da família *Anguillidae*. Neste caso estão também uns poucos representantes da típica família *Teiidae*, englobados nos gêneros *Bachia*, *Scolecocentron* e *Ophiognomon*, sendo que estes dois últimos ainda não encontrados no território brasileiro até o momento. O gênero *Bachia* ocorrendo provavelmente em quase toda a Amazônia, foi observado e estudado pelo autor, cujas notas foram recentemente publicadas em boletim deste Museu (1958, 11). Estes la-

gartos com insignificantes rudimentos de membros, são geralmente de pequeno e médio porte, embora os componentes da família *Amphisbaenidae*, apresentem tamanhos maiores e muitas vezes grandes.

Muitos lagartos procuram o recesso das matas, lugares sombrios com penetração diminuta da luz solar e silêncio constante. Nêsse meio vivem continuamente alguns lagartos tipicamente terrícolas, da família *Teiidae*, exigindo para o seu completo desenvolvimento o ambiente ótimo essencial. Um solo fôfo, pouca vegetação rasteira ou arbustiva, recamado de densa folhagem caída e já em decomposição, umidade elevada e temperatura constante e amena. Encontramos aí indivíduos dos gêneros *Kentropyx*, *Tupinambis*, *Alopoglossus*, *Cercosaura*, *Euspondylus*, *Leposoma*, *Iphisa*, *Bachia* e *Arthrosaura*. Caso interessante é o que se observa com os lagartos do gênero *Ameiva*, os quais apresentam variações em seus "habitats", pois tanto podem com facilidade adaptar-se ou viver no ambiente de vegetação cerrada, como costumam procurar as clareiras ou locais ensolarados, para tomar sol ou esburacar a terra à cata de alimento. Também vivem no ambiente de mata, naquela mesma quietude os gêneros arborícolas *Uranoscodon*, *Plica*, *Anolis*, *Polychrus* e *Iguana*, e ainda as lagartixas dos gêneros *Gonatodes*, *Thecadactylus*, *Sphaerodactylus* e *Coleodactylus*, estas da família *Gekkonidae*. Em alguns lugares estas lagartixas podem se aproximar e viver dentro das palhoças humanas, quando próximas da mata.

Por outro lado, muitos lagartos possuem seu "habitat" predileito nos campos arenosos, de pouca vegetação rasteira, pouca umidade e ainda em clareiras ou locais onde afloram rochas. Gostam da luz e de aquecer-se ao sol, encontrando-se aí principalmente o gênero *Cnemidophorus*, bem como o comuníssimo *Tropidurus* e mais os gêneros *Norops*, *Uracentron*, *Gymnophthalmus*, *Leiocephalus*, e algumas vezes indivíduos do gênero *Ameiva*, e até certo ponto *Tupinambis*.

Temos observado também que algumas formas arborícolas pertencentes à família *Iguanidae*, embora vivendo no interior das matas, muitas vezes procuram árvores ou galhos que este-

jam batidos pela luz solar, anotando-se aí os gêneros *Anolis*, *Iguana* e *Polychrus*, principalmente.

Com os componentes do gênero *Mabuia*, que não sendo totalmente arborícolas e menos terrícolas, habitam troncos velhos tombados, cercas, etc., enfim lugares mais ou menos ensolarados e de pouco movimento.

Invariavelmente todos os lacertílios que compõem a família *Gekkonidae*, são geralmente formas de pequeno porte e coloração um tanto esmaecida, apresentando hábitos seclusivos, noctívagos, pois se ocultam durante o dia nos interstícios da entrecasca das árvores, buracos, grêtas, etc., das palhoças e casas velhas das cidades. São lagartos adaptados à vida noturna. Excetuando o gênero *Hemidactylus* que tem preferência exclusiva pelas habitações humanas, o restante dos gêneros ocorrentes na Amazônia, vivem no interior de matas e bosques mais ou menos sombrios habitando os troncos de árvores, geralmente próximos ao solo.

Muitas espécies de lacertílios possuem a notável faculdade de mudar a coloração da pele, naturalmente de acordo com o meio ambiente que os cerca. Este processo de se assemelharem ou se mimetisarem com o ambiente em que vivem, é ainda pouco conhecido quanto ao seu mecanismo e seu significado biológico.

A faculdade de coloração cambiante mais acentuada ocorre nos lagartos da família *Iguanidae*, um pouco menos nítida nas lagartixas da família *Gekkonidae*, e menos comum nos indivíduos da família *Teiidae*. Este processo muito comum entre os iguanídeos, acentua-se principalmente nos lagartos pápavento dos gêneros *Polychrus*, *Anolis*, *Iguana*, *Uranoscodon*, *Enyalioides*, *Plica*, *Uracentron* e *Leiocephalus*. Dentre todos, porém, os sáurios do gênero *Polychrus*, são os que a possuem em mais alto grau, ao ponto de se confundirem perfeitamente com a folhagem das árvores em que se encontram, sendo assim dificilmente percebidos. Também com a mesma referência anotamos os membros dos gêneros *Iguana*, *Uranoscodon* e *Plica*.

Provavelmente quase todas as pequenas lagartixas da família *Gekkonidae*, apresentam nítidas mudanças de coloração,

que varia de acordo com o meio ambiente em que se encontram, embora não tão acentuado como o dos iguanídeos. Aquêles lacertílios geralmente procuram os lugares sombrios e escuros, o que temos tido oportunidade de observar justamente nos indivíduos dos gêneros *Gonatodes*, *Hemidactylus* e *Thecadactylus*, pois quando fora de seu próprio meio, êles adquirem coloração esmaecida ou esbranquiçada.

A atividade dos lacertílios Amazônicos não cessa durante todo o ano, já que não conhecemos aqui os longos períodos estivais ou hibernais, embora tenhamos observado que alguns dêles se ocultem um pouco mais durante a época das grandes chuvas de janeiro a junho, enquanto outros durante os dias mais quentes do verão de julho a dezembro.

Naturalmente em vista da ausência de periodicidade de estações, é provável que a maioria dos lacertílios não apresente época determinada para a cópula e a procriação dos filhotes. Na Amazônia à exceção de um único gênero, todos os outros conhecidos são *ovíparos*. Para melhor esclarecimento sobre este assunto, transcreveremos de Dunn, o seguinte (*Caldasia*, vol. III, p. 78, 1944), bem sintetizado: "A fecundação entre os lagartos é sempre interna. A cópula se realiza por meio de um par de órgãos especiais, chamados *hemipenis*, situados na base da cauda do macho. No momento da cópula o macho evagina os *hemipenis* e os introduz nos condutos da fêmea. Os atos que precedem à cópula em si mesmos só foram observadas em mui poucas espécies, mas nestas são notavelmente semelhantes aos das aves. Os machos escolhem um local geralmente proeminente desde o qual possam vigiar os arredores e o defendem tenazmente contra os outros machos, seja tratando de espantá-los, ostentando em atitude ameaçadora seus ornamentos ou côres especiais, seja combatendo-os com ferocidade quando se atrevem a invadir seu território. Em troca, as fêmeas que passam perto do macho são fecundadas por êste. Entre as espécies de lagartos cujos sexos apenas se distinguem por ligeiras diferenças externas prevalece mais o costume de

lutar corpo a corpo entre os machos; em troca, entre aqueles cujos machos e fêmeas são mui distintos, a competência dos machos se verifica a certa distância e se reduz geralmente a fazer aparatosa ostentação dos adôrnos próprios de seu sexo. Tal exibição não parece destinada a cativar as fêmeas, como ocorre entre outros animais, mas exclusivamente para assegurar domínio do território com relação a outros machos”.

Logo após ser fecundada, a fêmea parece abandonar por determinado tempo o macho. Na ocasião aprasada para depositar os ovos, ela procura um lugar para que seja provido satisfatoriamente o desenvolvimento do novo sêr. A fêmea de algumas espécies geralmente desova simplesmente sobre o solo, enquanto outras depositam os ovos em pequenos buracos do solo, na entrecasca das árvores, ôcos de paus apodrecidos, debaixo de pedras e fôlhas caídas ao chão. Outras espécies costumam aí enterrar ou ocultar seus ovos com ligeira terra sobre êles. Normalmente logo após a desova a fêmea abandona o local, não mais retornando aí, abandonando-os ao próprio tempo. Em alguns casos porém, estas ninhadas ocultas são custodiadas pela fêmea, que se encontra sempre com elas ou se acha próxima, mas depois que os filhos nascem, a mãe os abandona.

O número de ovos depositado por cada fêmea varia de espécie, sendo que algumas põem apenas um ôvo, enquanto outras espécies um número bem mais elevado. O tamanho do ôvo também está de acôrdo com o porte da fêmea que o deposita, e a espécie.

Os pequeninos lagartos ao eclodirem do ôvo já se encontram bastante desenvolvidos, fortes, ágeis e aptos à vida, procurando logo os meios necessários ao seu crescimento e conservação.

Na Amazônia somente o gênero *Mabuya* é ovovivíparo, isto é, os ovos são retidos no oviduto materno até que os filhotes estejam aptos a nascer. A gestação é por conseguinte interna, havendo provàvelmente relações materno-fetais com o

desenvolvimento completo destes, até o instante de emergirem perfeitos dos órgãos maternos. Já temos tido ocasião de observar êste processo de gestação, na espécie *Mabuya mabouia mabouia* (Lacépède) e notamos que a fêmea geralmente guarda em seu interior 5 a 6 pequenos sáurios.

A Amazônia apresenta nas famílias de lagartos que comporta, alguns gêneros de dimensões agigantadas, de certo modo quando comparados com formas de porte médio, ultrapassando alguns lagartos mais de um metro de comprimento. Por outro lado, aí também vamos encontrar lacertílios extremamente diminutos, como o pequeníssimo *Micrablepharus maximiliani* (Reinh. e Lutk.), da família *Teiidae* que não atinge mais de 50 milímetros. Muitas formas pequenas se incluem ainda na família *Gekkonidae*, principalmente a espécie *Gonatodes humeralis* (Guichénot), e outras do gênero *Coleodactylus* e *Sphaerodactylus*; na família *Iguanidae* citam-se algumas espécies do gênero *Anolis*.

Das seis famílias que ocorrem na Amazônia, apenas duas delas encerram verdadeiramente formas de lacertílios de grande porte. Admitem-se da família *Iguanidae*, as espécies *Iguana iguana iguana* (Linnaeus), o comum camaleão ou pápavento do nosso povo, grande lagarto que com sua longa cauda pode facilmente atingir quase dois metros de comprimento; e o também chamado pápavento *Polychrus marmoratus marmoratus* (Linnaeus), que normalmente alcança 50 centímetros de comprimento.

Salientam-se principalmente da família *Teiidae*, os seguintes maiores lagartos: o grande jacuarú ou tejuacú *Tupinambus nigropunctatus* Spix, o jacuruxi *Dracaena guyanensis* Daudin, o jacarerana *Crocodilurus lacertinus* Spix, sendo todos lagartos de grande porte, que geralmente atingem 1 metro ou mais. Por último ainda podemos incluir nesta determinação o caíango jacaré-pinima *Ameiva ameiva ameiva* (Linnaeus), o qual apresenta de porte normalmente, mais de 50 centímetros de comprimento.

IV. SISTEMÁTICA DOS LACERTÍLIOS AMAZÔNICOS
PRINCIPALMENTE DOS REPRESENTADOS
NA COLEÇÃO DO MUSEU GOELDI

Nêste capítulo, abordaremos o complexo problema do arrançamento sistemático dos lacertílios conhecidos até o momento, ocorrendo dentro da área abrangida pela Amazônia Brasileira política. Além do mais, queremos insistir, que aqui visamos principalmente um estudo mais detalhado sôbre os gêneros e respectivas espécies, que se encontram representadas na coleção herpetológica do Museu Goeldi. Para melhor ordenar a classificação taxonômica, e ao mesmo tempo adaptá-la às exigências da região e do momento, colocando-a em dia com as classificações mais modernas, adotaremos aquelas mais recentes e admitidas entre especialistas de tódo o mundo.

Ambos continentes Americanos apresentam rica e interessante fauna de lacertílios, que quase na totalidade constituem formas próprias, diferentes e autóctones. Existem na América do Norte 11 famílias desta ordem de répteis, das quais há conhecimento que 6 se encontram na América do Sul, estando tôdas representadas na grande província *Amazônica* zoogeográfica. A fauna lacertiliana contida em nosso continente, é sem dúvida alguma, notavelmente mais rica em gêneros e espécies que a do hemisfério norte, porém em contraste, aquela é mais pobre em famílias.

A maioria dos lagartos sul-americanos pertence às famílias *Iguanidae* e *Teiidae*. As outras restantes encerram poucos gêneros e poucas espécies. Além disso, aquelas duas famílias são próprias e peculiares às duas Américas, principalmente à do Sul. “É possível que durante a metade do período Terciário, quando a América do Sul e do Norte estavam separadas pelo mar, a fauna sáuria inteira se compunha tão somente destas duas famílias e de alguns *Gecônidas*”. (Dunn, ob. cit.).

Muitos exemplares da coleção procedem de regiões que ultrapassam os limites zoogeográficos, ou melhor geográficos da Amazônia. Daí o motivo pelo qual admitimos aqui uma

área de distribuição geográfica de limites mais amplos, como os limites da Amazônia política brasileira. Inúmeros são os locais geográficos de onde procedem os exemplares de sáurios, dos mais longínquos pontos de tóda a região, depositados na coleção dêste Museu.

Esta coleção compreende no momento espécies de lagartos bem representadas por séries de indivíduos, de proveniências diversas da região, ao passo que outras em menor número procedem de um único local, e há ainda espécies com apenas um exemplar. Adiante discriminaremos a maneira pela qual foi ordenado, identificado e distribuído os exemplares desta coleção :

Exemplares do autor cedidos ao Museu	96
Total de exemplares determ. p. autor	441
Exemplares determinados p. Vanzolini	73
Espécies determ. por Vanzolini	15
Espécies determ. pelo autor	29
Total de exemplares na coleção (até 1960)	514
Total de espécies na coleção	44

Encontram-se representadas na Amazônia 6 famílias de lacertílios, nas quais assinalamos até o presente momento 38 gêneros, englobando cêrca de 76 espécies e subespécies, assim distribuídas : *Gekkonidae*, 5 gêneros e 8 formas; *Iguanidae*, 11 gêneros e 24 formas; *Teiidae*, 18 gêneros e 31 formas; *Scincidae*, 1 gênero e 4 formas; *Anguidae*, 1 gênero e 1 forma; *Amphisbaenidae*, 3 gêneros e 8 formas. A seguir citaremos tôdas as espécies e subespécies estudadas nêste trabalho, encontrando-se marcadas com um sinal (!) as representadas na coleção dêste Museu :

Família *Gekkonidae*

- + *Gonatodes humeralis* (Guichénou)
- " *hasemanni* Griffin.
- + *Lepidoblepharis cf. festae* Peracca.
- + *Coleodactylus amazonicus* (Andersson).
- " *meridionalis* Boulenger.
- " *guimaraesi* Vanzolini.
- + *Hemidactylus mabouia* (de Jonnés)
- + *Thecadactylus rapicaudus* (Houttuyn)

Família *Iguanidae*

- + *Anolis fusco-auratus* d'Orbigny.
- + " *scypheus* Cope.
- + " *ortonii* Cope.
- + " *buckleyi* O' Shaughnessy.
- + " *chrysolepis* Duméril e Bibron.
- + " *garbei* Amaral.
- + " *lindeni* Ruthven.
- + " *phyllorhinus* Myers e Carvalho.
- + *Enyalioides laticeps laticeps* Guichénou.
- + " *leechii* (Steindachner).
- + *Polychrus marmoratus marmoratus* (Linnaeus).
- + " " *acutirostris* (Spix)
- + " *guturosus spurrelli* Boulenger.
- + *Uracentron azureum* (Linnaeus)
- + *Iguana iguana iguana* (Linnaeus).
- + *Leiocephalus iridescens aculeatus* O'Shaughnessy.
- + " *dumérilii* (Steindachner).
- + *Carbesaura garbei* Amaral.
- + *Norops auratus* (Daudin)
- + *Plica plica* (Linnaeus)
- + " *umbra* (Linnaeus).
- + *Uranoscodon superciliosa* (Linnaeus)
- + *Tropidurus torquatus torquatus* (Wied)
- + " " *hispidus* (Spix)

Família *Teiidae*

- + *Arthrosaura kockii* (V. L. de Jeude)
- + " *reticulata versteegii* V. de Jeude.
- + " " *reticulata* (O'Shaughnessy)
- + " *concolor* (Tschudi)
- + *Ameiva ameiva ameiva* (Linnaeus)
- + *Tupinambis nigropunctatus* Spix.
- + *Kentropyx calcaratus* Spix
- + " *striatus* (Daudin)
- + " *williamsoni* Ruthven?
- + *Neusticurus bicarinatus* (Linnaeus)
- + " *ecpleopus ecpleopus* (Cope).
- + " *rudis* Boulenger.
- + *Dracaena guyanensis* Daudin.
- + *Crocodilurus lacertinus* Spix.

- + *Alopoglossus carinicaudatus* (Cope).
- + " *buckleyi* (O' Shaughnessy).
- + *Leposoma percarinatum* (Muller)
- + " *scincoides* Spix.
- + *Cercosaura ocellata ocellata* Wagler.
- + " " *bassleri* Ruibal.
- + *Iphisa elegans* Gray.
- + *Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus* (Linnaeus)
- + " *ocellifer* (Spix)
- + *Bachia cophias* (Schneider)
- + " *dorbignyi* (Duméril e Bibron)
- + *Calliscincopus agilis* Ruthven?
- + *Euspondylus oshaughnessyi* Boulenger.
- + " *vertebralis* (O'Shaughnessy)
- + *Micrablepharus maximiliani* (Reinh. e Lutk.)
- + *Gymnophthalmus lineatus* (Linnaeus)
- + *Placosoma cordylinum* Tschudi.

Família *Scincidae*

- + *Mabuya mabouya mabouya* (Lacépède)
- + " *frenata* (Cope)
- + " *nigropalmata* Andersson.
- + " *guaporicola* Dunn.

Família *Anguidae*

- + *Ophiodes striatus striatus* (Spix).

Família *Amphisbaenidae*

- + *Amphisbaena alba* Linnaeus.
- + " *fuliginosa fuliginosa* Linnaeus.
- + " " *amazonica* Vanzolini
- + " " *bassleri* Vanzolini.
- + " " *varia* Laurenti.
- + " *vermicularis* Wagler.
- + *Aulura anomala* Barbour.
- + *Leposternon crassum* Strauch.

ÓRDEM SQUAMATA
SUBÓRDEM LACERTILIA (ou SAURIA)

Diagnose: "Caixa craneana nunca completamente ossificada anteriormente; ramos da maxila inferior geralmente unidos por uma sutura; bexiga urinária desenvolvida; presentes não mais do que duas vértebras sacrais (Moodie, 1907); usualmente um forâmen ectepicondilar, nunca um entepicondilar (Williston, 1914); cintura peitoral geralmente presente; osso articular e prearticular sempre fusionados; osso quadrado estreptostílico; usualmente dois elementos temporais dorsais articulando-se com o quadrado". Corpo geralmente delgado, provido com quatro membros típicos; algumas vezes reduzidos ou ausentes; pele revestida com escamas ou escudos córneos epidérmicos; pálpebras quase sempre móveis; língua geralmente inteira; compreendem formas pequenas e grandes.

Muitos lagartos aparentam certas semelhanças com as serpentes, em determinados caracteres, havendo contudo diferenças anatômicas e morfológicas. Outros como os Anfíbios, parecem-se muito aos Anfíbios da ordem *Apoda*, "mas estes se distinguem por terem a pele da cabeça lisa (em vez de dividida em plaquetas irregulares), e a pele do corpo dividida em anéis transversais somente (em vez de o ser por plaquetas quadrangulares). Também alguns grandes lagartos podem facilmente confundir-se com os componentes da ordem *Crocodylia*, mas destes distinguem-se por inúmeros caracteres um tanto visíveis. Diferenças existem na abertura auricular, pois os jacarés possuem nesta um opérculo móvel; além disso têm os dentes insertos em alvéolos separados um dos outros, em lugar de os terem muito juntos e unidos ao osso mandibular por um só lado; o osso palatal nos Crocodylídeos está constituído por uma placa óssea plana com os orifícios nasais internos situados muito atrás (em lugar de estar formado por um conjunto entremeado de ossos separados e ter os orifícios nasais na frente)". (em Dunn).

Enfim muitos lagartos de conformação normal, se assemelham a certos Anfíbios da ordem *Caudata* (Salamandras), mas distinguem-se destas por apresentarem a pele da cabeça e do corpo lisa, em lugar de a ter revestida de escamas córneas.

Zoológicamente as principais diferenças técnicas entre os lacertílios e seus afins os ofídios, podem resumir-se nos seguintes caracteres:

1. Os Saurios em geral possuem 4 membros locomotores; as Serpentes carecem deles.
2. Os Saurios em geral possuem pálpebras móveis; totalmente ausentes naquelas.
3. A maioria dos Saurios possui abertura auricular; falta nas Serpentes.

4. Nos Saurios as metades direita e esquerda da mandíbula inferior estão firmemente aderidas na parte anterior; naquelas as pontas se tocam, tornando-se frouxas para a dilatação da bôca as engulir as presas.
5. Nos Saurios cada segmento muscular do corpo entre costelas adjacentes tem duas ou mais fileiras entrecruzadas de placas ou escamas ventrais; apenas uma escama ventral em cada segmento nas Serpentes.
6. A língua nos Saurios em geral é inteira e se apresenta envaginada; naquelas é fortemente fendida e longa.

Adiante transcreveremos a Chave detalhada das famílias sul-americanas, organizada por Camp (Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. 48, 11, pp. 289-481, 1923), e adaptada por Dunn (Caldasia, vol. III, n.º 11, pp. 81-82, 1944).

- A. *Rectus superficialis* raras vezes presente; cada segmento do corpo possui usualmente mais de quatro fileiras transversais de escamas ventrais; escamas com margem larga e livre ("decídua") quando imbricadas; hemipenes calculados; língua carnosa e não extensível nem bifurcada Divisão *ASCALABOTA*
- B. Vértebras anficélicas (ou procélicas com côndilos pequenos e intercentros permanentes); corpos vertebrais curtos, de igual largura em ambas extremidades e estreitados no meio; arcos craneais ausentes; *milohióides* anterior em uma simples camada; pálpebras ausentes; olhos grandes, pupilas verticais; parte superior da cabeça granulosa Família *Gekkonidae*
- BB. Vértebras procélicas com côndilos grandes e sem intercentros; corpos vertebrais curtos e cônicos; arcos craneais completos; *milohióides anterior* usualmente em duas camadas; pálpebras presentes; pupilas redondas; parte superior da cabeça com grandes escudos Família *Iguanidae*
- AA. *Rectus superficialis* sempre presente; cada segmento do corpo tem menos de quatro fileiras transversais de escamas ventrais; escamas com margem estreita e livre quando imbricadas; hemipenes com guarnições embutidas ou plicada; língua não carnosa, mais ou menos extensível e bifurcada Divisão *AUTARCHOGLOSSA*
- B. Língua escamosa ou com plicas oblíquas; hemipenes usualmente laminados; clavículas (quando presentes) geralmente dilatadas, muitas vezes perfuradas e às vezes em forma de gancho; osteodermas, quando presentes compostos na superfície ventral do corpo; os dentes se substituem direta ou sucessivamente por intrusão do dente novo na base ôca do velho; dentes raras vezes cônicos e recur-

- vos; chevrons caudais, quando presentes, intercentrais ou ligeiramente post-intercentrais Secção *SCINCOMORPHA*
- C. Córpo (*centrum*) vertebral gradualmente atenuado; espinhos neurais presentes nas vértebras; *rectus lateralis* estreitamente unido às escamas ventrais; escamas imbricadas, ciclóides; póros femorais ausentes; paraesterno presente; patas bem desenvolvidas; osteodermas presentes; arcos craneais presentes; *milohióides* com porção anterior superficial; olho conspícuo; cauda grossa Família *Scincidae*
- CC. Córpo (*centrum*) vertebral gradualmente atenuado; espinhos neurais presentes nas vértebras; *rectus lateralis* estreitamente unido às escamas ventrais; escamas dorsais granulares ou imbricadas; escamas ventrais usualmente subquadrangulares e não imbricadas; póros femorais presentes; paraesterno raras vezes presente; patas anteriores presentes; patas posteriores às vezes ausentes; osteodermas ausentes; arcos craneais presentes; *milohióides* sem porção anterior superficial; olhos desenvolvidos; cauda grossa e longa Família *Teiidae*
- CCC. Córpo (*centrum*) vertebral largo e plano; espinhos neurais ausentes nas vértebras; *rectus lateralis* estreitamente unido às escamas ventrais; córpo sem escamas e sem membros locomotores; póros preanais presentes; paraesterno ausente; osteodermas ausentes; arcos craneais ausentes; *milohióides* sem porção anterior superficial; olho oculto debaixo da pele; cauda curta, de ponta rombuda Família *Amphisbaenidae*
- BB. Língua pequena ou papilar; hemípenes com guarnições embutidas; clavículas simples; osteodermas simples correspondentes às escamas córneas; pontiagudos e recurvos; chevrons caudais constantemente unidos no centro; escamas ciclóideas, imbricadas; póros femorais ausentes; patas bem desenvolvidas; olhos conspícuos. Secção *ANGUIMORPHA* Família *Anguidae*

Para maior facilidade, e compreensão das 6 famílias que ocorrem na Amazônia, resolvemos colocar aqui ainda uma Chave artificial, adaptada também de Dunn (op. cit.) :

- A. Patas (pelo menos as anteriores) presentes; olho bem definido.
- B. Pálpebras ausentes; escamas dorsais pequenas e numerosas, geralmente granulares e não imbricadas; expansões adesivas na parte inferior dos dedos; porte pequeno e hábitos seclusivos ... *Gekkonidae*
- BB. Pálpebras presentes (ou quando faltam, as escamas do cörpero estão dispostas em 13-15 fileiras e são largas, planas e imbricadas), escudos cefálicos regulares, planos; um escudo frontal.

- C. Parte superior da cabeça com grânulos ou escamas irregulares, planas, as maiores dispostas em semi-círculos sobre cada olho; não há escudo frontal mediano entre os olhos; língua carnosa, não extensível; cörpero delgado, patas bem desenvolvidas, com unhas grandes; cauda longa; coloração cambiante; porte pequeno e grande e hábitos diurnos e arborícolas essencialmente *Iguanidae*
- CC. Parte superior da cabeça com escudos regulares planos; presente um escudo frontal mediano entre os olhos; língua não carnosa, mas extensível e bifurcada.
- D. Escamas do cörpero não semicirculares, nem planas, nem mui imbricadas (ou quando o são estão dispostas em 16 ou menos fileiras); não há ossos planos subjacentes, isto é, debaixo das escamas; patas bem desenvolvidas; ágeis; cauda longa; coloração vistosa; porte pequeno a grande e hábitos diurnos e terrícolas ou às vezes modificados à vida subterrânea. *Teiidae*
- DD. Escamas do cörpero semicirculares, planas e mui imbricadas; presentes ossos planos subjacentes (debaixo das escamas).
- E. Presente um par de placas internasais; cörpero pequeno, espesso; patas desenvolvidas; coloração escura moderada, usualmente listada. *Scincidae*
- EE. Presentes dois pares de placas internasais; cörpero grande, delgado; patas desenvolvidas ou atrofiadas, para a vida subterrânea. ... *Anguidae*
- AA. Patas ausentes; olho reduzido a um pequeno ponto indefinido, coberto pela pele; cörpero pequeno a grande, vermiforme; anéis divididos em plaquetas irregulares em torno do cörpero; coloração esbranquiçada ou escura; vida subterrânea. *Amphisbaenidae*

*

DIVISÃO ASCALABOTA

1820 — Merrem, *Tentamen Syst. Amphib.* p. 9.

Esta divisão compreende na Amazônia apenas duas importantes famílias, sendo que *Iguanidae*, é a segunda mais importante dentro da subordem, na América do Sul. Encontram-se aí lagartos desprovidos de músculos *rectus superficialis*, incapazes de qualquer locomoção quando carecem de patas e, portanto não apresenta formas ápodas bem desenvolvidas, nem nenhuma supentiforme ou vermiforme. Ao contrário disso, compreende lagartos bastante desenvolvidos, com caracteres arborícolas especializados. A língua é grossa, espessa e papilada e não é dividida nas porções anterior e posterior.

Geralmente há pequena ou nenhuma correspondência entre a segmentação do corpo e as escamas ventrais.

Não há nenhuma aparente tendência para a redução dos membros locomotores e respectivas cinturas. Lâminas adesivas são muitas vezes desenvolvidas nos dedos das lagartixas da família *Gekkonidae*, e de alguns da família *Iguanidae*. A cauda é usualmente prehensil, notadamente nêstes últimos. Estão incluídas nêste grande grupo tôdas as nossas comuns lagartixas, tanto silvestres como domésticas, e os bonitos e vistosos pápa-ventos, camaleões, iguanas ou sinimbus, etc. *

* Família GEKKONIDAE

1871 — Cope, Proc. Amer. Assoc. Adv. Sc. p. 19.

Os componentes desta grande e cosmopolita família, apresentam certos caracteres, como a disposição das vértebras, escamação ou folidose, e aparelho branquial dos mais primi-

* Recentemente Underwood (1954), apresentou uma classificação nova, modificada, do grupo de lagartos geconóides, baseada principalmente em caracteres osteológicos filogenéticos. Esta classificação está assim estabelecida:

Superfamília *Gekkonoidea*

Família *Eublepharidae*

Encerra esta família 5 gêneros espalhados em vários continentes, entre o Equador e a zona temperada norte. Nenhum gênero representado na Amazônia.

Família *Sphaerodactylidae*

Inclui também 5 gêneros nossos conhecidos, distribuídos pelas três Américas e ilhas adjacentes. Dêstes gêneros 4 habitam a Amazônia: *Coleodactylus*, *Gonatodes*, *Lepidoblepharis*, *Sphaerodactylus* e provavelmente *Pseudogonatodes*.

Família *Gekkonidae*

Subfamília *Diplodactylinae*

Cerca de 60 gêneros compõem a família, que apresenta ampla distribuição geográfica em tôdos os continentes; dêstes gêneros 32 se incluem na presente Subfamília, sem nenhum representante na Amazônia.

Subfamília *Gekkoninae*

Esta Subfamília encerra cerca de 38 gêneros largamente espalhados em tôdos os continentes. Dêstes encontram-se na Amazônia os gêneros *Hemidactylus* e *Thecadactylus*.

Mais recentemente ainda, autores como Baird (1960), e Hamilton (1960) sugerem a confirmação da exatidão da classificação de Underwood, baseados que são também aquêles autores, em dados fornecidos principalmente pelos estudos osteológicos sobre a estrutura óssea do aparelho auditivo interno nêstes lacertílios.

tivos entre os Saurios. Na maioria dos gêneros as vértebras são anficelas, e guarda a corda dorsal nos espaços intervertebrais. Na especialização também dêstes lagartos, compreende a pêrda da pálpebra na maioria dos gêneros, bem como os olhos são geralmente grandes com uma pupila vertical. Expansões adesivas bastante desenvolvidas na superfície inferior dos dedos. Entre as formas exclusivamente arbóreas ou trepadoras, o corpo torna-se deprimido, e jamais comprimido.

Os membros que compõem esta família, estão repartidos por quase tôdo o globo terrestre, à exceção das regiões demasiadamente frias. Preferem geralmente as partes mais quentes. São tôdos lagartos de vida noturna e hábitos seclusivos. Muitas espécies foram transportadas em navios, troncos flutuantes à deriva, ou outro qualquer meio, à lugares distantes e ilhas remotas, além de seu território de origem, onde se adaptaram perfeitamente ao novo meio ambiente. São carnívoros, alimentando-se exclusivamente de insetos, que com muita cautela os apanham durante a noite. Ao contrário do que muita gente ingênua pensa, êstes lagartos são completamente inofensivos.

Presentemente na Amazônia ocorrem 6 gêneros dos 16 computados para tôdas as Américas. Daquêles apenas um (*Hemidactylus*) não é autóctone, pois foi introduzido nesta região, vindo da África pelos navios negreiros. Estão representados na coleção do Museu Goeldi 5 gêneros dos 6 citados.

Chave para os gêneros Amazônicos

- I. Dedos não dilatados e sem expansões adesivas inferiormente; espécies geralmente de hábitos diurnos.
 - A. Unha entre 2 escamas, uma menor e uma maior látero-inferior.
 - a. Pupila redonda; corpo mais ou menos deprimido; cauda não comprimida *Gonatodes*
 - B. Unhas cobertas por um fôro.
 1. Fôro das unhas simétrico.
 - a. Fôro composto de 6 escamas, inclusive uma mediana superior *Lepidoblepharis*
 2. Fôro das unhas assimétrico.
 - a. Fôro oval composto de 5 escamas, um par de infero-

- laterais, um interno súpero-lateral, e uma escama dorsal mediana, separando-os *Coleodactylus*
- b. Escama do fôro ínfero-lateral exterior, muito grande e adesiva, formando um disco. *Sphaerodactylus*.
- II. Dêdos dilatados, providos de expansões adesivas na superfície inferior; articulação distal livre; espécies geralmente de vida noturna.
- A. Dêdos apenas parcialmente dilatados.
- a. Dêdos dilatados na base; articulação distal comprimida; placas infradigitais em série dupla *Hemidactylus*.
- B. Dêdos inteiramente dilatados; providos de uma dupla série de lamelas inferiormente; unha sésil e retráctil no sulco mediano; espécie de porte agigantado *Thecadactylus*.

*

Gênero GONATODES Fitzinger

1843 — *Syst. Rept.*, 18, 91.

Os numerosos componentes dêste gênero, pequenas lagartixas graciosas e muito comuns por tôda a Amazônia, conhecem-se aí pelo menos duas espécies, uma das quais representada na coleção dêste Museu. Apesar de possuírem hábitos seclusivos, comumente se as vê de dia movimentaram-se rapidamente pelos troncos das árvores. Apresentam geralmente coloração viva e às vêzes cambiante.

Diagnose: Dêdos dilatados ligeiramente ou não na base; dêdos providos com séries de placas transversais adesivas, inferiormente, e tôdos apresentando unhas; corpo mais ou menos deprimido, revestido de escamas granulosas ou tuberculares na parte superior; pupila circular; um ou mais espinhos superciliares; pálpebra distinta em volta do olho; machos com ou sem póros femorais ou preanais.

GONATODES HUMERALIS (Guichénot)

1855 — *Gymnodactylus humeralis Guichénot*, in *Castelnau, Expéd. de l'Amerique du Sud. Zool., Réptiles*, p. 13, (localidade tipo, rio Ucayale, Mission de Sarayacu, Perú).

1885 — *Gonatodes humeralis Boulenger*, *Catalog. Liz. Brit. Museum*, vol. 1. p. 62.

Descrição: Corpo pequeno, algo volumoso; cabeça pequena um tanto deprimida; focinho pontudo; concavidade interorbital; abertura auri-

cular pequena, oval; corpo e cabeça revestidos com pequeninas escamas granulares, maiores na parte anterior da cabeça; rostral grande, apresentando uma ferda posterior; narinas situadas entre o rostral e algumas pequenas nasais; 6 ou 7 supralabiais e 5 ou 6 infralabiais; sinfusal muito grande em contacto com vários pequenos escudos mentais, seguidos por outros menores que vão passando gradualmente à minúsculos grânulos, na região gular; escamas abdominais um tanto aumentadas, arredondadas anteriormente e imbricadas; cauda cilíndrica, afilada, revestida com pequenas escamas uniformes, arredondadas, ligeiramente imbricadas; na superfície inferior com escamas maiores, dilatadas e irregulares; dêdos delgados, estreitos anteriormente; a articulação basal dos dêdos, tanto dos membros anteriores e posteriores, ligeiramente, apesar de distintamente deprimidos, providos com placas adesivas relativamente grandes; articulação basal do quarto dêdo do membro posterior, maior do que a parte restante do dêdo.

Coloração. Observa-se certa variação de coloração entre os sexos, que se distinguem perfeitamente do seguinte modo: macho de côr pardacento, na parte superior finamente salpicado com manchas mais escuras; uma estreita estria esbranquiçada vertical, adiante e acima do membro anterior; cauda apresenta barras cruzadas escuras alternando com outras mais claras; alguns pontos escuros de cada lado do dôrso; fêmea de côr pardacenta, porém mais claro inferiormente; pontos simetricamente arranjados em pares no dôrso e cauda; uma estreita linha anteumeral; cabeça, membros e garganta com desenhos vermiculados escuros ou manchado de pardo.

Mensurações: Medidas feitas num macho:

Comprimento total 80 mm.	Cabeça 10 mm.
Largura da cabeça 6 mm.	Corpo 35 mm.
Membro posterior 17 mm.	Cauda 45 mm.

Coleção: Estão depositados na coleção herpetológica do Museu 17 indivíduos de ambos os sexos, assim discriminados: n.º 35, sem procedência; ns. 628, 629, 630, 631, 632, 637 (2 jovens), tôdos provenientes de Belém, Pará, coletados por Osvaldo Cunha, em 1952 e 1954; n.º 627, lugar Moreira, abaixo de Itaituba, rio Tapajós, Pará, col. por O. Cunha, em 1951; ns. 633, 634, 635, 636, povoação Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. por O. Cunha, em 1953; ns. 639, 640, Belém, Pará, col. por O. Cunha, em 1955; n.º 815, fêmea e outro de n.º 816, macho, ambos provenientes do alto rio Maracá, Território do Amapá, col. por M. Moreira, em 1959.

Distribuição: Espécie muito comum e largamente espalhada por tôda a província Amazônica, incluindo regiões limítrofes ocidentais e setentrionais, respectivamente. Perú, Equador, Colômbia, Venezuela e Guianas.

Nome vulgar : Lagartixa, osga.

Observações : Não só o gênero como também esta espécie, parecem ser entre todos os membros da família *Gekkonidae*, os de mais fácil ocorrência em todos os lugares da Amazônia. É a mais comum das lagartixas, como a mais característica e típica.

São pequenos lacertílios de aspecto elegante, vivos e de coloração vistosa, matizada e cambiante. Possuem vida semi-diurna, vivendo de preferência nas matas, onde haja pouca luz. Moram nos troncos de árvores, não trepando além de um ou dois metros acima do solo. Ocultam-se e depositam os ovos na entrecasca ressequida, ou nas raízes próximo ao solo.

Quanto à coloração observa-se certo dimorfismo sexual, e parece que também no tamanho. Os machos apresentam cores mais vivas e desenhos mais definidos, que as fêmeas, bem como indicam maior tamanho. Temos observado nos exemplares da coleção uma quase nula variação dos caracteres específicos, em indivíduos de localidades distantes, embora às vezes possamos encontrar ligeira modificação na coloração.

Observando-se os exemplares do Amapá, notam-se algumas variações na coloração, que se apresenta em geral mais escura que nos espécimens de outra procedência, na coleção do Museu. Está presente uma linha clara marginada de negro, antemural; região ventral esbranquiçada, mostrando a garganta salpicada de manchas escuras. Escamas cefálicas normais; 6 supra e 5 infralabiais; as escamas ou placas caudais inferiores, dispostas um tanto irregularmente. No macho a coloração parece ser mais escura apresentando a garganta e o ventre salpicados de pontos escuros em cada escama.

GONATODES HASEMANNI Griffin.

1917 — *Gonatodes hasemanni Griffin, Ann. Carnegie Mus. XI, p. 304, (localidade tipo, Villa Bella, proximidades do rio Beni, Bolívia).*

Coleção : Espécie não representada na coleção do Museu Goeldi presentemente.

Distribuição : Esta pequena lagartixa parece apresentar ocorrência um tanto restrita. Habita as regiões mais ocidentais da Amazônia, compreendendo sul do Estado do Amazonas (rio Juruá), Território do Acre (rio Iquiri) e Bolívia (rio Beni).

Observações : Em 1932, Amaral, baseado em um exemplar proveniente do Território do Acre, descreveu-o como uma nova espécie, que a denominou *Gonatodes spinulosus*. Mais tarde Vanzolini, acrescido de mais um espécimen, comparou os exemplares com a "ótima descrição e figuras

de *Gonatodes hasemanni Griffin, 1917*", que vieram demonstrar a identidade das duas formas. No caso prevalece por prioridade a espécie de Griffin.

Gênero LEPIDOBLEPHARIS Peracca

1897 -- *Boll. Mus. Torino, 12, n.º 300, I.*

Este gênero compreendendo umas 9 espécies de pequenas lagartixas, é duvidosamente assinalado presentemente para o território da Amazônia Brasileira. Segundo consta, aí se inclui provavelmente o menor lagarto que se conhece, já que não ultrapassa de comprimento de 3 a 4 centímetros. De acordo com os autores modernos, *Lepidoblepharis* é predominantemente transandino e centro-americano. Já se vê que sua ocorrência ao oriente dos Andes é admitida com reservas, embora ultimamente Vanzolini (1953), tenha acreditado que uma de suas espécies, à base de um exemplar guardado na coleção do Departamento de Zoologia de S. Paulo, e coletado no rio Juruá, em 1902, alcance ainda os longínquos territórios de nossa Amazônia, limitante com a Colômbia, Perú, Venezuela e Equador.

Os componentes deste gênero constituem lagartos de mui pequeno porte e de ocorrência não comum aparentemente. Vivem de preferência no solo, escondidos no recôndito das matas, ocultos sob paus pódres, folhas caídas, pedras, etc. Confirmando a assertiva daquele especialista, encontramos na coleção do Amapá um espécimen que se enquadra perfeitamente às descrições da espécie que faz Vanzolini. Conclui-se, pois, que os representantes deste gênero se distribuem realmente e mais largamente pela planície Amazônica.

LEPIDOBLEPHARIS cf. FESTAE Peracca

1897 — *Lepidoblepharis festae Peracca, Bol. Mus. Torino, 12 n.º 300, 20 pp. (localidade tipo, San José de Cuchipamba, Equador oriental).*

Descrição : Rostral muito grande, com uma depressão superior em forma de V de braços curvos para fora, apresentando uma incisura mediana que vai da margem posterior ao vertice do V. Narina entre a rostral, 2 postnasais e 1 supranasal; esta separada de seu par por um grã-

nulo mediano grande, que indenta a margem posterior da rostral; focinho coberto de grânulos lisos, uniformes, justapostos, diminuindo de tamanho para trás, transformando-se finalmente nos grânulos dorsais; pálpebra evidente nos 3/4 superiores da rima orbital; sua parte anterior granulosa, estreita; parte média (superior) formada por 3 a 4 escamas maiores, lisas, das quais a penúltima é a maior, separadas do supercílio por estreita faixa granulosa; parte posterior granulosa, com grânulos marginais cônicos, salientes, subespinhosos; 5 supralabiais, a primeira enorme, quase alcançando a narina, a última ultrapassando de pouco o meio do olho; 6 infralabiais, primeira enorme, as demais decrescendo para trás, a última ultrapassando o limite posterior da órbita; porção posterior de ambos os lábios granular; sinfisa grande, com amplo rebaixo mediano que acolhe uma fileira de escamas gulares aumentadas, lisas, uma central grande, 2 laterais menores, e ainda uma menor no lado direito; pequena incisão no meio da sinfisa; escamas gulares lisas, arredondadas, imbricadas, transformando-se abruptamente nas ventrais; dorso coberto de grânulos pequenos, iguais aos do focinho, subiguais entre si, cônicos, justapostos, tendendo a achatar-se e imbricar-se na região sacral; ventrais grandes, cicloides, lisas, imbricadas, em 18 fileiras longitudinais e 45 transversais, mais ou menos irregulares em ambos os sentidos; membro anterior com escamas dorso anteriores imbricadas, pequenas, lisas; restante do membro granuloso; membro posterior, com a metade anterior escamosa, posterior granulosa; estôjo ungueal com terminal curta e subterminal muito longa; base da cauda com escamas dorsais pequenas lisas, imbricadas; laterais e ventrais iguais às ventrais do tronco; uma série de ventrais medianas muito largas, desde a base.

Coloração: Pardo escuro no dorso e lados; pequenos pontos claros em todo o corpo; uma faixa clara dorso lateral de cada lado, originando-se do canto do olho, estreitando-se na região sacral contínua até desaparecer na cauda; uma faixa clara saindo do canto do olho, passando pelo ouvido até a região escapular; faixas escuras cruzam as labiais, tocando nas gulares; ventre claro manchado de pardo, mais escuro na garganta; cauda parda escura no dorso e um pouco mais clara inferiormente, porém mais escura que o ventre; membros locomotores igualmente.

Coleção: Apenas um exemplar em bom estado, com o número 835, da coleção do Museu e coletado no alto rio Maracá, Território do Amapá, por M. Moreira, 1959.

Nome vulgar: Lagartixa, osga.

Mensurações: Encontramos no presente exemplar as seguintes medidas:

Comprimento total 62 mm.	Cabeça 5 mm.
Membro posterior 11 mm.	Largura da cabeça 5 mm.
Corpo 20 mm.	Cauda 33 mm.

Distribuição: Provavelmente toda a planície Amazônica, desde os contraltos orientais dos Andes.

Observações: O gênero *Lepidoblepharis* predominantemente andino ou transandino, não havia ainda sido registrado nas regiões florestais baixas da Amazônia brasileira, até que Vanzolini identificou uma espécie mais oriental que as demais do gênero, habitando parte do grande Vale. A espécie presente em questão admitida por aquele autor, foi primeiramente descrita por Peracca em exemplares do Equador. Na presente coleção proveniente do Amapá, encontramos um geconídeo cujos caracteres genéricos e específicos, se enquadram perfeitamente à descrição feita por Vanzolini, no exemplar do rio Juruá. Notamos apenas entre este e aquele, ligeiríssimas diferenças, provavelmente variações individuais.

Somente com um exemplar e ausência de bibliografia necessária, não podemos entrar, naturalmente, em divagações importantes, aguardando melhor oportunidade para quando obtivermos outra representação de lacertílios provenientes daquela região. Apesar desse ponto, concordamos com Vanzolini, quando expressa interessante opinião desta espécie, e suas variações em exemplares da planície Amazônica. A respeito, diz aquele especialista: "Parece-me muito possível que tenhamos em mãos os índices de um padrão de diferenciação geográfica do seguinte tipo:

- a) A espécie ocuparia a área que vai do Solimões ao Paraná;
- b) *L. peraccae* seria uma raça, ocupando a costa noroeste e as montanhas adjacentes;
- c) uma segunda raça (representada pelo exemplar do Juruá) habitaria a Amazônia ocidental;
- d) *L. festae* poderia ser:
 - da) um representante dessa mesma raça amazônica;
 - db) uma terceira raça;
 - dc) um intergradante entre a primeira e a segunda raça".

Desse modo permanece o nosso exemplar identificado com a respectiva espécie, provisoriamente até a emissão de novos conceitos, sobre a sua revalidação.

GÊNERO COLEODACTYLUS Parker

1926 — *Ann. Mag. Nat. Hist.* (9) 17, 298.

Criado por Parker em 1926, o gênero *Coleodactylus* era até há bem pouco tempo muito mal conhecido, tanto ao pequeno número de espécies quanto à sua distinta diferenciação ge-

nérica. Algumas formas que se identificaram como pertencendo ao gênero *Sphaerodactylus* e também *Homonota*, passaram atualmente ao novo gênero recém admitido. Para tipo do gênero *Coleodactylus*, Parker tomou *Sphaerodactylus meridionalis* Boulenger, 1888, forma então proveniente de uma localidade de Pernambuco, notando que havia distinta e característica diferenciação, quanto ao restante das formas admitidas dentro dos caracteres genéricos de *Sphaerodactylus*. Optou pela criação de um gênero novo — *Coleodactylus*, verificando aquêle autor imediatamente que a composição do estôjo ungueal da espécie de Boulenger difere da que é típica para *Sphaerodactylus*; verificou também “a existência do acúleo superciliar e a presença da clavícula dilatada imperfurada”.

Antes disso porém, em 1918, Andersson descreveu uma nova espécie de lagartixa que identificou como *Sphaerodactylus amazonicus*, coletada nos arredores de Manaus, Amazonas. Pairavam dúvidas contudo, sobre a sua validade genérica na qual tinha sido ajustada. As dúvidas mais aumentaram quando Wettstein em 1929 descreveu uma outra forma de lagartixa determinando-a como *Coleodactylus zernyi*, exemplar proveniente do baixo rio Tapajós. Finalmente Vanzolini publicou em 1957 a notável revisão deste gênero tão obscuro, ajustando o melhor possível as suas espécies a êle admitidas, incluindo-se aí as duas formas acima citadas, como provavelmente sinônimas de uma única espécie.

Vanzolini em seu trabalho de revisão apresenta detalhado estudo sobre todas as espécies, que passam agora a pertencer ao gênero *Coleodactylus*. A diagnose para distinguir os seus caracteres genéricos principais, parece-nos um tanto difícil e mesmo bastante confusa, pois sua principal diferenciação está, como acima citamos, no estôjo ungueal com sua característica disposição, além disso distingue-se ainda pela inexistência do acúleo superciliar e clavícula dilatada imperfurada.

Os representantes de *Coleodactylus* são também como os do *Gonatodes*, *Sphaerodactylus* e *Lepidoblepharis*, peque-

nas lagartixas de diminuto tamanho, possuindo, provavelmente, hábitos seclusivos. Este gênero parece ser quasi estritamente Amazônico, apresentando-se aí amplamente distribuído, embora também esteja representado com uma espécie na região centro-nordeste do Brasil. Vanzolini em sua citada revisão admite para a Amazônia até o momento 3 formas distintas das 4 encontradas no país.

Diagnose: Porte diminuto, membros curtos, cauda curta e grossa. Dêdos curtos, com estôjo ungueal constituído por um par de escamas ventrais, em contacto pelc menos na linha médio-ventral e um número variável de escamas dorsais diferenciadas; grau de assimetria dos dêdos variável. Cabeça e pescoço granuloso; tronco escamoso, escamas dorsais lisas ou carenadas, ventrais lisas. Pupila redonda; pálpebra superiormente dilatada em forma de aba. De parte anterior escamosa e posterior granulosa. Ros-tral grande, posteriormente incisa. Póros preanais e femurais ausentes em ambos os sexos. Clavícula dilatada, imperfurada.

COLEODACTYLUS MERIDIONALIS (Boulenger, 1888)

- 1888 — *Sphaerodactylus meridionalis* Boulenger, *Ann. Mag. Nat. Hist.* (6) 2: p. 40 (localidade tipo, Iguaraçu, Pernambuco, Brasil).
1926 — *Coelodactylus meridionalis* Parker, *Ann. Mag. Nat. Hist.* (9) 17: p. 300 (localidade tipo, serra de Paracaima, limite do Brasil e da Guiana Inglesa).

Coleção: Não representado no Museu Goeldi.

Distribuição: Amazônia setentrional e Nordeste do Brasil, ocupando provavelmente áreas restritas.

Observações: Esta espécie foi a que serviu de tipo a Parker, para a identificação e criação do gênero em questão. Segundo Vanzolini, ultimamente foi encontrado em Surumu, no Território do Rio Branco um espécimen que êsse autor referiu à presente espécie, comprovando assim a sua ocorrência na área Amazônica. Esta forma parece ser próxima, embora de configuração mais primitiva, a sua espécie congênere de maior distribuição em toda a região, *Coleodactylus amazonicus* Andersson. Conclui Vanzolini que *C. meridionalis* “seria um representante desse tronco primitivo”; justificando essa idéia tanto pela sua morfologia quanto pela distribuição disjunta que apresenta, admitindo sua deslocação da Amazônia pela espécie *amazonicus*.

COLEODACTYLUS AMAZONICUS (Andersson, 1918)

- 1918 — *Sphaerodactylus amazonicus* Andersson, *Arkiv f. Zool.* 11 (16): 1 (localidade tipo, lago Poraquecuare, Manaus, Amazonas).

- 1928 — *Coleodactylus zernyi* Wettstein, *Zool. Anz. Leipzig*, 76, p. 110 (localidade tipo, Taperinha, Santarém, Pará).
- 1957 — *Coleodactylus amazonicus* Vanzolini, *Papeis Av. Dep. Zool. S. Paulo*, vol. 13, art. 1, p. 6. (localidade tipo, rio Parú, de Leste, Pará).

Descrição: Porte muito pequeno; focinho curto arredondado; rostral moderadamente grande, com uma fenda longitudinal acima; narina situada entre o rostral, a primeira labial e 1 escama pós-nasal e 1 supranasal; 4 supra e 4 infralabiais, as primeiras maiores; mental muito grande, setiforme, com distinta fenda mediana; escamas do focinho um tanto grandes, lisas, justapostas, diminuindo de tamanho, conforme avança para o alto da cabeça, tornando-se pequenas, granulares e carenadas na região occipital e nugal; escamas dorsais moderadamente grandes, losangulares, imbricadas, carenadas; cerca de 40 a 45 escamas longitudinais, dos pequenos grânulos occipitais à base da cauda; as escamas posteriores são maiores e mais distintamente carenadas que as anteriores; escamas gulares um tanto grandes, lisas, justapostas; as anteriores maiores que as posteriores; escamas ventrais algo maiores que as dorsais, arredondadas, lisas, imbricadas; as escamas da garganta são muito menores; escamas dos membros, grandes, lisas, ou fracamente carenadas, imbricadas; cauda cilíndrica, pontuda, coberta com escamas iguais as do corpo, e cabeça; abertura auricular pequena, oval, oblíqua; dâdos pequenos, com lamelas adesivas.

Coloração: Pardacento em cima e lados; cauda igualmente na parte inferior; uma fraca linha parda escura que corre do focinho passando através a margem inferior do olho e do ouvido, região escapular e flancos do corpo, até a base da cauda; região inferior esbranquiçada, com algumas manchas pardas na parte posterior, bem como o lado inferior dos membros.

Mensurações: Medidas do maior exemplar:

Comprimento total 38 mm	Cabeça até o ouvido	.. 5 mm.
Membro posterior 7 mm.	Largura da cabeça 4 mm.
Cauda 17 mm.	Corpo 21 mm.

Coleção: Dois exemplares de números 833, maior, macho, e 834, menor, fêmea, ambos coletados no alto rio Maracá, Território do Amapá, por M. Moreira, 1959.

Observações: Identificamos os 2 espécimens de Geonídeos provenientes do Amapá, como provavelmente pertencentes ao gênero *Coleodactylus* e especificamente a *amazonicus*, forma típica e mais largamente distribuída pela área do Vale Amazônico. Os exemplares coincidem bem com a descrição de Andersson para *Sphaerodactylus amazonicus*, e igualmente à que fez Vanzolini para os espécimens do Parú de Leste, determina-

dos como *Coleodactylus*. Nota-se ligeiríssimas discrepâncias que de modo algum podem afetar a especificidade dos exemplares. As variações, segundo se observa, parecem ser insignificantes. Aquelas geralmente ocorrem na disposição das escamas da cabeça, escamas do estôjo ungueal e notadamente no colorido.

Quanto ao estôjo ungueal notamos que não se apresenta muito fácil discernir a disposição das escamas da qual está guarnecido, embora Vanzolini reconheça facilidade em sua identificação, mais nesta espécie que em qualquer outra do gênero. A maior dificuldade para sua caracterização se apresenta na sua diminuta forma e disposição, que obriga ao observador grande aumento com má visibilidade.

Dúvidas suscitadas anteriormente quanto à legitimidade genérica de *S. amazonicus*, e a específica de *C. zernyi*, levaram os autores a olhar com certa consideração os conceitos emitidos acerca do obscuro gênero *Coleodactylus*. Depois do trabalho diagnóstico de Parker em 1926, se aclarou esse problema ao mesmo tempo que aguçava ainda mais as suspeitas das opiniões admitidas. Finalmente parece que Vanzolini conseguiu elucidar a questão, para tanto tendo em mãos bom número de material dessas lagartixas de várias procedências da Amazônia, e bem como bibliografia adequada.

Após seguras diagnoses e detidas comparações, admitiu aquele autor, que as duas citadas formas seriam idênticas, sinônimas, e mais ainda que *S. amazonicus* pertenceria decerto ao gênero *Coleodactylus*, pela presença de determinadas características. O mesmo sucede à espécie de Wettstein, que se identifica a *amazonicus*, permanecendo esta por prioridade.

Esta espécie parece ser muito próxima de *C. meridionalis*, indicando aquela de acôrdo com Vanzolini, apresentar-se mais evoluída em sua configuração morfológica, notadamente quanto ao estôjo ungueal. *C. amazonicus* se caracteriza principalmente pelo seguinte: Tamanho muito pequeno; focinho com grânulos justapostos, irregularmente poligonais, parcialmente carenados, diminuindo rapidamente de tamanho na região interocular, que é estreita; gulares anteriores grandes, lisas, justapostas, diminuindo de tamanho e imbricando-se posteriormente; ventrais grandes, lisas, imbricadas, maiores que as dorsais; estas são losangulares, carenadas, imbricadas e aumentando para trás.

É bastante variável o colorido desta espécie. "O padrão mais simples mostra as partes dorsais castanho-escuras, com a cabeça um pouco mais clara; o focinho e a região supra-orbitária um tanto mais escuros. As partes ventrais são muito mais claras, com pontuações esparsas, mais densas na garganta, lados do abdome e região preanal". Vanzolini encontrou grande variação do colorido nos vários exemplares que estudou provenientes de diversos lugares da Amazônia.

A diferenciação tanto genérica como específica se baseia principalmente, como anteriormente frisamos, na composição do estôjo ungueal, que

é também variável de espécie para espécie. Parker e presentemente Vanzolini, estabeleceram de forma convincente a homologia das escamas do estôjo ungueal das espécies de *Coleodactylus*, em relação aos gêneros *Pseudogonatodes*, *Lepidoblepharis* e *Sphaerodactylus*. Assim se estabelece com as respectivas designações: escamas ífero-lateral externa e interna; escama terminal; escama dorsal mediana; e escama supero-lateral interna. Destas pode resultar a fusão de escamas, ausência de uma delas ou uma forma indiferenciada.

COLEODACTYLUS GUIMARÃESI Vanzolini, 1957

1957 — *Coleodactylus guimarãesi* Vanzolini. *Papeis avulsos. Dep. Zool. S. Paulo, vol. xiii, p. 8* (localidade tipo, Porto Velho, Território de Rondônia).

Coleção: Nenhum representante no Museu.

Distribuição: Região sul ocidental extremo da Amazônia Brasileira (Território de Rondônia).

Observações: O tipo da espécie foi coletado em 1954 em Porto Velho, Território de Rondônia, e sua descrição foi baseada apenas em um exemplar. Segundo Vanzolini a espécie apresenta porte diminuto tal como a anterior, embora desta se diferenciando bastante. Caracteriza-se principalmente em possuir o focinho "dorsalmente coberto por grânulos grandes e chatos, tornando-se menores, mas ainda chatos, na frente e região parieto-occipital". Gulares moderadas, lisas, diminuindo rapidamente para trás. "Escamas dorsais do pescoço granulares, chatas, lisas, justapostas, transformando-se gradativamente nas dorsais, que são filóides, lisas, imbricadas"; ventrais lisas, imbricadas, mais largas que longas; maiores que as dorsais do tronco. Fundamentalmente o colorido é castanho-avermelhado dorsalmente; na região ventral torna-se esbranquiçado, com pequenas manchas negras, raras no ventre e mais densas na garganta, havendo nítida separação do colorido dorsal ventral. Aqui também seguindo Vanzolini nesta sequência, observou este autor, que *C. guimarãesi* deve ser considerada junto a *C. brachystoma*, espécie típica do Brasil Central, em vista da semelhança morfológica que ambas apresentam, embora geograficamente distanciadas.

Gênero SPHAERODACTYLUS Wagler

1830 — *Nat. Syst. Amph.*, 143.

Pouco podemos adiantar no momento acerca do gênero *Sphaerodactylus*, pois com certas modificações ultimamente ocorridas no outrora seus componentes, estes passaram ao

seu próximo afim *Coleodactylus*, permanecendo deste modo em sérias dúvidas a validade ou não e a ocorrência do gênero no Brasil. Vanzolini (1957) com meticulosa revisão na validade das espécies do gênero *Coleodactylus*, verificou que espécies até então admitidas como pertencendo ao gênero *Sphaerodactylus*, realmente pertenciam ao seu afim *Coleodactylus*. Aquê autor diagnosticou detidamente tôdas as espécies, que a êste genêricamente se ajustavam melhor, colocando-as definitivamente em sua exata posição. Naturalmente com esta revisão desapareceram as espécies conhecidas do gênero *Sphaerodactylus* até o momento. Dêste modo preferimos não entrar em detalhes mais minuciosos, aguardando apenas o próximo trabalho de Vanzolini que se encarrega presentemente de efetuar também séria revisão, para a determinação específica dos componentes de *Sphaerodactylus* no Brasil.

As espécies dêste gênero compreendem lagartixas de porte bastante diminuto, hábitos seclusivos geralmente de vida noturna, tornando-se assim um tanto difícil a captura de tão pequeninos lacertílios.

Os representantes de *Sphaerodactylus* apresentam larga distribuição em tôdo o continente Americano, ocorrendo desde a Flórida e México, Antilhas e América Central, e descendo e ocupando tôda a parte setentrional da América do Sul, incluindo o Brasil. Sabe-se contudo que são aqui escassamente representados, sendo todavia muito mais abundantes nas Antilhas e América Central.

Gênero HEMIDACTYLUS Oken

1817 — *Isis*, I, 1183.

O gênero *Hemidactylus* é um dos mais ricos em espécies, dentre tôdos os que compõem a família *Gekkonidae*, com algumas delas cosmopolitas. Está distribuído pela Europa, África, sul da Ásia, Polinésia, e mais recentemente foi involuntariamente introduzido pelo homem em tôda a América tropical. Encontra-se na Amazônia somente uma espécie cos-

mopolita e de larga distribuição. Apresentam vida exclusivamente noturna, habitando sempre os comensais humanos, ocultando-se de preferência nos fôrros velhos e gretas dos telhados das casas. Alimentam-se unicamente de insetos e são totalmente inofensivos. Apresentam coloração clara ou escura.

Diagnose: Dêdos livres, ou um tanto dilatados inferiormente com duas fileiras de lamelas adesivas; tôdos os dêdos providos de articulações, terminados com unhas distais e retráteis, saindo de dentro da extremidade da porção dilatada; escamas do corpo uniformes ou heterogêneas, pequenas; pupila do olho vertical; língua carnosa, moderadamente alongada; cauda frágil; machos com póros femorais ou preanais.

HEMIDACTYLUS MABOUIA (Moreau de Jonnés)

- 1818 — Gecko mabouia Moreau de Jonnés, *Bull. Soc. Philom., Paris*, p. 138 (*localidade tipo, Antilhas e terras adjacentes*).
1845 — Hemidactylus mabouia Gray, *Catalog. Lizards Brit. Mus.*, p. 154.

Descrição: Corpo delgado, deprimido; focinho bem maior que a distância entre o olho e a abertura auricular; cavidade interorbital anterior; abertura auricular oval, oblíqua, muito maior que o olho; focinho coberto com grânulos pequenos, convexos; parte posterior da cabeça revestida com minúsculos grânulos, entremeados com tubérculos arredondados; rostral apresentando quatro lados, duas vezes mais largo que alto, com uma nítida fenda mediana acima; narinas situadas entre o rostral, a primeira labial e terceira ou quarta nasais; 10 a 14 supralabiais e 9 a 10 infralabiais; sinfisa grande, traingular; 2 ou 3 pares de mentais, primeiro par em contacto entre si e a sinfisa; superfície do corpo revestido com pequenos grânulos entremeados com pequenos tubérculos, irregularmente dispersos, convexos ou subtriédros; escamas abdominais pequenas, cicloides, imbricadas; mento e garganta com escamas cicloides muito pequenas; cauda cilíndrica, fracamente deprimida, coberta em cima com escamas muito pequenas, entremeadas com grandes tubérculos cônicos em 6 séries longitudinais, de aspecto espinhosos, próprio dos machos; inferiormente com uma série mediana de placas dilatadas; machos com uma longa série ininterrupta de póros femorais, cerca de 15 de cada lado; membros locomotores moderados; dêdos livres, moderadamente dilatados, com o dêdo interno bem desenvolvido; 5 ou 6 lamelas adesivas nos dêdos interno e externo, e 7 ou 9 nos medianos.

Coloração: Clara ou escura, muito variável, mas geralmente apresentando uma côr acinzentada, pardo claro ou muito escuro no dorso

e lados, com manchas escuras ou travessões ondulados; na parte inferior mais claro ou esbranquiçado; às vezes tôdo o corpo pode apresentar côr crême, esbranquiçada ou enegrecida.

Mensurações: Medidas tiradas em um macho n.º 34:

Comprimento total 137 mm.	Cabeça 20 mm.
Largura da cabeça 14 mm.	Corpo 62 mm.
Membro posterior 30 mm.	Cauda 75 mm.

Coleção: O Museu Goeldi possui os seguintes exemplares: ns. 28, 29, 30, 31, 32, de Belém, Parque do Museu, col. por R. Strympl, em 1956 e 1957; ns. 33, 34, de Belém, Pará; n.º 615, jovem, Parque do Museu, Belém, Pará, col. por J. Hidasi, 1958; ns. 641, 642, 643, 644, 645, (2 jovens), 646, 647, 648, 649 e 650, tôdos de Belém, Pará, col. por O. Cunha, 1953 (13 fêmeas e 6 machos).

Distribuição: Espécie extremamente cosmopolita, encontrando-se espalhada por vários continentes, como quase tôda a África, América do Sul, e Central até o México, Antilhas e a ilha de Madagascar. É comum e está espalhada por tôda a Amazônia, em cidades, vilas e aglomerações humanas. Habita ainda o resto do Brasil e partes tropicais e subtropicais da América meridional.

Nome vulgar: "Osga", nome dado pelos portugueses anteriormente, e assim conhecido por tôdos na Amazônia; também lagartixa, raramente víbora ou Briba.

Observações: A pátria de origem desta espécie é de facto as partes centrais e orientais da África, de onde se espalhou por outras localidades do mesmo continente. Daí foi transportada a tôdas as outras partes da terra onde hoje ocorre, pelo tráfico intenso dos navios negreiros durante os tempos coloniais.

É espécie própria das regiões quentes de alguns continentes, raramente ultrapassando êsse limite amplo. Exclusivamente noctívaga, quando então mostra-se em maior atividade, procurando alimento. Tem preferência principalmente pelas casas velhas, onde aí pode facilmente se ocultar durante o dia. Aquelas decerto oferecem melhor guarida em vista do tipo arquitetônico. Nas modernas construções dificilmente se as encontrará, pela dificuldade de se esconderem.

Qualquer pessoa que com elas estêja familiarizado, já deve ter observado que estas pequenas lagartixas emitem sons, um som forte como o coaxar de rãs, que se pode ouvir mesmo a certa distância. Isso acontece geralmente quando dois machos se encontram, ou mais comumente quando aquêles se defrontam com a fêmea para a cópula. Ao contrário da opinião do povo ignorante, tais lacertílios são completamente inofensivos ao

homem, tornando-se ao invés, de grande utilidade pelos insetos que destroem. Apresentam certa mudança de coloração ou mimetismo, de acordo com o ambiente local, geralmente de fundo sempre escuro.

É pouco acentuado o dimorfismo sexual, salientando-se principalmente pela presença numerosa de póros femorais, e cauda mais espinhosa nos machos. Parece também ser quase nula qualquer variação individual, existente entre localidades geográficas distantes.

Gênero THECADACTYLUS Oken

1817 — *Isis*, I, 1183.

Como muitos outros, este gênero é monotípico, pois até hoje só comporta uma única espécie. Mesmo assim se apresenta bastante distribuído pelas Antilhas Menores, desde o México até o norte da América do Sul, incluindo toda a Amazônia. A espécie do gênero é a maior de todas dentro da família *Gekkonidae*. Consta-nos ser de relativa ocorrência, nesta região, embora até o presente momento só tenhamos 2 exemplares, que se acham na coleção do Museu.

Diagnose: Dêdos fortemente dilatados inferiormente com duas séries de lamelas regulares divididas por um sulco mediano; unhas retráteis, embainhadas num sulco entre a lamela anterior; unha do dêdo interno muito indistinta ou ausente; corpo revestido com escamas justapostas muito pequenas; ventre com escamas imbricadas; olho grande, com pupila vertical; sem póros femorais ou preanaís; cauda frágil.

THECADACTYLUS RAPICAUDUS (Houttuyn)

1782 — *Gekko rapicauda* Houttuyn, *Verh. Zeeuwsch. Genoot. Wet. Vlissingen*, IX, p. 323 (localidade tipo, ilhas Americanas).

1845 — *Thecadactylus rapicaudus* Gray, *Cat. Liz. Brit. Mus.*, p. 146.

Descrição: Corpo grande, forte, grosso; cabeça grande, larga, depressida, mais comprida que larga; focinho subtriangular, ligeiramente mais comprido que a distância entre o olho e a abertura auricular; acentuada concavidade interorbital; abertura auricular pequena, oval, horizontal; cabeça revestida com pequeninas escamas granulares; rostral quadrangular, duas vezes tão longo quanto alto, com uma fenda mediana acima; narinas situadas entre o rostral, a primeira labial superior, uma grande súperonasal que está em contacto com seu par, e uns poucos grânulos; 9 a 12 supralabiais e 8 a 11 infralabiais; sinfusal pequena, pentagonal; mentais pequenos, maiores anteriormente; dorso, membros e garganta revestidos com

escamas muito pequenas, granulares; ventre coberto com pequenas escamas ciclôides imbricadas; não há póros femorais e nem preanaís; cauda cilíndrica, afilada, revestida com escamas imbricadas na base, quando regenerada; dêdos fortemente dilatados, subiguais, munidos de meia membrana interdigital, sendo mais desenvolvida nos dêdos externos; a unha do dêdo interno indistinto ou ausente; dilatação inferior dos dêdos com duas séries de lamelas regulares divididas por um sulco mediano; na parte anterior se acham as unhas retráteis, dentro de um estôjo sulcado; olho grande, com pupila vertical.

Coloração: Pode ser um tanto variável, de acordo com o meio ambiente em que se encontra ou normalmente vive. Em geral apresenta cor pardacenta ou pardo acinzentada, principalmente em cima, onde se acha entremecada com linhas ou manchas mais escuras e mais claras; todas as escamas do corpo são finamente salpicadas de pontos negros. Região ventral mais ou menos clara.

Mensurações: Medidas tomadas no exemplar 638:

Comprimento total 165 mm.	Cabeça 25 mm.
Largura da cabeça 20 mm.	Corpo 90 mm.
Membro inferior 40 mm.	Cauda 75 mm.

Coleção: Na coleção, um espécimen, que foi capturado durante o dia pelo próprio autor, no povoado Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, em 1953, sob o número 638; outro exemplar, grande, catalogado sob o número 874, proveniente do lugar Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Estado do Amazonas, col. p. J. Hidasí, 1959.

Distribuição: Ampla ocorrência por toda a Amazônia, regiões limítrofes que compreendem Colômbia, Bolívia, Equador, Perú, Venezuela e Guianas, bem como parte das Antilhas, América Central até México.

Nome vulgar: Já registramos para esta espécie no rio Tocantins o nome de "sapopéua", parecendo pouco conhecido. Em geral é conhecida por lagartixa, Lagarto ou Osga, pelos habitantes do interior da Amazônia. Nas Guianas dão-lhe vários nomes indígenas locais.

Observações: Este grande Geconídeo próprio das regiões quentes da América tropical, é relativamente comum em alguns lugares e menos conhecido em outros. Possui hábitos seclusivos e vida quase que totalmente noturna. Usualmente vive escondida nos troncos de árvores e páus pódres da mata. No entanto em alguns lugares é vista vivendo em comum nas palhoças humanas. Alimenta-se de insetos e é inofensiva.

A coloração é muito variável apresentando constantemente certo mimetismo, que se ajusta perfeitamente ao meio ambiente em que se encontra.

tra. Isto também ocorre quando o animal sofre qualquer excitação externa devida a fatores imprevistos, como irritação, etc. A cauda é muito frágil, mas com facilidade se regenera e adquire o tamanho e aspecto anterior. Apesar disso é fortemente preênsil.

O exemplar coletado no rio Javari, é um espécimen de porte avantajado quando comparado com o que se encontra na coleção. Não apresenta contudo variações de grande importância, excetuando talvez ligeira modificação na coloração geral. Esta se apresenta mais clara do que o observado no exemplar 638, coletado no rio Tocantins.

As escamas dorsais são pequenas, granulares ou mais acertadamente ciclóides, imbricadas. As ventrais apresentam-se também ciclóides, delgadas e imbricadas. Nota-se em cada escama, tanto nas dorsais como nas ventrais, inúmeros pequeninos pontos escuros.

Tal como sucede com a lagartixa *Hemidactylus mabouia*, as do gênero *Thecadactylus* possuem também sons vocais, que os emitem fortemente pois são ouvidos à boa distância. Parece não existir dimorfismo sexual acentuado, mesmo quanto à coloração. Chama-nos muito a atenção nesta espécie, as fortemente dilatadas lamínulas adesivas da parte inferior dos dedos. Podem funcionar como verdadeiras ventosas, quando aderidas a uma superfície lisa, o que facilita à lagartixa a sua escalada em qualquer superfície.

Família IGUANIDAE

1827 — Gray, *Phil. Mag.* (2), ii.

“A distribuição geográfica desta família é surpreendentemente ampla, pois que se estende desde as Américas e ilhas vizinhas até as Fiji no Pacífico ocidental e Madagascar, próximo da costa oriental africana” (seg. Dunn). Embora apresente tão vasta distribuição, os seus componentes são quase que totalmente sul-americanos, já que a maioria dos gêneros se encontram neste continente.

Compreendem lagartos bastante evoluídos e altamente especializados à uma vida estritamente arborícola. Pouquíssimas são as formas que ocasionalmente rastejam no sólo. Apresentam língua geralmente carnosa, mais ou menos como em *Gekkonidae*. Os olhos são pequenos ou moderados, normais, nunca com membrana conivente ou transparente, pálpebras imóveis, pupila circular. Certa compressão do corpo ocorre nas formas estritamente arborícolas. A mudança de cor é bastante acentuada em alguns gêneros, existindo mes-

mo um mimetismo instintivo que confunde alguns de seus membros, com o meio ambiente em que se acham. São quase todos carnívoros, excetuando-se pouquíssimas espécies, principalmente o gênero *Iguana*. Lagartos de hábitos exclusivamente diurnos e geralmente policrômicos.

A família *Iguanidae* apresenta na Amazônia formas próprias e características, compreendendo 11 gêneros e 24 espécies e subespécies, dos quais estão representados na coleção 7 gêneros e 14 formas. O gênero que encerra maior número de espécies é *Anolis*, não só na América do Sul como também na Amazônia.

Chave dos gêneros Amazônicos da família Iguanidae *

- I. Póros femorais ausentes (ou presentes alguns como no caso do gênero *Enyalioides*).
 - A. Dedos mais ou menos dilatados ou deprimidos, com lamelas transversais lisas inferiormente, articulação distal estreita, cilíndrica ou comprimida.
 1. Articulação distal elevada acima da penúltima.
Cauda não preênsil; não há crista dorsal; apêndice gular nos machos *Anolis*.
 2. Articulação distal não elevada.
Dêdos um pouco dilatados; apêndice gular nos machos *Norops*.
 - B. Dedos não dilatados, cilíndricos.
 1. Lamelas infradigitais distintamente carenadas.
 - + Cabeça não projetada posteriormente.
 - = Uma ou mais pregas gulares transversas, ou um grande escudo occipital ou (interparietal).
 - a. Corpo mais ou menos comprimido; uma crista dorsal.
Bolsa gular ausente; dedos denticulados lateralmente, com lamelas carenadas inferiormente *Uranoscodon*.
 - Machos com um saco gular mais ou menos desenvolvido; usualmente 1-4 póros femorais; prega gular transversal *Enyalioides*.

* Com algumas modificações de Boulenger (1885:2).

aa. Corpo deprimido; escudo occipital grande; escamas caudais pequenas ou moderadamente grandes.

Dêdos estreitados; crista dorsal ausente ou ligeiramente presente; não há saco gular

Tropidurus.

Dêdos fortemente curvos nas articulações; pescoço plicado inferiormente; saco gular ausente; escudo occipital muito grande

Plica.

aaa. Escamas caudais muito grandes e fortemente espinhosas.

Cauda achatada; duas pregas na garganta transversas

Uracentron.

= Saco gular transverso ausente; escudo occipital pequeno.

b. Não há apêndice gular; póros femorais ou preanais ausentes.

Escamas dorsais pequenas, granulares, carenadas e justapostas

Garbesaura.

§ Escamas caudais não formando verticilos.

Crista dorsal contínua (as escamas se tocam umas às outras) não há pregas, nem póros femorais

Leiocephalus.

II. Póros femorais presentes.

A. Terceiro e quarto dêdos iguais.

Corpo fortemente comprimido; crista dorsal ausente; escamas da cabeça planas

Polychrus.

B. Quarto dêdo maior do que o terceiro.

1. Dentes laterais com corôas denticuladas.

Longa fila de grandes espinhos dorsais; um escudo muito grande, plano e arredondado sob a abertura auricular; um apêndice gular grande, não dilatável

Iguana.

Gênero ANOLIS Daudin

1802 — *Hist. Nat. Rept.* 4, 89.

É o gênero *Anolis* um dos mais característicos da família *Iguanidae*, pois de todos é o que compreende maior número de representantes, muitos dos quais em situação confusa e pouco conhecidos. Algumas espécies do gênero constituem grupos específicos e subespecíficos distintos e peculiares de determinadas áreas geográficas. Muitos destes lagartos são suscetíveis à certas modificações morfológicas, resul-

tante de inúmeros fatores condicionantes, entre outros o de invasão da área de uma determinada espécie e o seu provável cruzamento. Muitas vezes apresentam-se como formas intermediárias, de transição ou intergradantes, constituindo variedade geográfica local.

O gênero *Anolis* conta hoje cerca de 200 componentes, dos quais uns 80 ditribuidos nas florestas da América do Sul. Estão ao todo amplamente espalhados em grande parte do território do Novo Mundo, ocorrendo desde o sueste dos Estados Unidos, as Antilhas, América Central e quasi todo o hemisfério sul.

Geralmente compreendem lagartos de pequeno porte, com uma roupagem de colorido mais ou menos vistoso. São de formas graciosas e exclusivamente arborícolas. O mimetismo neste gênero é bastante acentuado, com notável policromia variável. Há nítido dimorfismo sexual, ostentando os machos coloração mais viva ou apêndice gular sempre presente. Suas atividades são estritamente diurnas, constituindo o alimento apenas de insetos.

Das 8 espécies compreendidas dentro da área Amazônica, e até agora conhecidas por nós, 5 se acham representadas nas coleções do Museu Goeldi.

Diagnose: Tímpano distinto; corpo mais ou menos comprimido, cilíndrico ou fracamente deprimido, revestido com escamas pequenas justapostas ou imbricadas ou granulares; crista dorsonucal ligeiramente desenvolvida ou ausente; machos sempre com apêndice gular; dêdos mais ou menos dilatados, inferiormente com lamelas lisas, transversais; não há póros femorais ou preanais; cauda longa, cilíndrica ou comprimida, não preênsil.

ANOLIS GARBEI Amaral

1932 — *Anolis garbei* Amaral, *Memórias do Inst. Butantan*, 7, p. 62, figs. 17 e 18. (localidade tipo, Monte Cristo, rio Tapajós, Pará).

Coleção: Não representado na coleção do Museu.

Distribuição: Parece que até o momento conhecido apenas da localidade tipo, podendo contudo ter maior distribuição.

ANOLIS LINDENI Ruthven

1912 — *Anolis lindeni* Ruthven, *Proc. Biol. Soc. Washington*, 25, p. 163. (localidade tipo, Santarém, rio Tapajós, Pará).

Coleção : Não representado na coleção.

Distribuição : Parece que no momento só conhecido da localidade de tipo.

ANOLIS CHRYSOLEPIS Duméril e Bibron

1837 — *Anolis chrysolepis* Dum. e Bib., *Érpetol. Général*, IV, p. 94 (localidade tipo Guiana).

Descrição : Cabeça pequena, mais comprida que larga; ligeira concavidade interorbital; crista frontal ausente ou muito fraca; escudos cefálicos geralmente tricarenados, irregulares; escudos do semicírculo supraorbital dilatados, separados por 2 ou 3 séries de escudos; numerosos escudos supraoculares, irregulares, fortemente carenados; escudo occipital tão grande quanto a abertura auricular, rodeado por 3 séries de escudos; canto rostral angular, com 3 escamas cantais; 7 filas de loreais; 12 labiais; abertura auricular pequena, arredondada ou subtriangular; apêndice gular pequeno, em ambos sexos; escamas gulares carenadas; não há dobra dorso-nucal; corpo um tanto comprimido; escamas dorsais pequenas, com uma série de vertebrais maiores, carenadas; laterais minúsculas, granulares, romboidais ou hexagonais, justapostas ou subimbricadas, carenadas; ventrais grandes, arredondadas ou romboidais, imbricadas e fortemente carenadas; dêdos fracamente dilatados; cauda arredondada, revestida com escamas maiores que as do corpo e cabeça, imbricadas e fortemente carenadas; membros locomotores com escamas grandes, imbricadas e carenadas; escamas pré e post-nais dilatadas, nem sempre presentes.

Coloração : Esta pode ser bastante variável não só entre indivíduos locais ou de pontos distantes, como nos sexos e nos jovens. Em geral o macho apresenta-se pardacento em cima, com reflexos metálicos; lateralmente faixas pardas escuras em zig-zag, com os flancos escuros; cabeça bronzeada, com faixas pardas; frequentemente uma faixa mais escura entre os olhos, de lado a lado; região ventral esverdeada; apêndice gular azulado; uma nítida mancha clara abaixo da órbita no canto da boca; nas fêmeas geralmente mostra-se com uma longa e larga faixa vertebral clara, marginada de negro, tendo início na nuca em forma pontuda e se alarga em direção à região sacral.

Mensurações : Medidas tiradas num exemplar fêmea de maior tamanho :

Comprimento total	90 mm.	Cabeça	7 mm.
Membro posterior	28 mm.	Largura da cabeça	7 mm.
Cauda	58 mm.	Corpo	32 mm.

Coleção : Conta o Museu com 5 espécimens procedentes do alto rio Maracá, Território do Amapá, assim numerados : 828, macho, 829 e 830, fêmeas, 831 e 832 espécimens muito jovens, o mesmo indicando os outros, col. M. Moreira, 1959.

Nome vulgar : Conhecido como Pápa-vento ou Camaleão pequeno.

Distribuição : Esta espécie apresenta ampla distribuição pela América Central, abrangendo totalmente as Guianas, Venezuela, ilha de Trinidad e quasi tôda a Amazônia.

Observações : Ao identificarmos respectivos exemplares, deixamos entrever certa dúvida quanto a exata especificação. Isto mais nos deixa alerta, quanto mais sabemos que a identificação taxonômica das numerosíssimas espécies e raças deste gênero, se encontra ainda bastante confusa e em parte mal definida. Alguns trabalhos recentes têm procurado ajeitar a situação, criando grupos de espécies típicas, com suas respectivas formas variantes e intergradantes subespecíficas. Acreditamos que os componentes do gênero *Anolis*, pelo menos grande parte, são formas evolutivas locais de estoques antigos, em especiação ou subespeciação com seus intergradantes intermediários. Daí essa extrema variação e diferenças individuais, com a consequente dificuldade para um acôrdo num tipo específico definido à sua sistematização.

Tôdos os exemplares que examinamos, no presente estudo, nos parecem ser primeiro que tudo um tanto jovens. Os caracteres específicos se mostram um tanto confusos e obscuros. Apesar disso se aproximam muito mais desta espécie do que qualquer outra. O dimorfismo sexual é bastante acentuado, principalmente quanto à coloração. Assim, o macho se apresenta mais vivamente colorido. Eles parecem ser relativamente comuns na área onde foram apanhados, embora sejam bem pouco conhecidos, provavelmente por causa do "habitat" que possuem, geralmente vivendo nos galhos de árvores e arbustos das densas matas.

ANOLIS ORTONII Cope, 1868

1868 — *Anolis ortonii* Cope, *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.* p. 97 (localidade tipo, rio Napo ou Alto Marañon).

1875 — *Anolis bouvieri* O'Shaugh., *Ann. & Mag. Nat. Hist.* (4), XV, p. 274.

1885 — *Anolis ortonii* Boulenger, *Cat. Lizards Brit. Mus.* vol. 2, p. 51.

1931 — *Anolis ortonii* Burt & Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, vol. LXI, p. 261.

Descrição: Cabeça grande, uma vez mais comprida que larga; concavidade frontal presente; crista frontal fraca, curta; escamas supra-cefálicas desiguais no tamanho e contorno, pequenas e carenadas no focinho, maiores e lisas no alto da cabeça; escamas do semi-círculo supra-orbital grandemente aumentadas, normalmente contíguas no centro, raramente separadas por uma fila de escamas pequenas; escudo occipital geralmente grande, maior que a abertura auricular, afastado por 2 ou 3 filas de escamas; 5 a 6 escamas supraoculares grandemente dilatadas, lisas; canto rostral longo, com 4 a 5 escamas cantais; 4 a 6 filas de escamas loreais; 6 a 7 escamas labiais a contar na direção abaixo do olho; abertura auricular moderadamente oval, pequena; corpo fracamente comprimido; ligeira dobra nugal; escamas dorsais e laterais muito pequenas, granulares, mais ou menos justapostas; ventrais maiores, arredondadas, achatadas, lisas e subimbricadas; dedos com expansões digitais mais ou menos desenvolvidas; 17 a 18 lamelas sob as falanges II e III do quarto dedo; não há placas postanaes dilatadas; cauda fortemente comprimida, coberta com escamas uniformes carenadas e imbricadas, maiores inferiormente; aquelas formam na parte superior ligeira crista serrilhada; apêndice gular grande dilatado, estendendo-se até além do tórax, com algumas grandes escamas; as escamas gulares são pequenas, granulares, e separadas das labiais por 3 filas de outras mais dilatadas.

Coloração: Conservado em álcool a coloração desaparece, deixando perceber apenas certa tonalidade dorsal e lateralmente pardo escuro, sendo na parte inferior mais claro; apêndice gular vermelho arroxeado.

Mensurações: Medidas de um exemplar macho de maior tamanho:

Comprimento total 125 mm.	Cabeça 14 mm.
Membro posterior 33 mm.	Cauda 78 mm.
Corpo 47 mm.	Largura da cabeça	... 8 mm.

Coleção: Estão depositados na coleção 6 espécimens machos com os seguintes números: 901, 902, 903, 904, 905, 906, procedentes da localidade Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, col. J. Hidasi, 1959.

Distribuição: Espécie própria das regiões do Alto-Amazonas, compreendendo parte ocidental do território brasileiro e quasi todo o Perú, Bolívia, Equador e talvez Colômbia.

Observações: Os exemplares que acabamos de estudar parecem pertencer à espécie referida, principalmente no aspecto descritivo, notando-se embora, algumas pequenas diferenças na descrição que dela faz Boulenger. Podem ser assim anotadas: a crista frontal está presente, embora

muito fracamente; escamas do focinho demais pequenas e carenadas, facto que aquêl autor não refere; o canto rostral não parece ser tão fracamente esboçado, como êle o acentua; há pequena dobra nugal; a cauda se apresenta sensivelmente comprimida.

Quanto ao restante dos caracteres específicos, a descrição se ajusta perfeitamente, indicando que os exemplares pertencem à espécie citada. Contudo é preciso salientar que *Anolis ortonii* se aproxima muito das espécies *Anolis chloris*, *Anolis punctatus*, *Anolis transversalis*, *Anolis fasciatus* e *Anolis pentaprion*, tôdas formas andinas e subandinas, habitando provavelmente a mesma área de *ortonii*. Esta espécie no entanto se distingue claramente, como mostramos na descrição acima, daquelas por importantes e inúmeros caracteres específicos, presentes principalmente na disposição das escamas sua forma e na presença de carenas ou não, em todo o corpo.

Pelo número de exemplares apanhados podemos julgar que esta espécie parece ser relativamente comum, em tôda a sua área de ocorrência já referida. São lacertílios da fauna andina, de modo que a presença dêles nas matas úmidas da Amazônia brasileira, vem ampliar ainda mais a sua área de distribuição e indicar claramente uma interligação ou conexão faunística entre a imensa província Amazônica e as províncias que a oeste lhe confinam.

ANOLIS BUCKLEYI O'Shaughnessy

1880 — *Anolis buckleyi* O'Shaughn, *Proc. Zoolog. Soc.*, p. 492, pl. xlix (localidade tipo, Pallatanga, Equador).

1885 — *Anolis buckleyi* Boulenger, *Catal. Liz. Brit. Mus.* vol. II, p. 58.

Descrição: Cabeça mais longa que larga; espaço anterior e inter-orbital concavo; escamas supracefálicas lisas, arredondadas ou poligonais, pequenas entre as narinas, porém maiores no centro; escamas do semi-círculo supraorbital grandes, em contacto medialmente; algumas escamas supraoculares dilatadas, lisas; escudo occipital mais ou menos de mesmo tamanho que a abertura auricular, separada das supraorbitais por uma série de escamas; canto rostral angular, com 3 escamas cantais; 4 filas de loreais; 6 a 7 labiais a partir da central abaixo do olho; abertura auricular oval ou arredondada; apêndice gular muito grande, estendendo-se posteriormente ao tórax; escamas gulares lisas; mental grande e fracamente fendida atrás; uma série de mentais muito grandes de cada lado, em contacto com as infralabiais; corpo comprimido, revestido de escamas minúsculas, granulares, lisas, ligeiramente maiores no dorso do que nos lados; ventrais maiores, arredondadas, subimbricadas, lisas; dedos compridos, delgados, com expansões digitais desenvolvidos, piriforme; 25 lamelas sobre as falanges II e III do quarto dedo; cauda ligeiramente comprimida, com escamas pequenas, maiores ventralmente.

Coloração: Observando-se esta nos indivíduos procedentes do Javari, apresenta-se fundamentalmente pardacento ou esverdeado no dorso e lados, com manchas negras ou punctuações em cima e flancos; mais ou menos presente um nítido enredado escuro no alto da cabeça, envolvendo o contorno das escamas; as manchas negras são muito conspícuas nos lados e ao longo do ponto onde se origina o apêndice gular; fina estria branca ou azulada desce pelos lados do corpo, paralelas entre as filas de pontos negros; a bolsa gular é muito grande, de um amarelo vivo, com estrias negras longitudinais e manchas na base; região ventral azulado pálido, manchado de negro; lados do pescoço verde azulado brilhante.

Mensurações: As medidas foram feitas no maior indivíduo macho:

Comprimento total 225 mm.	Cabeça 17 mm.
Corpo 80 mm.	Largura da cabeça 11 mm.
Cauda 145 mm.		

Coleção: Guardam-se na coleção 3 representantes desta espécie, coletados no lugar Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, assim catalogados: números 894 e 895, machos adultos, e 896, fêmea, idem, col. 3. Hidasi, 1959.

Distribuição: Espécie própria das regiões elevadas dos Andes, abrangendo os territórios do Equador, Perú e penetrando nas partes mais ocidentais dos afluentes do Alto-Amazonas, em território brasileiro. Sua área de ocorrência parece ser limitada.

Observações: Este lacertílio é uma das belas espécies do gênero *Anolis*, ostentando uma vistosa coloração em variadas tonalidades. O apêndice gular é dilatado, mostrando uma coloração viva com desenhos ou traços vários. O corpo apresenta-se delgado de porte médio e cauda longa. Quando atacado, raivosamente defende-se inflando dilatadamente a bolsa gular, ao mesmo tempo que escancara a bôca ameaçadoramente.

A espécie parece ocupar, pelo menos até o momento, uma área de ocorrência um tanto restrita dentro da província Amazônica, sendo contudo uma forma própria das altitudes andinas, em território extra-Amazônico. Por outro lado parece ser também relativamente comum, pois existem na coleção 3 exemplares de ambos os sexos. De acordo com os dados que conhecemos, a espécie não havia ainda sido registrada em território da Amazônia brasileira.

Comparados os exemplares da coleção entre si, e com a descrição original, achamos que esta espécie é muito pouco suscetível de sensíveis modificações. O dimorfismo sexual é insignificante, dificilmente podendo ser percebido. É contudo ligeiramente visível principalmente na coloração

e no apêndice gular, o qual é na fêmea um pouco menor. As variações individuais são extremamente diminutas, comparado mesmo com a descrição original.

Consoante os estudos comparativos e descritivos de O'Shaughnessy, a presente espécie é muito próxima de *Anolis punctatus* Daudin (*A. nasicus* D&B.), o qual parece apresentar maior área de distribuição em toda a Amazônia. Contudo aquele autor ao frisar que ambas espécies eram semelhantes em alguns pontos, acentua as seguintes nítidas diferenças: "os pontos diferentes são numerosos; o escudo rostral e mentais diferem, sendo estes muito mais curtos de cada lado em *A. nasicus*, no qual também os escudos cefálicos, mostram um arranjo diferente, e as placas do semi-círculo supraorbital não estão em contacto no espaço entre os olhos".

Os lagartos desta espécie vivem como todos os demais do gênero *Anolis*, trepados aos galhos das árvores nas densas matas, embora às vezes sejam também encontrados no solo ou próximo dele, em pequenos arbustos.

ANOLIS FUSCO-AURATUS d'Orbigny

1837 — *Anolis fusco-auratus d'Orbigny*, in Duméril e Bilbron, *Érp. Génér. IV*, p. 110 (localidade tipo, Chile).

Descrição: Corpo delgado; concavidade anterior da cabeça bem definida; crista frontal curta; escudos suprcefálicos muito pequenos, fracamente carenados; canto rostral fraco, com 4 escamas cantais; abertura auricular ovalada, mais ou menos grande; escamas do semi-círculo supraorbital aumentadas; 12 escamas supraoculares grandes, fracamente carenadas; escudo occipital grande, maior ou igual a abertura auricular, separada das supraorbitais por 2 ou 3 séries de escamas; 5 a 6 fileiras de loreais; 9 supralabiais; apêndice gular desenvolvido nos machos; escamas gulares lisas, pequenas, quase granulares na parte mediana; corpo ligeiramente comprimido; prega dorso ventral ausente; escamas dorsais e laterais muito pequenas, granulares, ligeiramente aumentadas no dorso, e fracamente carenadas; escamas ventrais pequenas, maiores do que as dorsais, arredondadas, justapostas, lisas; membros locomotores delgados; expansões digitais não muito desenvolvidas; cauda delgada, cilíndrica, coberta com escamas fortemente carenadas e imbricadas, sendo as dorsais medianas aumentadas; escamas pré e postanais pequenas.

Coloração: Pardo acinzentado ou oliváceo claro, com brilho metálico esverdeado ou acobreado; manchas escuras bem definidas; às vezes uma grande mancha escura lateral entre o ouvido e o membro anterior; superfície ventral esbranquiçada, uniforme, ou às vezes salpicada de pontos pardos; cauda com anéis largos, escuros em toda a extensão; fêmeas algumas vezes com larga faixa vertebral pálida acobreada, marginada por uma larga banda escura.

Mensurações: Medidas num macho e numa fêmea:

	macho	fêmea
Comprimento total	112 mm.	145 mm.
Cabeça	10 mm.	14 mm.
Largura da cabeça	6 mm.	7 mm.
Corpo	40 mm.	47 mm.
Membro posterior	32 mm.	38 mm.
Cauda	72 mm.	98 mm.

Coleção: Estão guardados na coleção os seguintes exemplares: n.º 651, proveniente da povoação Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. por O. Cunha, em 1953; n.º 18, macho, de Nova Timbotêua, Estrada de Ferro de Bragança, Pará, col. por O. Cunha, em 1956; n.º 19, fêmea, Mata do Sossêgo, foz do igarapé Tracuatêua, Município de Ananindêua, Pará, col. por Cory Carvalho, em 1956; n.º 20, macho, Oiapoque, Território do Amapá, col. por José Hidasí, em 1958; do alto rio Maracá, Território do Amapá, catalogados com os números: 826, macho, e 827, fêmea, col. por M. Moreira, em 1959; lugar Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, possui o Museu apenas 2 exemplares machos catalogados com os ns. 897 e 898, col. por José Hidasí, em 1959.

Distribuição: Espécie bastante espalhada não só por toda a Amazônia, como ainda é encontrada nas Guianas, Venezuela, Colômbia e Equador.

Nome vulgar: Pápa-vento ou lagarto.

Observações: Esta espécie compreende lacertílios de porte relativamente muito pequeno, bonitos, graciosos e com cauda longa e afilada. São estritamente arborícolas, e de hábitos diurnos, alimentando-se apenas de insetos, aranhas, etc.

Lacertílios de acentuado dimorfismo sexual, o macho apresenta visíveis ornamentos e coloração mais viva que a fêmea. Nota-se também certa variação individual, presente na coloração, disposição e forma das escamas, tamanho, etc. Por outro lado, mostram constante variação de cor quando mudam de ambiente. A cauda parece não ser preênsil. Esta espécie por suas características, apresenta-se muito próxima de *Anolis chrysolepis* e *Anolis nitens*, que são formas bastante comuns.

A coloração embora variável, notadamente em indivíduos de localidades geográficas opostas, apresenta-se contudo em sua tonalidade fundamental idêntica aos outros. Os espécimens do Javari mostram-se pardo oliváceo no dorso e lados, com manchas escuras pelo corpo; região ventral esbranquiçada, uniforme; apêndice gular também esbranquiçado.

ANOLIS PHYLLORHINUS Myers e Carvalho

1945 — *Anolis phyllorhinus* Myers e Carvalho, *Bol. Museu Nacional, N. S. Zool. n.º 43* (localidade tipo, Borba, rio Madeira, Amazonas).

Coleção: Não representado na coleção do Museu.

Distribuição: Conhecido provavelmente apenas da localidade tipo.

Observações: O tipo desta espécie encontra-se depositado na coleção herpetológica do Museu Nacional do Rio. Lacertílio interessante e muito pouco conhecido, mas logo chama a atenção por possuir grande e estranho apêndice nasal, ornamento completamente diferente de qualquer outra espécie do gênero *Anolis*, do qual se conhecem no momento 3 espécies, tôdas comuns à província Amazônica, extra-brasileira.

ANOLIS SCYPHEUS, Cope

1864 — *Anolis scyphus* Cope, *Proc. Acad. Nat. Sci. Phila, p. 172* (localidade tipo, não registrada).

Descrição: Cabeça pequena, ligeiramente mais comprida que larga; fraca concavidade frontal; cristas frontais curtas, distintas; escudos precefálicos pequenos, carenados; escamas supraoculares numerosas, ligeiramente aumentadas e carenadas; escudo occipital menor ou de tamanho igual à abertura auricular; está separado das supraorbitais por 4 séries de escamas; fila de loreais com cerca de 8 escamas; 10 supralabiais e 10 infra-labiais; abertura auricular relativamente pequena, oval, ligeiramente oblíqua; apêndice gular pequeno, quase tão desenvolvido nos machos como nas fêmeas; escamas gulares carenadas, pequenas na região mediana; escamas da bolsa gular grandes; corpo um tanto comprimido; pregas dorso-ventrais ausentes; escamas dorsais muito pequenas, carenadas; laterais bem menores, granulares, carenadas e romboidais, justapostas; ventrais maiores, romboidais, imbricadas e fortemente carenadas; dígitos fracamente dilatados; 17 lamelas sob as falanges II e III do quarto dêdo do pé; cauda cilíndrica, revestida com escamas iguais, carenadas e imbricadas; escamas pré e postanais pequenas.

Coloração: Oliváceo ou pardacento no dorso, com reflexos metálicos, geralmente com grandes manchas escuras angulares, algumas vezes confluindo para uma faixa em zig-zag ou séries de rombóides; fêmea às vezes com uma larga faixa clara vertebral de borda escura; uma faixa escura transversal entre os olhos; superfície ventral esbranquiçada ou mais escura, com reflexos metálicos; uma grande mancha azul escuro de cada lado da bolsa gular; geralmente uma estria escurecida ao longo, no meio da barriga das fêmeas.

Mensurações: Medidas do exemplar 819:

Comprimento total 180 mm.	Cabeça 13 mm.
Membro posterior 57 mm.	Largura da cabeça	... 10 mm.
Cauda 126 mm.	Corpo 54 mm.

Coleção: Encontra-se na coleção um exemplar macho, proveniente do Estado do Pará, porém, sem localidade identificada, sob o número 17; alto rio Maracá, Território do Amapá, assim numerados: 817, fêmea, com ovos; 818, 819, 820, machos; 822, 823 e 824, jovens de porte médio; 825 (7 jovens mui pequenos), col. M. Moreira, 1959; Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, 2 exemplares machos, catalogados com os números 899 e 900, col. por J. Hidasi, 1959.

Distribuição: Apresenta larga distribuição não só por toda a Amazônia, como também ocorre facilmente pelas Guianas, Venezuela, Equador, Colômbia, etc.

Observações: Foram estudados todos os exemplares aqui citados, adultos machos e fêmeas; e jovens em vários estádios de desenvolvimento. Comparando-os, concluímos o seguinte sobre os principais caracteres específicos: todos os exemplares com pequena concavidade interorbital; escamas supracefálicas irregulares, carenadas; escamas do semicírculo supra-orbital e as supraorbitais dilatadas, carenadas; escudo occipital tão grande quanto a abertura auricular; apêndice gular pequeno, ligeiramente menor na fêmea; escamas dorsais muito pequenas, sendo as vertebrais maiores e carenadas, e as outras, minúsculas, granulares, romboidais, justapostas e carenadas; ventrais grandes, romboidais, imbricadas e fortemente carenadas; cauda arredondada, com escamas maiores que as do corpo, fortemente carenadas; dedos fracamente dilatados, com lamelas inferiores; não há escamas pré ou postanais dilatadas.

Há variações na disposição ou forma das escamas e escudos cefálicos, entre machos e fêmeas.

Quanto à coloração, a fêmea é no conjunto geral um tanto mais clara que o macho. Comumente o dorso apresenta-se com barras grandes angulares escuras, confluindo às vezes para uma faixa em zig-zag, ou em séries rombóides; às vezes uma larga faixa clara vertebral, marginada de negro; uma faixa transversa escura entre os olhos; superfície ventral esbranquiçada com pequenos pontos escuros nas escamas; apêndice gular escuro.

Como é vário o número de exemplares, facilmente se notam variações individuais entre si, como entre os sexos e os jovens. Os desenhos do corpo principalmente são bastante variáveis, e em geral o macho ostenta coloração sempre mais viva.

Estudando os espécimens provenientes do Javari, e comparados com outros da coleção, eles apresentam tamanho maior, contudo sem quaisquer outras modificações importantes.

Gênero *NOROPS* Wagler

1830 — *Nat. Syst. Amph.*, 149.

Gênero de grande distribuição geográfica por toda a América tropical, ocorrendo desde o Panamá, ilha de Cuba, toda a Amazônia, o centro oeste do Brasil, Venezuela, Guianas, Colômbia, etc. Entre nós, especialmente na parte baixa da Amazônia, os componentes deste gênero são pouco conhecidos. Infelizmente, não possuímos na coleção nenhum exemplar. Segundo Dunn, eles são muito abundantes nas regiões quentes e úmidas da Colômbia. Possuem hábitos semi-arborícolas, e tal qual os do gênero *Tropidurus*, preferem andar no solo, na grama ou sobre pedras.

NOROPS AURATUS (Daudin)

1802 — *Anolis auratus* Daudin, *Hist., Nat. des Réptiles*, IV, p. 89 (localidade tipo, não indicada).

1845 — *Norops auratus* Gray, *Cat. Liz. Brit. Mus.*, p. 207.

Coleção: Não há representantes na coleção do Museu.

Distribuição: Habita toda a Amazônia, Guianas, Venezuela, Colômbia, etc.

Observações: Parece que entre nós essa espécie é pouco conhecida, apesar de sua ampla distribuição. Segundo Burt e Burt apresenta coloração um tanto variável, embora seja sempre de cor pardacento. Mostra os mesmos costumes que os lagartos do gênero *Tropidurus*, isto é, preferem lugares secos, ensolarados, e tanto andam ao solo como trepam às árvores.

Gênero *URANOSCODON* Kaup

1826 — *Isis* (Oken), 1826, 89.

Durante muito tempo este gênero permaneceu em profunda confusão, apelidado sob várias designações. Era conhecido principalmente com o nome genérico de *Ophryoesa*, enquanto seu nome verdadeiro de prioridade, isto é, *Uranoscodon* designava outro gênero em sinonímia com *Plica*. Porém em 1901 Stejneger deu um excelente apanhado da nomenclatura pertencente ao nome do presente gênero. O seu

carater principal é apresentar somente um representante, cujos lagartos possuem uma concavidade interorbital um tanto acentuada.

Geralmente constituem lacertílios de porte médio a grande, e de hábitos essencialmente arborícolas. São sáurios tipicamente Amazônicos, de ocorrência muito comum e encontrados facilmente trepados aos troncos de árvores das matas. Além de habitar a Amazônia, é encontrado ainda nas Guianas e Venezuela.

Diagnose: Tímpano distinto; corpo ligeiramente comprimido com uma crista dorsal nítida em toda a extensão; concavidade interorbital acentuada; escamas dorsais pequenas, iguais; uma dobra gular transversa; não há apêndice gular; dedos denticulados lateralmente, longos, e com lamelas carenadas inferiormente; póros femorais ausentes; cauda longa comprida.

URANOSCODON SUPERCILIOSA (Linnaeus)

- 1758 — *Lacerta superciliosa* Linnaeus, *Systema Naturae*, X, p. 200 (*localidade tipo*, "Índias").
1931 — *Uranoscodon superciliosa* Burt e Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* LXI, p. 298.

Descrição: Corpo ligeiramente comprimido, delgado; cabeça moderadamente larga, curta, arredondada, seu comprimento quase igualando a largura; canto rostral e borda supraciliar angular, se projetando; narinas situadas acima do canto rostral, mais para a ponta do focinho do que da órbita; tímpano verticalmente oval, um pouco maior que a abertura ocular; escudos supracefálicos pequenos, irregulares; grandes tubérculos circundantes occipitais, pontudos, ou rugosos, subcônicos; concavidade interorbital funda; 5 ou 6 supralabiais e o mesmo número de infralabiais; sinfísal triangular pequena; escamas gulares fortemente carenadas; garganta com fortes plicas transversas; bolsa gular ausente; escamas dorsais e laterais pequenas, iguais, romboidais, imbricadas e fortemente carenadas; ventrais maiores, também fortemente carenadas; crista nugal e dorsal, serrilhada, baixa, sendo na parte anterior um tanto mais desenvolvida; as dorsais muito fracamente serrilhadas; membros locomotores longos, revestidos com escamas carenadas iguais; dedos longos e delgados, fortemente denticulados lateralmente; cauda fortemente comprimida, com ligeira crista igual ao dorso; seu comprimento corresponde duas vezes o corpo; está revestida de escamas subiguais, carenadas, sendo as inferiores maiores; póros femorais ausentes, como também os preanais.

Coloração: Geralmente pardo acinzentado a oliváceo em cima e lados, uniforme ou mosqueado com pontos ou manchas escuras; frequentemente uma larga faixa esbranquiçada que começa atrás dos olhos, passa sobre o ouvido através a axila, alargando-se em franja ao longo do corpo, e cauda pelos lados, sendo marginada em cima com salpicos escuros. Ventre e garganta pardo e amarelado. Várias faixas escuras atravessam o alto da cabeça entre as supraciliares.

Mensurações: Medida tirada em um macho adulto:

Comprimento total 440 mm.	Cabeça 27 mm.
Membro posterior 100 mm.	Largura da cabeça	... 23 mm.
Corpo 133 mm	Cauda 307 mm.

Coleção: Estão registrados até o momento os seguintes espécimens: n.º 12, procedente do rio Piriá, próximo ao Maranhão, Pará, col. A. Bordalo, 1952; ns. 13 e 14, Pará, sem exata procedência; n.º 574, Pará, sem origem especificada; n.º 672, lugar Cairari, entre o Mojú e Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; n.º 673, lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; ns. 674 e 675, mesma procedência; n.º 714, estrada Belém-Brasília, km. 75, col. J. Hildasi, 1959; n.º 814, proveniente do alto rio Maracá, Território do Amapá, col. M. Moreira, 1959.

Distribuição: Ocorre com extrema facilidade por toda a área Amazônica, e ainda pelas Guianas e Venezuela.

Nome vulgar: São conhecidos pelos habitantes da região, pelo nome genérico de "Tamacuaré". Nas Guianas e Venezuela dão-lhe outros nomes locais.

Observações: Esta espécie é uma das mais típicas que se encontram na província Amazônica. Por outro lado é também muito comum dentro das matas, ambiente onde tem seu "habitat" preferido. Sua coloração é simples, uniforme e pouco variável. Gostam de ficar adormecidos nos galhos das árvores, onde se confundem facilmente com o ambiente. Geralmente deixam-se capturar sem reação alguma. Quase não há dimorfismo sexual ou mesmo variação individual. Nota-se às vezes indivíduos de grande porte, e outros de menor tamanho. Alimentam-se exclusivamente de insetos, vermes, larvas, aranhas, etc. As fêmeas costumam depositar muitos ovos, geralmente em ôcos de paus apodrecidos.

Estes como os componentes dos gêneros *Plica* e *Enyalioides*, são considerados pelo povo crédulo do interior, como poderosos amuletos, os quais trariam sorte e privilégios consideráveis. Costumam possuir apenas a pele ou empalhados.

Desconhecendo-se os característicos específicos desta espécie, pode-se facilmente confundí-la com os membros pertencentes ao gênero *Plica*, principalmente a espécie *Plica umbra* Linnaeus. No entanto diferenças profundas não só genéricas como específicas, os tornam completamente afastados, embora um tanto afins. As diferenças são visíveis, quando as espécies se confrontam.

Gênero ENYALIOIDES Boulenger

1885 — *Cat. Lizards Brit., Mus., 2, 112.*

Bastante típico, este gênero apresenta-se largamente espalhado por toda a província Amazônica, ocorrendo também desde o Panamá, através de Colômbia, Equador e Perú. Lagartos um tanto próximos do gênero *Uranoscodon*, conhecem-se presentemente umas 8 espécies amplamente distribuídas pelas florestas das regiões acima enumeradas. Habitam a Amazônia brasileira 2 espécies apenas até agora registradas.

Todos os seus componentes são lagartos estritamente arborícolas, descendo ao solo ocasionalmente. No momento não há representantes na coleção deste Museu.

ENYALIOIDES LATICEPS LATICEPS Guichénot

1855 — *Enyalioides laticeps Guichénot, in Castelnau, Expéd. Amér. do Sud., Zool. Réptiles, p. 20, pl. 5 (localidade tipo, Fonteboa, Alto Amazonas).*

1930 — *Enyalioides laticeps laticeps Burt e Burt, Proc. U. S. Nat. Mus., 78, art. 6, p. 9.*

Coleção: Nenhum representante na coleção.

Distribuição: Provavelmente encontrado em todo o Vale Amazônico, principalmente na região do Alto Amazonas e Equador.

Nome vulgar: Conhecido geralmente com o nome de "Tamacuaré".

ENYALIOIDES LEECHII Boulenger

1885 — *Enyalioides leechii Boulenger, Cat. Liz. Brit. Museum, Adenda II, p. 473 (localidade tipo, Santarém, Pará).*

Coleção: Espécie ausente na coleção.

Distribuição: Talvez comum a toda a Amazônia, embora tenhamos pouco conhecimento deste lacertílio.

Gênero TROPIDURUS Wied

1824 — *Abb. Naturges. Brasil., (6).*

Este gênero bastante peculiar, encerra numerosas espécies bem distribuídas por toda a América do Sul e algumas ilhas oceânicas. Algumas dessas espécies são extremamente abundantes, em determinadas regiões. Ocorrem na Amazônia pelo menos duas subespécies, sendo que uma é típica do grande Vale. Eles parecem ser nesta região os lagartos mais comuns, já que facilmente os vemos em toda parte, próximo às habitações humanas. São sáurios de aspecto desagradável, coloração escura, porém muito ágeis e vivendo em "habitats" variáveis. Dentro da família *Iguanidae*, os componentes do gênero *Tropidurus* apresentam caracteres bastante distintos, para serem com facilidade diferenciados dos restantes.

Para a identificação das espécies admitimos aqui, a classificação adotada por Burt e Burt, e outros. A coleção do Museu possui presentemente vários exemplares das duas subespécies registradas, de modo que pudemos diferenciar distintamente os caracteres típicos que separam as duas raças.

São lagartos de extrema resistência, suportando muito bem as mudanças climáticas, e apresentando "habitats" diversos. Possuem hábitos arborícolas, mas gostam de andar no solo e em lugares pedregosos. Alimentam-se somente de insetos, vermes, aranhas, etc.

Diagnose: Timpano distinto; corpo mais ou menos deprimido ou comprimido; algumas espécies com uma mais ou menos crista dorsal desenvolvida; escamas dorsais uniformes; escudos supracéfálicos aumentados, occipital muito grande; uma forte dobra encurvada de cada lado, adiante do ombro, não alcançando a garganta; não há saco gular; dedos comprimidos, com lamelas carenadas inferiormente; poros femorais ou preanais ausentes; cauda longa, subcilíndrica ou comprimida.

TROPIDURUS TORQUATUS TORQUATUS (Wied)

1820 — *Stellio torquatus* Wied, *Reise nach Brasilien* (1815-1817), I, p. 106 (localidade tipo, Brasil).

1930 — *Tropidurus torquatus torquatus* Burt e Burt, *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 78, art. 6, p. 27.

Descrição : Escudos supracefálicos grandes, irregulares, lisos, com minúsculos grânulos; uma série de escudos supraoculares internos, com 9 ou 10, e 7 ou 9 na região mediana; escudo occipital geralmente mais ou menos comprido que largo, e menor que a região supracular; escudos temporais achatados e fracamente carenados; forte franja de escamas longas, adiante do ouvido; uma série oblíqua de supraciliares; cerca de 5 supralabiais e 6 infralabiais; não há crista dorso-nucal; uma forte prega ligeiramente curva, anteumeral, largamente separada de sua companheira; 1 ou 2 pregas gulares transversas, mais ou menos acentuada; lados do pescôco granulares, com 1 ou 2 pregas, ou bolsas oblíquas; escamas dorsais pequenas, ligeiramente maiores que as ventrais, carenadas, romboidais, imbricadas, e terminando em curto espinho nos machos, subhexagonais nas fêmeas e jovens; carenas das escamas dorsais formando linhas oblíquas; ventrais lisas, imbricadas; as escamas dorsais vistas a olho nú, aparecem como grânulos; cauda um tanto longa, arredondada ou ligeiramente comprimida; escamas caudais muito maiores do que as dorsais, terminando em espinho; ligeira crista caudal.

Coloração : Oliváceo ou pardo escurecido em cima, geralmente com manchas mais escuras e pontos mais claros; normalmente uma faixa lateral mais ou menos distinta, clara ou escura; uma faixa negra na prega anteumeral, geralmente se estendendo sobre a região escapular; superfície inferior amarelada ou acinzentada, garganta e peito muitas vezes lavado de escuro; garganta do macho mais anegrado.

Mensurações : Medidas tomadas em um indivíduo macho de tamanho normal :

Comprimento total 270 mm.	Cabeça 30 mm.
Membro posterior 85 mm.	Largura da cabeça 23 mm.
Cauda 165 mm.	Corpo 105 mm.

Coleção : Estão depositados os seguintes exemplares : n.º 581, de Aragarças, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; ns. 150, 151, 153, 154, Goiânia, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; n.º 582, Barra do Garças, Mato Grosso, col. J. Hidasí, 1958; ns. 740, 741 (Jovens), 742, 738, Imperatriz, Maranhão, col. J. Hidasí, 1959.

Distribuição : Forma bastante comum na parte sul oriental da América do Sul. Encontra-se desde a Argéntina, Paraguai e Bolívia, sul, centro e nordeste do Brasil. Penetra na Amazônia na zona de transição, através seus limites mais meridionais.

Nome vulgar : Conhecido em todo o Brasil pelos nomes de Pápa-vento, Lagarto, Calango, e muitas vezes de Taraguira. No Maranhão chamam-nos "Abigó".

Observações : O gênero *Tropidurus* apresenta muitas espécies, algumas delas desdobradas em várias raças geográficas, confinadas a várias regiões do nosso hemisfério sul. Por isso perdurou por muito tempo certa confusão, sobre a validade de certas espécies, ou a ocorrência de raças que manifestavam seus caracteres mais ou menos distintos. Trabalhos recentes determinaram a situação dos componentes deste gênero.

Os antigos autores consideravam duas espécies distintas, *Tropidurus torquatus* e *Tropidurus hispidus*, aquela habitando o centro, leste e sul do país, e esta toda a Amazônia. Na realidade são a mesma espécie, havendo apenas entre elas variações hoje consideradas subespecíficas ou raças geográficas bem definidas, embora apresentando os caracteres específicos típicos. Contudo há autores que não admitem esse desdobramento, ou não encontram variações suficientemente nítidas para uma diferenciação subespecífica, por acharem eles à espécie ausência de elementos de separação.

Por outro lado, nós, baseados em exemplares de uma série destas duas subespécies, acreditamos francamente que é possível separar raças geográficas de uma determinada espécie, já que no caso se nos apresentam caracteres bastante visíveis para assim procedermos. Na situação presente iremos analisar primeiramente as seguintes diferenciações entre as duas raças : assim *Tropidurus torquatus torquatus* caracteriza-se por possuir escamas dorsais pequenas, bem menores que as de *Tropidurus t. hispidus*; possui escamas ventrais pequenas, ligeiramente maiores que as dorsais; algumas variações nos escudos cefálicos, mais importantes nos escudos supraoculares; estes em *Tropidurus t. torquatus*, encontram-se de 9 a 10 ou mais (raramente) escudos do lado interno e 7 a 9 na linha mediana; em *hispidus*, estes escudos são um pouco menores e possui do lado interno de 6 a 8, grandes e na linha mediana de 5 a 6 menores; enfim, uma acentuada franja de grandes escamas adiante da abertura auricular, em *Tropidurus t. torquatus*.

Lagartos de aspecto um tanto desagradável, por causa de sua cor escura, são muito comuns em todas as partes do Brasil. Seus costumes apresentam-se bastante variáveis, mostrando-se ao mesmo tempo bons trepadores como corredores no solo. São muito úteis à lavoura e às hortas, pela caça constante aos insetos, vermes, aranhas, etc., dos quais se alimentam.

TROPIDURUS TORQUATUS HISPIDUS (Spix).

- 1825 — Agama hispida Spix, *Lacert. Brasil. Spec. Novae*, p. 12, pl. XV, fig. 2 (localidade tipo, Bahia, Brasil).
 1930 — Tropidurus torquatus hispidus Burt e Burt, *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 78, art. 6, p. 26.

Raça geográfica idêntica à anterior, diferenciando-se contudo pelos seguintes principais caracteres :

Escudos supraoculares da fila interna grandes de 6 a 8, e na fila mediana 5 a 6; franja de escamas ântero auricular moderada; escamas dorsais grandes, fortemente carenadas e imbricadas, terminando em espinho; ventrais quase duas vezes menores que as dorsais, lisas; não há crista dorsal; cauda um tanto longa, arredondada ou ligeiramente comprimida; escamas caudais muito maiores do que as dorsais; ligeira crista caudal.

Coloração : Oliváceo, pardo escurecido ou totalmente negro no dorso e lados; às vezes pontos claros na região ântero dorsal e lateral, como no pescôco e cabeça; às vezes uma faixa negra marginada por uma estria clara; na prega anteumeral, geralmente se estendendo sobre a região escapular; superfície ventral amarelada ou acinzentada, garganta e peito muitas vezes lavados de escuro; garganta do macho usualmente anegrada.

Mensurações : Medidas tomadas num macho de porte médio, pois há indivíduos que alcançam tamanho maior :

Comprimento total 240 mm.	Cabeça 30 mm.
Membro posterior 75 mm.	Corpo 95 mm.
Cauda 145 mm.	Largura da cabeça	... 20 mm.

Coleção : Registramos os seguintes na coleção do Museu : n.º 21, parque do Museu Goeldi, Belém, 1958; n.º 22, parque do Museu. Belém, col. R. Strympl, 1957; n.º 23, idem, idem, col. F. Novais, 1957; n.º 652, idem, idem, 1957; n.º 24, idem, idem, 1956; ns. 343, 25, 345, idem, idem; n.º 152, Goiânia, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; ns. 584, 586, 583 e 585, Serra do Cachimbo, sul do Estado do Pará, 1958; n.º 653, Belém, Pará, col. O. Cunha, 1953; n.º 654, Belém, Pará, col. O. Cunha, 1953; ns. 655, 656, 657, 658, idem, idem, 1952-3; ns. 659, 660 e 661, lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; ns. 662, 663 e 664, Belém, Pará, col. O. Cunha, 1955.

Distribuição : Raça extremamente espalhada e comum em toda a província Amazônica, e mais ainda por regiões da Bolívia, Guianas e Venezuela. No Brasil ela ocorre ainda fora da Amazônia, penetrando pelo nordeste e centro oeste.

Nome vulgar : Conhecido aqui por Lagarto, Calango, Pápa-vento ou raramente Taraguira. É de admirar que uma forma tão comum e conhecida de todos não possua um apelido mais específico.

Observações : Esta forma geográfica é um dos lacertílios mais encontrados em toda a Amazônia brasileira, notadamente na região do Baixo Amazonas. Aí eles se encontram facilmente em toda parte, principalmente nos lugares habitados pelo homem, aos quais parece terem certa predileção. Quanto aos seus "habitats", costumes e modos de vida já falamos anteriormente, e é idêntico à forma estudada antes.

Há pouca variação individual ou mesmo dimorfismo, no entanto observa-se algumas diferenças em indivíduos habitando a zona de transição, isto é, as partes limítrofes da Amazônia, com a região centro e nordeste, entre esta e a raça anterior. Por exemplo, observamos em espécimens provenientes de Goiânia, em Goiás, e da Serra do Cachimbo, no Pará, que esta variação na transição geográfica, está claramente definida, principalmente na coloração e nos escudos supraoculares. Sem dúvida alguma decidida tendência para a constituição da subespécie *Tropidurus t. torquatus*. Nota-se bem visível, a variação suave, sucessiva e gradual, sem contudo desviar-se em definitivo da raça Amazônica. Este facto seria bem estudado e analisado, numa série grande de exemplares coletados em toda a área de transição, para se obter estatisticamente até onde alcança o grau de variação sob influência geográfica, em uma determinada e numerosa população da espécie. Podemos, no caso, chamá-las de formas intergradantes.

Gênero PLICA Gray

1830 — *Anim. Kingd., Rept., Syn.*, 40.

Este interessante e bem distribuído gênero, juntamente com os dois últimos anteriormente citados, constituem na Amazônia, os lagartos mais comuns, e por isso mesmo bastante conhecidos da nossa gente do interior. Apesar desse privilégio, Afrânio do Amaral em nenhuma de suas listas dos Lacertílios do Brasil, ou do Pará, faz menção acerca da ocorrência no grande Vale, do gênero *Plica*. Até hoje desconhecemos o motivo pelo qual agiu aquêle ilustre herpetologista. No entanto sabemos que estão registrados para a Amazônia duas espécies, bastante comuns e bem distribuídas.

Os lagartos deste gênero, constituem formas bonitas, graciosas, de colorido um tanto vistoso e essencialmente arbóricolas. Vivem geralmente nas árvores da mata, às vezes

trepados nos finos troncos de pequenos arbustos. Apresentam mudança de coloração de acordo com o ambiente.

Durante muito tempo os membros do gênero *Plica*, foram confundidos com o gênero *Uranoscodon*, ambos bastante distintos. A ocorrência de *Plica* na América do Sul é ampla, visto que estes lagartos além de se estenderem por toda a Amazônia, onde são típicos, habitam ainda as matas de algumas regiões do Perú, Equador, Venezuela, Guianas e ilhas de Trinidad e Granada.

Diagnose: Tímpano distinto; corpo subcilíndrico ou deprimido; uma crista dorsal ligeiramente serrilhada; escamas dorsais pequenas, uniformes; escudos supracefálicos aumentados; occipital muito grande; pescôco fortemente plicado na parte inferior, com as dobras formando um par de bolsas de cada lado; saco gular ausente; dedos comprimidos, com lamelas carenadas inferiormente; póros femorais ou preanais ausentes; cauda longa, cilíndrica ou comprimida.

PLICA PLICA (Linnaeus)

- 1758 — *Lacerta plica* Linnaeus, *Systema Naturae*, X, p. 208 (localidade tipo "Índias").
1901 — *Plica plica* Stejneger, *Proc. U. S. Nat. Mus.* XXIV, p. 182.

Descrição: Corpo largo e deprimido; cabeça grande, um tanto achatada, focinho curto; narinas na região látero-superior; borda superciliar se projetando, angular; escudos supracefálicos irregulares, imbricados, ligeiramente carenados; uma série de grandes escudos supraoculares transversos, cerca de 6 a 7, acompanhados de outros menores mais numerosos; escudo occipital um pouco mais largo que longo, mais estreito que a região supraocular; labiais grandes, 4 ou 5 supra e 5 ou 6 infra; abertura auricular grande, ovalar; escamas dorsais e laterais muito pequenas, romboidais, fortemente imbricadas; nítida plica látero dorsal com pequenas escamas eretas espinhosas; uma segunda plica, mais abaixo de cada lado, desde a axila à virilha, déntica; escamas ventrais ligeiramente maiores que as dorsais, lisas; uma pequena crista dorsal, mais alta na cauda e pescôco; pescôco constricto e fortemente plicado, com uma pequena bolsa inferiormente; prega gular posterior, contínua com uma outra lateral se curvando acima do ombro e terminando acima da perna posterior; lados do pescôco guardados com tufo de pequenas e eretas escamas em espinho; cauda alongada, um tanto comprimida, com uma pequena crista serrilhada; pernas e dedos delgados e longos; escamas da cauda iguais às do corpo.

Coloração: Esta parece ser bastante variável. Em geral é quase sempre de cor acinzentado oliváceo ou esverdeado em cima, manchado ou marmorado com pardo escuro; várias faixas mais ou menos distintas cruzam sobre o dorso e membros; cauda com as mesmas faixas formando anéis; um colar negro que alcança a nuca e pescôco; região ventral esbranquiçada, excetuando a garganta que é anegrada.

Mensurações: Medidas feitas no exemplar maior adulto:

Comprimento total 363 mm.	Cabeça 35 mm
Corpo 120 mm.	Largura da cabeça 30 mm.
Membro posterior 120 mm.	Cauda partida —

Coleção: 2 exemplares provenientes do lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, sob números 691 e 692, col. por O. Cunha, em 1953; lugar Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, os seguintes exemplares: 887, macho, e 88, macho jovem; 889, fêmea, e 890 e 891, fêmeas jovens, col. J. Hidasi, 1959.

Nome vulgar: Pápa vento e Tamacuaré.

Distribuição: Largamente distribuído por toda a província Amazônica, incluindo Guianas, Venezuela, Equador, Perú e ilhas de Trinidad e Granada.

Observações: Lagartos grandes, de hábitos exclusivamente arborícolas, são bastante comuns em qualquer mata úmida do grande Vale. Um facto interessante observa-se nessa espécie, a qual apresenta uma disposição especial para se prender aos troncos das árvores, geralmente dispostos de cabeça para baixo, mas elevada o bastante. Parecem apresentar coloração protetora quando presos às árvores, pois adquirem a cor do local onde se encontram. Possuem corpo volumoso, deprimido um tanto.

Apresentando tão grande área de ocorrência, é natural que esta espécie se mostre em indivíduos geograficamente afastados, com algumas sensíveis variações morfológicas, notadamente na coloração.

Nos exemplares do Javari, observa-se principalmente o seguinte: os escudos supracefálicos são mais fortes e enrugados, inclusive o escudo occipital; pescôco com forte constricção e plicado, com uma bolsa inferior acentuada; as plicas se continuam pelos lados da cabeça e na parte dorso lateral, longitudinal e vertical; lados do pescoço com inúmeros tufo de escamas espinhosas eretas; forte crista dorsal espinhosa, maior na nuca; escamas dorsais e laterais pequenas, mas fortemente carenadas e terminadas em ponta espinhosa; escamas ventrais maiores, lisas e imbricadas; cauda longa, afilada, um tanto comprimida, com uma pequena crista superior serrilhada.

Quase não se observa dimorfismo sexual, notando-se apenas certa diferenciação na coloração. Esta se apresenta fundamentalmente esver-

deado azulado em cima e lados; os machos apresentam o corpo salpicado de pequenas manchas azul claras, mostrando-se maiores na cabeça e lados do pescôço; aí envolvendo aquelas, grandes manchas negras que se estendem pelo pescôço e bolsa gular; nas fêmeas vêem-se geralmente faixas azuis claras cruzando transversalmente todo o corpo, entremeadas também com pequeninos pontos claros; em ambos sexos, a cauda se apresenta com aneis azul claro intercalados com outros mais escuros e largos; região ventral amarelada ou pardacento claro.

PLICA UMBRA (Linnaeus)

- 1758 — *Lacerta umbra* Linnaeus, *Systema Naturae*, X, p. 207 (localidade tipo, América do Sul).
1931 — *Plica umbra* Burt e Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* LXI, p. 282.

Descrição: Corpo delgado, cabeça larga, focinho curto, arredondado; narinas pequenas na parte látero superior; borda supraciliar se projetando, angular; escudos supracefálicos grandes, usualmente com asperesas pequenas, granulares; escamas supraorbitais anteriores transversalmente dilatadas, formando duas séries divergentes; uma série de grandes supraoculares transversas; escudo occipital mais largo que longo, tão largo ou mais que a região supraocular; 4 ou 5 supra e 5 ou 6 infralabiais, grandes; abertura auricular grande, com sua borda anteriormente muito fracamente denticulada; crista dorsal muito desenvolvida na nuca e dorso anterior, reduzida a ligeira denticulação no resto do corpo; êste não comprimido; escamas dorsais tão largas ou um pouco maiores que as ventrais, romboidais, carenadas formando linhas oblíquas; ventrais romboidais, mais ou menos distintamente carenadas, curtamente mucronadas; o tamanho das escamas varia bastante; forte prega anteumeral; uma bolsa gular longitudinal fraca e transversa, forte, formando esta última uma pequena bolsa de cada lado; lados do pescôço fracamente plicados, sem espinhos; cauda circular ou ligeiramente comprimida, delgada, muito maior que o corpo, revestida de escamas grandes, carenadas e imbricadas; as inferiores maiores que as superiores; póros femorais e preanais ausentes.

Coloração: Esta pode ser muito variável, apresentando contudo em geral, uma cor pardo avermelhada ou esverdeada, mais ou menos escuro no dorso e lados; travessões escuros mais ou menos distintos no corpo; uma larga faixa negra na plica anteumeral às vezes se estendendo através a nuca; frequentemente uma grande mancha amarelada no lado do pescôço, adiante da faixa negra; membros locomotores com travessas negras ou manchas irregulares; grande mancha negra no canto superior e inferior da boca, alcançando os olhos; região ventral pardacento ou amarelado, uniforme ou lavado de pardo.

Mensurações: Medidas tomadas no maior exemplar:

Comprimento total 290 mm.	Cabeça 22 mm.
Membro posterior 70 mm.	Largura da cabeça	... 17 mm.
Cauda 207 mm.	Corpo 83 mm.

Coleção: Estão registrados até o momento os seguintes 5 espécimens: n.º 224, Pará, sem proveniência especificada; ns. 667, 669 e 670, lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; n.º 716, Rodovia Belém-Brasília, km. 75, col. J. Hidasi, 1959; um exemplar fêmea com o número 886, no lugar Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, col. J. Hidasi, 1959.

Distribuição: Ocorre em toda a província Amazônica, e idênticamente como a forma anterior, nas Guianas, Venezuela, Equador e Perú.

Nome vulgar: Registra-se para esta forma os nomes Pápa-vento e Tamacuaré.

Observações: Esta espécie como *Plica plica*, são iguanídeos peculiares ao Vale Amazônico, além de ocorrência muito comum. Lagartos de costumes estritamente arborícolas, vivem sempre no mais profundo das matas, trepados em pequenos paus ou nos troncos finos de arbustos baixos. Apresentam certa coloração protetora, como na espécie anterior. São muito fáceis de serem capturados a mão mesmo, por causa de sua calma e docilidade. Parece não existir dimorfismo sexual. Esta forma distingue-se profundamente em inúmeros caracteres diferenciais, da espécie antecedente. Também não foi incluída nas listas de Afrânio do Amaral.

Dos dois representantes de *Plica*, esta espécie parece ser mais comum e melhor conhecida no seu aspecto, "habitat" e costumes. O centro principal de sua ocorrência se estende possivelmente por toda a área do Baixo-Amazonas, onde parece ser mais encontrada.

Devido também à sua grande distribuição em toda a Amazônia, *Plica umbra* apresenta, como a espécie anterior, às vezes certas variações no seu conjunto geral. No exemplar coletado no Javari, isto se observa do seguinte modo: variação nos escudos supracefálicos, sua disposição, porém de aspecto mais suave não tão enrugado como se encontra na maioria dos espécimens examinados, de outras diversas procedências; 5 supra e 6 infralabiais; forte plica anteumeral; uma pequena bolsa gular de cada lado; crista dorso-nucal acentuada, notadamente a que se situa na nuca; escamas dorsais grandes, imbricadas, carenadas, porém não tão pontudas terminalmente; as ventrais romboidais, imbricadas, carenadas e fracamente pontudas; cauda longa, ligeiramente comprimida.

Quanto à coloração observa-se também sensíveis variações, encontrando-se neste indivíduo a disposição seguinte: fundamentalmente pardo escuro avermelhado no dorso e alto da cabeça; pequenas manchas negras irregulares no dorso e lados; no fundo grandes manchas claras e brancas nos flancos; uma larga faixa negra na prega anteumeral; nos lados do pescôco à altura do ouvido, uma grande mancha amarela, adiante da faixa negra; uma mancha também amarelada abaixo logo do ouvido; descendo do olho uma faixa negra irregular através o canto da boca até a região mental, envolvendo aí a mancha amarelada em baixo do ouvido; pequenas barras escuras nas supraciliares e irradiando do olho uma para o ouvido, e outra para a metade da boca; região ventral amarelada escuro, quasi uniforme.

Gênero URACENTRON Kaup

1827 — *Isis (Oken)*, 1827, 612.

É um dos mais interessantes gêneros da família, por causa de sua estranha e distinguível cauda com aneis de grandes espinhos. Sua distribuição geográfica é bastante ampla, não só em tôda a Amazônia, como ocorre ainda pelas Guianas, Venezuela, Equador, Colômbia e Chile ao oriente dos Andes. Atualmente conhecem-se umas 6 espécies espalhadas por aquelas regiões, das quais apenas uma é registrada para a Amazônia brasileira, onde é um tanto comum. Os hábitos destes lagartos são pouco conhecidos, bem como se desconhecem totalmente qual a função da cauda espinhosa. Geralmente vivem em pedrais, lugares secos ou sítios arenosos. Possuem bela roupagem colorida e provavelmente camuflante e protetora.

Diagnose: Tímpano distinto; corpo deprimido sem crista dorsal; escamas dorsais pequenas, imbricadas, uniformes; escamas supracefálicas pouco aumentadas; duas dobras gulares transversas; não há bolsa gular; dedos não dilatados, encurvados nas articulações, com lamelas carenadas inferiormente; póros femorais ou preanais ausentes; cauda curta, achatada, revestida com aneis espinhosos.

URACENTRON AZUREUM (Linnaeus)

1758 — *Lacerta azurea Linnaeus, Systema Naturae, X, p. 202 (localidade: tipo, "África")*.

1827 — *Uracentron azureum Kaup, in Oken, "Isis", 19, p. 12.*

Descrição: Focinho curto, largamente arredondado, lábios um tanto moles; narinas dirigidas para cima; escudos supracefálicos pequenos, com pequenos grânulos ásperos; escudos supraorbitais grandes, irregulares; uma série de supraoculares transversos, ligeiramente dilatados; escudo occipital grande, um pouco mais comprido que largo; 5 ou 6 supralabiais, e 6 ou 7 infralabiais; abertura auricular moderada, arredondada, com sua borda ântero inferior sem denticulação; lados do pescôco irregularmente plicados; uma forte prega gular transversa, e uma segunda adiante menos regular; escamas dorsais, e laterais anteriormente, muito pequenas, granulares, lisas; as dorsais posteriores maiores, subromboidais, obtusamente carenadas, mais ou menos arrançadas em séries transversas e oblíquas; ventrais maiores, quadradas, imbricadas, lisas, também mais ou menos arrançadas; dedos delgados; cauda curta e mais estreita do que o corpo, achatada inferiormente, com aneis de escamas grandes, espinhosas, obtusamente carenadas, sendo que os espinhos são maiores e acentuados lateralmente; membros locomotores com escamas carenadas e imbricadas na parte superior, enquanto lisas na inferior.

Coloração: Quando em vida, bonito lagarto de coloração viva azul ou oliváceo no dorso e lados; faixas cruzadas escuras crescentes, em todo o corpo, inclusive nos membros locomotores; região ventral esverdeada ou amarelada; conservado em álcool, tôda essa viva roupagem desaparece, mantendo-se apenas uma côr geral escurecida, descolorada.

Mensurações: Medidas tiradas em um macho adulto, n.º 3:

Comprimento total 123 mm.	Cabeça 20 mm.
Membro posterior 50 mm.	Largura da cabeça 17 mm.
Cauda 46 mm.	Corpo 77 mm.

Coleção: Estão registrados os 9 seguintes espécimens: ns. 8, 9, 10 e 11, dos arredores de Belém, Pará, 1921; ns. 3, 4, 5 e 6, todos do Pará, mas sem procedência especificada.

Nome vulgar: Lagarto espinhoso.

Distribuição: Ocorre por tôda a Amazônia Brasileira, especialmente no Baixo-Amazonas onde é mais abundante. Todavia, é encontrado ainda nas Guianas e talvez na Venezuela. Eles parecem ser muito comuns nos lugares arenosos e secos da ilha de Marajó.

Observações: Das 6 espécies conhecidas para o gênero, apenas uma é comum a todo o Vale Amazônico, desconhecendo-se no presente, se ocorre porventura outra espécie. As outras habitam o Alto Amazonas, além de território brasileiro, e seus mais longínquos afluentes, no Equador, Colômbia, Perú e Venezuela.

Nos poucos exemplares da coleção observamos que há insignificante ou nenhuma variação individual ou dimorfismo sexual. No caso, ambos apresentam os principais caracteres sem diferenciação. Não são lagartos grandes, ao contrário. Quando com vida, ostentam bela roupagem colorida, que falece ao serem guardados em álcool. Essa coloração em parte pode ser protetora, provavelmente. O característico mais importante é possuírem a estranha cauda aberrantemente espinhosa, desconhecendo-se qual a função que exerce. A biologia e a ecologia destes sáurios é quase totalmente desconhecida.

Gênero GARBESAURA Amaral

1932 — *Mem. Inst. Butantan*, 7, 64.

Os lagartos componentes deste gênero, parece, são muitíssimo pouco conhecidos. Foi descrito por Afrânio do Amaral, em 1932, baseado em apenas um único exemplar, procedente do rio Tapajós. Aquêl autor escreve o seguinte: "Gênero afim de *Liolaemus* Wiegmann, 1835 e de *Proctotretus* D. & B., 1837, distinguindo-se do primeiro, por possuir corpo comprimido e escamas dorsais justapostas; e do segundo, por êsses mesmos caracteres e por lhe não formarem as escamas da série vertebral uma saliência cristiforme".

São pequenos iguanídeos de escudo occipital pequeno, bolsa gular e póros femorais e anais ausentes; escamas dorsais pequenas, granulares, crista dorsal ausente e escamas ventrais algo maiores. Coloração acinzentada ou escurecida, com ornamentos anegrados.

GARBESAURA GARBEI Amaral

1932 — *Garbesaura garbei* Amaral, *Mem. Inst. Butantan*, 7, p. 64, fig. 21 (localidade tipo, Monte Cristo, rio Tapajós, Pará).

Coleção: Nenhum representante na coleção do Museu Goeldi.

Distribuição: Até o momento conhecido somente da localidade tipo no Estado do Pará.

Gênero LEOCEPHALUS Gray

1827 — *Phil. Mag.*, 2 (9), 207.

Os lagartos deste gênero estão largamente espalhados por algumas regiões da América Central, Antilhas e quase toda a América do Sul. Segundo Dunn, 25 espécies compõem o gênero das quais 17 estão disseminadas pelo hemisfério sul. Na Amazônia assinalados por nós, encontramos duas formas, mais ou menos distribuídas e típicas.

São grandes e bonitos lacertílios, com bela roupagem vistosa cuja coloração é sempre cambiante. Eles se distinguem por possuírem crista dorsal um tanto desenvolvida, escamas dorsais uniformes, imbricadas e carenadas; escudo occipital pequeno, saco gular ausente bem como os póros femorais e preanais; cauda longa.

Apresentam hábitos exclusivamente arborícolas, mas ocasionalmente ou por necessidade para a desova, descem ao solo. Geralmente ocorre forte dimorfismo sexual. O macho mostra coloração mais viva, como ostenta também outros ornamentos.

Incorretamente este gênero foi denominado por Boulenger "*Leocephalus*", quando realmente Gray grafou-o *Leiocephalus*, em 1827, portanto, antes daquêl. Burt e Burt em 1931, fizeram ligeira mas significativa análise do *status* de várias formas deste gênero.

LEIOCEPHALUS IRIDESCENS ACULEATUS O'Shaughnessy

1879 — *Leiocephalus aculeatus* O'Shaughnessy, *Ann. and Mag. Nat. Hist.* (5) IV, p. 303 (localidade tipo, Moyobamba, Perú).

1931 — *Leiocephalus iridescens aculeatus* Burt e Burt, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* LXI, p. 269.

Coleção: Não representado na coleção do Museu.

Distribuição: Raça típica do Alto Amazonas e seus mais distantes afluentes, não só ainda em território brasileiro, mas é comum no Equador e talvez norte do Perú.

Nome vulgar: Conhecidos com os nomes de Pápa-vento ou Tamacuaré.

Observações: Todos os componentes ou pelo menos alguns deles, pertencentes a este gênero, são tipicamente formas andinas. Juntamente com a subespécie em questão, ocorre uma outra raça distinta, por alguns caracteres, nos Andes ocidentais do Equador (*Leiocephalus iridescens iridescens* Günther). Esta pode provavelmente alcançar os limites mais ocidentais da Amazônia brasileira.

LEIOCEPHALUS DUMERILII (Steindachner)

- 1869 — *Ophryoessoides dumerilii* Steindachner, *Novara Rept.*, p. 33, pl. II, fig. 5 (localidade tipo, Pará).
 1933 — *Leiocephalus dumerilii* Burt e Burt, *Transact. Acad. Sc. St. Louis*, 28, (1,2), p. 27.

Coleção: Ausente na coleção do Museu.

Distribuição: Forma típica da Amazônia, não se conhecendo contudo sua ocorrência total exata.

Gênero POLYCHRUS Cuvier

- 1817 — *Règne Anim.*, 2, 40.

Correspondem a este gênero duas espécies que se acham divididas ou desdobradas em 6 ou mais raças geográficas. Estão disseminadas por parte da América Central, desde Nicarágua, e por quase toda a América do Sul. Compreendem ao nosso ver os lagartos mais bonitos e graciosos de todos os que habitam este continente. Na Amazônia ocorre uma raça típica, bastante comum, uma outra peculiar às regiões centro, leste e oeste, e sul do país, mas que alcança profunda penetração nas florestas úmidas do grande Vale, e enfim uma terceira que vive nas partes mais ocidentais da Amazônia, um tanto desconhecida.

Compreendem lagartos de hábitos unicamente arborícolas, com adaptações especializadas para o meio em que vivem. São de movimentos lentos, quietos e dóceis. Vivem constantemente ocultos na folhagem elevada de árvores e arbustos. Apresentam notável policromia e com extrema facilidade mudam de cor, confundindo-se perfeitamente com o verde das folhas. Alimentam-se exclusivamente de insetos em geral, aranhas, etc.

Diagnose: Tímpano distinto; corpo comprimido, revestido com escamas pequenas; não há crista nugal ou dorsal; cabeça com escudos grandes; dobra gular transversa ausente; macho com uma bolsa gular pequena; dedos comprimidos, com lamelas carenadas inferiormente; unhas fortes; terceiro e quarto dedos iguais; póros femorais presentes em ambos sexos; cauda muito longa arredondada.

POLYCHRUS MARMORATUS ACUTIROSTRIS Spix

- 1825 — *Polychrus acutirostris* Spix, *Species Novae Lacert. Brasil*, p. 15 (localidade tipo, Bahia, Brasil).
 1933 — *Polychrus marmoratus acutirostris* Burt e Burt, *Transact. Acad. Sc. St. Louis*, 28 (1,2), p. 41.

Descrição: Corpo delgado, um tanto comprimido; focinho pontudo, mais do que em *Polychrus m. marmoratus*; narinas grandes, situadas mais ou menos na metade entre o olho e o focinho; abertura ocular pequena, estreita; escudos supracefálicos lisos, fracamente granulados ou um tanto rugosos, muito maiores no focinho; escamas do semicírculo supraorbital grandes, regulares; escamas supraoculares pequenas; pálpebras com pequenas escamas granulares; 9 escamas supralabiais grandes; rostral triangular; sinfisa grande com uma fenda posteriormente; 7 infralabiais grandes; escamas gulares lisas, alongadas, menores do que as ventrais, formando séries longitudinais separadas por grânulos na bolsa gular; não há denticulação na bolsa gular; escamas do corpo unicarenadas, muito fracamente no dorso e lados, distintamente no ventre; escamas da nuca romboidais; escamas maiores nos flancos; menores na parte mediana do dorso; membros locomotores curtos; 9 a 13 póros femorais de cada lado, variáveis; cauda longa, afilada, revestida com escamas fortemente carenadas; as que envolvem as pernas, fracamente carenadas.

Coloração: Esta pode ser bastante variável, mostrando contudo normalmente uma coloração olivácea na parte superior, uniformemente ou com faixas escuras angulares cruzadas irregularmente pelo corpo; linhas escuras irradiando do olho pelo lado do pescoço até o antebraço, sendo uma superior e outra inferior passando através o tímpano; garganta e barriga esbranquiçadas; cauda com grandes manchas escuras intercaladas. Note-se que esta coloração pode às vezes apresentar-se mais clara ou esmaecida, passando então ao tom marmóreo. São lagartos que apresentam forte mudança de cor, e por isso mesmo adquirem-na ou perdem-na com muita facilidade.

Mensurações: Medidas tomadas no maior exemplar da coleção, registrado sob o número 580:

Comprimento total 300 mm.	Cabeça 22 mm.
Membro posterior 40 mm.	Largura da cabeça	... 13 mm.
Corpo 95 mm.	Cauda 205 mm.

Coleção: 4 espécimens guardados na coleção do Museu: n.º 16, procedente da Serra do Cachimbo, sul do Estado do Pará, col. por J. Hidasí, 1958; ns. 579 e 580, de Aragarças, Goiás, col. por J. Hidasí, 1958; n.º 625, lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, col. por O. Cunha, 1953 (jóven).

Nome vulgar: Camaleão pequeno e Pápa-vento.

Distribuição: Ocorre provavelmente ao sul do rio Amazonas, estendendo-se por todo o resto do Brasil, e rompendo os limites da Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Observações: Afrânio do Amaral não arrolou esta raça como habitante do Vale Amazônico, nem provavelmente outro qualquer autor. Esta subespécie é hoje considerada uma variação geográfica da espécie típica *marmoratus*. Em vista dos factos, decidimos e preferimos considerá-la como uma raça geográfica típica de uma região ou uma área maior, o mesmo sucedendo com a outra *Polychrus m. marmoratus*, ocupando uma imensa área. Burt e Burt, em 1931, consideraram ambas formas como espécies distintas, embora o fazendo já com certas dúvidas, realçadas pelos factos e análises cuidadosas. Mais tarde, em 1933, os respectivos autores decidiram admitir as duas formas como raças geográficas distintas, possuindo esta caracteres subespecíficos da forma típica.

Constituem lagartos de vistosa roupagem, esbeltos, grandes, com hábitos unicamente arborícolas. Possuem em alto grau a natural mudança de cor de acôrdo com o ambiente e as necessidades.

POLYCHRUS MARMORATUS MARMORATUS (Linnaeus)

1758 — *Lacerta marmorata* Linnaeus, *Systema Naturae*, X, p. 208 (*localidade tipo*, "Hispania").

1933 — *Polichrus marmoratus* Burt e Burt, *Transact. Acad. Sc. St. Louis*, 28 (1,2), p. 41.

Descrição: Corpo mais ou menos delgado; focinho obtusamente pontudo; narinas situadas mais ou menos entre aquêlo e o olho; abertura ocular pequena, menor que o tímpano; escudos supracefálicos lisos, estriados, rugosos ou fracamente granulados, muito grandes para o lado do focinho; escamas do semicírculo supraorbital regulares, grandes; escamas supraoculares pequenas; pálpebras superior e inferior revestidas de escamas granulares; 6 escamas supralabiais; rostral largo, estreitado em sentido ho-

rizontal; sinfisal subtriangular, com uma ferda posteriormente; 7 infralabiais; escamas gulares lisas ou fracamente carenadas, menores do que as ventrais, separadas por grânulos na bolsa gular; nítida crista denticulada mediana, ao longo, logo abaixo do mento pela garganta; escamas que revestem o corpo unicarenadas, justapostas nos flancos, porém um pouco maiores e imbricadas no ventre e na região dorsal mediana; membros locomotores moderadamente alongados; cauda longa com escamas carenadas e imbricadas; 9 a 11 póros femorais de cada lado, podendo às vèzes estarem ausentes.

Coloração: Pode ser extremamente variável de indivíduo para indivíduo, e ocasionado principalmente pelo mimetismo intenso que êles apresentam. De modo geral a coloração fundamental é verde ou esverdeada, com reflexos metálicos no dorso e lados; encontram-se manchas escuras, pardas ou azuladas variáveis; sutura entre os escudos cefálicos escuros; duas faixas irradiando do olho, sendo uma dirigida para o ângulo da boca, e a superior para cima do tímpano; região ventral pálido, marmóreo, uniforme ou salpicado de pontos pardos. Quando conservado em álcool, a cor modifica totalmente, passando o dorso e lados a pardo avermelhado.

Mensurações: Foram feitas as seguintes de um macho adulto e maior:

Comprimento total 405 mm.	Cabeça 27 mm.
Membro posterior 62 mm.	Largura da cabeça	... 17 mm.
Cauda 295 mm.	Corpo 110 mm.

Coleção: Registramos os seguintes 4 espécimens na coleção do Museu: n.º 2, coletado no parque do Museu, em 1955; n.º 15, cidade Inhangapí, rio Inhangapí, afluente do Guamá, Pará, 1956; n.º 626, matas de Utinga, arredores de Belém, Pará, col. O. Cunha, 1951; n.º 715, estrada Belém-Brasília, km. 75, Pará, col. J. Hidasí, 1959.

Nome vulgar: Camaleão pequeno, Camaleão verde, Pápa-vento, Lagarto, etc.

Distribuição: Habitante de toda a província Amazônica, onde é um tanto comum, constitui aí uma forma bastante típica, também de ocorrência em outras partes do Brasil, talvez até o sul (e ainda nas Guianas, Venezuela, Colômbia e ilha de Trinidad).

Observações: Este lacertílio é um dos mais típicos de toda a Amazônia, distinguindo-se facilmente de todos os outros componentes da família *Iguanidae*. Caracteres subespecíficos importantes e distintos, o diferenciam da raça estudada anteriormente.

Conforme acentuam Burt e Burt, esta raça parece aproximar-se bastante de uma outra espécie que ocorre na Colômbia e nas regiões mais orientais da Amazônia, *Polychrus spurrelli* Boulenger. Como não temos material desta espécie, nada podemos acrescentar, além do que esclarecem aqueles citados autores: "In fact, it appears that a complete intergradation between the two populations occurs. The gular denticulation varies in typical *marmoratus*, and it is evidently present, in an incomplete state at least, in most Colombian specimens of *spurrelli*. Thus, it is evident that *spurrelli* will be ultimately recognized as no more than a subspecies of *marmoratus*". Por falta de mais copiosa bibliografia, não temos no momento a situação exata do *status* desta forma. Sabemos contudo, segundo Dunn, que ela é considerada uma raça de *Polychrus guttuosus*, confinada unicamente às regiões mais ocidentais da Colômbia, no vale do rio Magdalena. Está dividida justamente em duas raças: *P. g. guttuosus* e *P. g. spurrelli*.

O peculiar *P. m. marmoratus*, são lacertílios por excelência arborícolas, vivendo trepados aos galhos mais altos de pequenas árvores e arbustos. São quietos e dóceis podendo com facilidade serem capturados. Possuem acentuado mimetismo, cambiando constantemente de cor, quando mudam de lugar.

POLYCHRUS GUTTUOSUS SPURRELLI Boulenger

1914 — *Polychrus spurrelli* Boulenger, *Proc. Zool. Soc. London*, p. 814, figs. 3. 3a (localidade tipo. Peño Lisa, Chocó de Colômbia).

Coleção: Não representado na coleção do Museu.

Distribuição: Partes da Alta Amazônia, incluindo a bacia do Rio Negro, e partes da Colômbia, onde parece ser típico.

Observações: Desconhecemos pelo menos até agora, qualquer outra referência além da que fazem os autores Burt e Burt (1931). Eles consideram esta forma como espécie distinta, e referem um exemplar procedente de Manaus, depositado no Museu Americano de N. York. Outros espécimens foram coletados na Colômbia. Ainda não temos certeza da ocorrência deste lacertílio na Amazônia brasileira. Uma coleta de material na região indicada aclararia definitivamente a questão.

Gênero IGUANA Laurentius

1768 — *Syn. Rept.*, 47.

O maior dos lacertílios Amazônicos, forma peculiaríssima que deu nome à família, apresenta enorme distribuição

no Novo Continente. Ocorre desde o México, tôda a América Central, as Antilhas menores, e a maior parte da América do Sul, onde é bastante comum. É um lagarto típico das regiões de florestas úmidas e clima quente do equador e trópicos. Vivem geralmente trepados às árvores que marginam rios e igarapés, atirando-se água ao serem perseguidos, nadando e mergulhando muito bem. Distinguem-se da maioria dos outros lagartos, pelo tipo de alimentação, que é constituído principalmente de tenras folhas de vegetais. Contudo às vèzes podem engulir pequenos mamíferos e aves. Costumam procurar também frutas e certos insetos, raramente.

Os machos podem normalmente alcançar grande porte, incluindo a cauda que é longa. Possuem bela roupagem de coloração fundamental verde vivo azulado ou mais claro. Apresentam forte mimetismo, com mudança em alto grau.

Conhecem-se raças geográficas de ampla distribuição, (segundo W. Beebe, 1944, 4, p. 196). Sòmente uma subespécie típica é encontrada habitando a Amazônia, sendo que as outras formas são da América Central e ilhas Antilhanas. A raça Amazônica está bem representada na coleção do Museu.

Diagnose: Tímpanos distintos; corpo comprimido com nítida crista dorsal; escamas dorsais pequenas; escudos supracefálicos grandes; uma dobra transversa gular, e uma grande bolsa gular dilatável; dedos comprimidos, com lamelas carenadas inferiormente; longa série de póros femorais presentes em ambos sexos; cauda longa, comprimida; quarto dedo muito maior do que o terceiro.

IGUANA IGUANA IGUANA (Linnaeus)

1758 — *Lacerta iguana* Linnaeus, *Systema Naturae*, X. p. 206 (localidade tipo, "Índias").

1944 — *Iguana iguana iguana* Beebe, *Zoológica*, vol. XXIX, part. 4, ns. 16/19, p. 201.

1944 — *Iguana iguana iguana* Dunn, *Caldasia*, vol. 3, n.º 11, p. 90.

Descrição: Corpo volumoso, comprimido; escudos supracefálicos grandes, um tanto regulares; cabeça moderadamente grande, porém rela-

tivamente pequena para o corpo; focinho arredondado com o canto rostral obtuso; narinas um tanto grandes, situadas próximas à ponta do focinho; escudos cefálicos lisos, variáveis no tamanho, grandes na parte anterior e entre as órbitas; rostral muito grande, com pequenas escamas em seu redor, entre as narinas; a série de interorbitais tanto podem estar em contacto, como separadas; escamas supraoculares pequenas e numerosas; escudo occipital não muito grande; numerosos e pequenos tubérculos occipitais; tímpano grande, oval, 10 a 12 supralabiais e outro tanto de infralabiais; mental pequena, muito menor que o rostral; o bordo mais anterior do apêndice gular, com uma desenvolvida crista de grandes escamas triangulares comprimidas; escamas gulares muito pequenas na bolsa gular, são maiores e em várias fileiras nos lados, próximo às labiais aumentando de tamanho até um grande escudo circular situado abaixo do tímpano; notável crista contínua dorso-nucal, composta de lobos falciformes, variando contudo o tamanho consideravelmente; êstes são muito desenvolvidos nos machos adultos; escamas dorsais muito pequenas, subimbricadas, iguais e carenadas; pescôço com grandes tubérculos cônicos ou obtusamente carenados; escamas ventrais pequenas, porém maiores do que as dorsais, lisas ou indistintamente carenadas; membros locomotores fortes e desenvolvidos, dígitos longos e delgados, terminados em fortes unhas recurvadas; cerca de 18 póros femorais, ou menos de cada lado; cauda longa e fortemente comprimida, com uma crista serrilhada acima, revestida com escamas uniformes carenadas.

Coloração: Pode ser muito variável, apresentando contudo fundamentalmente uma coloração verde, esverdeada ou cinza verde em cima, porém mais claro nos flancos para o ventre; superfície superior uniforme ou salpicado ou então variado com tom mais escuro ou mais claro; alto da cabeça oliváceo; o grande escudo circular abaixo do tímpano, de um verde pálido, marginado de negro; geralmente barras verticais onduladas, escuras de bordo mais claro, para os flancos; cauda com aneis escuros mais ou menos distintos; usualmente uma faixa esbranquiçada adiante do braço; superfície ventral verde pálido na parte mais central, porém mais oliváceo para os lados.

Mensurações: Estas foram tomadas em um indivíduo maior, macho, adulto, com o n.º 713:

Comprimento total ...	1.125 mm.	Cabeça	65 mm.
Membro posterior	220 mm.	Largura da cabeça .	40 mm.
Cauda	722 mm.	Corpo	300 mm.

Coleção: Alguns exemplares assim distribuídos: n.º 713, proveniente do Seringal Oriente, rio Juruá, 12 km. abaixo de Vila Taumaturgo, Território do Acre, col. F. Novais, 1956; n.º 608, jovem, Aragarças, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; n.º 38, jovem, Barra do Garças, Mato Grosso, col. J. Hidasi, 1958; n.º 57, jovem, Amapá, Território do Amapá, col. J. Hidasi, 1958; n.º 710, jovem, lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; n.º 605 (cabeça), Aragarças, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; n.º 606, Serra do Cachimbo, sul do Estado do Pará, col. J. Hidasi, 1958; n.º 711, Amapá, Território do Amapá, col. J. Hidasi, 1958; n.º 712, matas de Utinga, arredores de Belém, Pará, 1957.

Nome vulgar: É conhecido geralmente com o impróprio nome de Camaleão, de Camaleão grande, Cambaleão (corruptela), Preguiça, etc. Os indígenas denominavam-nos de Tegibú ou Tigibú, e também por Sinimbú ou Senimbú. Os indígenas das Guianas tinham o nome de Iguana ou Kuana para êste sáurio. Hoje em dia Iguana ou Sinimbú, são geralmente os termos usados pelos eruditos e especialistas.

Distribuição: Raça geográfica muito comum e disseminada desde Costa Rica, tôda a Amazônia, nordeste e centro até a Bahia, Guianas, Venezuela, Colômbia, Equador, Índias ocidentais, e ilhas Virgens, Trindade e Sotavento.

Observações: Segundo Dunn, esta raça, habita várias regiões desde o nível do mar até uns 1.000 metros de altitude. Vivem de preferência nas grandes florestas úmidas de clima quente, sempre trepados às árvores que bordejam rios, igarapés e qualquer outro curso d'água. De quando em vez descem ao solo para efetuarem o conclave sexual, e onde naturalmente se desenrolam lutas entre os machos, para a posse efêmera da fêmea. Esta na ocasião da desova retorna ao solo para depositar os ovos, em local adequado para a eclosão dos filhotes. Geralmente a fêmea deposita muitos ovos de cada vez.

Quando trepados no emaranhado verdejante do arvorêdo, mantêm-se sempre em constante proteção, devido à coloração cambiante que possuem em grau bem elevado. Na Amazônia é um dos répteis mais perseguidos pelo cabôclo caçador de iguarias. É por êles muito apreciada a sua carne, bem como costumam aproveitar o seu couro, curtí-lo e vendê-lo às casas que confeccionam sapatos, cintos e outros adôrnos pessoais.

DIVISÃO AUTARCHOGLOSSA

1830 — *Wagler, Nat. Syst. Amphibien, p. 152.*

Encontramos nesta grande divisão, lacertílios largamente espalhados por quase tôdas as partes do mundo, com-

preendendo ao todo 16 famílias, onde deparamos formas cosmopolitas. Tódos êstes lagartos são dotados de músculo *rectus superficialis*, o qual tem função direta para a locomoção, isto é, movem-se arrastando-se no solo, já que algumas formas carecem parcial ou totalmente de patas. São portanto, essencialmente terrícolas, desconhecendo-se lacertílios por excelência arborícolas.

Caracterizam-se principalmente por possuírem menos de 4, e usualmente apenas 2 fileiras de escamas ventrais para cada segmento do corpo; escamas quando imbricadas, apresentam estreita margem livre e firmemente aderidas à pele; *patella ulnaris* raramente óssea; língua desenvolvida, tanto quanto os *Ascalabota*. Não possuem lamelas digitais ou caudais, nem cauda preensil, nem corpo excessivamente achatado ou comprimido. Por outro lado 10 famílias desta divisão, compreendem formas sem membros ou quase ápodas, adaptadas à vida subterrânea. Muitos dêstes últimos tipos possuem uma capa dérmica cobrindo o olho e ouvidos atrofiados ou obsoletos. Nêles a cauda é sempre curta, ao contrário das outras formas que é geralmente longa e afilada.

Algumas de suas famílias componentes se acham bem representadas na província zoogeográfica Amazônica. Aí encontramos uma família tipicamente sul-americana, e duas cosmopolitas, estas com escassos representantes.

SECÇÃO SCINCOMORPHA

1923 — *Camp. Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 48, p. 286.

Aqui se incluem formas distribuídas por tódos os continentes. À ela pertencem 9 famílias, a maioria das quais se encontram na Ásia, África e Europa. Na América do Sul como também na Amazônia, ocorrem apenas 3, sendo uma própria dêsse continente e as duas restantes de ampla distribuição.

Tódas três famílias encerram formas altamente degradadas, de hábitos subterrâneos e vida reclusiva. Ao contrário dêstes, aí encontramos lacertílios bastante desenvolvidos e adaptados à uma vida na superfície do solo mais evoluída.

Família SCINCIDAE

1825 — *Gray, Ann. Phil.* (2), x.

Os membros desta família estão amplamente disseminados por tódos os continentes, encerrando numerosos gêneros e muitíssimas espécies. Alguns de seus componentes são encontrados mesmo vivendo em ilhas oceânicas longínquas. Contudo, nas Américas o seu desenvolvimento foi muito escasso, pois dos 32 gêneros conhecidos, somente 5 alcançaram esta parte do mundo. Dêstes apenas um ocorre na Amazônia tôda. É o gênero *Mabuya*, que apesar de cosmopolita, encerra aí poucas espécies. Provavelmente quase todos os gêneros encerram formas ovovivíparas. Existem no gênero algumas formas degeneradas ou rudimentares, ápodas, ausentes do Novo Mundo.

Gênero MABUYA Fitzinger

1826 — *Neue Classif. Rept.*, 23, 52.

A distribuição geográfica dêste gênero é muito ampla, pois está disseminado por tôda a África, ilha de Madagascar, sul da Ásia, as ilhas Malaias, e no Novo Mundo desde o México, ilhas Bahamas, América Central e do Sul até Argentina e Chile, bem como na ilha Fernando de Noronha.

Engloba cêrca de 70 espécies em tôdo o mundo, das quais apenas 11 habitam as Américas. Conhecem-se na Amazônia umas 4 espécies, sendo quase tôdas aí peculiares. Constituem lagartos ágeis, apresentando hábitos terrícolas e trepadores. Preferem os lugares ensolarados aos de perene

penumbra. Possuem uma escamação característica, lisa e imbricada. Lagartos de tamanho médio e coloração geral escura viva.

Parece que todos os representantes do gênero, são ovovivíparos, cuja gestação ou desenvolvimento dos filhotes se completa no oviduto da fêmea.

Diagnose: Narinas situadas numa simples nasal; supranasais presentes; prefrontais e frontoparietais presentes; interparietal simples ou duplo, sempre distinto, contudo às vezes em coalescência com os parietais; pálpebras móveis; ouvido distinto, com o tímpano mais ou menos profundo; membros bem desenvolvidos, pentadáctilos; dedos subcilíndricos ou comprimidos, com lamelas transversas inferiormente.

MABUYA NIGROPALMATA (Andersson)

1918 — *Mabuia nigropalmata Andersson, Arkiv f. Zool., XI, n.º 16, p. 8 (localidade tipo, rio Curuca, tributário do Javari, Amazonas, Brasil, e San Fermín, Bolívia).*

1931 — *Mabuya nigropalmata Burt e Burt, Bull. Amer. Mus. Nat. Hist. LXI, p. 302.*

Coleção: Espécie não representada na coleção do Museu Goeldi.

Distribuição: Forma típica da Amazônia, mas ocorrendo na Bolívia, Venezuela e provavelmente Guianas.

Observações: Segundo acentuam Burt e Burt, esta espécie é muito próxima de *M. frenata* (Cope), concordando ambas em possuírem um escudo frontoparietal simples. Este é um característico único, amplamente distinto em ambas formas. Grande material desta espécie elucidaria a dúvida em questão.

MABUYA MABOUYA MABOUYA (Lacépède)

1788 — *Lacerta mabouya Lacépède, Hist. Nat. Quadr. Ovip., vol. 2, p. 378, tab. 24 (pro parte) (localidade tipo, Antilhas).*

1935 — *Mabuya mabouya mabouya Dunn, Proc. Acad. Nat. Sci. Phila., 87, p. 544.*

Descrição: Focinho curto, obtuso; um postnasal; loreal anterior ligeiramente em contacto com a primeira labial; supranasais (ou internasais) em contacto atrás do rostral ou ligeiramente separado; frontonasal mais largo do que longo, geralmente em contacto com o ângulo anterior truncado do frontal; este maior ou um pouco mais curto do que os frontoparietais e interparietal, sendo aquêles em contacto com a segunda supra-

ocular somente; prefrontais raramente formando sutura mediana; 4 supraoculares, segunda muito maior; 4 ou 5 supraciliares, segunda maior; 2 frontoparietais de mesma altura que o interparietal; parietais em contacto atrás deste último; 1 par de nucais; geralmente 5 supralabiais, anteriores a subocular, que é grande; abertura auricular arredondada, menor que a abertura ocular, sem lóbulos salientes; escamas dorsais lisas, estriadas ou tricarínadas; cerca de 28 a 34 escamas no meio em volta do corpo; laterais ligeiramente menores; lamelas subdigitais lisas; cauda longa, maior que o corpo e cabeça; escamas ventrais idênticas às do corpo; pálpebra inferior inteira, com disco transparente.

Coloração: Geralmente oliváceo ou bronzeado em cima, com algumas manchas pardo escuras, pequenas; usualmente uma faixa larga nítida pardo escuro, passando através o olho e se estendendo à base da cauda, marginada inferiormente e algumas vezes superiormente, por uma estria clara; superfície ventral amarelada ou azulada.

Mesmo encontrando-se certas modificações na coloração, esta se apresenta fundamentalmente em todos os espécimens quasi sempre com a mesma tonalidade. Nalguns exemplares do Javari, ela é mais clara, enquanto noutros mostra-se bem mais escura. Nos primeiros notam-se perfeitamente no dorso manchas pardas, dispostas na extremidade das escamas. O dimorfismo sexual, pequeno, aparentemente visível pode ser percebido, principalmente quanto à coloração que se modifica algo. Nos machos ela é mais viva, acentuada, mais escura, inclusive na região ventral. Ao contrário nas fêmeas o ventre é quasi totalmente branco ou ligeiramente amarelado. Nelas é nítida a faixa pardo escura lateral, bem como a estria que a margina inferiormente é bem mais clara.

Mensurações: Dimensões tomadas no maior exemplar da coleção:

Comprimento total 235 mm.	Cabeça 22 mm.
Membro posterior 35 mm.	Largura da cabeça 19 mm.
Cauda 146 mm.	Corpo 89 mm.

Coleção: Possui no momento o Museu os seguintes espécimens: n.º 36, Igarapé Murutucú, terras do Instituto Agrônomo do Norte, Belém, Pará, col. C. Carvalho, 1956; n.º 500, Aragarças, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; n.º 676, Belém, Pará (fêmea com 5 filhotes no ventre), col. O. Cunha, 1954; ns. 677, 678 e 679 (fêmea com 1 filhote), Belém, Pará, col. O. Cunha, 1953; ns. 680, 681 e 682, lugar Mangabeira, rio Tocantins, abaixo de Baião, Pará, col. O. Cunha, 1953; exemplares, coletados no alto rio Maracá, Território do Amapá; ns. 806, 807, 808, 809, 810 e 811, col. M. Moreira, 1959; Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Amazonas, numerosos exemplares assim catalogados: ns. 856, 857, 858,

859, (860, 861 j6vens), t6dos machos; 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872 e 873, f6meas adultas, col. J. Hidasi, 1959.

Nome vulgar: No Par6, 6le 6 conhecido com o nome peculiar de Lagarto cobra. 6 chamado tamb6m, mais raramente, de V6bora e Briba.

Distribui66o: Ra6a geogr6fica muito comum e apresentando ampla ocorr6ncia desde a Am6rica Central, todo o norte da Am6rica do Sul, at6 S6o Paulo e Mato Grosso, no Brasil.

Observa66es: Na Amaz6nia esta subesp6cie 6 a mais peculiar e vulgar do g6nero *Mabuya*, sendo encontrada quase em t6da parte. 6les possuem h6bitos terrestres, mas andam sempre trepados em p6us e troncos das 6rvores das matas, ou em cercados e sebes revestidos de vegeta66o. Em geral, preferem os lugares ensolarados. Aparecem 6s v6zes pr6ximo 6s habita666es humanas. Belo colorido vivo, met6lico iridiscente quando exposto 6 luz solar. S6o observadamente ovoviv6paros.

Sua posi66o sistem6tica tem sido atrav6s do tempo arranjada erroneamente, segundo nos parece. Decerto o seu nome cient6fico 6 o que adotamos n6ste trabalho. Lac6p6de deve ter a prioridade no caso, pois 6 mais antigo que Raddi, que o determinou muito depois, em 1823. Lac6p6de descreveu 6ste lagarto em sua c6lebre obra "Histoire Naturelle", publicada em 1788, primeira edi66o.

Estudando os exemplares da cole66o, tivemos ocasi6o de observar que esta ra6a mostra vis6veis varia66es de indiv6duo para indiv6duo, com dimorfismo sexual. H6 varia66es na colora66o, e em indiv6duos geogr6ficamente afastados. Esta varia66o ocorre principalmente na disposi66o dos escudos cef6licos. Variam consideravelmente nos indiv6duos provenientes da 6rea onde tamb6m ocorre a esp6cie *Mabuya frenata* (Cope), justamente zona de transi66o ou limite m6ximo da presen6a de ambas. Uma outra ra6a ocorre do Panam6 at6 o M6xico, um tanto aproximada.

MABUYA GUAPORICOLA Dunn.

1936 — *Mabuya guaporicola* Dunn, *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.*, 87, p. 549, (*localidade tipo, Guapor6, Mato Grosso ocktental*).

Cole66o: N6o representado na cole66o.

Distribui66o: N6o conhecemos a 6rea de sua ocorr6ncia, al6m daquela que 6 citada para a localidade tipo.

MABUYA FRENATA (Cope).

1862 — *Emoea frenata* Cope, *Proc. Nat. Sci. Philad.*, p. 187. (*localidade tipo, Vale do Rio Paraguai, Paraguai*).

1931 — *Mabuya frenata* Burt e Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, LXI, p. 301.

Descri66o: Focinho moderado, obtuso; um postnasal; loreal anterior muito ligeiramente em contacto com a primeira labial; suprnasais em contacto atr6s do rostral; 6ste 6 grande e estreitado; frontonasal mais largo que longo, em contacto com o 6ngulo anterior truncado do frontal, que 6 t6o grande ou maior que o interparietal, em contacto s6mente com a segunda supraocular; 4 supraoculares, segunda muito maior; 5 ou 6 supra-ciliares; frontoparietal 6nico; parietais em contacto atr6s do interparietal; geralmente 1 par de nucais, grandes, estreitos; normalmente 5 supralabiais, anteriores 6 subocular, que 6 grande; p6lpebra inferior inteira, com um disco transparente; abertura auricular mais ou menos triangular, sem l6bulos salientes; 6scamas lisas, c6rca de 30 a 32 em volta do corpo, no meio; as laterais menores ligeiramente; lamelas subdigitais lisas; cauda ligeiramente maior do que a cab66a e corpo; 6scamas ventrais id6nticas 6s do dorso.

Colora66o: Pardacento em cima, com pequenas manchas mais escuras e mais claras, irregulares; ou com uma dupla s6rie de manchas escuras formando um par de faixas vertebrais; uma larga faixa pardo escura lateral, marginada inferiormente por uma estreita faixa mais ou menos distinta, come6ando do nariz e passando atrav6s do 6lho; superf6cie ventral esbranqui6ada, com linhas longitudinais azuladas mais ou menos n6tidas, correspondendo 6 borda lateral das 6scamas.

Mensura66es: Exemplares com cauda danificada:

Comprimento do corpo ...	69 mm.	Cab66a	15 mm.
Membro posterior	26 mm.	Largura da cab66a	11 mm.

Cole66o: Apenas 2 esp6cimens est6o registrados com a seguinte origem: n.6 589, Aragar6as, Goi6s, col. J. Hidasi, 1958; n.6 37, Goi6nia, Goi6s, col. J. Hidasi, 1958.

Distribui66o: Esp6cie t6pica do centro e sudeste do Brasil, atrav6s a Boi6via, Paraguai e Argentina at6 Patag6nia.

Observa66es: Esta forma n6o 6 comum 6 Amaz6nia. Ela apenas penetra nos seus limites mais meridionais, na 6rea de transi66o com o planalto elevado do Brasil Central, integrando-se com a ra6a *Mabuya m. mabouya*.

Nos exemplares do Museu est6o bem presentes, o caracter6stico principal da esp6cie, isto 6, o frontoparietal formando um 6nico 6scudo. Esta forma 6 muito aliada a *Mabuya nigropalmata*, por apresentar tamb6m aquele caracter, embora esta habite as matas 6midas do Vale Amaz6nico.

Família TEIIDAE

1827 — *Gray, Phil. Mag.* (2), ii.

Família de Lacertílios por excelência sul-americana, encerrando numerosíssimos gêneros, quase todos largamente espalhados por êste continente. Compreende cêrca de 40 gêneros e consideráveis espécies. Por isso mesmo é a mais representativa de tôdas. Alguns poucos gêneros alcançam a América Central, dos quais 3 ocorrem no México e apenas um (*Cnemidophorus*) chega até à parte sul dos Estados Unidos.

Nesta mais importante família americana, estão compreendidas numerosíssimas espécies de sáurios altamente evoluídos, e adaptados à vida terrestre exclusivamente. Desconhece-se qualquer forma arborícola. Por outro lado, encerra lagartos profundamente degradados, apresentando membros locomotores atrofiados ou totalmenae ausentes. São formas de vida subterrânea, com aspecto serpentiforme.

Em geral os membros desta família se caracterizam por possuírem língua não carnosa, mas achatada, mais ou menos alongada, extensível e bifurcada; os escudos cefálicos são sempre livres da ossificação craneana, carater próprio que separa formalmente esta família de *Lacertidae* do Velho Mundo; as pernas podem ser desenvolvidas, rudimentares ou ausentes; músculo *rectus lateralis* intimamente ligado com as escamas ventrais; estas geralmente apresentam-se quadradas, imbricadas e às vêzes não; as escamas dorsais são granulares ou imbricadas. Póros femorais presentes. Os escudos cefálicos são grandes e regulares; os olhos de tamanho moderado, normais; pálpebras desenvolvidas; cauda longa, circular ou comprimida. Coloração geralmente viva, matizada e às vêzes com reflexos e tons metálicos. Nota-se certo mimetismo determinado na maioria das formas.

São todos essencialmente carnívoros, variando o alimento desde os sáurios pequenos até os de grande porte. Provavelmente tôdas as espécies são ovíparas.

Na província Amazônica zoogeográfica, a família *Teiidae* apresenta formas próprias e peculiares, compreendendo no momento cêrca de 18 gêneros e umas 30 espécies e raças, dos quais representados na coleção sòmente 13 gêneros e 18 formas.

Chave dos gêneros Amazônicos da família Teiidae *

- I. Escudo nasal anterior não separado pelo frontonasal; membros locomotores bem desenvolvidos.
 - A. Porção escamada da língua não muito alargada e fracamente emarginada posteriormente ou não, frequentemente retrátil dentro de um estôjo basal.
 1. Placas ventrais pequenas, formando mais do que 20 séries longitudinais.

Cauda fracamente comprimida ou não; escamas dorsais pequenas uniformes, entremeadas com grânulos	<i>Tupinambis</i> .
Cauda fortemente comprimida, com uma dupla carena longitudinal em cima; escamas dorsais entremeadas com grandes tubérculos carenados	<i>Dracaena</i> .
 2. Placas ventrais grandes, formando menos do que 20 séries longitudinais.

Escamas ventrais carenadas, póros femorais presentes	<i>Kentropyx</i> .
Escamas ventrais lisas; dorsais pequenas; póros femorais presentes	<i>Ameiva</i> .
 - B. Porção escamada da língua setiforme, bifurcada e não retrátil posteriormente.
 1. Cauda cilíndrica.

Escudos cefálicos grandes, regulares; escamas ventrais em filas longitudinais de menos de 20.	<i>Cnemidophorus</i> .
--	------------------------
 2. Cauda fortemente comprimida, bicarinada.

Escamas dorsais pequenas, uniformes, póros femorais presentes	<i>Crocodilurus</i> .
---	-----------------------
- II. Placas nasais largamente separadas por um ou dois frontonasais; pentadáctilos e providos de unhas.
 - A. Prefrontais presentes.
 1. Cauda comprimida, com uma dupla crista denticulada.

Escamas dorsais compostas de outras pequenas entremeadas com escamas grandes carenadas	<i>Neusticurus</i> .
--	----------------------

* Baseada em Boulenger com adaptações.

2. Cauda arredondada ou ciclotetragonal.

X. Escamas dorsais fortemente carenadas.

- x. Escamas dorsais arrançadas em séries transversas e oblíquas.

Escamas ventrais iguais às dorsais, carenadas, e fortemente imbricadas *Leposoma*.

Escamas ventrais carenadas ou lisas; dorsais fortemente imbricadas *Alopoglossus*.

- xx. Escamas dorsais formando unicamente séries transversas.

Escamas dorsais e laterais proporcionais, imbricadas; ventrais lisas *Arthrosaura*.

- xxx. Escamas dorsais formando séries transversas e longidinais.

Escamas laterais pequenas, irregulares *Cercosaura*.

Escamas dorsais não formando séries ininterruptas em volta do corpo; uma série contínua de póros femorais e preanais *Placosoma*.

Escamas não formando anéis ininterruptos, sendo as laterais muito menores; prega collar forte; machos com póros femorais *Euspondylus*.

III. Narinas situadas entre o escudo nasal e a primeira labial; abertura auricular ausente.

A. Dêdos rudimentares ou ausentes.

Dêdos, se distintos (1 ou 2), sem unhas; um frontonasal; prefrontais ausentes *Bachia*.

IV. Placas nasais largamente separadas por um frontonasal; ouvido exposto; dêdo interno, se distinto, faltando unha.

A. Pálpebras desenvolvidas.

Tôdas as escamas arredondadas, imbricadas, duas séries medianas dorsais e duas ventrais fortemente aumentadas, transversalmente, quatro laterais pequenas *Iphisa*.

Tôdas as escamas do corpo lisas, imbricadas, subiguais; poucos póros femorais. *Calliscincopus*?

B. Não há pálpebras; escamas cicloides, quincunciais, lisas ou fracamente carenadas e imbricadas.

Prefrontais ausentes; frontoparietais presentes; com póros femorais *Micrablepharus*.

Prefrontais presentes; frontoparietais ausentes; machos com póros femorais *Gymnophthalmus*.

*

Gênero TUPINAMBIS Daudin

1802 — *Hist. Nat. Rept.* 3,5.

É este gênero um dos mais característicos da família, e mesmo entre tôdos os que ocorrem na Amazônia. Apresenta grande distribuição por tôdo o Vale do Amazonas, ocorrendo também nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú, Bolívia, Paraguai, Argentina, tôdo o resto do Brasil, e ilha de Trinidad. Compreende atualmente 4 grandes espécies, das quais apenas uma habita a Amazônia.

Quase tôdas as formas são relativamente comuns, de grande porte e hábitos essencialmente terrícolas. Vida diurna, muito ativos e velozes no correr, mas quando em perigo defendem-se valente e perigosamente. São carnívoros por excelência, alimentando-se de animais vivos, principalmente sapos, rãs, vermes e insetos. Às vêzes capturam pequenos mamíferos, como ratos, e frequentemente aproximam-se dos pátios das fazendas, invadindo os galinheiros para buscar os ovos de galinha, cuja casca rompe de uma mordidela para sorver o conteúdo. A coloração é um tanto variável e de tonalidades não muito vivas.

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas; língua longa; cabeça com grandes escudos regulares; nasal anterior em contacto com seu par; narinas situadas na sutura entre os dois nasais; membros bem desenvolvidos, pentadáctilos, dêdos longos; escamas dorsais pequenas, justapostas, iguais; placas ventrais pequenas, quadrangulares, alongadas, lisas, formando séries regulares; prega collar dupla; póros femorais presentes; cauda grossa circular.

TUPINAMBIS NIGROPUNCTATUS Spix

1825 — *Tupinambis nigropunctatus Spix, Spec. Novae Lacert. Brasil., p. 18, tab. XIX, XX (localidade tipo, Brasil)*.

Descrição: Ouvido oval grande; escudos cefálicos grandes, regulares; rostral grande; nasal anterior em contacto com seu par; narinas situadas na sutura dos nasais; frontonasal grande pentagonal; um par de prefrontais; um frontal tão largo quanto comprido; um par de frontoparietais pequenos; 2 parietais grandes, e um interparietal menor e mais estreito; vários pequenos escudos occipitais; 4 ou 5 supraoculares, segunda maior; 1

loreal grande; 8 a 9 supraciliares; cêrca de 4 escudos supratemporais; uma fileira de infraorbitais separando as labiais; 6 a 8 supralabiais e 5 a 7 infra-labiais; pequenos escudos temporais; sinfusal grande; mental anterior inteira, seguida de 5 pares, primeiro par em contacto; escamas gulares pequenas, mais aumentadas na garganta; uma prega gular com escamas granulares de ouvido a ouvido; escamas dorsais pequenas, quadradas, hexagonais, ou mais compridas que largas, arrançadas em séries transversas mais ou menos regulares; nos flancos podem ser granulares e irregulares; as ventrais mais compridas que largas, bem maiores que as dorsais, com cêrca de 30 a 33 séries longitudinais transversas; póros femorais muito pequenos, com 5 ou 8 de cada lado; placas preanais pequenas, de igual tamanho que as peitorais; membros locomotores com escamas granulares em cima, no membro anterior, anteriormente, e no posterior, inferiormente com escamas aumentadas, sendo uma fileira na tibia maior que tôdas; cauda subcilíndrica, grossa, ligeiramente comprimida para a ponta, com escamas pequenas, carenadas, arrançadas em séries transversas regulares, formando anéis.

Coloração: Esta se apresenta bastante variável entre os sexos e os indivíduos jovens, podendo contudo geralmente ser escuro ou oliváceo escuro; uma faixa negra do olho ao ouvido; quase sempre uma estria verde azulada, que vai das supraoculares até a cauda; no dorso manchas negras irregulares; nos flancos manchas negras com ocelos claros e entremeados também de pontos claros; em cada escudo da cabeça grandes manchas negras, e as suturas oliváceo; ventre esbranquiçado ou salpicado de escuro.

Mensurações: Medidas tomadas no maior espécimen da coleção:

Comprimento total	755 mm.	Cabeça	55 mm.
Membro posterior	160 mm.	Largura da cabeça	43 mm.
Cauda	510 mm.	Corpo	245 mm.

Coleção: Registrados os seguintes exemplares: n.º 221, maior espécimen, Amapá, Território do Amapá, col. J. Hidasi, 1958; ns. 609 e 607 (êste somente a cabeça), Aragarças, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; n.º 226, Vale dos Sonhos, Mato Grosso, col. J. Hidasi, 1958; n.º 156, Seringal Oriente, rio Juruá, Território do Acre, col. F. Novais, 1956; n.º 155, muito jovem, mesma procedência; Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Estado do Amazonas, com os números seguintes: 892, fêmea adulta, e 893 jovem, col. J. Hidasi, 1959.

Nome vulgar: Lagarto, Lagartão, Teiú, Teiú-açu, Tejú-açu, e principalmente pelo designaço Jacuararú ou Jacruarú. Nas Guianas (principalmente Inglesa), chamam-no Tegu e Salempenta. Por "Lobo pollero", é conhecido na Colômbia.

Distribuição: Ampla distribuição geográfica pelas Guianas, Venezuela, ilha de Trinidad, Colômbia (desde a Costa del Caribe e baixo rio Magdalena, até os llanos orientais), tôda a Amazônia brasileira, até as altiplanuras do Brasil Central.

Observações: Êste grande lagarto é muito comum em tôda a área Amazônica, de costumes estritamente terrestres, vive de preferência no solo úmido recamado de folhagens no sombrio das matas. Constroem profundos buracos em galeria, onde habitam e se recolhem ao menor sinal de perigo. São ariscos e quando em perigo correm velozmente para o abrigo, ou então vendo-se acuados, geralmente por cães, defendem-se ferozmente dando seguras mordidas. Os caçadores constantemente os perseguem para comer-lhes a carne, ou tirar-lhes o couro que é muito procurado para confeccionar sapatos, bôlsas, cintos, e outras utilidades domésticas.

Carnívoros por excelência, alimentam-se de insetos, vermes, pequenas cobras, rãs, sapos e pequenos mamíferos, tais como ratos, etc. Por outro lado, às vêzes aproveitam também plantas como alimento.

Esta forma tipicamente Amazônica, distingue-se principalmente das outras espécies, por possuir apenas um grande escudo loreal, em lugar de dois, comum às outras espécies. As outras diferenças menores estão na disposição das escamas do corpo e na coloração. Por outro lado, não encontramos quase variações nos exemplares coletados em Mato Grosso e Goiás. Aquelas ocorrem notadamente na coloração.

No exemplar adulto do Javari, observamos que a sua coloração se apresenta mais ou menos como o resultante dos espécimens da coleção, mostrando contudo a seguinte disposição: pardo oliváceo escuro na parte superior do corpo, salpicado com pequenas manchas escuras, principalmente no alto e lados da cabeça; uma linha pontuada de manchas brancas, partindo do pescoço até à base da cauda, dorso-lateral de cada lado; nos flancos outra idêntica linha, passando acima dos membros anterior e posterior; inferiormente azulado esbranquiçado, com manchas escuras longitudinais.

Gênero DRACAENA Daudin

1802 — *Hist. Nat. Rept.*, 2, 421.

Gênero que compreende uma espécie típica à Bacia Amazônica, Guianas e Venezuela, alcançando ainda o planalto central do Brasil, e uma outra comum à Bacia do Paraguai, ultimamente descoberta e descrita por Afrânio do Amaral, é gênero muito próximo de Tupinambis, e como êste constituem lagartos de grande porte. Possuem hábitos terrestres e aquáticos, vivendo de preferência em locais sombrios das matas. Alimentam-se essencialmente de animais vivos, como insetos,

vermes e principalmente moluscos (caramujos, cujo corpo mole os tira da concha, quebrando-a com os dentes com muita habilidade). Costumam viver às margens baixas de igarapés e outros menores cursos d'água. A coloração em geral é escura, mais ou menos azeitonada. No momento não há nenhum representante na coleção do Museu.

DRACAENA GUIANENSIS Daudin

1802 — *Dracaena guianensis* Daudin, *Hist. Nat. de Réptiles*, II, p. 423 (localidade tipo, rio S. Francisco, Brasil.).

Coleção: Não representado na coleção.

Distribuição: Encontrado em toda a província Amazônica, partes centrais do Brasil, Venezuela e Guianas.

Nome vulgar: É conhecido como Jacuruxi, e erradamente de Jacarerana.

Observações: Espécie bastante característica dentro da família, distinguindo-se totalmente de todos os seus congêneres mais próximos. Caracteriza-se notadamente por possuir um par de nasofrontais, e 3 prefrontais pequenos seguidos de escudos menores irregulares; um frontal grande, um par de frontoparietais e 3 parietais subiguais; 4 ou 5 supraoculares; 2 ou 3 loreais; 8 ou 9 supralabiais e 11 a 13 infra; escamas dorsais pequenas, irregulares, entremeadas com tubérculos ovais grandes, fortemente carenados e arranjados irregularmente; escamas abdominais pequenas, estreitas, fracamente carenadas em 34 ou 36 séries transversas e cerca de 40 longitudinais; escamas preanais pequenas, irregulares; 4 ou 5 póros pequenos de cada lado adiante da região preanal, e 2 ou 3 em cada coxa; escamas caudais estreitas, fracamente carenadas, formando anéis; os tubérculos dorsais gradualmente se modificam para formar uma dupla crista caudal. Coloração pardo oliváceo, com algumas manchas mais claras; região ventral amarela, marmorada de negro.

Estes sáurios como o anterior, são muito perseguidos por causa de sua carne, e principalmente a pele que tem a mesma utilidade que daqueles.

Gênero KENTROPYX Spix

1825 — *Spec. Nov. Lacert. Brasil.*, 21.

Os componentes deste gênero estão largamente distribuídos por quase toda a Sul América, que compreende todo o Brasil, Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú, Equador e Pa-

raguai. Conhecem-se até o momento umas 7 espécies disseminadas, das quais 3 habitam a Amazônia brasileira, pelo menos. Aí uma delas apresenta mais ampla distribuição e ocorrência.

São lagartos por excelência terrícolas, habitando geralmente o solo recamado de folhas das matas úmidas e sombrias. São ágeis e ligeiros na fuga quando pressentem qualquer ruído.

Há espécies que apresentam certas variações individuais geográficas, e acentuado dimorfismo. Varia bastante também a coloração. Os machos de algumas espécies, apresentam fortes esporões anais. Nêstes geralmente a coloração é viva e ornamentada com manchas, pontos, faixas ou estrias mais nítidas. Expostos à luz, irradiam reflexos metálicos. A alimentação constitui-se de insetos, vermes, aranhas, etc. Estão representados na coleção do Museu 2 espécies típicas.

Diagnose: Ovívido exposto; pálpebras desenvolvidas; língua longa, retrátil na base; grandes escudos cefálicos regulares; nasal anterior em contacto com seu par; narinas situadas entre os dois nasais; membros bem desenvolvidos, pendáctilos, com as bordas serrilhadas; escamas dorsais pequenas ou grandes, justapostas ou imbricadas, usualmente carenadas; placas ventrais grandes, imbricadas, carenadas, formando séries regulares; forte prega colar, com uma fileira de grandes escamas; póros femorais presentes; cauda ciclotetragonal, com escamas grandes, imbricadas, fortemente carenadas.

KENTROPYX CALCARATUS Spix.

1825 — *Kentropyx calcaratus* Spix, *Spec. Novae Lacert, Brasil.*, p. 21 (localidade tipo, Itapicurú, província do Maranhão, Brasil).

Descrição: Escudos cefálicos grandes; nasais anterior e posterior; frontonasal grande; 2 prefrontais em contacto; frontal tão largo quanto estreito; um interparietal menor e mais largo que os parietais; 2 parietais; em alguns indivíduos, normalmente 2 occipitais pequenos; concavidade interorbital e occipital bastante acentuada em indivíduos machos adultos, bordadas por proeminente crista; 3 nítidas supraoculares; postoculares granulares; 5 supracilares, 2 posteriores granulares; rostral triangular truncada; loreal grande; 3 a 4 infraorbitais; 6 a 7 supralabiais e 5 a 6 infra; mental anterior seguida de 5 pares de postmentais, primeiro par normalmente contíguos, em parte; escamas gulares pequenas, subimbricadas, carenadas e ligeiramente aumentadas na parte mediana da garganta; às vezes

são granulares, romboidais e fracamente carenadas; placas colares grandes, formando denteação em número de 16 a 18; esta prega separada por grânulos; escamas dorsais pequenas, ligeiramente aumentada na linha mediana; estão justapostas transversalmente e carenadas; nos flancos as escamas são muito menores e granulares; temporais médias, granulares, carenadas; 14 escamas ventrais, longitudinalmente, e 33 a 35 séries transversas; placas preanais quase lisas nos machos, providos com 2 grandes placas espiniformes laterais; fêmeas com as placas carenadas; escamas da parte superior dos membros locomotores grandes, imbricadas e carenadas, inferiormente pequenas e subimbricadas; póros femorais 19 de cada lado; cauda ciclotrangular, com escamas grandes fortemente imbricadas e carenadas terminando em ponta.

Coloração: Muito variável de indivíduo para indivíduo e entre os sexos. Entretanto fundamentalmente o macho apresenta-se pardo purpúreo, verde escuro no dorso com manchas enegrecidas; garganta usualmente avermelhada; 8 ou 9 faixas transversas negras bastante interrompidas, se estendendo para baixo pelos lados do dorso superior; uma estreita linha lateral clara brilhante desde o olho até a cauda; flancos com manchas claras; região ventral salmãoceia ou olivácea, cauda mais escura. Fêmeas geralmente com uma larga faixa mediana amarelada no alto da cabeça; linhas esverdeadas se estendendo pelos lados. Nos jovens é ainda mais variável.

Mensurações: Medidas do maior indivíduo macho, de n.º 882:

Comprimento total 365 mm.	Cabeça 30 mm.
Cauda 250 mm.	Largura da cabeça	... 20 mm.

Medidas da maior fêmea:

Comprimento total 310 mm.	Compr. cabeça 28 mm.
Membro posterior 75 mm.	Largura da cabeça 15 mm.
Cauda 215 mm.	Corpo 95 mm.

Coleção: Estão registrados na coleção os seguintes exemplares: ns. 721, 722, 723 (machos), e 724 e 725 (fêmeas), provenientes da estrada Belém-Brasília, km. 75, Pará, col. J. Hidasi, 1959; ns. 695 e 694 (machos), lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; n.º 693 (fêmea), Igarapé-Miri, Pará, col. O. Cunha, 1952; n.º 43 (fêmea), sem procedência, Pará; n.º 42 (macho), coletado nos arredores de Belém, Pará; n.º 39 (macho), rio Piriá, limites com o Maranhão, Pará, col. A. Bordalo, 1952; n.º 587 (joven, macho), rio Cururú, afluente do Tapajós, Pará, col. J. Hidasi, 1958; n.º 588 (fêmea), rio Cururú, idem, idem; n.º 41, Oiapoque, rio Oiapoque, Território do Amapá, col. J. Hidasi, 1958; n.º 40 (joven macho), Ananindeua, proximidades de Belém, Pará; n.º 148 (fêmea), Goiânia, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; Estirão

do Equador, margem direita do Javari, Estado do Amazonas: 880, 881, 882 (machos); 883 e 885 (fêmeas jovens); 884, macho joven, col. J. Hidasi, 1959.

Nome vulgar: Calango ou às vezes Calangro.

Distribuição: Espalhados por toda a Bacia Amazônica, Guianas, Venezuela, Equador e Colômbia ao oriente dos Andes; habita também o nordeste brasileiro, o centro e leste entre os limites de Minas Gerais e Bahia, região costeira.

Observações: Esta espécie foi por muito tempo, motivo sério de confusões por parte de vários autores, ocasionadas principalmente pelas notáveis variações individuais geográficas. Contudo os seus característicos específicos são definidos e distintos, tornando esta forma bastante típica na Amazônia e outras áreas onde ocorre. Um dos caracteres principais é a concavidade occipital, que se torna cada vez mais acentuada nos machos velhos, e fraca ou quase ausente nas fêmeas e jovens. "De facto, escrevem Burt e Burt, algumas fêmeas bastante grandes, mostram o alto da cabeça plano, que foram descritas como *williamsoni* (por Ruthven, 1929), crendo separá-la tanto de *calcaratus* como de *pelviceps*". Esta foi descrita por Cope em 1868 como uma forma distinta, mas hoje é admitida como sinônima daquela. Por outro lado também não há grandes diferenças no número de póros em indivíduos de diferentes regiões. O dimorfismo sexual é fortemente acentuado, daí motivando a confusão na determinação de novas espécies, falha baseada quando se utiliza apenas um único exemplar.

Na coloração há modificações bastante acentuadas, diferindo quase totalmente da que se encontra no comum dos indivíduos da espécie. Nos exemplares do Javari, apresenta-se olivácea pardacento no dorso; não há linhas claras ao longo do corpo, mas em lugar delas, uma clara e larga faixa que surge na nuca dorsalmente, alargando-se cada vez mais até confundir-se com a largura da cauda; esta faixa no meio do dorso é marginada para dentro de cada lado, por desenhos festonados irregulares, que se tocam na porção sacral, formando figuras elípticas alongadas; a faixa clara está por sua vez marginada por outra larga faixa parda escura irregular nos flancos, tornando-se aí mais clara; nos machos os flancos apresentam pontos azul claro e pequenas estrias irregulares verticais de idêntica cor; região ventral claro azulada. As fêmeas apresentam normalmente a característica faixa estreita clara, dorso nual; de cada lado duas finas estrias claras dorso laterais; região ventral azul escuro com a ponta das escamas brancas.

Os machos apresentam os seguintes póros femorais: 880, 21 — 23; 881, 25 — 26; 882, 24 — 24. As fêmeas possuem apenas 18 póros femorais de cada lado.

Depois de analisarmos os exemplares desta coleção, observamos que a disposição da coloração nêles, parece assemelhar-se muito à descri-

ção da forma *Kentropyx pelviceps* Cope 1868, considerada sinônima de *K. calcaratus* Spix. Essa variação da coloração naturalmente de carácter geográfico, não implicaria na admissão de uma diferenciação subespecífica mais ou menos definida, pois tal não constitui um carácter diferenciativo. De outro modo poderiam constituir realmente formas de transição ou intermediárias, ou ainda uma variedade ou raça geográfica em fase de formação. Apesar de tudo, concluímos que não achamos caracteres importantes para que no momento possa constituir variante específica.

KENTROPYX STRIATUS (Daudin).

1802 — *Lacerta striata* Daudin, *Hist. Nat. des Réptiles*, III, p. 247 (localidade tipo, Surinam).

1931 — *Kentropyx striatus* Burt e Burt, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* LXI, p. 346.

Descrição: Escudos cefálicos idênticos aos de *K. calcaratus*; concavidade interorbital e occipital acentuada; 4 supraoculares, anterior e posterior muito pequenas; 4 supraciliares; 5 infraorbitais, terceira maior; loreal grande; 6 supralabiais e 6 infra; escudos posteriores da cabeça carenados; um escudo mental grande, seguido de 6 pares postmentais, primeiro par formando sutura; escamas gulares, anteriores granulares, e depois romboidais, imbricadas, fortemente carenadas, aumentando gradualmente para o meio; borda do colar, fortemente denticulada, composta de 12 placas grandes e fortemente carenadas; escamas nucais, granulares e fracamente carenadas; escamas dorsais medianas, muito grandes, fortemente imbricadas com carenas bem acentuadas; formam 14 linhas retas longitudinais; escamas laterais muito pequenas, subimbricadas e carenadas; placas ventrais grandes e fortemente imbricadas e carenadas, formando 14 séries longitudinais e 32 a 33 transversais; escamas superiores dos membros locomotores, grandes imbricadas e carenadas; parte inferior dos anteriores, granulares, e dos posteriores idênticas às superiores; lateralmente muito pequenas, imbricadas; 10 placas femorais; 7 póros femorais de cada lado; fêmea com placas preanais pequenas, imbricadas e carenadas.

Coloração: Oliváceo azulado no dorso e lados; 2 faixas azuladas de cada lado, que partem, uma mais larga da órbita, lateralmente pelo corpo até a cauda, e a outra da abertura auricular, paralela até a cauda; entre estas e acima, de cada lado, faixas escuras com manchas mais escuras ainda; ventre branco azulado; manchas escuras no dorso da cauda.

Mensurações: Medida de um único indivíduo:

Comprimento total 250 mm.	Cabeça 18 mm.
Membro posterior 45 mm.	Largura da cabeça 10 mm.
Cauda 183 mm.	Corpo 67 mm.

Coleção: No momento o Museu Goeldi possui somente um exemplar coletado na região do rio Oiapoque (campo), Território do Amapá, por J. Hidasí, em 1958, registrado sob o número 56.

Nome vulgar: Calango.

Distribuição: Área de ocorrência até o momento presumivelmente restrita à Amazônia, Venezuela e Guianas.

Observações: Espécie pouco comum, embora mais caracteristicamente distinta que a anterior, salienta-se principalmente por apresentar as escamas dorsais grandes, imbricadas e fortemente carenadas, e poucos póros femorais; coloração mais vistosa e mais ornamentado de estrias claras.

Quase nada sabemos de sua biologia, e seu comportamento no meio ambiente em que vive. São lagartos relativamente pequenos, e em seu "habitat" provavelmente assemelhar-se-ão aos da espécie anterior.

KENTROPYX WILLIAMSONI Ruthven. (?)

1929 — *Kentropyx williamsoni* Ruthven, *Occas. Pap. Mus. Zool. Univ. Michigan*, n.º 206 (localidade tipo, Manaus, Amazonas, Brasil).

Coleção: Espécie não representada na coleção.

Distribuição: Amazônia, desconhecendo-se sua área total de ocorrência nesta região.

Observações: Pela expedição de J. Williamson realizada à Amazônia em 1922, foram coletados 3 exemplares de lacertílios que Ruthven os identificou presumivelmente a uma nova espécie do gênero *Kentropyx*. Seria no caso uma forma tipicamente Amazônica, e que segundo aquele autor caracterizar-se-ia pela seguinte diagnose: alto da cabeça plano, sem crista; 3 supraoculares; primeiro par de postmentais parcialmente em contacto; escamas dorsais pontudas, carenadas, justapostas, não formando as carenas linhas longitudinais, carácter em ambos sexos; placas ventrais em séries longitudinais e transversais; cerca de 15 póros femorais; região preanal com escamas fracamente carenadas; um par de grandes espinhos preanais. O maior exemplar media 245 milímetros. Decerto modo acreditamos que esta espécie, seja realmente sinônima de *K. calcaratus*.

Gênero AMEIVA Meyer

1795 — *Syn. Rept.*, 27.

É um dos gêneros mais peculiares e característicos da família *Teiidae*, habitando terras do Novo Mundo. Está aí espalhado desde o México, América Central, Antilhas e quase

tôda a América do Sul até o Chile e Argentina. Compreende numerosas espécies e raças geográficas, das quais apenas uma subespécie bastante típica vive na província Amazônica e regiões limítrofes. Por muito tempo os componentes dêste gênero assentaram-se em angustiante confusão, e a validade de muitas espécies em dúvida taxonomia. Contudo, aos poucos o erro foi sendo reparado, de acôrdo com os estudos que se aprofundavam mais e mais, à base de material mais recente e mais numeroso.

Apesar de tôdo êsse insano trabalho, hoje em dia ainda perduram inúmeras dúvidas, quanto à verdadeira identificação entre espécies e raças geográficas. Assim, algumas formas que eram admitidas como distintas, foram ultimamente desdobradas ou divididas em raças mais ou menos definidas e típicas, habitando determinadas áreas geográficas. Alguns autores modernos ainda não concordam satisfatoriamente com êste *status quo*. Na Amazônia está largamente espalhada uma raça típica distinta, que de acôrdo com Burt e Burt, e outros especialistas, é já um facto bem estabelecido e em clara evidência. De nossa parte acreditamos igualmente que esta é a situação mais plausível.

Os membros dêste gênero em geral se compõem de lagartos de porte médio a grandes, de bela roupagem policrômica com reflexos metálicos. São extremamente ágeis nos movimentos e ariscos quando pressentem perigo. De hábitos essencialmente terrícolas, costumam fazer buracos no solo onde se refugiam, e depositam seus ovos. Em determinadas localidades são muito abundantes, e tanto vivem na mata como procuram também lugares relvosos ou arenosos. Apreciam a claridade e propositadamente expõem-se aos raios solares, durante as horas mais quentes do dia.

Carnívoros por excelência, alimentam-se de tudo que encontram vivo ao alcance, como insetos, larvas, vermes, aranhas, escorpiões, caramujos, etc. Há acentuado dimorfismo sexual, e profundas variações individuais, notadamente nos jovens.

Diagnose : Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas; língua longa, estreita, mais ou menos retrátil na base; grandes escudos supracefálicos, regulares; nasal anterior em contacto com seu par; narinas situadas na sutura entre os dois nasais ou anterior àquela; membros bem desenvolvidos, pentadáctilos; escamas dorsais pequenas; placas ventrais grandes, subquadrangulares, lisas, formando séries regulares; uma dupla prega colar; póros femorais; cauda longa ciclotetragonal.

AMEIVA AMEIVA AMEIVA (Linnaeus).

- 1758 — *Lacerta ameiva* Linnaeus, *Syst. Nat.*, X, p. 202 (*localidade tipo, Brasil*).
1915 — *Ameiva ameiva ameiva* Barbour e Noble, *Bull. Mus. Comparat. Zool.*, LIX, p. 462.

Descrição : Corpo longo um tanto comprimido; cabeça grande, revestida com escudos grandes, regulares; êstes escudos às vêzes são muito variáveis, deformados ou ausentes; ouvido grande arredondado; nasais em contacto; narinas situadas na sutura entre os dois nasais; frontonasal grandes, prefrontais um pouco menores que êste último, em longo contacto; frontal grande mais ou menos pentagonal; frontoparietais divididos, menores que o anterior; 5 occipitais em fila transversa, mediano menor, mais estreito, e às vêzes dividido; 6 a 7 supraciliares; 4 supraoculares, a primeira separada da loreal; as 3 posteriores separadas das supraciliares por uma fila simples de grânulos; loreal grande, inteira; 6 a 8 supralabiais grandes, e igualmente 5 a 6 infralabiais; entre estas e as mentais posteriores, uma cunha de uma fila simples de grânulos; uma mental anterior e 4 a 6 pares posteriores, primeiro par em contacto; mento e garganta cobertos com estamas granulares, sendo mais aumentados na parte posterior; na área entre as duas pregas gulares, 4 ou 5 fileiras de escamas irregulares, com as medianas maiores; escamas dorsais granulares pequenas, lisas; placas ventrais em 10 ou 12 fileiras longitudinais, as laterais externas pequenas; 2 ou 3 filar de placas braquiais, as da fileira anterior maiores e geralmente contínua com as antebraquiais; 6 a 8 fileiras de placas femorais e 3 ou 4 tibiais; póros femorais variáveis, mais ou menos 18 a 23 de cada lado; dedos fracamente serrilhados; quinto dêdo curto e o segundo muito longo, do membro posterior; escamas caudais carenadas, estreitadas, formando anéis regulares; cauda longa.

Coloração : Esta é bastante variável individualmente, principalmente nos lagartos de regiões diferentes; variável entre os sexos e jovens. Fundamentalmente se apresenta com a superfície dorsal pardo oliváceo tingido de verde; cabeça e pescoço, e parte superior dos braços fortemente manchado de preto, manchas estas formando barras irregulares, e triangulares; lados do corpo com uma série de manchas esbranquiçadas, arranjadas em

filas verticais, cada mancha marginada de negro; em alguns espécimens há estrias mais ou menos distintas, longitudinais brancas, marginadas de escuro, sobre o corpo; face ventral, esverdeada, azulada ou manchada de escuro, principalmente na cauda. Quando raios de luz solar incidem nas escamas policrômicas, refletem belíssimas tonalidades metálicas iridescentes.

Mensurações: Foram feitas estas num indivíduo macho adulto, grande. As fêmeas são sempre menores e menos corpulentas.

Comprimento total	520 mm.	Cabeça	45 mm.
Membro posterior	125 mm.	Largura da cabeça	30 mm.
Cauda	350 mm.	Corpo	170 mm.

Coleção: O Museu Goeldi presentemente possui na coleção uma grande e boa série destes lagartos, provenientes de várias localidades da Amazônia brasileira, assim distribuídos: ns. 698, 697, 696 (fêmeas), Belém, cidade, Pará, col. O. Cunha, 1952; 700, 701, 702 (fêmeas) e 703 (joven), cidade Belém, idem, idem; 707, 708 (machos), cidade Belém, idem, idem; 699, lugar Cairari, entre o rio Tocantins e o Mojú, Pará, col. O. Cunha, 1953; 704, 705, 706 (fêmeas), lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; 709 (joven), parque do Museu, Belém, Pará; 599, 598, 597, 596, 603 (muito jovens) Aragarças, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; 594, 595, 593, 600, 601, 591, Aragarças, Goiás, idem, idem; 602 e 604 (joven), Aragarças, Goiás, idem, idem; 592, Barra do Garças, Mato Grosso, col. J. Hidasí, 1958; 141, 139, 145, 144, 142, 143, 138, 137, 140, 136, 146, Aragarças, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; 121 (joven), Serra do Cachimbo, sul do Pará, col. J. Hidasí, 1958; 120, (fêmea), 119 (macho), rio Araguari, Fazenda California, 80 km. SE. da vila Ferreira Gomes, Território do Amapá, 1955; 122, 123, Seringal Oriente, rio Juruá, 12 km. abaixo de vila Taumaturgo, Território do Acre, col. F. Novais, 1956; 93, 62, 72, 69, 55, 49, 59, 80, 74, 60, 50, Amapá, Território do Amapá, col. J. Hidasí, 1958; 73, 48, 61, 91, 77, 89, 78, 92, 90, 86, 87, Amapá, idem idem; 128, 129, 227 (cabeça este), 131, e todos jovens estes, 130, 134, 135, 132, 133, Conceição do Araguaia, rio Araguaia, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; 124, 125, 126, 127, Goiânia, Goiás, col. J. Hidasí, 1958; 117, 116, 108, 115, 114, adultos, e jovens estes, 110, 113, 111, 118, 112, 109, Amapá, Território do Amapá, col. J. Hidasí, 1958; 65, 67, 70, 66, 63, 64, 71, 68, Oiapoque, Território do Amapá, col. J. Hidasí, 1958; 52, 75, 88, 83, 84, 54, 81, 76, adultos, e jovens estes, 53, 82, 85, 51, 79, 106, 104, 103, 96, Amapá, Território do Amapá, idem, idem; 95, 94, 102, 105, 99, 101, 98, 107, 97, 100, adultos, Amapá, idem, idem; 717, 718, 719, adultos, e 720, joven, estrada Belém-Brasília, km. 75, Pará; exemplar fêmea de n.º 813, coletado no alto rio Maracá, Território do Amapá, col. M. Moreira, 1959.

Distribuição: Raça bastante comum, que se estende pelas Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú, Equador, todo o Brasil e partes meridionais do continente.

Nome vulgar: Lagarto, Lagarto verde, Jacaré-pinima, Teiú, Bico doce. Os antigos indígenas o designavam Amêjua ou Ameiva, onde este último ainda é conhecido nas Guianas.

Observações: Excelente série desta raça, provenientes de várias localidades de todo o Vale Amazônico, proporcionou-nos suficiente material, para melhor estabelecer a tão discutida posição sistemática, à validade ou não de subespécies típicas. Muitos autores ainda não estão de acordo com o novo conceito taxonômico, já plenamente evidenciado, acreditamos. Conhecem-se espécies distintas do gênero, como também subespécies ou raças geográficas mais ou menos definidas. Foi estabelecido por alguns autores (Barbour e Noble, 1915, p. 462; Burt e Burt, 1931, p. 304; Marcuzzi, 1954, p. 248; Ruibal, 1952; e por fim J. Roze, 1958, p. 251), duas bem definidas subespécies de *Ameiva ameiva*, sendo uma a que presentemente abordamos, e outra de área de ocorrência restrita à América Central, norte da América do Sul e partes ocidentais. Melhor sintetizando, Marcuzzi (1954, p. 248) escreveu o seguinte: "Tambien las formas descritas por los autores para el Brasil (*A. a. petersi* y *A. a. laeta*), parece no pueden considerarse como verdaderas subespécies, distintas da forma típica. Dos serian, por lo tanto, las razas que pueden distinguirse siempre y seguramente dentro del "Rassenkreis" de *Ameiva ameiva*: *A. a. ameiva*, presente en gran parte de América meridional tropical, y *A. a. praesignis*, presente en la parte noroccidental de Sur América y en Centro América. No se puede excluir que haya otras formas, poblaciones más o menos diferenciadas y aisladas geográficamente o ecológicamente que pueden, a lo mejor, considerarse razas "in statu nascendi", y que, quizás, estudios más detallados de material proveniente de toda el área de distribución de la especie podrian demostrar se trate de buenas especies. Entre dichas poblaciones estaria la forma *A. a. vogli* Muller".

Estamos de acordo com este ponto de vista, embora não tenhamos para observação, material da outra raça. Por fim recorreremos ainda a J. Roze (1958, p. 251), que remata o seguinte: "Hasta que se distinguan bien los nombres, lo más prudente es reconocer solamente dos subespécies: *A. a. ameiva* para la parte oriental y *A. a. praesignis* para la parte occidental del país".

Na grande quantidade de exemplares que estudamos, observamos uma série de variações acentuadas nos escudos cefálicos, e número de póros femorais nos espécimens coletados em Aragarças e Barra do Garças. Algumas variações nos escudos cefálicos e também na coloração, em exemplares do rio Juruá, Território do Acre. Na série procedente do

Território do Amapá, notamos variações mais ou menos visíveis, nos escudos cefálicos, principalmente occipitais, que às vezes se reduzem, e nos escudos supraoculares.

Gênero CROCODILURUS Spix

1825 — *Spec. Nov. Lacert. Brasil.*, 19.

Gênero monotípico e caracteristicamente distinto de tôdas as espécies de lacertílios da província Amazônica. Ocorre ainda nas florestas úmidas das Guianas e Venezuela. Compreende uma espécie distinta de grande porte, de hábitos terrícolas e aquáticos, vivendo sempre às margens lodosas de tôdos os cursos d'água dessa imensa região. São por isso mesmo bons nadadores e mergulhadores. Eles não parecem ser muito abundantes, pois raramente se os observa.

Caracterizam-se por possuírem escudos cefálicos grandes, regulares; escamas dorsais pequenas, alongadas, ovais, ligeiramente carenadas ou tectiformes; placas ventrais grandes, alongadas, subquadrangulares, lisas formando séries regulares; uma dobra gular; póros femorais pequenos quase indistintos; cauda fortemente comprimida, com uma dupla crista ou carena denticulada na parte superior. Coloração pardacento com manchas negras em cima, e região ventral amarelada.

CROCODILURUS LACERTINUS (Daudin).

1802 — Tupinambis lacertinus Daudin, *Hist. Nat. des Réptiles*, III, p. 85 (localidade tipo, ilhas adjacentes à América meridional).

1825 — *Crocodylus lacertinus Spix, Spec. Novae Lacert. Brasil.*, p. 19

Coleção : Espécie não representada na coleção.

Distribuição : Tôda a província Amazônica zoogeográfica, habitando ainda as florestas das Guianas e Venezuela.

Nome vulgar : Jacaré-rana.

Observações : Afrânio do Amaral, em suas listas dos Lacertílios do Brasil e do Pará, não fez qualquer referência à este lagarto tão típico da Amazônia. Como este muitas outras espécies, aquêl autor omitiu, não sabemos por quê motivo.

Pouco se conhece da biologia e dos costumes de tão interessante lagarto, além das observações que efetuou E. Goeldi, quando diretor desta instituição científica. Sobre o réptil escreve o eminente naturalista (Bol. do Museu 1902, p. 547) : "Observei-o no Pará, onde lhe dão o nome indígena de "Jacaré-rana" (isto é pseudo jacaré). O que eu vi pessoalmente concorda com as indicações encontradas nos autores : o *Crocodylus* (nome que não significa outra coisa senão "cauda de crocodilo") vive somente em localidades, onde há água em profusão, nos campos submersos, beiras de rios ou "furos"; não tem o costume de trepar nas árvores. São condições de existência, como a Amazônia as oferece com incomparável fartura. O jacaré-rana é difícil de apanhar; perseguido foge imediatamente para um buraco redondo na ribanceira, que dá entrada para uma galeria comprida debaixo e entre as raízes das árvores e anhingas e então sua caça não é nem fácil nem agradável no meio do lodo mole, deixado pela baixa maré. Se fôr preciso não hesita em opôr enérgica resistência. Parece que comem a sua carne nas Guianas vizinhas."

"Tão excessivamente raro aliás não é o jacaré-rana, posso afirmá-lo por experiência própria."

"Eu obtive diversos exemplares (entre eles até um vivo, que durante semanas pude observar num aquário) dos próximos arredores da cidade do Pará (Belém) e em certos "furos" da ilha das Onças, em frente da dita cidade, vi este réptil regularmente, chegando a apanhar espécimens mortos pelo menos mediante a espingarda".

Gênero NEUSTICURUS Duméril e Bibron

1839 — *Erpétol. Génér.*, 5, 61.

Compõem este gênero algumas poucas espécies, e algumas raças geográficas distintas, restritas a determinadas áreas do norte da América do Sul. Acham-se em certa confusão algumas delas sobre a validade taxonômica. Suas espécies estão espalhadas por tôdas as regiões úmidas do Vale Amazônico, Guianas, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Perú e Equador.

Burt e Burt (1931, p. 350-356), tentaram aclarar a posição sistemática de algumas formas geográficas, além de descreverem novas. Dessa maneira quase tôdas as espécies para a sua taxonomia foram baseadas na espécie tipo *Neusticurus bicarinatus* (Linnaeus). Conhecem-se presentemente na Amazônia brasileira, pelo menos 2 espécies e uma raça peculiar ao Alto Amazonas.

Compreendem lagartos de pequeno a médio porte, possuindo hábitos terrícolas e aquáticos, idênticos aos de *Crocodylurus*. Vivem às margens lodosas de todos os cursos d'água do grande Vale. Pela sua morfologia e costumes, os lacertílios do gênero *Neusticurus* são muito próximos da espécie anteriormente citada. Não se mostram de fácil ocorrência, e por isso mesmo parece serem difíceis de se apanhar vivos ou mortos. São carnívoros e consta-nos que se alimentam de pequenos peixes, larvas de anfíbios, e insetos aquáticos.

A coloração constitui-se geralmente de uma cor escura, um pardo avermelhado com pequenas manchas negras. Estão representadas na coleção do Museu, a espécie típica e uma raça proveniente do alto rio Juruá.

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas; língua moderadamente alongada; escudos cefálicos grandes, regulares; frontonasal separando os nasais; prefrontais e frontoparietais presentes; narina situada no meio de uma simples nasal; membros bem desenvolvidos, pentadactílicos; corpo revestido dorsalmente de pequenas escamas, entremeadas de outras grandes, carenadas, formando séries longitudinais; placas ventrais grandes, quadradas, formando séries longitudinais e transversais; uma prega colar; machos com póros femorais, fêmeas com alguns póros preanais apenas; cauda comprimida, apresentando dupla denticulação carenada superiormente.

NEUSTICURUS BICARINATUS (Linnaeus).

1758 — *Lacerta bicarinata* Linnaeus, *Syst. Naturae*, X, p. 201 (localidade tipo, ilhas sul-americanas e Índia?).

1839 — *Neusticurus bicarinatus* Duméril e Bibron, *Érpetologie Générale*, p. 64.

Descrição: Focinho longo, rombudo; rostral grande arredondado; um par de frontonasais grandes, unidos; um par de prefrontais, grandes, unidos; um pequeno escudo ázigo, na intersecção destes quatro; um frontal mais longo que largo, com um ligeiro sulco na parte mediana; um pequeno escudo ázigo entre os três; um par de frontoparietais pequenos unidos; um interparietal e 2 parietais menores; região occipital com pequenos escudos irregulares, quase todos carenados; 4 supraoculares, anterior menor; uma loreal; 6 infraorbitais; uma série de grânulos entre a loreal, a primeira infraorbital e labiais; 6 supraciliares; 7 supralabiais e 4 infra; um sinfisal grande truncado; um mental anterior seguido de 4 pares, sendo os 2 primeiros unidos; escamas gulares um tanto grandes, de aspecto granular, medianas menores, lisas as anteriores, e ligeiramente carenadas as posteriores; 7 placas colares grandes; escamas dorsais pequenas, irregulares, ligeira-

mente imbricadas e muito fracamente carenadas; os escudos maiores, fortemente carenados, ligeiramente imbricados, formando 6 séries longitudinais no dorso, sendo as 2 externas de cada lado contíguas; as 2 linhas medianas podem ser mais ou menos distintas e interrompidas; placas abdominais arredondadas posteriormente; em sentido longitudinal contam-se 10 séries, e transversalmente 26; 6 placas das fileiras medianas longitudinais lisas, as externas carenadas, mais para os flancos; as duas placas das fileiras medianas mais estreitas; 3 grandes placas preanais, sendo uma ântero-mediana e 2 pótero-lateral; entre estas, uma pequena placa; escamas do membro anterior, todas imbricadas e carenadas, as do membro posterior, a superfície inferior grandes e lisas; fêmeas com póros preanais indistintos de cada lado; as escamas caudais formam anéis mais ou menos regulares, sendo as laterais fortemente carenadas; as do dorso são idênticas às do corpo, continuadas pela cauda, formando primeiramente 4 cristas, e logo depois somente 2 bem distintas, denticuladas.

Coloração: Pardo oliváceo claro no dorso e lados; pintado de manchas escuras, e alguns ocelos brancos, mais ou menos distintos nos lados; 3 pequenas barras pardo escuras verticais, nas pálpebras superiores e supraciliares; região ventral, garganta e barriga esbranquiçada; parte inferior da cauda, marrom escuro.

Mensurações: Foram feitas em uma fêmea adulta:

Comprimento total 250 mm.	Cabeça 20 mm.
Membro posterior 40 mm.	Largura da cabeça	... 11 mm.
Do focinho ao ânus 80 mm.	Cauda 170 mm.

Coleção: Um exemplar fêmea n.º 45, coletado às margens do rio Inhangapi, afluente do Guamá, próximo à cidade do mesmo nome, em 1956; espécimen macho de n.º 812, proveniente do alto rio Maracá, Território do Amapá, col. M. Moreira, 1959.

Nome vulgar: Conhecido como Jacaréana pequena.

Distribuição: É a espécie típica e mais conhecida do gênero, habitando largamente toda a região Amazônica, e as florestas de regiões vizinhas, como as Guianas, Venezuela e partes orientais da Colômbia.

NEUSTICURUS RUDIS Boulenger.

1900 — *Neusticurus rudis* Boulenger, *Transact. Soc. London*, (2), VIII, Zool., p. 53 (localidade tipo, faldas do monte Roroima, Guiana Inglesa).

Coleção: Espécie ausente na coleção do Museu.

Distribuição: Lagarto de rara ocorrência, habita provavelmente as regiões norte orientais da Amazônia, e se estendendo mais comumente pelas Guianas e Venezuela. W. Beebe (30, 1945, p. 22), teve oportunidade de coletar na Guiana Inglesa, alguns poucos exemplares dessa espécie e estudar-lhes a biologia e os seus costumes. Como tôdas as formas que compõem o gênero, esta apresenta também os mesmos hábitos terrícolas e aquáticos, alimentando-se de pequenos peixes, girinos de anfíbios e insetos aquáticos.

NEUSTICURUS ECPLEOPUS ECPLEOPUS Cope.

- 1876 — *Neusticurus epleopus* Cope, *Journ. Acad. Nat. Sci. Philad.* (2), VIII, p. 161 (*localidade tipo, Perú*).
 1931 — *Neusticurus epleopus epleopus* Burt e Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, LXI, p. 353.

Descrição: Focinho não muito longo, obtuso; abertura auricular tão grande quanto a ocular; nítido disco transparente palpebral; um par de frontonasais grandes, unidos; um par de prefrontais; um escudo ázigo em losango, entre êstes últimos; um frontal estreito, mais largo anteriormente; um par de frontoparietais compridos; interparietal largo e maior que os parietais; loreal grande, sem grânulos entre esta e as labiais; 4 supra-oculares, anterior pequena; 4 supraciliares; 4 infraciliares; 6 supralabiais, terceira maior; 5 infralabiais, terceira maior; sinfusal truncada; mental anterior e 3 pares, sendo os dois primeiros contíguos; gulares irregulares, arredondadas; nuca e parietais com os escudos granulares, contando-se 8 séries dêles na nuca, arredondados, carenados ou tuberculares; escamas dorsais maiores e mais tuberculares, com carenas mais elevadas; formam 4 séries longitudinais equidistantes no dorso; flancos com nítidas dobras plicadas verticais e longitudinais, onde se acham misturadas pequenas escamas; placas abdominais perfeitamente quadradas, dispostas em 8 séries longitudinais, e 22 transversais; placas das séries externas bem menores, carenadas; placas colares 5 a 7; escamas caudais superiores em número de 12; a bicarenação caudal separada entre si de 3 a 6 grânulos, irregularmente distribuídos; membros locomotores com escamas e grânulos carenados e imbricados na parte superior; ventralmente algumas são idênticas e lisas outras; membros posteriores em cima com grânulos entremeados com grandes tubérculos carenados; macho com 15 póros femorais; 3 grandes placas preanais, mediana menor.

Coloração: Pardo escuro na parte superior, com algumas manchas mais escuras; flancos mais ou menos com algumas manchas mais claras, na axila um ocelo e um grânulo branco; superfície inferior, garganta, ventre e cauda, de cor vinácea geral, com manchas pardo escuras e fundo esbranquiçado.

Mensurações: Foram efetuadas num único exemplar macho:

Comprimento total 135 mm.	Cabeça 15 mm.
Membro posterior 30 mm.	Largura da cabeça	... 10 mm.
Do focinho ao membro anterior 24 mm.	Do focinho ao ânus	.. 60 mm.
		Membro anterior 20 mm.
		Cauda 80 mm.

Coleção: Está registrado na coleção apenas um espécimen macho, de n.º 44, proveniente do Seringal Oriente, rio Juruá, Território do Acre, col. F. Novais, 1956.

Distribuição: Raça geográfica de distribuição um tanto restrita, habitando os afluentes do Alto Amazonas, no Estado de mesmo nome e Território do Acre, no Brasil, e mais o Perú, Equador e talvez Colômbia.

Observações: Esta subespécie apresenta-se muito próxima da espécie típica *Neusticurus bicarinatus*, mostrando ligeiras semelhanças de caracteres. Ela foi descrita por Cope em 1876, como espécie distinta em exemplares coletados no interior do Perú. Como só tivemos em mão um exemplar para estudo, nada podemos adiantar além do que informam Burt e Burt. Dizem êstes autores que nesta forma há acentuado dimorfismo, possuindo os machos póros femorais e as fêmeas póros preanais; a coloração é também diferente em ambos, no macho as manchas laterais são ocelos de área interna branca marginada de negro, nas fêmeas é reduzido ou estão ausentes; contam-se nos machos 3 ou 4; nêstes a região ventral apresenta-se escurecida em fundo esbranquiçado, enquanto nas fêmeas é sempre clara; além dêstes, outros caracteres podem distinguir os dois sexos.

Gênero ALOPOGLOSSUS Boulenger

- 1885 — *Cat. Lizards Brit. Mus.*, 2, 383.

Este gênero tipicamente amazônico, está largamente espalhado em toda a região setentrional da América do Sul, incluindo a Amazônia brasileira, Perú, Bolívia, Equador, Colômbia, Venezuela e Guianas. Compreendem geralmente pequenos lagartos de corpo engrossado, e revestidos de escamas peculiares, fortemente carenadas. Possuem hábitos estritamente terrícolas, vivendo de preferência ocultos por entre a folhagem do sólo, no recesso das matas.

O gênero *Alopoglossus* foi criado por Boulenger em 1885, para abranger determinados lagartos muito semelhantes ao gênero *Pandodactylus*, mas dêste se diferenciando por

certos caracteres que lhes são peculiares. Burt e Burt (1931) porém, resolveram fundir este ao gênero *Pantodactylus*, ampliando assim sua área de distribuição. Contudo, recentemente Ruibal (1952), em trabalho bem ordenado sobre a taxonomia de alguns gêneros de *Teiidae*, inclusive *Alopoglossus*, situou definitivamente a sua posição distinta, separando genérica e especificamente as formas daquele gênero.

Mesmo assim, segundo o autor citado, as espécies deste gênero perduram em extrema confusão taxonômica, e apesar dos estudos nesse sentido, ainda continuam em dúvida. Contudo, uma grande série de exemplares de suas respectivas espécies, poderá mais tarde resolver definitivamente a posição taxonômica do gênero.

Alopoglossus vive tanto em altitude, como em planície, admitindo-se disso com reservas, que é provável existir certa subespeciação. Diz Ruibal que *A. buckleyi*, "bem como outras espécies aqui definidas, não é um grupo natural. Representa um expediente para arrumar taxonomicamente, embora arbitrariamente, mas que facilita sobremodo os estudos".

Alopoglossus se aproxima também de certo modo ao gênero *Ptychoglossus*, mas determinados caracteres os separam distintamente, sem qualquer dúvida. Este gênero parece que ainda não foi observado em área da Amazônia brasileira. Caracteriza-se *Ptychoglossus* pelas escamas dorsais muito menores que aquêles, as quais têm lados paralelos e estão dispostas em filas transversas perfeitas; por ter as gulares quadrangulares e subimbricadas, e ter as ventrais retangulares ou quadrangulares, com as bordas posteriores truncadas. Talvez acentua Ruibal, "a única espécie de *Alopoglossus* que pode estar confusa com *Ptychoglossus* é *A. festae* do Equador".

Diagnose: Língua coberta com plicas oblíquas; frontonasal simples ou dividido; prefrontais em contacto; um frontal; frontoparietais presentes; interparietal de mesmo tamanho dos parietais; postparietais ausentes; narina em uma nasal dividida; loreal pequena e separada das supralabiais por uma nasal e uma frenoocular; supraoculares 4; supraciliares 4; a primeira sem expansão dorsal; palpebrais 3 a 6; suboculares 3 a 4, a segunda 3 vezes o tamanho da primeira; 5 a 7 supra e 5 a 6 infralabiais; uma simples postmental seguida de 3 outros pares; escamas dorsais grandes com

gulares bem desenvolvidas, mucronadas, em filas transversas e oblíquas; laterais como as dorsais; ventrais com a borda mais posterior pontuda ou truncada; carenadas ou lisas, e em filas transversas e longitudinais; gulares pontudas ou truncadas, carenadas ou lisas, e em filas transversas e oblíquas, ou em 2 filas longitudinais; caudais como as dorsais, subcaudais estreitas e em filas longitudinais; escamas dos membros carenados; os póros preanais e femorais podem estar presentes.

Chave para as espécies de Alopoglossus (seg. Ruibal)

1. Gulares transversalmente dilatadas e dispostas em 2 filas longitudinais; 3 escamas preanais; Pacífico lado do Equador *festae*.
Gulares não dispostas em 2 filas longitudinais; 4 escamas preanais 2
2. Escamas do lado do pescoço grandes e cônicas; escamas na metade posterior do dorso em filas longitudinais; Equador oriental *copii*.
Diferente do acima exposto 3
3. Escamas do lado do pescoço pequenas, um tanto granulares; Equador e nordeste do Perú *buckleyi*.
Escamas do lado do pescoço carenadas, imbricadas, não granulares 4
4. Gulares carenadas ou lisas, pontudas, não truncadas; ventrais sem manchas; Equador oriental, Perú oriental, Brasil e Guianas *carinicaudatus*.
Gulares lisas com uma borda posterior convexa; ventrais com margens basais e lateral pigmentadas; departamento de Puno, Perú *andeanus*.

ALPOGLOSSUS CARINICAUDATUS (Cope)

- 1876 — *Leposoma carinicaudatum* Cope, *Journ. Acad. Nat. Sci. Philad. ser.*, 2, vol. 8, p. 160 (localidade tipo, Vale do rio Marañon, Perú).
1885 — *Alopoglossus carinicaudatus* Boulenger, *Cat. Liz. Brit. Mus.* p. 384.

Descrição: Cabeça um tanto curta; corpo alongado; frontonasal simples, grande, mais ou menos pentagonal; frontal hexagonal, com ligeiro sulco mediano; 2 prefrontais, unidos geralmente por pequena sutura, ou separados por uma extensão posterior do frontonasal; um par de frontoparietais; um interparietal, aparentemente de mesmo tamanho dos parietais, com pequenas cristas longitudinais; 4 supraoculares, lisas, exceto a quarta; narina numa nasal dividida; uma pequena loreal e uma frenoorbital; escudos temporais fortemente carenados, irregulares; 7 supralabiais, terceira longa; 5 infralabiais, às vezes 6; escudos mentais grandes, um anterior e 3

pares posteriores, os dois primeiros pares em contacto, o último separado por 6 a 8 grânulos; dorsais grandes, em forma de folha, fortemente carenados, mucronados, agudamente pontudos e imbricados, dispostos em filas transversas e oblíquas; 28 a 29 escamas entre o occiput e a base da cauda; 21 em tórno do corpo no meio; ventrais grandes, mais ou menos triangulares, lisas ou fracamente carenadas, obtusamente pontudas ou com curta ponta, dispostas em 4 filas longitudinais; 25 a 27 escamas das mentais às preanais; escamas gulares triangulares, muito fracamente carenadas, quase lisas; nas fêmeas 2 pares de escudos preanais, os posteriores maiores; nos machos há um escudo anterior e 2 posteriores; póros preanais e femorais ausentes nas fêmeas; presente nos machos; escamas dos membros carenadas, exceto as da parte inferior, que são lisas; escamas atrás da fenda anal mais ou menos lisas, as caudais tanto na parte superior como na inferior, fortemente carenadas; nas escamas caudais as carenas formam cristas denticuladas um tanto acentuadas.

Coloração: A coloração é diferente entre os sexos, sendo que a fêmea apresenta-se pardo amarelado no dorso e lados, com raras manchas escuras; uma estreita faixa que surge na ponta do focinho, através o olho, pelos flancos do corpo até desaparecer na cauda; esta mostra manchas escuras nos lados e dorso; uma fraca estria clara marginando internamente a faixa escura, até a base da cauda; região ventral branca, amarelada, imaculada. Nos machos a coloração é mais viva e estampada, como se segue: pardo escuro no dorso, mais claro na cabeça; algumas manchas escuras no dorso e cauda; uma faixa mais escura lateralmente que tem início no olho, e segue até a base da cauda; marginando-a inferiormente uma linha branca desde o canto da boca, passando por baixo do ouvido, através o corpo até à virilha; mais inferiormente ainda, uma faixa escura marginal, entremeada com branco no lado do ventre; como também ocorre na fêmea, uma pálida estria latero-dorsal que desaparece na cauda; ventre esbranquiçado, com pontos negros em cada escama; duas manchas negras laterais nos escudos preanais grandes; labiais e mentais posteriores com manchas escuras; parte inferior da cauda e membros salpicado de negro.

Mensurações: Medidas tomadas apenas em um macho:

Comprimento total	133 mm.	Cabeça	11 mm.
Membro posterior	24 mm.	Largura da cabeça	...	9 mm.
Cauda	81 mm.	Corpo	52 mm.

Coleção: Um exemplar fêmea de n.º 233, proveniente provavelmente dos arredores da cidade de Belém, chegado ao Museu em carregamento de frutas para os animais do Parque, em 1958; alto do rio Maracá, Território do Amapá, 3 exemplares assim numerados: 797 e 798, machos adultos, 799, fêmea adulta; col. M. Moreira.

Distribuição: Esta espécie ocorre amplamente por toda a província Amazônica, incluindo a Amazônia Brasileira, Perú, Guianas, Equador e Venezuela.

Nome vulgar: Lagarto.

Observações: A presente espécie parece ser a mais típica, como também a que abrange maior área de ocorrência. Em 1924 Ruthven identificou uma espécie, em exemplares proveniente da Vila Murinho, então no Estado de Mato Grosso (hoje Território de Rondônia), mas que de acordo com Ruibal a espécie parece ser idêntica a *carinicaudatus*. Excetuando ligeiras diferenças assinaladas por Ruthven, como as escamas gulares lisas e pontudas, também são encontradas em espécimens coletados em regiões mais ao norte. Por outro lado, Burt e Burt (1931) englobaram *Alopoglossus* no gênero *Pantodactylus*, inserindo nele várias espécies válidas na época, mas recentemente modificadas em parte por Ruibal. *Pantodactylus* não é gênero próprio da província Amazônica, sendo substituído aí por *Alopoglossus*, que compreende no momento 5 espécies mais ou menos distintas, embora não totalmente definidas.

A presente espécie conquanto pouco conhecida, são lagartos relativamente comuns, vivendo sempre no interior das matas, rastejando no sólo ou por entre fôlhas e páus apodrecidos. São geralmente de pequeno porte e coloração escura. Observa-se acentuado dimorfismo, tanto na coloração como em outros caracteres da foliose. Os machos possuem póros preanais e femorais, 11 de cada lado, ambos ausentes nas fêmeas. Nestas há 4 placas preanais e nos machos apenas 3. Estes apresentam sempre coloração mais variada e mais acentuada.

Esta espécie é muito próxima de *A. copii*, semelhante ainda a *A. buckleyi*, ambas habitando partes mais ocidentais do Vale Amazônico.

ALPOGLOSSUS BUCKLEYI (O'Shaughnessy)

- 1881 — *Leposoma buckleyi* O'Shaughnessy, *Proc., Zool. Soc. London*, p. 233 (localidade tipo, Cañelos, Equador).
1885 — *Alogoglossus buckleyi* Boulenger, *Cat. Liz. Brit. Mus.*, p. 385.

Coleção: Não representado no momento na coleção.

Distribuição: Forma própria das regiões ocidentais da Amazônia Brasileira, Equador e Perú.

Observações: Segundo Ruibal a espécie é distinta de todas as outras congêneres; delas se diferenciando por inúmeros caracteres específicos. Contudo, a sua distinção verdadeiramente específica, é ainda um tanto confusa, pois como acentua aquele autor, a "variação presente nesta forma é considerável. O problema da subespeciação é no caso mais dificultada pelo facto de que *buckleyi* ocorre tanto no lado costeiro do Pacífico, como no lado dos Andes Amazônicos".

Gênero CNEMIDOPHORUS Wagler

1830 — *Nat. Syst. Amph.*, 1541.

Como um dos gêneros típicos da família *Teiidae*, os seus numerosos membros estão amplamente disseminados por toda a América do Sul, América Central e alcançando a parte sudeste dos Estados Unidos. Conhecem-se umas 20 espécies e subespécies, das quais apenas 5 habitam o hemisfério sul. Ocorrem na Amazônia brasileira, uma raça que lhe é peculiar, bastante distribuída, e uma espécie que aí penetra um tanto dentro, própria do centro, leste e sul do Brasil, até Bolívia, Paraguai e Argentina.

O grupo foi bem estudado em seus mínimos detalhes, por Burt e Burt, em discutida revisão. Os seus componentes compreendem lagartos vivos, ágeis, de coloração bonita e vistosa. São de porte médio, com costumes essencialmente terrícolas, semelhando nesse caso os representantes de *Ameiva* e *Kentropyx*. Vivem de preferência nos campos e pequenos bosques ou macegas, onde se refugiam, mas costumam também procurar os sítios áridos e ensolarados.

Há dimorfismo sexual, principalmente quanto à coloração, e certas variações em indivíduos de regiões diferentes. Os machos normalmente são maiores e o colorido do corpo é bem mais vivo. Em algumas regiões são muito abundantes, mais do que qualquer outra espécie. Os lagartos deste gênero, têm a vida controlada pela luz solar. São mais frequentes quando esta é mais forte, durante as cálidas horas do dia. Carnívoros por excelência, têm como principal alimento insetos e suas larvas, aranhas, caramujos, centopéias, embuás, escorpiões, etc.

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas; língua longa estreita, bilobada e não retrátil na base; grandes escudos cefálicos regulares; nasal anterior em contacto com seu par; narina na sutura entre as duas nasais, ou anterior àquela; membros bem desenvolvidos, pentadáctilos; escamas dorsais pequenas; placas ventrais grandes, subquadrangulares, lisas, formando séries regulares; prega colar dupla; póros femorais; cauda ciclo-tetragonal.

CNEMIDOPHORUS LEMNISCATUS LEMNISCATUS (Linnaeus)

1758 — *Lacerta lemniscata* Linnaeus, *Syst. Nat.*, X, p. 209 (*localidade tipo*, "Guinea", erro por Guiana).1931 — *Cnemidophorus lemniscatus lemniscatus* Burt e Burt, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, LXI, p. 324.

Descrição: Cabeça curta, focinho moderadamente pontudo; narinas entre os dois nasais; 5 escudos parietais, às vezes os exteriores pequenos demais; 4 supraoculares, posterior às vezes dividida; 5 ou 6 supraciliares; não há frenorbital; gulares anteriores subiguais, sem as medianas aumentadas; mesoptíquio com escudos aumentados, separados do colar por uma série de grânulos; colar com escudos grandes; abertura auricular grande ovalada; escamas dorsais e laterais, pequenas, granulares e lisas; placas ventrais em 8 fileiras longitudinais e cerca de 30 a 33 séries transversas; geralmente 3 grandes escudos preanais, formando triângulo, sendo um superior maior, e 2 inferiores um pouco menores; placas braquiais grandes e pequenas, anterior maior contínua com o posbraquial; antebraquiais mais ou menos contínuas com as braquiais, em 2 fileiras, a inferior maior; braço anterior inteiramente granular inferiormente; femorais em 6 a 8 fileiras, uma das quais maior; tibia com 3 filas, externa muito grande, lateral e superior granular; póros femorais variando individualmente, de 15 a 27 de cada lado; machos com um espinho de cada lado do ânus, os quais podem também faltar; escamas caudais oblíquas, com carenas retas, fracamente pentadas posteriormente; elas foram ligeiras cristas longitudinais no lado inferior.

Coloração: Apresentam em geral um colorido pardacento a oliváceo em cima; 8 ou 9 linhas esbranquiçadas longitudinais sobre o corpo; nas fêmeas o espaço entre as duas superiores de cada lado, negro ou escurecido; uma linha clara esmaecida no dorso, acompanhando as outras pelo corpo; membros com manchas brancas circulares e às vezes uma estreita faixa da mesma cor, ao longo do lado mais interno da coxa; nos machos 4 ou 5 linhas medianas apenas persistem, e os flancos são manchados de cor esbranquiçada; superfície inferior e flancos azulados a esbranquiçado.

Mensurações: Foram tomadas as medidas de uma fêmea grande, adulta:

Comprimento total 205 mm.	Cabeça 17 mm.
Membro posterior 43 mm.	Largura da cabeça	... 10 mm.
Cauda 142 mm.	Corpo 63 mm.

Coleção: Possui o Museu os seguintes exemplares: ns. 683, 684, 685, 686, 687 e 688 (fêmeas), de Belém, Pará, col. O. Cunha, 1953; ns. 689 e 690 (fêmeas), lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953.

Distribuição: Comum à tôda província Amazônica, incluindo as Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú, ilhas de Trinidad, Tobago, as de So-tavento orientais e Patos, até a América Central.

Nome vulgar: Lagarto de lista ou Calango.

Observações: Conhecem-se hoje habitando parte ou uma grande região da América do Sul, duas raças geográficas perfeitamente distintas, sendo que a outra é de ocorrência muito restrita. A antiga espécie *lemniscatus*, típica no caso, foi pelos autores modernos dividida em duas, consistindo a outra, uma espécie, mas cujos caracteres fundamentais eram os mesmos da forma típica. Aquela é *C. l. nigricolor* (Peters) encontrada somente em algumas ilhas oceânicas ao largo da costa da Venezuela.

A forma típica Amazônica é facilmente distinta de todos os outros componentes do gênero. Seus caracteres subespecíficos distintos principais são: placas ventrais em 8 séries longitudinais; as escamas caudais inferiores mais ou menos em crista ou carena definida; 15 a 27 póros femorais; jôvens com 6 a 10 faixas, normalmente 9; adultos se faltando, com o fundo de côr negra, contrastando com o dos lados, frequentemente com uma estria escura dorso-lateral, de cada lado.

São bastante comuns em todo o Vale do Amazonas, em contraste com a ausência de outras espécies da mesma família ou mesmo da ordem. Pela sua voracidade e preferência aos insetos, tais sáurios seriam muito úteis à lavoura, pois no afã de alimentar-se destruiriam quantidades enormes de insetos e suas larvas, vermes, etc., nocivos às plantas cultiváveis.

Os componentes do gênero *Cnemidophorus* se aproximam muito dos do gênero *Ameiva* e *Kentropyx*, e também *Tupinambis*.

CNEMIDOPHORUS OCELLIFER (Spix)

1825 — *Tejus ocellifer* Spix, *Spec. Novae Lacert. Brasil.*, p. 23, tab. 25 (localidade tipo, Bahia, Brasil).

1877 — *Cnemidophorus ocellifer* Peters, *Monatsbr. Berlin Akad. Wiss.* p. 414.

Descrição: Focinho um tanto agudamente pontudo; narina anterior à sutura nasal; nasal anterior em contacto com seu par; parietais grandes com 5 escudos, sendo os exteriores pequenos; 3 a 4 supraoculares, com os 2 ou 3 posteriores separados dos escudos do vértice por uma frenorbital; mentais grandes, uma anterior e 7 posteriores, o primeiro par em contacto; tôdas as escamas adiante da prega gular anterior aumentadas, subiguais; escudos peitorais grandes; abertura auricular grande, arredondada; escamas dorsais e laterais granulares lisas; placas ventrais dispostas em 8 fileiras longitudinais e cêrca de 27 ou 28 séries transversas; 3 grandes escudos preanais, formando triângulo, sendo um superior e 2 inferiores; braquiais com 2 ou 3 fileiras de escudos; anterior maior e contínuo com os antebra-

quiais; êste com 2 fileiras externas maiores; superfície inferior do braço anterior uniformemente granular; placas femorais em 5 ou 6 filas, uma das quais é grande; placas tibiais em 2 filas, externa maior; 9 a 11 póros femorais; macho sem espinho anal; escamas caudais oblíquas, com carenas retas, ligeiramente pontuda posteriormente; cuda longa afilada.

Coloração: Fêmeas e jôvens pardacento ou oliváceo em cima, com 6 estreitas linhas longitudinais ao longo do corpo; o interespaço nas 3 linhas de cada lado, escuro ou alternando com pontos negros ou claros. Nos machos adultos as linhas brancas quase desaparecem, e às vêzes também os sinais escuros, havendo então uma série de manchas claras ao longo do dorso de cada lado; superfície ventral, azulado esbranquiçado ou mais escuro.

Mensurações: Foram feitas no maior espécimen macho da coleção:

Comprimento total 220 mm.	Cabeça 20 mm.
Membro posterior 40 mm.	Cauda 145 mm.

Coleção: O Museu possui os seguintes exemplares: n.º 238 (jôven), de Aragarças, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; ns. 743, 744 (jôvens), 737, 739, 742 e 736, de Imperatriz, Maranhão, col. J. Hidasi, 1959.

Distribuição: Espécie própria das regiões tropical e subtropical, habitando todo o nordeste, pelo centro até o sudoeste do Brasil. Alcança o Vale do Amazonas em seus limites centro e leste (área entre Pará e Maranhão).

Nome vulgar: Cenhecido com as designações de Lagarto e Calango, no nordeste.

Observações: Parece que ainda não havia sido registrada a ocorrência desta espécie, dentro dos limites da clássica Amazônia. Temos agora absoluta certeza de que realmente isso sucede. Com os exemplares provenientes de Imperatriz, no Maranhão, sabemos que *C. ocellifer* penetra bem fundo na região úmida do Vale Amazônico.

Esta forma é muito próxima de *C. murinus*, mas facilmente se distingue segundo Burt e Burt, por possuir 8 filas de placas ventrais longitudinais, e de tôdas as outras espécies do gênero por apresentar pequeno número de póros femorais (menos de 14). Aquela forma compreende hoje duas raças distintas *C. m. murinus* (Laurenti), comum nas Guianas e Venezuela, e a outra *C. m. arubensis* (V. L. de Jude), própria da ilha de Aruba, ao largo da costa da Guiana Holandesa.

O dimorfismo sexual é um tanto acentuado principalmente quanto à coloração, havendo também algumas variações individuais, especialmente em exemplares de lugares distantes, diferentes.

Gênero *PLACOSOMA* Tschudi1847 — *Ark. Naturg.*, 13 (1), 50.

Os componentes dêste gênero parecem ser quase totalmente desconhecidos, já que referências a êles são muito escassas. Apresentam caracteres muito próximo do gênero *Cercosaura*. São lagartos relativamente pequenos, membros bem desenvolvidos, pendatáctilos, escamas dorsais grandes subquadrangulares, ligeiramente imbricadas, lisas; laterais menores, fracamente carenadas; as ventrais grandes, quadrangulares, lisas, arranjadas em séries longitudinais e transversas; uma prega colar; cauda cilíndrica; machos com póros femorais.

O gênero é monotípico e sua distribuição acha-se um tanto incerta, ocorrendo provavelmente desde a Amazônia até os Estados do leste brasileiro.

PLACOSOMA CORDYLINUM Tschudi.1847 — *Placosoma cordylinum Tschudi, Ark. fur Naturg.*, p. 51 (localidade tipo, Brasil).1885 — *Placosoma cordylinum Boulenger, Cat. Liz. Brit. Mus.*, 2, 397.

Colecção: Sem representante na coleção.

Distribuição: Amazônia, até os Estados do leste brasileiro.

Gênero *CERCOSAURA* Wagler1830 — *Nat. Syst. Amph.*, 158.

É bastante ampla a distribuição dêste gênero na América do Sul, pois suas 3 subespécies ocupam uma área que abrange tôda a província Amazônica, e outras províncias até o sul do Brasil.

Os seus componentes não são muito comuns, tornando dessa forma escassas tôdas as observações nesse sentido. Os lagartos dêste gênero são predominantemente formas de planície. *Cercosaura* é mui intimamente aproximado ao gênero *Pantodactylus*, mas distingue-se dêste facilmente pela presença de grandes escamas dorsais retangulares carenadas, arranjadas em filas longitudinais. Ruibal em trabalho já citado,

fez uma bôa revisão do gênero, considerando na espécie 3 raças geográficas distintas. Damos a seguir a chave das subespécies de *Cercosaura ocellata*, arranjada por aquêle autor:

1. Loreal grande, não dividida, e em contacto com as supralabiais . . . 2
Loreal horizontalmente dividida; distribuida pelo Perú oriental e Bolívia norte ocidental *ocellata bassleri*
2. Escamas em tôrno do corpo, 25-31; fêmeas com 2 póros femorais de cada lado ou mais; distribuida por tôda a região norte oriental da América do Sul *ocellata ocellata*
Escamas em tôrno do corpo, 22-24; fêmeas com 1 póro femoral ou nenhum; distribuida pela região meridional do Brasil e Bolívia *ocellata petersi*

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas, inferior com um disco transparente; língua moderadamente alongada; cabeça com grandes escudos regulares; frontonasal separando os nasais; prefrontais e frontoparietais presentes; narina situada na metade da nasal simples; membros bem desenvolvidos, pentadáctilos; escamas dorsais grandes, subquadrangulares, ligeiramente, imbricadas, fortemente carenadas, arranjadas em séries longitudinais e transversais; laterais pequenas; placas ventrais grandes, quadrangulares, lisas, arranjadas em séries longitudinais e transversais; prega colar indistinta; poucos póros femorais; cauda ciclotetragonal.

CERCOSAURA OCELLATA OCELLATA Wagler1830 — *Cercosaura ocellata Wagler, Nat. Syst. Amph.*, p. 158 (localidade tipo, "Asia?", erro).1952 — *Cercosaura ocellata ocellata Ruibal, Bull. Mus. Comp. Zool.*, n.º 106, p. 497.

Descrição: Corpo delgado e cauda longa; cabeça deprimida, moderadamente alongada; abertura auricular grande, ovalada; escudos cefálicos grandes; frontonasal separando os nasais, pentagonal; prefrontais em largo contacto; frontal grande, mais comprido que largo; frontoparietais, grandes contíguos; interparietal grande; largo, e mais comprido que os parietais; 2 occipitais grandes laterais, e um pequeno mediano; 2 postoccipitais; 3 ou 4 supraoculares; nasais grandes, inferiormente fendida; uma loreal grande e uma frenorbital menor; vários grandes escudos temporais na parte superior e escamado inferiormente; 6 escamas supralabiais e 5 infra; pálpebras desenvolvidas, com disco transparente composto de várias escamas; sinfiscal grande, subtriangular; escudos mentais grandes, um anterior, e 3 ou 4 postmentais, sendo os 2 primeiros pares em contacto medianamente, os outros separados por grânulos; duas fileiras longitudinais de grandes escudos transversos imbricados; 3 escudos no colar; escamas dorsais muito grandes, ligeiramente arredondadas na parte posterior, imbricadas, um pouco oblíquas, com fortes carenas formando estreitas linhas contínuas ao longo do

dorso; elas formam 8 séries longitudinais, incluindo os escudos nucais, que são um tanto irregulares, e fracamente carenados, contam-se de 30 a 34 séries à base da cauda; as escamas laterais são muito pequenas, fracamente carenadas, formando séries transversas um tanto irregulares, contando-se de 7 a 9; placas ventrais grandes, em 6 séries longitudinais, as laterais menores; cerca de 20 séries transversas; placas preanais normalmente 4, um par pequeno anterior e um par posterior muito grande; êstes escudos contudo variam muito; membros anteriores com grandes escamas lisas; os posteriores, inferiormente com escudos grandes, lisos; escamas na face superior da tibia carenadas; escamas femorais posteriores granulares; 4 a 5 póros femorais no macho, e 1 ou 2 nas fêmeas; cauda muito longa, e se afilando para a ponta, revestida com escamas quadrangulares formando anéis regulares, as da parte superior e lateral, mais compridas que largas, carenadas, enquanto as da parte ventral são mais largas que longas, lisas e arranjadas em 2 séries longitudinais.

Coloração: Esta é um tanto variável, contudo em geral pode ser oliváceo em cima; lateralmente no macho, uma larga faixa negra que vai do ouvido até à base da coxa; uma série de ocelos amarelados dentro dessa faixa; fêmeas uniforme; no dorso marginando a faixa negra, uma estria clara de cada lado, desde o canto do olho, passando por cima do ouvido até desaparecer na cauda; entre estas, no centro, correm duas estrias menos claras desde o pescoço até a cauda, tôdas 4 paralelas; região ventral branca amarelada; lábios e lado da cabeça salpicado de pontos negros.

Mensurações: Medidas feitas num macho, n.º 671:

Comprimento total 160 mm.	Cabeça 13 mm.
Membro posterior 25 mm.	Largura da cabeça	... 6 mm.
Cauda 110 mm.	Corpo 50 mm.

Coleção: Exemplar macho de número 671, proveniente do lugar Mangabeira, abaixo de Baião, rio Tocantins, Pará, col. O. Cunha, 1953; exemplar fêmea de número 876, coletado na localidade Estirão do Equador, margem direita do Javari, Estado do Amazonas, col. J. Hidasí, 1959; alto rio Maracá, Território do Amapá, sob número 795, macho, e 976, fêmea, adultos, col. M. Moreira, 1950.

Distribuição: Subespécie distribuída em quase toda a Amazônia Brasileira; Guianas, Venezuela e Bolívia.

Observações: Esta forma descrita por Wagler, em 1830, é ainda pouco conhecida, principalmente quanto à sua biologia, distribuição geográfica e as naturais variações. Em 1845, Gray descobrindo a existência da espécie, descreveu-a novamente julgando tratar-se de um novo sáurio, denominando-o *Emminia olivacea*. O exemplar que serviu à Wagler era

proveniente do Brasil, sem procedência, ao passo que os de Gray eram oriundos do Pará, estando a espécie figurada nos Proc. Zool. Soc. of London, de 1851.

Mais tarde (1881), O'Shaughnessy estudando os mesmos exemplares, achou que a espécie de Gray, não passava realmente de um representante do gênero *Cercosaura*. Ele acentuava que *Emminia*, bem poderia ser a mesma espécie descrita por Wagler. Logo depois, Boulenger, em 1885, situou definitivamente a espécie, colocando o nome de Gray sinônimo de *C. ocellata*. Tem sido observado (Boulenger, 1885, L. Griffin, 1917, Burt e Burt, 1931, e nós), que êstes lagartos são muito sujeitos a sensíveis variações, principalmente indivíduos de regiões diferentes. Há variações nos escudos cefálicos, no número de segmentos das escamas dorsais, ventrais e laterais; a presença de uma plica ou não lateralmente; os póros femorais podem estar presentes ou não, ou então variar de número entre 4, 5 ou mesmo 6 nos machos e nas fêmeas o número é muito menor ou pode faltar totalmente; a coloração parece variar consideravelmente de indivíduo para indivíduo.

De acordo com Ruibal (1952), que efetuou uma bem cuidada revisão do gênero, dividiu esta espécie típica em 3 raças geográficas distintas assim distribuídas: *Cercosaura ocellata ocellata* Wagler, em toda a província Amazônica; *C. o. petersi* Ruibal, habitando a região meridional do Brasil; e *C. o. bassleri* Ruibal, peculiar às regiões do Perú andino.

A presente subespécie parece intergradar-se com a raça *C. ocellata bassleri* Ruibal, própria das regiões mais ocidentais da Amazônia.

Comparando-se o espécimen do Javari com os restantes da coleção, e descrição de outros, observa-se visíveis variações morfológicas, sobressaindo principalmente o dimorfismo sexual. Analisando o exemplar referido, fazemos o diagnóstico seguinte dos principais caracteres: os escudos supracefálicos dispostos normalmente; 8 supra e 5 infralabiais; 3 pálpebrais; 2 primeiras postmentais contíguas, as duas restantes separadas por inúmeras pequenas escamas; escamas dorsais dispostas como no comum dos exemplares, havendo contudo ligeira modificação nos escudos nucais; ventrais mais ou menos idênticos ao de todos os espécimens examinados; 18 escamas ventrais longitudinais e 10 gulares; 30 dorsais da nuca à base da cauda; 29 escamas em torno do corpo; 4 escudos preanais e 2 anteriores pequenos e 2 posteriores grandes; 6 póros femorais de cada lado.

Maiores variações apresentam-se na disposição da coloração, nos componentes desta raça principalmente no exemplar em questão. Mostra visíveis tendências de intergradação ou transição para a subespécie *C. o. bassleri*, como dissemos anteriormente. Observando-se naquêle, a coloração se apresenta fundamentalmente pardo escuro no dorso, mais claro porém nos flancos; faltam quasi totalmente as linhas brancas longitudinais do dorso; apresenta apenas uma linha intermitente, clara de cada lado, que se estende em todo o corpo até à cauda; manchas escuras espalhadas no dorso; lateralmente raros ocelos pequenos, com centro claro marginado de negro; a cauda se mostra na maior parte partida, notando-se dorsalmente

grandes manchas dispostas quasi simetricamente uma atrás da outra; nos lados, pares de ocelos brancos fracamente rodeados de negro; dispõem-se verticalmente e simetricamente, um superior e outro inferior; labiais com pequenas faixas escuras verticais; região ventral inteiramente branca.

O espécimen parece ser fêmea, apresentando porte regular, com as seguintes medidas :

Cabeça 13 mm. Corpo 50 mm

Quanto à coloração como acabamos de observar, não resta dúvida que o exemplar denota visíveis modificações, afastando-se em parte da que lhe é própria na raça típica, e aproximando-se muito, ou mesmo, mais, à coloração da raça *C. o. bassleri*. Sabemos agora que ambas raças geográficas ocupam a mesma área de ocorrência na Amazônia. A raça típica *C. o. ocellata* se estende por toda a província Amazônica, especialmente nas partes orientais da região, ao passo que se intergrada com *C. o. bassleri*, raça própria e de área de ocorrência mais limitada, às regiões do Alto-Amazonas e seus afluentes. Maior número de exemplares de ambas raças, definiriam melhor essa questão, delimitando mais ou menos a área de distribuição de cada uma.

CERCOSAURA OCELLATA BASSLERI Ruibal

1952 — *Cercosaura ocellata bassleri* Ruibal, *Bull. Mus. Comp. Zool.*, vol. 106, 11, p. 499, fig. 3 (localidade tipo, rio Perené, Perú).

Descrição : Os caracteres subespecíficos da presente raça, são muito próximos de *C. o. ocellata*, desta se distinguindo contudo, pelas seguintes principais modificações : frontonasal simples; prefrontais em contacto medialmente; loreal dividida horizontalmente; os escudos nucais achatados, mais ou menos quadrangulares, dispostos em uma fila transversa; 3 escudos supraoculares; 7 supra e 6 infralabiais; 2 pares de postmentais contíguos e 2 separados por inúmeros pequenos grânulos, o último postmental separado das labiais; a folidose é mais ou menos idêntica à raça típica; 20 escamas ventrais do colar ao ânus; 10 gulares; 32 dorsais, da nuca à base da cauda; 4 escudos preanais, sendo 2 grandes posteriores e 2 pequenos anteriores; 7 póros femorais.

Coloração : Se apresenta diferente da raça anterior. Geralmente mostra-se de cor oliva ou pardo escuro no dorso, porém mais claro nos lados; lateralmente ligeiras indicações de estrias brancas; percebem-se alguns ocelos nos flancos; faixa escura vertebral ausente; região ventral branca, postmentais sem manchas; pequenas faixas verticais nas labiais.

Coleção : Apenas um exemplar macho de número 877 coletado no lugar Estirão do Equador, margem direita do Javari, Estado do Amazonas, col. J. Hidasi, 1959.

Distribuição : Raça própria das regiões mais ocidentais da Amazônia Brasileira, todo o Perú e parte da Bolívia.

Observações : Tivemos já oportunidade de falar a respeito desta subespécie, inclusive o arranjo de uma chave dos principais caracteres das 3 raças. É uma forma própria das regiões andinas e subandinas, com penetrações nas florestas de planície da bacia Amazônica. Caracteriza-se esta raça principalmente pela presença da loreal dividida, e ainda pela coloração que, como vimos, é bastante variável, segundo informa Ruibal. Varia de indivíduo para indivíduo, havendo também acentuado dimorfismo sexual. Como no momento só possuímos um único exemplar pouco podemos adiantar quanto a outras quaisquer variações morfológicas. As medidas são as seguintes :

Comprimento do corpo ... 50 mm. Cabeça 13 mm.
Cauda partida em regeneração. Largura da cabeça 8 mm.

Outros caracteres observados são próprios da forma típica *C. o. ocellata*.

Gênero LEPOSOMA Spix

1825 — *Spec. Nov. Lacert. Brasil.*, 24.

Este importante gênero compreende pequenos lagartos muito próximos aos do gênero *Alopoglossus*, e apresentando larga distribuição desde Costa Rica, através a Venezuela, Guianas, Equador, Perú, toda a Amazônia Brasileira e outras partes do Brasil (leste). De acordo com Ruibal conhecem-se no momento pelo menos 7 espécies, espalhadas por toda aquela área, algumas bem restritas, das quais 3 ocorrem no Brasil. Destas, 2 são próprias ao grande Vale Amazônico. Constituem lagartos essencialmente terrícolas, vivendo geralmente ocultos sob a folhagem do solo, ou em buracos de paus pódres, tombados. Costumam ser bastante ativos durante a noite. O alimento consta de insetos em geral, aranhas, larvas, vermes, etc. Há acentuado dimorfismo sexual, principalmente quanto aos caracteres de folidose, póros preanais e femcrais, geralmente ausentes nas fêmeas. A coloração varia pouco nas fêmeas, sendo mais diferenciada nos jovens.

Recentemente Ruibal descreveu mais duas espécies pertencentes ao gênero. Uma proveniente das Guianas, e outra da parte leste do Brasil (Bahia).

*Chave para as espécies de Lepsoma da província
Amazônica (de acôrdo com Ruibal)*

1. Frontonasal longitudinalmente dividido 2
Frontonasal simples
2. Pregulares convexas, posteriormente pontudas; ventrais não em filas
longitudinais 3
3. Interparietal maior e mais largo do que os parietais; terceiro post-
mental em contacto com as infralabiais *scincoides*.
4. Escamas dos lados do pescoço diferente das dorsais; 32-39 escamas
dos parietais à margem posterior dos membros posteriores 5
5. Escudos preanais 5, o mediano grande, alongado; fêmea com a côr
do corpo uniforme; Guianas *guianense*
Escudos preanais 5, mediano muito menor que os outros; fêmea com
a coloração do corpo não uniforme 6
6. Uma estria dorsolateral irregular escura, com 1 ou 2 escamas na
largura, estendendo-se até à cauda onde está marginada abaixo por
uma estria branca, originando-se na inserção do membro posterior;
36-39 escamas dos parietais à margem posterior dos membros pos-
teriores *percarinatum*.
Uma faixa lateral escura, com 4-5 escamas de largo; nenhuma estria
branca na cauda; 32-36 escamas dos parietais à margem posterior dos
membros posteriores; Colômbia, Equador e Perú *parietale*.

Diagnose: Língua com papilas escamóides; escudos cefálicos com estrias longitudinais e que compreende: um frontonasal simples ou dividido; um par de prefrontais; frontal; um par de frontoparietais; parietais e um interparietal; occipital ou postparietais ausentes; narina em nasal simples ou dividida; 1 loreal pequena e separada das supralabiais por uma frenoocular; 4 supraoculares, a primeira e quarta menores do que a segunda e terceira; primeira supraciliar grande e sem expansão dorsal; 2-5 palpebrais; suboculares pequenas; 6-7 supralabiais e 5-6 infralabiais; primeira postmental simples e seguida de 3 pares de postmentais; escamas dorsais carenadas, imbricadas e mucronadas, dispostas em filas transversas e oblíquas; laterais iguais às dorsais; ventrais carenadas ou lisas, truncadas ou pontudas, subimbricadas ou imbricadas; gulares de mesmo tamanho, pontudas, e em filas transversas e oblíquas; colar indistinto; póros preanais e femorais nos machos, fêmeas com os preanais e os femorais ausentes.

LEPOSOMA SCINCOIDES Spix

1825 — *Lepsoma scincoides Spix, Spec. Nov. Lacert. Brasil, p. 24 (localidade tipo, margens do rio Amazonas)*.

Coleção: Não representado na coleção.

Distribuição: Quase tôda a província Amazônica e parte sul do Brasil.

Observações: Êste lagarto foi a forma típica do gênero descrita por Spix em 1825, em exemplares coletados nas margens do rio Amazonas, infelizmente sem precisar a localidade onde foram encontrados. Constituem em geral lagartos de pequeno porte, terrícolas e de hábitos seclusivos.

A espécie parece ser própria do Vale Amazônico, contudo foi encontrado um espécimen no Estado do Espírito Santo, criando assim algumas dúvidas. Ruibal acha que "é difícil acreditar que uma espécie de *Lepsoma* se estenda por uma área tão imensa e variada, como a região acima indicada". Êle supõe que uma das duas localidades esteja provávelmente em êrro.

Esta espécie distingue-se das outras, pelas dorsais alongadaas, interparietal estreito, pelas pregulares pontudas convexas, e pelas ventrais em filas um tanto mais em diagonal do que em longitudinal.

LEPOSOMA PERCARINATUM (Muller)

1923 — *Hylosaurus percarinatum Muller, Zool. Anzeiger, LVII, p. 146 (localidade tipo, Peixe-Boi, Pará, Brasil)*.

1931 — *Lepsoma percarinatum Burt e Burt, Bull. Am. Mus. Nat. Hist. vol. 61, p. 349*.

Descrição: Cabeça e corpo moderados; frontonasal grande, obliquamente angular atrás; um par de pequenos prefrontais, unidos por uma pequena ou grande sutura; um frontal, estreitado posteriormente; um par de frontoparietais unidos por longa sutura; 2 parietais pequenos e um interparietal demasiadamente grande; occipitais ausentes; 4 supraoculares; todos os escudos cefálicos rugosos ou com pequenas cristas irregulares; 2 freno-orbitais, sendo a superior ligeiramente maior que a inferior; 6 supralabiais e 5 infralabiais; escamas temporais pequenas, carenadas; escudos mentais, um anterior seguido de 3 pares, sendo os dois pares anteriores em contacto, o par posterior normalmente separado por um grânulo apenas, às vêzes dois; algumas vêzes situam-se escamas grandes e pequenas posteriores às mentais; estas separam-se das gulares por uma simples fileira de pequenas escamas que se estende em volta da garganta de um ouvido a outro; gulares como as ventrais, porém mais estreitas e mais pontudas; corpo coberto com escamas uniformes, formando filas transversas e longitudinais na região ventral; as escamas são tão largas quanto longas, fortemente carenadas, mucronadas e imbricadas; 27 escamas em tórno do corpo, no meio; 33 a 38 escamas do occiput à base da cauda; 32 a 35 das mentais às preanais; 4 escamas preanais, das quais 3 ligeiramente maiores que as ventrais; as escamas caudais iguais às do corpo, porém um pouco mais estreitas, com tendência a formar filas regulares longitudinais e transversais como no ventre; as carenas das caudais formam uma série de cristas acentuadas; 14 destas cristas em tórno da cauda; 2 póros preanais de cada lado; 7 póros femorais nos machos.

Coloração: Pardo escuro, claro ou avermelhado; uma faixa mais escura se estende de cada lado, desde o focinho, através o olho, ouvido ao longo do corpo até à base da cauda; não há manchas grandes no dorso, mas pequenas manchas negras nas labiais e lados da cabeça; margeando a faixa escura dorso-lateral, corre uma pálida estria desde a nuca até à cauda; região ventral branca ou amarelada, imaculada, excetuando às vezes pequenas manchas escuras nas mentais posteriores; a parte inferior da cauda salpicada de uma infinidade de pontos pardos.

Mensurações: Medidas tomadas no maior exemplar macho;

Comprimento total 104 mm.	Cabeça 8 mm.
Membro posterior 15 mm.	Largura da cabeça	.. 5 mm.
Cauda 69 mm.	Corpo 35 mm.

Medidas de um espécimen fêmea:

Comprimento total 107 mm.	Cabeça 8 mm.
Membro posterior 16 mm.	Largura da cabeça	.. 5 mm.
Cauda 69 mm.	Corpo 38 mm.

Coleção: Estão guardados na coleção do Museu os seguintes exemplares: ns. 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, machos adultos; 846 (8 machos jovens); 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, fêmeas adultas; 855 (9 jovens fêmeas), todos provenientes do alto rio Maracá, Território do Amapá, col. M. Moreira, 1959.

Distribuição: Relativamente comum em quase toda a província Amazônica, principalmente partes mais orientais, incluindo as Guianas e Venezuela.

Observações: Constitui esta espécie pequenos lagartos, típicos do Vale Amazônico em grande parte, vivendo de preferência sob as folhas caídas ao sólo, no recesso das matas. Apreciam os locais sombrios, sossegados, possuindo às vezes hábitos noturnos.

A espécie foi inicialmente descrita por Muller em 1923, em exemplares coletados nos arredores de Belém, Pará. Porém, logo depois no mesmo ano, Noble desconhecendo a publicação daquele autor descreveu a mesma espécie em espécimens trazidos da Guiana Britânica. Aconteceu também com Mertens em 1925, batizando-a com outro nome, já em exemplares da Venezuela. Recentemente (1952), Ruibal tratou detalhadamente do gênero, analisando todas as espécies conhecidas, adicionando ao mesmo mais 2 espécies novas, além de admitir na sua sinonímia mais 3 formas, perfazendo ao todo 7 espécies.

Uma das espécies novas descritas, *Leposoma guianense* Ruibal, foi coletada no rio Demerara, na Guiana Inglesa, e que segundo informa o mesmo autor, ela é bastante relacionada a *L. percarinatum*, diferindo des-

ta principalmente em ter uma placa preanal mediana alongada, em lugar de uma pequena triangular, menor número de escamas no corpo, e um interparietal proporcionalmente maior. Observando a espécie, diz Ruibal: "É possível que *guianense* seja uma forma simpátrica de *percarinatum*, já que um exemplar desta espécie foi também coletado na mesma localidade daquela".

Acredita o mesmo autor que a espécie *percarinatum* seja uma subespécie de *parietale*, forma comum ao Equador, Colômbia e Perú. Contudo para avaliar tal suposição seria necessário maior número de espécimens de ambas espécies, em larga área.

Na coleção feita no Amapá tivemos oportunidade de analisar grande número de exemplares de ambos os sexos, e de várias idades de desenvolvimento. Observamos que as fêmeas são de mesmo porte que os machos; não possuem póros femorais, e às vezes 2 póros preanais de cada lado, ou são totalmente ausentes; as placas preanais podem variar de tamanho e número, em ambos sexos; o número de escamas dorsais e ventrais variam muito individualmente; a coloração no macho em geral é um tanto mais escura; às vezes mais de um grânulo se interpõe longitudinalmente entre a terceira mental, tanto num como noutro sexo; nos machos o número de póros femorais pode variar de 5 a 7.

Parece-nos ser mínima as variações quanto aos indivíduos geograficamente afastados, baseando-se nos dados de Burt e Burt, e Ruibal. Conforme atesta este último, ainda não havia sido feita nenhuma descrição baseada em exemplares machos, pois só fêmeas eram conhecidas. A descrição presente ao contrário daqueles, é feita em espécimens machos, relativamente comuns, contrariando a opinião de Ruibal.

Gênero ARTHROSAURA Boulenger

1885 — *Cat. Lizards Brit. Mus.*, 2, 389.

Este gênero bastante espalhado na área da província Amazônica, se aproxima um tanto do gênero *Pantodactylus*, *Alopoglossus* e *Ptychoglossus*, sendo que o primeiro e o último ausentes pelo menos no momento, à Amazônia Brasileira. Contudo determinados caracteres genéricos essenciais na foliose, diferenciam distintamente *Arthrosaura* daqueles.

O gênero compreende em toda esta imensa região, pelo menos umas 5 espécies e subespécies, das quais 4 em território da Amazônia Brasileira. Uma das espécies contudo, parece permanecer em profunda dúvida sobre a sua validade, provavelmente inexistente.

Brongersma em 3 sucessivos trabalhos publicados, um em 1928, outro em 1932 e, finalmente, o último em 1935, parece que determinou definitivamente a posição sistemática e a validade das espécies consideradas boas, mas em dúvida. Ao contrário do que pensavam Burt e Burt, e ao mesmo tempo propunham, aquêl autor provou a perfeita identidade de cada espécie, determinando também os caracteres específicos diferenciáveis entre elas, nos exemplares tipos, comparando-os com outros exemplares da coleção do Museu de Leiden.

A confusa dúvida que então existia entre as espécies *A. versteegii* de Jeude e *A. concolor* (*Pantodactylus concolor* Tschudi), foi finalmente esclarecida, considerando aquêl autor formas distintas, bem como as outras congêneres. Contudo não foi possível precisar uma conclusão final quanto à última espécie, visto o tipo ter desaparecido provavelmente. Daí deduzir-se que a citada espécie seja duvidosa e inexistente.

Chave para as espécies de *Arthrosaura*

- I. Três sunpraoculares, nenhuma faixa clara vertebral.
- Seis placas preanais; 5 distais, uma proximal; garganta manchada de negro *reticulata reticulata*.
 - Duas placas preanais quase quadrangulares; escamas ventrais lisas, poligonais *concolor*.
 - Três grandes escudos preanais, todos marginando a fenda anal; garganta sem manchas *reticulata versteegii*.
 - Dez escudos preanais, três grandes médianos e dois pequenos escudos externos na fila posterior, uma única placa mediana anterior a esta, e quatro escudos adicionais numa fila anterior; ventre com algumas manchas *tyleri*.
- II. a) Presente uma faixa clara vertebral *kockii*.
 b) Ausente uma faixa clara vertebral *tatei*.

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas; língua moderadamente alongada; escudos cefálicos grandes, regulares; frontonasal separando os nasais; prefrontais e frontoparietais presentes; narina situada no meio de uma nasal inteira; pálpebra inferior com um disco transparente; membros bem desenvolvidos, pentadáctilos; escamas dorsais e laterais iguais, hexagonal lanceoladas, carenadas, imbricadas e arrançadas em séries transversas regulares; placas ventrais grandes, subquadrangulares, arredondadas e superpostas posteriormente, lisas e arrançadas em séries longitudinais e transversais; prega colar; cauda cilíndrica.

ARTHROSAURA CONCOLOR (Tschudi).

- 1847 — *Pantodactylus concolor* Tschudi, *Arkiv fur Naturg.*, XXX, 1, p. 48-50 (localidade tipo, norte do Brasil).
 1931 — *Arthrosaura concolor* Burt e Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, LXI, p. 312.

Coleção: Nenhum representante na coleção.

Distribuição: Conhecido apenas da localidade tipo.

Observações: Como já tivemos oportunidade de acentuar, o *status quo* desta espécie é ainda bastante duvidoso, a julgar-se pelos estudos aprofundados levados a efeito por Brongersma. Burt e Burt acreditavam que esta espécie seria a mesma *A. versteegii* V. L. Jeude, porém aquêl autor demonstrou serem totalmente diferentes, embora pondo dúvidas sobre a veracidade de *A. concolor*, posto que o tipo se acha desaparecido.

ARTHROSAURA RETICULATA RETICULATA (O'Shaughnessy)

- 1881 — *Cercosaura* (*Pantodactylus*) *reticulata* O'Shaughn, *Proc. Zool. Soc. London*, p. 230, pl. 22, fig. 1 (localidade tipo, Cañelos, Equador).
 1935 — *Arthrosaura reticulata reticulata* Brongersma, *Zool. Med. Mus. Leiden*, vol. 18, p. 262.

Coleção: Não representado no Museu.

Distribuição: Ocorre nas regiões mais ocidentais da Amazônia (Alto Amazonas e seus afluentes), e Equador.

Observações: Em 1935 Brongersma voltou novamente ao assunto, e então estudando mais detalhadamente as características específicas diferenciais escreveu o seguinte: "Dêste modo o gênero *Arthrosaura* compreenderia duas espécies: *A. reticulata* (que pode ser dividida em duas subespécies, *A. reticulata reticulata* (O'Shaugh.) e *A. reticulata versteegii* Lidth) e *A. kockii* (Lidth). Estas duas espécies podem ser distinguidas pelos caracteres dados nas chaves de meu primeiro trabalho (1932, p. 18)." A seguir o autor concorda em admitir sob dúvidas, a espécie *A. concolor*, e também *A. tatei*, descrita por Burt e Burt em 1931. No Museu Goeldi não possuímos material nem desta raça e nem de *concolor*, de modo que pouca coisa podemos mais acrescentar. Aquêl autor no mesmo trabalho (1935) apresenta uma bem elucidativa redescricao da espécie, já desdobrada numa raça típica.

ARTHROSAURA KOCKII (Van Lidth de Jeude).

- 1904 — *Prionodactylus kockii* Van de Jeude, *Notes Leyden Mus.*, 25, p. 91 (localidade tipo, Surinam, Guiana Holandesa).
 1928 — *Arthrosaura kockii* Brongersma, *Zool. Anzeiger*, 78, p. 333.

Descrição : Cabeça um tanto larga; rostral truncado obtuso; frontonasal grande, separando os nasais; prefrontais unidos por pequena sutura; frontal hexagonal, estreito, mais largo anteriormente; frontoparietais pequenos, hexagonais; parietais grandes; interparietal mais estreito que estes; 4 supraoculares; nasal grande; loreal grande, em contacto com o nasal, prefrontais e supraoculares; 6 infraoculares; 7 supralabiais e 7 infra; mental anterior grande, seguida de 4 postmentais, sendo os primeiros pares contíguos; escamas temporais carenadas, as maiores apenas; escamas gulares desiguais, lisas e imbricadas; escamas dorsais e laterais estreitas, fortemente carenadas e dispostas em filas longitudinais e transversais, imbricadas; ventrais lisas, grandes, imbricadas e na mesma disposição que as dorsais; membros locomotores com escamas lanceoladas, grandes e imbricadas; 27 a 28 escamas do occiput à base da cauda; 34 em volta do corpo; 26 das gulares às preanais; 6 escudos preanais, 2 pequenos laterais e 1 posterior, 2 internos e 1 anterior; cauda mais ou menos longa com escamas idênticas às do corpo.

Coloração : Oliváceo ou pardo escuro na parte superior do corpo e lados; uma faixa clara amarelada desde o occiput até desaparecer na base da cauda; escamas labiais salpicadas de pontos escuros; cauda mais clara que o corpo, com manchas escuras e amareladas; região ventral mais clara ou amarelada.

Mensurações : Estas foram feitas em uma fêmea adulta n.º 47 :

Comprimento total	120 mm.	Cabeça	11 mm.
Membro posterior	23 mm.	Largura da cabeça . . .	8 mm.
Do focinho ao ânus	40 mm.	Cauda	65 mm.

Coleção : Um exemplar fêmea sob o número 47, proveniente das matas do Sossêgo, foz do igarapé Traquatêua, Município de Ananindêua, próximo de Bel m, Pará, col. C. Carvalho, 1957; 17 exemplares coletados no alto rio Maracá, Território do Amapá, assim numerados : 780, 781, 782, machos adultos; 783 (2 machos jovens); 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792 fêmeas adultas; e 793, 794 (3 fêmeas jovens), col. M. Moreira, 1959.

Distribuição : Provavelmente regiões orientais do Vale Amazônico (Estado do Pará e Território do Amapá), e Guianas.

Observações : Constitui esta espécie, lagartos um tanto pequenos com hábitos terrícolas, e vida seclusiva, pois procuram ocultar-se por entre a folhagem do sólo e troncos de árvores apodrecidos, em sítios sombrios das matas. Por êsse motivo raramente são percebidos, e sua captura não é fácil.

Especificamente esta forma é totalmente distinta de tôdas as outras congêneres, diferenciando-se principalmente por nítidos caracteres. Diferente das outras formas, apresenta como carater peculiar 4 supraoculares, al-

gumas diferenças nos escudos cefálicos, número de escamas no corpo e na coloração uma faixa clara que vai da nuca até desaparecer na cauda.

Observa-se nesta forma variações individuais na disposição dos escudos cefálicos, número de escamas do corpo, e também na coloração. Esta espécie relativamente comum nas partes mais orientais da Amazônia, está pelo menos presentemente bem representada na coleção do Museu, por um grande número de exemplares. Resulta disso um bem elaborado estudo comparativo individual e sexual. Observamos que são bastante insignificantes as variações individuais em espécimens de localidades afastadas. Nota-se apenas pequena variação no número e disposição das pequenas escamas gulares, situadas entre os escudos postmentais. O número de escudos preanais e sua disposição, estão aparentemente invariáveis; excetuando um indivíduo (788, fêmea) que apresenta o escudo médio anterior dividido. Por outro lado, o escudo médio posterior em todos os exemplares é inteiro, ao contrário do que informa Brongersma (1932) num exemplar citado.

A coloração é quase idêntica em todos os exemplares da coleção, apresentando normalmente o seguinte : pardo escurecido em cima, com manchas negras no lado bem como pontos brancos, contíguos, até à cauda, desta ao occiput uma linha vertebral branca, marginada de negro; lábios e também nos flancos inferiormente, salpicado de pontos negros; região ventral amarelada ou avermelhada; cauda avermelhada, com uma série dorso-mediana de manchas claras, marginadas de negro; alguns ocelos brancos lateralmente na base da cauda. Fundamentalmente esta é a coloração que todos os indivíduos machos ou fêmeas apresentam, parecendo contudo um tanto mais viva nos machos.

Todos os exemplares machos possuem 2 póros preanais pequenos, e 7 a 8 póros femorais; tanto um como outro ausentes nas fêmeas.

ARTHROSAURA RETICULATA VERSTEEGII V. L. de Jeude

- 1904 — *Arthrosaura versteegi* V. L. de Jeude, *Notes Leyden Mus.*, vol. 25, p. 89 (*localidade tipo, Monte Cottica, Guiana Holandesa*).
- 1935 — *Arthrosaura reticulata versteegii* Brongersma, *Zoologische Meded. Mus. Leyden*, vol. 18, p. 264.

Descrição : Cabeça pequena, mais comprida que larga, um tanto deprimida; rostral grande, saliente, arredondado; frontonasal mais largo que longo; prefrontais formando uma sutura; frontal grande mais comprido que largo, em contacto com a primeira e segunda supraoculares; 2 frontoparietais pequenos, pentagonais ou hexagonais, em contacto por curta sutura; interparietal separando os parietais, os 3 de igual tamanho, sendo aquêle mais estreito; 3 supraoculares, primeira menor; 4 supraciliares, primeira maior, quarta longa e estreita; todos os escudos cefálicos lisos, sem ranhuras; narina situada numa nasal simples, a qual é limitada atrás pela loreal e uma infraorbital, sendo aquela em contacto com a primeira supraocular; uma fileira de suboculares pequenas, estreitas; abertura auricular vertical, menor que a abertura ocular; escudos temporais lisos, ou fracamente carena-

dos poligonais irregulares; 7 supra e 7 infralabiais; sinfusal truncada, seguida de uma mental anterior, e 4 pares de postmentais, com os dois primeiros contíguos; os posteriores separados por pequenos grânulos; cêrca de 3 ou 4 pares de gulares, dilatados; 8 a 10 escudos colares; nítida prega colar; escamas dorsais com séries transversas, hexagonais estreitas, mais ou menos de mesmo tamanho; as situadas próximo ao ventre sem carena, e mais estreitadas; 25 a 27 escamas do occiput à base da cauda; ventrais em 8 filas longitudinais, com escamas subquadrangulares, arredondadas posteriormente, lisas, imbricadas; 16 séries transversas do colar às preanais; 4 placas preanais, com a mediana posterior pequena; as escamas nos lados do pescoço, nas axilas e virilhas, pequenas e granulares; 2 póros preanais de cada lado; 6 póros femorais de cada lado; escamas da cauda superiormente hexagonais, fortemente carenadas, dispostas em séries transversas regulares, mas não em séries longitudinais; inferiormente lisas.

Coloração: Pardo escuro em cima, com escamas manchadas de negro; lados da cabeça e pescoço um tanto escuros, com manchas claras; flancos do corpo com manchas claras, esbranquiçadas, confundindo-se algumas com o branco do ventre; cauda escura, com séries látero-dorsais de manchas pardo escuro e uma série látero-ventral de manchas brancas; lábios com barras verticais pardo escuras; mento, garganta e ventre esbranquiçados a avermelhados.

Mensurações: Medidas feitas num macho, de n.º 803:

Comprimento total 160 mm.	Cabeça 14 mm.
Membro posterior 30 mm.	Largura da cabeça	... 11 mm.
Cauda 100 mm.	Corpo 60 mm.

Coleção: Provenientes do alto rio Maracá, Território do Amapá, 6 exemplares assim numerados: 800, 803, 804, machos adultos; 801, fêmea adulta; 802 (2 jòvens); 805 jòvem; Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Estado do Amazonas, um espécimen de número 875, col. J. Hidasi, 1959.

Distribuição: Parece apresentar grande área de distribuição em quase toda a província Amazônica.

Observações: Segundo nos parece, esta raça ainda não havia sido registrada em território da Amazônia brasileira, e sua ocorrência aí oferece grande interesse na distribuição geográfica dos lacertílios, e na caracterização específica das províncias zoogeográficas, a cujo assunto nos reportamos no início dêste trabalho.

Ela parece apresentar a mesma distribuição geográfica da anterior. Por outro lado, *A. r. versteegii* é relacionada com a *A. kockii*, diferenciando-se aquela desta, pelos seguintes principais caracteres específicos: forma dos

escudos cefálicos; forma dos escudos mentais; forma e disposição das escamas dorsais e laterais; e salientando-se na coloração, pois caracteristicamente falta a faixa branca vertebral, além de possuir apenas 3 supraoculares.

Nos exemplares do Amapá, observamos quando comparados com a descrição feita por Brongersma, certa variação em alguns caracteres. Naturalmente variações geográficas.

A fêmea n.º 801, possui apenas 1 póro preanal de cada lado, e 4 ou 5 póros femorais; a coloração é idêntica embora menos acentuada; o dimorfismo sexual é muito insignificante.

Com a coleta do exemplar nas margens do Javari, fronteira do Brasil com Perú, fica assim largamente ampliada a área de distribuição desta raça geográfica. Contudo, parece ser mais comum à região do Baixo-Amazonas e Guianas. Observa-se nesta subespécie algumas variações morfológicas, notadas no presente espécimen pelos seguintes principais caracteres; escudos supracefálicos na mesma disposição normal dos exemplares da coleção, embora mostrem ligeiras variações na sua conformação; 7 supra e 6 infralabiais; escamas nucais estreitas como as dorsais; estas iguais ao normal dos outros exemplares; ventrais lisas quadrangulares, porém um pouco mais estreitas; 7 pares de escamas gulares; mentais e postmentais dispostas normalmente, variando apenas os pequenos escudos que entre elas se intercalam; 18 escamas ventrais do colar às preanais; 30 escamas dorsais dos occipitais à base da cauda; 43 em tórno do corpo; escudos preanais normais; 2 pares de póros preanais e 6 femorais de cada lado.

Quanto à coloração se apresenta quase sem modificação importante, mais ou menos idêntica ao restante dos espécimens da coleção.

Gênero EUSPONDYLUS Tschudi

1845 — *Ark. Naturg.*, II (1), 160.

Compreende atualmente êste gênero umas vinte espécies e subespécies, arranjadas em confusa e problemática taxonomia. Está largamente espalhado por quase toda a América meridional, incluindo as Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú, Equador, Bolívia e todo o Brasil. Constituem geralmente lagartos de pequeno porte, terrícolas, vivendo como muitos outros da família *Teiidae*, ocultos sob as folhas do sólo, no recesço das matas.

Os componentes dêste gênero são muito próximos do gênero *Cercosaura*, com cujos membros têm sido comumente confundidos. Não sabemos quantas espécies ou raças ocorrem ou podem ocorrer dentro da Amazônia Brasileira, embora algumas tenham sido assinaladas nas regiões lindeiras desta

como, as Guianas, Venezuela, Colômbia, Perú e Bolívia. Com coletas mais sistemáticas nas áreas assinaladas modificar-se-á totalmente esta deficiência.

Em 1931, Burt e Burt efetuaram um estudo mais minucioso das espécies que compõem o gênero *Euspondylus*, aproveitando numeroso material depositado nas coleções do American Museum de Nova York. Eles estabeleceram uma chave para identificar os caracteres específicos das formas aí admitidas. Para tanto lançaram mão também das coleções do Museu Nacional, e do Museu de Zoologia Comparada de Harvard, Estados Unidos. Após tão aprofundado exame neste material, aqueles autores observaram notáveis variações individuais, presentes principalmente no número de escudos supraoculares, número de escamas do occiput à base da cauda, número de escamas no meio do corpo, número de filamentos transversas das placas ventrais, a condição do frontonasal e por fim a coloração.

Apesar mesmo desse importante esforço, os lagartos deste gênero continuam duvidosamente identificados ainda, pois muitas das formas aí incluídas parece pertencerem a outros gêneros (notadamente *Cercosaura*), além da validade ou não de suas espécies e raças. Admitimos aqui a ocorrência de 2 espécies (embora acreditamos habitar a Amazônia também *Euspondylus acutirostris* (Peters) além de outras provavelmente).

EUSPONDYLUS OSHAUGHNESSYI (Boulenger)

1885 — *Prionodactylus oshaughnessyi* Boulenger, *Cat. Liz. British Mus.* II, p. 392 (localidade tipo, Cañelos e Pallatanga, Equador).

1931 — *Euspondylus oshaughnessyi* Burt e Burt, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* LXI, p. 337.

Descrição: Corpo delgado; focinho um tanto comprido; escudos supracefálicos grandes, regulares; frontonasal longitudinalmente bisectado; prefrontais formando uma sutura; frontal longo e estreito; frontoparietais pequenos, contíguos; interparietal algo maior e mais largo que os parietais; 3 occipitais, mediana muito pequena; narina situada em uma nasal inteira; loreal grande tocando a segunda supralabial; uma frenorbital menor; escudos temporais grandes; 7 supra e 6 infralabiais; escudos mentais grandes, um anterior seguido de 4 pares posteriores formando os dois primeiros uma

sutura, e os outros dois separados por uma série de grânulos irregulares; grandes escudos se situam entre os grânulos e os mentais posteriores; 2 filamentos distintas de grandes placas gulares longitudinais; 5 ou 6 escudos colares; escamas dorsais muito estreitas, fortemente carenadas, imbricadas, dispostas em linhas transversas, mas não longitudinais; escamas laterais muito pequenas, tão largas quanto estreitas, fracamente carenadas, subimbricadas; ventrais grandes dispostas em 6 filamentos longitudinais, lisas, imbricadas, com as externas tão grandes quanto as internas, arredondadas; lateralmente, acima dos membros anteriores e posteriores, as escamas se apresentam granulares; contam-se 41 escamas do occiput à base da cauda; 40 escamas no meio em torno do corpo; 19 séries transversas, a partir do colar até aos escudos preanais; um par de escudos preanais grandes, adiante dos quais situa-se um outro par menor; geralmente os grandes preanais estão divididos; póros preanais ausentes; 3 a 9 póros femorais normalmente, mais no macho que na fêmea; cauda dorsal e lateralmente com escamas iguais às da parte superior do corpo, inferiormente com uma dupla fila de grandes escudos lisos, longa e afilada.

Coloração: Pardo claro superiormente; estreita linha vertebral escura; uma faixa escura lateral, nitidamente marcada nos lados da cabeça e pescoço, porém menos distinta no corpo; abaixo desta uma estria branca; logo a seguir uma linha parda nos limites ventrais; dorsalmente de cada lado, uma linha clara partindo dos temporais à base da cauda; 4 a 5 pequenos ocelos claros indistintos nos flancos; região ventral de coloração creme, tendo cada escudo uma mancha anegrada central; cauda na parte superior pardo muito claro e inferiormente esbranquiçada.

Mensurações: Medidas tiradas em uma fêmea (n.º 928):

Comprimento total 120 mm.	Cabeça 10 mm.
Membro posterior 19 mm.	Largura da cabeça 5 mm.
Corpo 36 mm.	Cauda 84 mm.

Coleção: Apenas um exemplar fêmea, proveniente do alto rio Maracá, Território do Amapá, com o número 928, col. M. Moreira, 1959.

Distribuição: A espécie parece ser típica das regiões mais ocidentais da Amazônia (tipos do Equador), mas ocorre também em todo o restante oriental desta região, como o atesta o espécimen presentemente estudado.

Observações: Como anteriormente citamos, afirmamos ainda que pouco sabemos a respeito das espécies que compõem o gênero *Euspondylus* na Amazônia, pois parece serem raros nas coleções. São relativamente conhecidas as espécies que ocorrem nas regiões que limitam com o Brasil, principalmente Bolívia, Equador, Perú, Colômbia e Venezuela. Possivelmente algumas destas espécies ocorrerão na Amazônia Brasileira. A espécie presentemente estudada era ainda desconhecida nas regiões mais orien-

tais do grande Vale, indicando agora ampla distribuição geográfica em toda esta área.

Esta espécie de certo modo não se mostra de ocorrência muito comum, coincidindo neste ponto com os representantes do gênero *Cercosaura*, aos quais se aproximam muito os do gênero *Euspondylus*.

EUSPONDYLUS VERTEBRALIS (O'Shaughnessy)

1879 — *Cercosaura* (*Pantodactylus*) *vertebralis* O'Shaugh., *Ann. and Mag. Nat. Hist.*, (5), IV, p. 298 (*localidade tipo, Intac, Equador*).

1931 — *Euspondylus vertebralis* Burt e Burt, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* vol. 61, p. 338.

Coleção: Nenhum representante no Museu.

Distribuição: Acha-se distribuída pelas regiões ocidentais da Amazônia Brasileira (afluentes do Alto Amazonas); Colômbia e Equador.

Observações: Esta espécie parece ser uma das mais típicas do gênero, caracterizando-se principalmente pela seguinte ligeira diagnose: 2 ou 3 supraoculares; nasal inteira ou dividida; 1 ou 2 frontonasais; 19 a 22 séries transversas de placas ventrais; 30 a 34 escamas dorsais carenadas ou lisas, ou carenadas posteriormente e lisas anteriormente; na coloração salienta-se uma faixa clara cinzento-azulada vertebral, algumas vezes marginada por um par de faixas escuras, variando constantemente nos indivíduos a largura; lados pardacentos ou acinzentados; às vezes uma faixa dorso-lateral ou mais inferior, pelo menos anteriormente; ventre uniforme, usualmente escurecido.

Estes caracteres contudo, podem variar constantemente nos indivíduos, principalmente a coloração.

Gênero BACHIA Gray

1847 — *Cat. Lizards Coll. Brit. Mus.*, 58.

Os componentes do gênero *Bachia* são lagartos de aspecto vermiforme ou serpentiforme, cuja constituição morfológica se apresenta de profundo interesse para o estudo evolutivo da família *Teiidae*, e dos lacertílios em geral.

Várias designações sinônimas foram apresentadas, para englobar os membros deste gênero. Boulenger (1885) aceitou o nome *Cophias* Merrem, 1820, porém Garman (1892) mostrou que *Bachia* Gray (1845) podia ser com justa prioridade aplicado a estes lagartos, em lugar daquele. Mesmo assim, Cope, em 1896 e 1899 preferiu designar o gênero com os no-

mes respectivamente, *Heteroclonium* e *Heterodonium*. Ambos contudo não foram admitidos. Finalmente Ruthven (1925) com maior material, fez o arrançamento sistemático definitivo de todo o grupo, incluindo todas as formas conhecidas dentro do gênero *Bachia*.

Os membros deste gênero estão largamente espalhados dentro da região Neotropical, ocorrendo com relativa facilidade desde a América Central, Guianas, Venezuela, Colômbia, Bolívia, Equador, Perú, até o Chile, e Brasil. Conhecem-se no momento 12 espécies habitando todas essas regiões citadas, das quais ao menos 2 bastante típicas ocorrem na Amazônia Brasileira.

O gênero *Bachia* encerra apenas pequenos lagartos quase que totalmente ápodos (mostrando somente rudimentos de membros), e adaptados à vida subterrânea. Vivem sempre ocultos, fugindo à luz, e quando se movem, o fazem com movimentos ondulatórios, serpentiformes. Essas condições dificultam a captura desses sáurios, o que geralmente é sempre ocasional. Quando se vêm presos pela cauda, utilizam-se da autotomia para se tornarem livres. Essencialmente carnívoros, alimentam-se de insetos e suas larvas, vermes e detritos outros no sólo.

Chave sinóptica adaptada, das espécies Amazônicas

1. Escamas dorsais quadrangulares, não superpostas (grupo *cophias*) 2
- Escamas dorsais hexagonais, superpostas (grupo *dorbigny*) 3
2. Interparietal ausente 3
3. Duas supraoculares acima das supraciliares *B. cophias*.
4. Dois pares de escudos mentais (postmentais) em contacto medianamente; margem externa de cada, do segundo par de mentais formando uma sutura continua com as infralabiais, não alcançando a borda oral 5
5. Quinta supralabial em contacto com o parietal de cada lado *B. dorbignyi*.

Diagnose: Abertura auricular ausente; olhos pequenos, pálpebras desenvolvidas; língua moderadamente alongada; escudos cefálicos grandes, regulares; frontonasal separando os nasais; prefrontais e frontoparietais ausentes; narina na sutura entre a nasal e a primeira labial; corpo e cauda

alongados; membros rudimentares, os anteriores sem unhas, dedos tuberculares, os posteriores iguais aos anteriores ou estiliformes, indivisíveis; escamas do corpo lisas, formando anéis regulares, e também séries longitudinais no ventre; as dorsais estreitas, podendo ser quadrangulares e justapostas ou hexagonais e superpostas; as ventrais largas, quadrangulares, justapostas; prega collar ausente; machos com póros preanais.

BACHIA COPHIAS (Schneider)

- 1801 — Chamaesaura cophias *Schneider, Hist. Amph. part. 2, p. 209 (localidade tipo, desconhecida)*.
1925 — *Bachia cophias Ruthven, Proc. Boston Soc. Nat. Hist., 38, p. 108*.

Descrição: Cabeça um tanto deprimida, escudos supracefálicos grandes; frontonasal grande, hexagonal irregular; parietais grandes; frontal grande, pentagonal irregular; interparietal ausente; 5 escudos temporais (às vezes 6); 5 occipitais, mediano pequeno e dividido; loreal grande, heptagonal; 2 supraoculares; 2 supraciliares; 2 infraorbitais; 5 supralabiais e 5 infra; preocular pequena; nasais grandes, estreitos, fusionados, separados pelo frontonasal; sinfusal pequena; 5 escudos mentais, um anterior sulcado e 4 postmentais; 6 gulares anteriores e 2 postgulares; 4 rudimentos de membros locomotores, os anteriores com 3 a 4 tubérculos digitiformes; os posteriores com 3 tubérculos indistintos; escamas lisas não imbricadas; dorsais, laterais e ventrais, quadrangulares, justapostas longitudinalmente; ventrais largas, dorsais e laterais estreitas; um par de escudos peitorais, grandes, seguidos de escudos menores; 2 póros preanais de cada lado; 3 escudos preanais grandes, mediano maior, sulcado medianamente; cauda um tanto alongada, com escamas iguais às do corpo.

Coloração: Pardacento em cima, com 3 linhas paralelas mais escuras, se estendendo desde o occiput à base da cauda; lados pardo claro com uma faixa escura nos flancos, longitudinalmente, da nuca à cauda; no dorso 2 linhas amarelas em toda a extensão do corpo, marginando as linhas escuras; face ventral amarelada, levemente manchada de pardo claro.

Mensurações: Medidas de um exemplar macho adulto:

Comprimento total	135 mm.	Cabeça	6 mm.
Membro anterior	3 mm.	Membro posterior	2 mm.
Corpo	52 mm.	Largura da cabeça	4 mm.
Cauda	83 mm.		

Número de escamas:

Do occiput à base da cauda	47	Em redor do corpo no meio	29
Escudos ventrais dos peitorais às anais	35		

Coleção: Registramos na coleção apenas um espécimen macho de número 1, proveniente do lugar Moreira, abaixo de Itaituba, rio Tapajós, Pará, col. O. Cunha, 1951.

Distribuição: Esta espécie apresenta grande distribuição na América equatorial, ocorrendo provavelmente em todo o Vale Amazônico, e ainda nas Guianas, Venezuela e Colômbia.

Observações: Notas mais detalhadas sobre o gênero e a espécie, foram por nós publicados em Boletim deste Museu (Zool. 11, 1958). Aí encontrar-se-á informes sobre a ecologia e discussão taxonômica da espécie.

Estes lagartos são um tanto raros em coleções, devido principalmente ao seu modo de vida, e são mesmo desconhecidos pelos habitantes do interior. Observa-se também que dada essas condições de vida, estão muito sujeitos, às vezes a grandes variações morfológicas. A disposição dos escudos cefálicos, número de escamas no corpo e coloração variam de indivíduo para indivíduo, principalmente quando comparados exemplares de regiões diferentes. As variações encontradas no espécimen do Museu são pequenas, notadamente nos escudos cefálicos.

BACHIA DORBIGNYI (Duméril e Bibron)

- 1839 — *Chalcides dorbignyi Duméril e Bibron, Érpétol. Générale, V, p. 462 (localidade tipo, Santa Cruz do Chile)*.
1925 — *Bachia dorbignyi Ruthven, Proc. Boston Soc. Nat. Hist., 38, p. 109*.

Coleção: Espécie ausente da coleção.

Distribuição: Ocorre nas regiões ocidentais da Amazônia Brasileira e Bolívia, Chile e Perú.

Observações: Esta forma típica do gênero, é muito distinta de todas as outras suas congêneres, apresentando profundas diferenças específicas características. Isto é acentuado principalmente pelas escamas do corpo que são hexagonais, em lugar de quadrangulares; não possui supraoculares; dois pares de escudos mentais em contacto medialmente, e diferenças outras no número das escamas do corpo.

Gênero CALLISCINCOPUS Ruthven

- 1916 — *Occ. Pap. Mus. Zool. Michigan, 22, 1*.

O gênero *Calliscincopus* foi criado por Ruthven, para englobar determinados lagartos muito semelhantes ao antigo gênero *Tretioscincus* Cope, mas que se diferenciam destes por caracteres bastante diferenciáveis. Segundo Ruthven (1916) e Burt e Burt (1931), a separação genérica entre ambos ocorre

principalmente pelo afastamento das placas prefrontais, e a posseção de escamas dorsais, porquanto a coloração é praticamente idêntica, e a distribuição geográfica é quase adjacente. Acentuam ainda os mesmos autores, que a afinidade entre ambos gêneros é evidente.

Calliscincopus até o presente momento parece ser monotípico, embora esteja espalhado por toda a Amazônia brasileira e Guianas, segundo consta. O gênero caracteriza-se principalmente por possuir prefrontais pequenos, largamente separados; 2 pequenos frontoparietais; interparietal largo, grande, hexagonal; uma mental anterior seguida de 3 pares de postmentais, formando uma sutura; escamas perfeitamente lisas em todo o corpo, bem como as de maior parte da cauda; 4 ou 5 póros femorais em cada coxa; 26 ou 27 escamas na série longitudinal do occiput à base da cauda; 16 fileiras de escamas em volta do corpo, no meio; escamas lisas do primeiro dêdo rudimentar; coloração fundamental bronzeada, verde oliva ou azul púrpura, com reflexos metálicos; uma linha clara dorso lateral de cada lado do corpo.

* CALLISCINCOPUS AGILIS Ruthven

1916 — *Calliscincopus agilis* Ruthven, *Occ. Pap. Mus. Zool. Univer. Michigan*, 22, p. 2 (localidade tipo, margens do rio Demerara, perto de Dunoon, Guiana Inglesa).

Coleção: Nenhum representante na coleção.

Distribuição: Provavelmente quase todo o Vale Amazônico e Guianas.

Observações: A espécie tipo do gênero foi primeiramente descrita por Ruthven, porém Andersson talvez desconhecendo esta publicação identificou um lagarto proveniente de Manaus, Amazonas, como pertencendo ao gênero *Tretioscincus* (*T. romanni* Andersson, *Arkiv. f. Zool.* 11, 16, p. 5, 1918). Mais tarde em 1923, Muller, descreveu um outro lacertílio trazido

* Consoante informes taxonômicos recentes, seguindo a opinião atual da maioria dos especialistas, o gênero *Calliscincopus* aqui citado seria realmente sinônimo de *Tretioscincus*, visto como aquele lacertílio apresenta os característicos genéricos deste último. Provavelmente *Calliscincopus agilis* Ruthven, seja agora sinônimo de *Tretioscincus agilis* (Ruthven, 1916).

do rio Tocantins, no Estado do Pará, também denominando-o *Tretioscincus brasiliensis* (*Zool. Anz.*, 57, p. 49).

Burt e Burt (1931), estudando as características específicas supostamente apresentadas, acharam que as três formas admitidas como novas, seriam sinônimas ganhando por prioridade *Calliscincopus agilis* Ruthven?

Gênero IPHISA Gray

1851 — *Proc. Zool. Soc. London*, 39.

Este gênero embora monotípico, está bastante espalhado por toda a Amazônia Brasileira, Guianas, Venezuela e Colômbia ao oriente dos Andes. O gênero é típico do grande Vale Amazônico, apesar de poucas ocorrências. Parece que a espécie tipo procedia da cidade de Belém, Pará. Constituem geralmente lagartos de pequeno porte, um tanto avolumados no corpo. São de hábitos terrícolas, vivendo quase que constantemente ocultos na folhagem do sólo no recesso sombrio das matas. Os hábitos seclusivos os tornam pouco conhecidos e raros nas coleções.

Apresentam certo interesse ao taxonomista, pela disposição das escamas no corpo e cabeça. A coloração em geral é viva, tendendo a sépia ou avermelhada. Parece que há dimorfismo sexual, e variações individuais na disposição das escamas e coloração. Está representado na coleção do Museu Goeldi apenas por um espécimen.

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras desenvolvidas, inferior com disco transparente; língua moderadamente alongada ou pouco mais; escudos cefálicos grandes; frontonasal separando os nasais; prefrontais e frontoparietais presentes; narina situada na parte inferior do nasal simples; membros bem desenvolvidos; dêdo interno curto, sem unha; tôdas as escamas do corpo hexagonais arredondadas, imbricadas, lisas, arranjadas quincuncialmente, duas fileiras ao longo do dorso, e duas ao longo do ventre, muito dilatadas transversalmente; escamas caudais lanceoladas, carenadas; não há prega collar; machos com, fêmeas sem póros femorais; cauda cilíndrica.

IPHISA ELEGANS Gray

1851 — *Iphisa elegans* Gray, *Proc. Zool. Soc. London*, p. 39, pl. VI, fig. 3 (localidade tipo, Pará, Brasil).

Descrição: Cabeça deprimida, focinho curto, largo, truncado; corpo alongado; membros curtos; frontonasal muito mais largo do que longo;

prefrontais formando uma curta sutura; frontal hexagonal, mais estreito que o frontonasal; frontoparietais um pouco maiores que os prefrontais; formando uma curta sutura ou simples contacto; parietais grandes, largos; interparietal pentagonal tão longo quanto os parietais, estreito; occipitais não distinto das placas nucais; 3 supra oculares, anterior muito pequena; 2 loreais superpostas; uma fileira de infraorbitais; temporais escudados; rostral grande, truncado; 7 supralabiais e 6 infra; sinfusal tão grande quanto o rostral; uma mental anterior grande, e 2 pares de postmentais, sendo o anterior muito grande, formando uma longa sutura; escamas dorsais e nucais, formando uma série dupla alternante de cerca de 30 pares; estas escamas ou placas, de tamanho grande, hexagonais arredondadas, sendo as do meio do corpo tão largas quanto estreitas, tornando-se gradualmente mais estreitas; escamas laterais grandes, cicloide alongadas, formando séries oblíquas; escamas gulares e ventrais iguais às dorsais, formando cerca de 28 pares; na região esternal 3 escudos maiores, mediano triangular; 12 escamas em redor do corpo, no meio; 3 grandes escudos preanais, mediano mais curto e triangular alongado; membros com escamas lisas; lado mais interno das coxas granulado; parte superior da tibia com escamas carenadas; macho com 10 póros femorais de cada lado; cauda longa afilada, revestida com escamas hexagonais lanceoladas, carenadas, formando aneis regulares imbricados.

Coloração: Pode ser variável de indivíduo para indivíduo, contudo geralmente apresenta-se mais ou menos sépia no dorso, porém mais pálidos nos lados das supraoculares; lados da cabeça e corpo forma uma linha estreita de cor oliva brilhante, cambiando para cinza escuro; ventre cinzento ou alaranjado claro, com a cauda vinácea cambiante.

Mensurações: Estas foram feitas num indivíduo macho, de número 46:

Comprimento total 150 mm.	Cabeça 10 mm.
Membro posterior 16 mm.	Largura da cabeça 7 mm.
Corpo 50 mm.	Cauda 100 mm.

Coleção: O Museu Goeldi possui em sua coleção, no momento, apenas um exemplar macho de número 46, proveniente das matas do Utin-ga, arredores de Belém, Pará, col. M. Moreira, 1956.

Distribuição: Esta espécie acha-se amplamente espalhada por toda a província Amazônica, incluindo partes da Colômbia, Venezuela e Guianas.

Observações: Os escudos dorsais e ventrais diferenciam-se, pois nem sempre as filas duplas alternantes se dispõem em pares. Uma das séries pode ter mais escudos de um lado ou de outro. Além disso há variações individuais tanto na disposição das escamas do corpo e cabeça, como na coloração, e certo dimorfismo sexual, notadamente quanto aos póros femorais ausentes nas fêmeas.

É interessante que o exemplar do Museu, foi conseguido por intermédio de um gavião comum (*Micrastur gilvicolis* (Vieillot, 1817)), abatido a tiros para a coleção ornitológica desta Instituição, e em cujo estômago foi encontrado, recém ingerido. Estava ainda bem conservado, embora a cauda se achasse fragmentada em três pedaços.

Gênero MICRABLEPHARUS Boettger

1885 — *Zeit. Naturw.*, 58, 217.

Compreende este gênero os menores de todos os lacertílios conhecidos, já que seu porte é bem diminuto. São por isso mesmo lagartos bem pouco comuns e raramente percebidos pelos habitantes dos nossos sertões. O gênero é representado apenas por duas espécies que apresentam grande distribuição geográfica, apesar de seu pequeno tamanho, sendo que uma habitando todo o sul, centro e nordeste do Brasil, alcançando porém os limites mais meridionais, do espraiamento avançado das florestas do Vale Amazônico, e além de ainda ocorrer no Paraguai, Bolívia, etc.

São lagartos que possuem hábitos terrícolas, correndo nas pequenas clareiras da mata, mas parece que que, passando uma vida um tanto seclusiva. O dimorfismo sexual é presente, principalmente quanto aos póros femorais, ausentes nas fêmeas. Igualmente variações individuais nos escudos cefálicos e escamas do corpo, são bem visíveis. O Museu possui na coleção um representante do gênero.

Diagnose: Ouvido exposto; pálpebras ausentes; língua setiforme; grandes escudos cefálicos regulares; frontonasal separando os nasais; prefrontais ausentes; frontoparietais presentes; narinas situadas no meio de um escudo nasal semi-dividido; membros bem desenvolvidos; dêdo interno ausente; tôdas as escamas do corpo hexagonais arredondadas, imbricadas, lisas, e arranjadas quincuncialmente; não há prega gular; machos com póros femorais; cauda cilíndrica.

MICRABLEPHARUS MAXIMILIANI (Reinh e Lutk.)

1861 — *Gymnophthalmus maximiliani Reinhardt e Lutken, Vidensk. Meddel. Nat. Foren Kjobenh*, p. 211, pl. V, fig. 6.

1885 — *Micrablepharus maximiliani Boulenger, Cat. Liz. British. Mus II*, p. 426.

Descrição: Corpo pequeno, moderadamente alongado; frontonasal muito grande; frontal estreito, longo; frontoparietais pequenos, menores que o anterior; parietais grandes, largos; interparietal mais estreito, pentagonal; 2 supraoculares, primeira muito grande e em contacto com o frontonasal; 2 supraciliares, anterior estreita e muito grande; rostral e nasal grandes; loreal grande; 7 supralabiais e 6 infra; sinfusal grande truncada; um escudo mental anterior, e 3 pares alternantes formando uma sutura; gulares menores; membros bem desenvolvidos, no anterior faltando o dêdo interno; escamas do corpo arredondadas hexagonais, imbricadas, lisas, arranjadas quincuncialmente; uma parte das escamas da cauda carenadas; machos com póros femorais; ôlho grande arredondado, sem pálpebras.

Coloração: Pardo amarelado em cima; uma larga faixa pardo escura, começando do focinho e passando através o ôlho e o membro anterior, marginada acima e abaixo por uma linha esbranquiçada; região ventral esbranquiçada, garganta e mento salpicado de pardo; cauda azulada.

Mensurações: Feitas num único espécimen:

Comprimento total 50 mm. Cabeça 5 mm.
Cauda 32 mm.

Coleção: Depositado na coleção do Museu, um exemplar fêmea de número 149, proveniente da cidade de Conceição do Araguaia, Pará, col. por J. Hidasi, 1957.

Distribuição: Zona de transição sul da Amazônia, centro, nordeste e região meridional do Brasil; Paraguai, Bolívia, etc.

Nome vulgar: Comumente Lagarto, mas os indígenas antigos parece que o conheciam sob o nome de "Americima", segundo Marcgrav.

Observações: O componente dêste gênero apresenta certa semelhança com os caracteres genéricos do seu afim *Gymnophthalmus*, distinguindo-se nitidamente por não apresentar prefrontais, e possuir os frontoparietais, além de outros sinais menores. De resto, geralmente são confundidos facilmente se examinados num golpe de vista.

Sobre esta pequena espécie Goeldi (Bol. Mus. Goeldi, III, p. 350, 1902) informa que "é um mimoso lagartinho, distinto pela posse de uma cauda azul." Adianta mais que o antigo Marcgrav o conhecia e o figurou em sua obra, e que "respectiva xilografia indica com razão os pés anteriores com 4 dêdos apenas. De naturalistas posteriores tenho diante de mim a figura dada pelo Príncipe zu Wied e a de Reinhardt e Lutken. Refere o príncipe que encontrou êste diminuto lagarto tão fácil de conhecer, no Mucury, onde o viu correr com ligeireza por sobre a areia; acrescenta que se move entre arbustos e plantações e sobe também pelas árvores. Foi somente mediante a figura desenhada do natural pelo Príncipe, que se conseguiu descobrir qual o Sáurio que o antigo Marcgrav quis descrever no tem-

po do domínio holandês." Afrânio do Amaral (1935, p. 245) estudou uma série de 5 exemplares, procedentes de Cana Brava, Goiás, e informava que um dos espécimens possuía apenas 1 par de postmentais, enquanto os demais apresentavam 2 pares. Ora, o nosso exemplar do Museu possui justamente 3 pares alternantes. Os componentes do gênero *Gymnophthalmus*, é que apresentam, segundo nos consta, somente os 2 postmentais.

Gênero GYMNOPHTHALMUS Merrem

1820 — *Tent. Syst. Amph.*, 13, 74.

Êste interessante gênero tal como acontece com o anterior, encerra lagartos de porte bastante diminuto, compreendendo atualmente 7 espécies conhecidas, largamente distribuídas desde o México, América Central e Antilhas Menores, e tôda a América do Sul até Argentina e Chile meridionais. De acôrdo com Amaral, vivem no Brasil pelo menos duas espécies bem distintas, das quais uma peculiar ao Vale Amazônico.

O gênero apresenta sinônimos, mas foi Boulenger (1885) que estabeleceu definitivamente a posição taxonômica exata de *Gymnophthalmus*. Determinados caracteres seus são muito semelhantes ao gênero *Micrablepharus* Boettger, mas com facilidade distinguir-se-ão as suas diferenças, já detalhadamente citadas no estudo que anteriormente fizemos dêste.

O gênero caracteriza-se notavelmente pelos frontonasais separando os nasais; prefrontais presentes; frontoparietais ausentes; pálpebras também ausentes; membros desenvolvidos, faltando o dêdo interno do membro anterior; escamas do corpo arredondadas hexagonais, imbricadas, lisas ou fracamente carenadas e machos com póros femorais; um escudo mental anterior e 2 pares de postmentais.

Geralmente constituem lagartos bem diminutos, de hábitos terrícolas, vivendo entre a erva do sólo, muito ágeis e fugidios.

GYMNOPHTHALMUS LINEATUS (Linnaeus)

1758 — *Lacerta lineata* Linnaeus, *Syst. Nat.* X, p. 209.

1900 — *Gymnophthalmus lineatus* Andersson, *Bilhang Svenska Vet. Akad. Handl.*, 26, Sect. 4 (1), p. 16.

Coleção: No momento não representado no Museu Goeldi.

Distribuição: Provavelmente tôda a Amazônia Brasileira, principalmente regiões mais orientais, áreas adjacentes e Guianas.

Observações: De todos os membros que compõem o gênero, esta espécie é no momento a única típica de todo Vale Amazônico, ou pelo menos parte desta imensa área. Segundo Burt e Burt (1931), esta forma é muito próxima e intimamente relacionada à espécie *G. laevicaudus* (Cope). Elas ocupam áreas geográficas adjacentes, isto é, esta última ocorre na Colômbia e Chile, admitindo aquêles autores que a diferença entre ambas é bem insignificante, podendo esta, se muitos exemplares de uma população das duas formas fossem bem examinados, *laevicaudus* tornar-se-ia subespécie de *lineatus*. Aqui apenas focalizamos uma informação um tanto antiga, e sem possuímos exemplares de ambas espécies, de modo que o conceito é somente especulativo.

Esta espécie compreende pequenos sáurios distintamente diferenciáveis de todos os seus congêneres, e do afim gênero anterior.

Família AMPHISBAENIDAE

1825 — Gray, *Ann. Phil.* (2), x.

À exceção de um gênero mexicano provido de patas anteriores, todos os membros desta grande família carecem totalmente de patas locomotoras, arrastando-se mediante pequenas ondulações à maneira um tanto semelhante às serpentes. Atualmente esta família compreende cerca de 21 gêneros largamente disseminados pelo continente Africano, sul da Europa, tôda a América do Norte, centro e sul, e as Antilhas Maiores. Na América meridional computam-se 8 gêneros, dos quais 3 ocorrem na Amazônia brasileira.

A família *Amphisbaenidae* em confronto com as outras da subordem *Lacertilia*, encerra numerosíssimas espécies e raças geográficas, tanto ou mais que os verdadeiros lagartos. Todos os componentes da família são de notável interesse, pois constituem um grupo de sáurios altamente especializados e adaptados estritamente a uma vida subterrânea, minadora. O corpo geralmente é engrossado, de aspecto mais vermiforme do que qualquer outra aparência, cujos olhos de certo modo desnecessários, são totalmente atrofiados bem como os ouvidos que se acham vedados pela pele, a qual é branda e formada por numerosos aneis divididos em pequenas plaquetas quadrangulares; a cauda é muito curta e obtusa, e a cabeça está

constituída de placas irregulares; a cabeça em geral é pequena, espessa sem constrição nugal.

Os registros fósseis desse grupo não indicam idade muito recente, pois restos seus aparecem no Eoceno ou mais antigo ainda, mostrando que êstes sáurios vermiformes atravessaram os tempos sem sofrerem grandes mudanças, para um espaço de 30 a 50 milhões de anos. Os fósseis têm sido encontrados em alguns afloramentos geológicos de vários pontos dos Estados Unidos. Nos tempos mais recentes êles se espalharam amplamente por quase tôdas as regiões equatoriais e tropicais da terra.

Lagartos altamente adaptados em furar o sólo, vivem em galerias subterrâneas ou ninhos de várias espécies de formigas, fugindo sempre da luz solar, procuram de preferência os solos úmidos de temperatura mais constante, principalmente no interior das matas. São completamente inofensivos ao contrário do que pensa o povo ingênuo da hinterlândia. Na Amazônia os três gêneros que ocorrem são *Amphisbaena* de ampla distribuição pela África tropical e América do centro e sul; *Aulura* de restrita ocorrência talvez na região mais oriental do grande Vale, e *Leposternon* habitando tôda a sul América.

Chave dos gêneros Amazônicos da família Amphisbaenidae

- I. Desprovidos de membros locomotores.
 - A. Segmentos da região peitoral não diferenciados.

Narinas situadas em uma nasal separada; cabeça mais ou menos arredondada no focinho, ou fracamente comprimida; cauda cilíndrica, obtusa; póros preanais presentes ... *Amphisbaena*.
 - B. Segmentos da região peitoral mais ou menos aumentados, ou formando séries angulares.

Narinas situadas no escudo rostral; cabeça curta, achatada, com focinho saliente, aplainado; prega collar forte; cauda cilíndrica, obtusa; póros femorais ausentes ... *Leposternon*.

Narinas situadas no escudo rostral; cabeça curta, deprimida, com focinho saliente, um tanto obtuso; cauda curta, grossa, com o quarto anel curto, estrangulado; póros femorais ausentes ... *Aulura*.

Gênero AMPHISBAENA Linnaeus

1758 — *Syst. Nat.* X, 229.

Este gênero, como outros que compõem a família, se encontra ainda em confusão taxonômica, sem se chegar a uma conclusão sobre a validade de espécies e raças geográficas. Observa-se comumente variações individuais profundas que tornam sua determinação, dentro daquelas considerações. Conforme acentuava Amaral, (1932, VII, p. 54), “a existência de mutações entre os Anfisbenídeos é das mais frequentes, de sorte que um exame crítico desse grupo revela, para logo, a necessidade de uma revisão meticulosa, capaz de separar as espécies imperfeitamente definidas daquelas que podem resistir à análise comparativa. Dentre os caracteres usados nas descrições parece que apenas o número e proporção dos segmentos somáticos, a extensão relativa da cauda e a disposição de certos escudos cefálicos tem valor realmente específico, não passando, muitas vezes, de meras variações raciais, ou mesmo individuais o comprimento relativo das suturas e a integridade ou não de certos outros escudos cefálicos.” Baseado nesses conceitos, Amaral procurou determinar as espécies típicas, e com certo número de material criou raças geográficas desdobradas das espécies. Apesar disso, estas subespécies nem sempre são admitidas por outros autores, mesmo considerando as comuns mutações ou variações nesses sáurios ápodos. Tais variações nem sempre podem ser consideradas como válidas para diferenciação de uma raça geográfica.

Os estranhos componentes deste exótico gênero, têm sido na América do Sul muito discutidos pelos especialistas, desde os tempos de Marcgrave e Piso. Ultimamente Vanzolini vem se dedicando a este grupo de lacertílios, fazendo melhorar o seu conhecimento com um grande número de trabalhos importantes, publicados em revistas nacionais e estrangeiras. Tendo o mesmo autor oportunidade de manusear e estudar, grandes coleções de exemplares de lagartos deste gênero, pôde assim aos poucos ordenar e sistematizar dentro das categorias específicas e subespecíficas, tôdas as suas formas componentes até então duvidosamente definidas. Utilizou-se de méto-

dos estatísticos modernos para distinguir-lhes os principais caracteres na diferenciação específica e na subespecífica geográfica. Pôs em evidência a distribuição geográfica dos indivíduos, para a separação distinta das raças geográficas, delimitando o melhor possível suas áreas máximas de ocorrência, mostrando ainda as várias intergradações existentes entre elas.

Os trabalhos de Vanzolini por seu cunho profundamente científico, e a importância de seu conteúdo vêm marcar uma nova etapa na caracterização dos estudos de herpetologia da fauna de lacertílios da América do Sul.

Estes estudos se baseiam principalmente na análise estatística dos caracteres morfológicos. Seletivamente são os seguintes: (1) número de anéis do corpo; (2) número de anéis da cauda; (3) e (4) número de segmentos (dorsal e ventral) nos anéis do meio corpo; (5) número de póros femorais; (6) comprimento relativo da cauda; (7) coloração; (8) dados climatológicos (temperatura do ar e precipitação atmosférica); e (9) distribuição geográfica.

Com métodos analíticos, encetou aquêle autor um estudo aprofundado sobre a espécie *Amphisbaena fuliginosa* (Bull. Mus. of Comp. Zool., vol. 106, n.º 1, pp. 3-67, 1951). Nesse trabalho foi mostrado a sua distribuição geográfica e diferenciação, bem como material adicional para o estudo comparativo de padrões e o mecanismo de evolução em populações naturais.

Deste estudo concluiu Vanzolini, que em todo o território abrangido pelos espécimens estudados (tôda a região setentrional da América do Sul), podiam ser reconhecidas pelo menos 5 subespécies distintas. “O reconhecimento destas subespécies é motivo de conveniência, já que as diferenças estatísticas entre amostras apareceram em todos os casos. O reconhecimento foi dado somente às formas nas quais é possível atribuir um único indivíduo ou uma pequena amostra, dentro de um razoável grau de certeza. Nenhuma diferença aritmética foi tentada para este grau de certeza, mas é indubitavelmente alto nas formas consideradas. Resultante desta ação, uma subespécie (*A. f. fuliginosa*) é baseada sobre ma-

terial mais ou menos heterogêneo e é de se esperar que modificações de seu *status* seguirão ao estudo de material mais abundante”.

De acôrdo com a consideração do autor, a espécie *fuliginosa*, se apresenta desdobrada do seguinte modo :

Amphisbaena fuliginosa fuliginosa Linnaeus, 1758.

Distribuição : Desde Trinidad, onde se intergrada com *A. f. varia*, até a Guiana Francesa. Intergradação para o sul com *A. f. amazônica*.

Amphisbaena fuliginosa varia Laurenti, 1768.

Distribuição : Panamá e Colômbia para o sul até perto de Villavencio; para o sudoeste Equador e para leste à Venezuela, perto de Trinidad. Intergradação com *amazonica*, *fuliginosa* e *brassleri*.

Amphisbaena fuliginosa amazonica Vanzolini, 1951.

Distribuição : O vale do Amazonas de Manaus à Letícia; possivelmente também o baixo Amazonas e nordeste do Brasil. Intergradação com *brassleri*, *varia* e *fuliginosa*; provavelmente também com *wiedi*.

Amphisbaena fuliginosa wiedi Vanzolini, 1951.

Distribuição : Conhecida somente da localidade tipo, Santa Maria, Bahia, Brasil.

Amphisbaena fuliginosa bassleri Vanzolini, 1951.

Distribuição : Parte mais ocidental extrema da América do Sul, ao Pacífico, compreendendo o Equador, Perú, parte da Amazônia Brasileira e Bolívia. Intergradações com *A. f. varia* e *A. f. amazonica*, ao norte.

Dentro da família, o gênero *Amphisbaena* é o que apresenta distribuição geográfica mais ampla, estendendo-se com certa abundância de espécies, pela África tropical (territórios orientais, ocidentais e centrais), Antilhas Maiores, Panamá e toda América do Sul até a Argentina. Dêsse modo correspondem ao gênero, atualmente 20 espécies africanas, 5 antilhanas e 40 e tantas sul-americanas, das quais pelo menos 6 ocorrem em quase toda a Amazônia brasileira. Todas 6, contudo, constituem formas bastante espalhadas por toda América meridional. Os componentes dêste gênero constituem formas em geral de grande porte e espessura do corpo avantajado, o que lhes dá um aspecto serpentiforme e até certo ponto grotesco. São por isso conhecidas com o nome de “cobras de duas cabê-

ças”, nome êste dado principalmente em virtude da semelhança um tanto inadequada existente entre a cabeça e parte terminal da cauda do sáurio, pois ao longe ambas se confundem. São lagartos carnívoros, alimentando-se de insetos, vermes e larvas. A coloração geralmente fundamental, é branca, amarelada escura ou creme acinzentada ou então apresentando grandes manchas negras, em anéis envolvendo o corpo.

Diagnose : Abertura auricular ausente; olhos indistintos sob a pele; narinas laterais, situadas em um escudo nasal separados; focinho arredondado ou fracamente comprimido; não há segmentos peitorais aumentados; linha lateral distinta; cauda cilíndrica, obtusa; póros preanais presentes.

* AMPHISBAENA ALBA Linnaeus

1758 — *Amphisbaena alba* Linnaeus, *Syst. Nat.*, X, p. 229 (localidade tipo, América).

1931 — *Amphisbaena alba* Burt e Burt, *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.*, LXI, p. 238.

Descrição : Cabeça pequena, ligeiramente deprimida; focinho um tanto proeminente arredondado; rostral subtriangular; grandes nasais, bem como os prefrontais; frontais menores; escudos parietais variáveis; temporais pequenos; olho mais ou menos distinto, através o escudo ocular, localizado entre a segunda e terceira supralabiais; 4 supralabiais, quarta pequena; sinfísal trapezoide; mental heptagonal; 3 infralabiais, segunda maior, primeira e segunda formando sutura com a mental anterior; um par de grandes escudos postmentais de cada lado; entre êstes, vários pequenos outros post-

* Quanto à posição taxonômica exata de *Amphisbaena alba* Linnaeus, conclui também Vanzolini (Arq. Mus. Nac., vol. 42, parte II, pp. 683-705, 1955), “contrariamente ao que pensava Amaral (1935, 1937), não deve ser considerada como subespécie de *A. fuliginosa*, mas como boa espécie”.

“*A. alba* é espécie abundante, pouco sujeita à ação de barreiras fisiográficas (visto sua distribuição); dificilmente apresentaria populações ocupando grandes áreas e sofrendo isolamento genético”.

“O padrão geral também se repete no que diz respeito aos póros preanais. Apenas êste caracter exagera a regularidade da distribuição, tendendo a diferenciar dois grupos: um setentrional com maior número de póros e outro meridional, com menor. Êste caracter, no entanto, deve ser utilizado com muito cuidado. Há indícios de variação sexual que não podem ser bem analisados em amostras pequenas; antes que se possa dizer algo de mais fundamentado sobre as características peculiares de sua distribuição, deve-se evitar concluir com base nesse caracter”.

Assim conclui-se mais criteriosamente, a perfeita independência específica desta, e de *A. fuliginosa*.

mentais; linha lateral distinta; cerca de 10 segmentos anais; 8 a 10 póros preanais; cerca de 227 anéis em volta do corpo e 17 na cauda; cada anel contém 80 segmentos; êstes no dorso são mais estreitos que largos, porém são assim no ventre.

Coloração: Pardo claro no dorso, porém uniformemente branco nos lados e ventre. Há contudo indivíduos que apresentam coloração muito mais esbranquiçada numa variação gradativa acentuada.

Mensurações: Apresentamos as medidas feitas nos maiores exemplares da coleção, assim discriminados:

N.º	Comp. total	Diâmetro	Cauda
159	765 mm.	55 mm.	30 mm.
161	507 mm.	55 mm.	25 mm.
157	670 mm.	58 mm.	30 mm.
170	720 mm.	55 mm.	30 mm.

Coleção: Estão depositados na coleção do Museu Goeldi, vários exemplares, registrados do seguinte modo: Exemplares provenientes do Pará, porém sem localidade determinada: ns. 165, 163, 197, 167, 164, 170, 162, 169, 161, 168, 159, 158, 160, 157, 177 e 176. Exemplares catalogados com procedência exata: ns. 175, proveniente do rio Tocantins, Pará, 1909; 174, Pará, 1907; 172, Peixe-Boi, Estrada de Ferro de Bragança, Pará, 1907; 171, Aragarças, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; 178, Aragarças, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; 179, Goiânia, Goiás, col. J. Hidasi, 1958; 173, Manaus, Amazonas, col. Altman, 1956.

Distribuição: Espécie largamente disseminada por todo o Vale Amazônico, nordeste brasileiro e regiões centrais do país, ocorrendo ainda nas Guianas, Venezuela, Colômbia, Bolívia e ilha de Trinidad.

Nome vulgar: Geralmente conhecidos na Amazônia e resto do Brasil, pelo inadequado nome "Cobra de duas cabeças". Algumas vezes chamados também "Mãe de saúva".

Observações: Dentre tôdas as espécies do gênero, esta parece ser a mais característica e uma das mais comuns, ocorrendo na Amazônia. Conforme acima foi visto, tivemos vários exemplares em mão, que nos proporcionaram motivo para comparações ligeiras, mas interessantes.

Durante a diagnose feita em todos os exemplares da coleção, observamos principalmente as constantes variações presentes quase que de indivíduo para indivíduo, tanto na disposição dos escudos cefálicos, número de escamas no corpo, número de anéis e o número de póros preanais. Êstes salientavam-se notadamente por se apresentarem mais do que comumente se conhece, contando-se de 8 a 10 em média. O número de escamas e os anéis do corpo, são bastante variáveis. O mesmo pode-se dizer sobre a

disposição e contôrno dos escudos cefálicos. O porte também é de certa importância, para tais modificações, e os espécimens que se encontram na coleção do Museu, apresentam tamanho agigantado comparado ao comum.

Esta espécie bastante frequente em tôda a Amazônia, é por isso mesmo muito conhecida. Constantemente se as encontram nos caminhos das matas, naturalmente formas desgarradas, ou então quando se escava o sólo para plantação. Costumam também sair dos seus esconderijos, quando da ocasião da queimada de um roçado, pois o calor afugenta ou extermina de vez, tôda e qualquer fauna da superfície ou de vida subterrânea. O povo acredita seriamente que êstes inofensivos sáurios são extremamente peçonhentos e maléficos, e por causa dêste errôneo conceito não há "cobra de duas cabeças" que sobreviva, quando surge na superfície.

Êstes sáurios foram por muito tempo confundidos e admitidos como pertencendo à subordem dos ofídios, ou melhor eram perfeitamente identificados como cobras mesmo. Tal conceito perdurava também na opinião e classificação zoológica dos eminentes naturalistas de então. Mais tarde após estudos detalhados sobre a anatomia e morfologia dêstes répteis, concluiu-se que êles não eram serpentes, mas realmente lacertílios degradados ou adaptados.

AMPHISBAENA FULIGINOSA AMAZONICA Vanzolini (?)

1758 — *Amphisbaena fuliginosa* Linnaeus, *Syst. Nat.*, X, p. 229 (localidade de tipo, América).

1951 — *Amphisbaena fuliginosa amazonica* Vanzolini, *Bull. Mus. of Comp. Zoology Harvard*, vol. 106, n.º 1, p. 62.

Descrição: Focinho largo arredondado, não muito proeminente; rostral subtriangular; nasais grandes formando sutura; um par de grandes prefrontais; um par de frontais menores, seguindo-se 2 partes de parietais pequenos, quadrados; olho visível dentro do escudo ocular; vários pequenos escudos temporais; 2 infraoculares; 3 supralabiais, terceira muito pequena; sinfisal quadrangular, seguida de uma mental anterior poligonal; seguem-se pequenos postmentais ladeados por um escudo grande; 3 infralabiais, terceira menor; cauda mais estreita que o corpo, com uma constricção na base; linha lateral distinta, e algumas vezes ligeiramente a dorsal; 10 escudos anais, e 8 póros preanais usualmente; cerca de 216 anéis em volta do corpo e 24 na cauda; 40 segmentos em cada anel; êstes segmentos são mais longos que largos no dorso e lados; mais ou menos equilaterais no ventre.

Coloração: É um tanto variável individualmente, apresentando contudo variadas manchas pardo escuras e esbranquiçadas, principalmente no dorso e lados, que constantemente variam a disposição nos indivíduos; a cabeça geralmente apresenta-se branca.

Mensurações: Tomamos a medida do maior exemplar da coleção:

Comprimento total 500 mm. Cauda 50 mm.
 Diâmetro do corpo 18 mm.

Coleção : Estão registrados alguns exemplares danificados e sem procedência de local certo, todos pertencentes à coleção antiga e desordenada : ns. 182, 181, 184, Pará, relativamente conservados; 183, Pará, exemplar grande conservado; 180 e 185, Pará, danificados; 187, 191, 190, Peixe-Boi, Estrada de Ferro de Bragança, Pará, 1909, espécimens bem conservados; 188, Peixe-Boi, Pará, exemplar grande mostrando variações nos escudos cefálicos, nasais inteiros e um escudo comprido entre os prefrontais; 186, Peixe-Boi, Pará, 1909, mostrando também como o anterior, grandes variações; 192, Peixe-Boi, Pará, 1908, exemplar grande, mostrando coloração geral mais esbranquiçada; 193, Pará, espécimen grande; 189, procedente do lugar Guajará, arredores de Belém, Pará, 1910, maior exemplar, com coloração mais branca que escura.

Distribuição : O vale do Amazonas de Manaus à Letícia, no Perú; possivelmente também o baixo Amazonas e nordeste do Brasil. Raça que se intergrada com *bassleri*, *varia* e *fuliginosa*.

Nome vulgar : "Cobra de duas cabêças", "Mãe das sarvas" e pelos indígenas também Ibijara ou Ubujara.

Observações : Provisoriamente identificamos os exemplares em questão, como provavelmente pertencendo à subespécie *A. f. amazonica*, pois a procedência dos mesmos parece alicerçar tal ponto de vista, embora não tenhamos bastante certeza da proveniência de alguns. Contudo, em rápida análise os caracteres morfológicos nêles presentes, nos mostram a indicação taxonômica desta raça mais comum talvez no Vale Amazônico. Ela é, segundo Vanzolini, muito próxima da forma típica *A. f. fuliginosa*, notadamente quanto a foliose. Um dos caracteres facilmente identificáveis da raça *amazonica* é o número elevado de anéis no corpo e a cabeça sempre esbranquiçada, imaculada. Encontramos nos indivíduos estudados significativamente estampados estes característicos, embora tais diagnósticos necessitem posteriormente uma análise mais acurada.

A distribuição desta raça na província Amazônica, é mais ampla do que qualquer outra que compõe o gênero, pois aquelas ocupam áreas bem mais restritas. Ela abrange justamente a área central do grande Vale, compreendida com intergradações entre *A. f. fuliginosa*, *A. f. varia*, *A. f. bassleri* e *A. f. wiedi*.

AMPHISBAENA FULIGINOSA BASSLERI Vanzolini

1951 — *Amphisbaena fuliginosa bassleri Vanzolini, Bull. Mus. Comp. Zool., vol. 106, n.º 1, p. 61, pr. 2, f. 11 (localidade tipo, Roabaya, Loreto, Perú).*

Coleção : Dois ótimos exemplares numerados, 878 e 879, coletados no lugar Estirão do Equador, margem direita do rio Javari, Estado do Amazonas, col. J. Hidasi, 1959.

Distribuição : Parte extremo ocidental da América do Sul, costa do Pacífico, Perú, Equador, parte da Amazônia Brasileira e Bolívia, intergrando-se ao norte com *A. f. varia* e *A. f. amazonica*.

Nome vulgar : Cobra de duas cabêças, Cobra cega, etc.

Observações : Para a caracterização desta raça, nos exemplares do Javari, utilizámo-nos das chaves analíticas e dos elementos característicos subespecíficos, apresentados por Vanzolini em seu referido trabalho. Inicialmente ambos espécimens se enquadram perfeitamente na descrição subespecífica estabelecida pelo citado autor. Levamos primeiramente em conta, a procedência de tais exemplares coletados dentro pois, dos limites por êle estabelecidos. Embora estudando e analisando os caracteres da raça em questão, em somente 2 indivíduos, observa-se como acentua Vanzolini, a existência nítida de intergradação, com raças adjacentes como *A. f. varia* e *A. f. amazonica*, ambas ao norte e leste, respectivamente. Ajunta-se ainda ao facto que os referidos exemplares, foram coletados justamente dentro da área de transição e penetração das raças que acima citamos, e que ali ocorrem. Não nos parece ser difícil caracterizar a diferenciação das subespécies distinguidas por Vanzolini, de acôrdo com os dispositivos que êste estatuiu.

Portanto a raça geográfica *A. f. bassleri* que estamos estudando, apresenta as seguintes diferenciações características : a disposição das escamas no corpo se apresenta idêntica a forma típica *A. f. fuliginosa*, cuja descrição foi já feita na espécie anterior. Fundamentalmente a coloração é amarelada esbranquiçada; cabeça geralmente manchada (em ambos exemplares); as manchas dorsais são mais raras do que em qualquer outra forma, apresentando uma tendência para formar estreitas faixas cruzadas, às vezes largamente separadas; região abdominal quasi desprovida de manchas.

O exemplar de número 878 (fêmea) apresenta coloração mais acentuada, com as manchas dorsais mais unidas entre si; é o espécimen de maior comprimento, porém tem o corpo mais estreitado. O outro, 879 (fêmea), menor, porém mais volumoso apresenta cauda muito curta. Apresentamos aqui as medidas de ambos espécimens : 879, fêmea, comprimento total, 380 mm.; 211 anéis em todo o corpo; cauda curta com 11 anéis; segmentos do anel no meio do corpo 22/22; 8 póros. Número 878, fêmea, comprimento total, 422,5 mm.; 212 anéis no corpo; 29 anéis na cauda; segmentos do anel no meio do corpo 22/22; 8 póros presentes.

Comparando-se os nossos exemplares do Javari, com a média obtida nos espécimens estudados por Vanzolini, observamos que aquêles se ajustam perfeitamente ao quadro característico apresentado pelo citado autor. Isso afirmamos, tanto o observado no quadro das mensurações, como no

restante dos caracteres morfológicos mais evidentes. Variações por ventura existentes, nos parecem muito insignificantes.

Por outro lado comparando-se estes indivíduos representando uma variante subespecífica geográfica, com as inúmeras formas outras com procedências do Baixo-Amazonas, distingue-se perfeitamente a diferenciação subespecífica entre os dois grupos geograficamente afastados. Acreditamos que os exemplares desta última região, constituam a raça *A. f. amazonica*, pois segundo Vanzolini esta parece ser a forma de maior ocorrência dentro da província Amazônica, embora provavelmente *A. f. fuliginosa* seja mais antiga neste hemisfério e tenha dado origem às demais (?).

Oportunamente tentaremos a realização de um trabalho explanado sobre todos os representantes do gênero *Amphisbaena*, na coleção do Museu Goeldi para melhor definir a posição sistemática das espécies ou subespécies aí existentes.

AMPHISBAENA VERMICULARIS Wagler

- 1824 — *Amphisbaena vermicularis* Wagler (in Spix), *Spec. Novae Serp. Brasil.*, p. 73 (localidade tipo, província da Bahia, Brasil).
1931 — *Amphisbaena vermicularis* Burt e Burt, *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* LXI, p. 240.

Descrição: Focinho redondo, proeminente; rostral pequeno triangular; nasais grandes, formando sutura; um par de grandes prefrontais, do mesmo tamanho dos nasais; um par de frontais muito menores; um par de parietais; occipitais pequenos; a sutura dividindo estes escudos, corre mais ou menos em sulco desde a nuca até o rostral; olho bem visível, no ângulo anterior do escudo ocular; temporais anteriores e posteriores, limitando com a ocular, parietal, frontal, occipital e terceira e quarta supralabiais (ditos outrora postocular); ocular formando sutura com a segunda e terceira supralabiais; 4 supralabiais, quarta pequena; sinfusal trapesoide; mental anterior grande heptagonal irregular; seguem-se 6 escudos postmentais pequenos; 3 infralabiais, segunda maior, formando as 2 primeiras uma sutura com a mental anterior; um par de escudos postmentais grandes de cada lado, em contacto com a segunda e terceira labiais; corpo envolvido em anéis mais ou menos regulares, com segmentos variáveis; estes são mais compridos que largos na região ventral; cada anel no meio do corpo contém de 28 a 30 segmentos; linha lateral e dorsal distinta; seis escudos preanais com 2 póros preanais distintos.

Coloração: A cor é bastante variável ainda mais quando conservados em álcool. Em geral apresenta-se pardo claro ou escuro no dorso e lados, e amarelados na região ventral.

Coleção: Estão depositados na coleção os seguintes exemplares: ns. 665 e 666, cidade de Belém, Pará, col. O. Cunha, 1954; 194, Aragarças, Goiás, col. M. Hídasi, 1958; 196, 195, cidade de Belém, Pará, 1958; 346, 347, 342 e 325, Parque do Museu Goeldi, Belém, Pará, 1958.

Mensurações: Para comparação daremos abaixo as seguintes medidas de alguns exemplares:

N.º	Corpo	Cauda	Diâmetro do corpo
196	± 215 mm.	—	6 mm.
346	200 mm.	26 mm.	5 mm.
347	180 mm.	25 mm.	5 mm.
342	210 mm.	27 mm.	6 mm.
195	165 mm.	24 mm.	4 mm.
325	200 mm.	26 mm.	5 mm.
194	205 mm.	27 mm.	5 mm.

Número de segmentos no corpo e cauda:

N.º	Corpo	Cauda
196	215	—
346	212	30
347	202	30
342	211	30
195	221	30
325	210	30
194	230	30

Distribuição: Esta espécie de fácil ocorrência, está largamente espalhada por quase toda a Amazônia Brasileira, centro, nordeste e leste do Brasil, até a Bahia; Guianas e Venezuela.

Nome vulgar: “Cobra de duas cabeças”, Ubuvara ou Ibijara.

Observações: A espécie foi primeiramente descrita por Wagler (na obra já citada, publicada por Spix em 1824), em espécimens provenientes da Bahia, e coletados durante a célebre viagem dos naturalistas Martius e Spix, nos anos de 1817 a 1820, ao Brasil. É uma forma relativamente muito comum nas regiões orientais do Vale Amazônico. Muitos lagartos foram descritos, deste gênero, como novos, mas que possuíam os mesmos caracteres específicos que a espécie em questão, apenas mostrando variações nos escudos cefálicos e número de segmentos e anéis no corpo. Na realidade são sinônimos, a mesma espécie em indivíduos possuindo naturais variações. Amaral (1937 e 1948), era de opinião que esta espécie podia ser dividida em três raças típicas, defendendo-se assim: “Dentro desse grupo, que tem a espécie *vermicularis* como forma principal, talvez se pudesse estabelecer uma distinção apenas subespecífica, juntando-se a ele formas outras que se encontram afastadas por mero acidente anatômico”. Reconhecia assim as três raças geográficas: *A. v. vermicularis* (Wagler) forma típica, comum ao distrito setentrional brasileiro; *A. v. darwinii* (Dum. e Bib.) oriunda do sul do Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia; e enfim

A. v. centralis, raça criada por êle mesmo em 1935, habitando tôda a área central do país.

Esta divisão da espécie típica feita por Amaral, até certo ponto não foi admitida pelos especialistas, por faltarem naturalmente elementos necessários para tal propósito. Vanzolini em recente trabalho (1949), achou depois de exaustivo estudo, que a forma *centralis* não pode ser separada da espécie tipo. Quanto à raça *darwinii*, igualmente não foi aceita separada daquela, pois esta era antes uma espécie distinta do sul do Brasil e países limítrofes, sendo contudo hoje desmembrada em raças de ocorrências mais restritas. Em 1950, Vanzolini descreveu desta espécie uma raça *A. darwini hoguei*, habitando unicamente a ilha dos Alcatrazes, situada ao largo da costa paulista. A raça continental é a típica *A. d. darwini* (Dum. e Bib.). Por outro lado informamos que aquêle autor tomou a si o encargo de efetuar uma revisão à base dos conceitos modernos de sistemática, de todos os membros brasileiros da família *Amphisbaenidae*.

Como em todos os representantes do gênero *Amphisbaena*, esta forma apresenta comumente variações individuais, e estas observamos em quase todos os exemplares na coleção do Museu. Salientamos principalmente os seguintes: n.º 195, proveniente de Belém, apresenta algumas pequenas variações quanto aos escudos cefálicos, indicando anomalia, e ainda na forma dos segmentos dos anéis dorsais e laterais; coloração pardo escura superiormente e lateralmente; cabeça, nuca e pescoço mais claro; região ventral amarelo esbranquiçado. O xemplar n.º 196, de Belém, mostra igualmente anomalia nos escudos cefálicos, um lado do frontal dividido; ausência de um pequeno escudo postmental mediano; cauda seccionada; coloração pardo escura no dorso e lados; cabeça e pescoço claros; ventre amarelo sujo.

De tôdas as espécies Amazônicas ou mesmo brasileiras, pertencentes ao gênero *Amphisbaena*, a forma que ora acabamos de estudar é a que se apresenta de porte mais diminuto. Constituem sáurios relativamente pequenos, se assemelhando mesmo em dadas ocasiões a vermes ou grandes minhocas. Possuem os mesmos hábitos que as espécies congêneres, vivem sempre em galerias subterrâneas que êles mesmos perfuram, e quando acodem por qualquer razão à superfície, fogem da luz solar em rápidos movimentos ondulatórios, procurando esconder-se novamente no sólo. São lagartos totalmente inofensivos, ao contrário da crença geral, prestando inusitados serviços ao homem, na lavoura, pois como as minhocas, arejam o solo e destroem larvas e insetos daninhos.

Gênero AULURA Barbour

1914 — *Proc. New England Zool. Soc.*, 4, 96.

Em 1914, Thomas Barbour, baseado num único exemplar procedente do Brasil, sem localidade especificada, coletado pelos membros da Expedição Thayer de Luiz Agassiz, em

1865, criou um novo gênero, até o momento ainda monotípico. Não especificava qual a região do Brasil em que ocorria. Além do mais a recente espécie descrita, era por muitos considerada um tanto duvidosa, pois podia ser uma forma anômala apenas, como estava a indicar o nome específico dado por Barbour.

Finalmente Vanzolini em 1948 teve oportunidade de examinar o tipo de Barbour, depositado no Museum of Comparative Zoology em Harvard, Estados Unidos, e depois comparar com um exemplar que se encontrava na coleção do Museu Nacional do Rio, e coletado por Antenor Carvalho, na localidade Aurá, proximidade de Belém, Pará. Dêsse modo Vanzolini confirmou a validade da espécie, e acima de tudo ficava-se conhecendo realmente a área do Brasil que habita. O resultado destas pesquisas foi publicado no Boletim do Museu Emílio Goeldi (vol. X, 1949), e no qual se encontra uma diagnose ampliada do gênero e a redescrição da espécie. Presentemente o Museu Paraense possui 2 dos 3 exemplares, bem conservados, oriundos do Estado do Pará. Um dos exemplares foi cedido ao Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura de São Paulo.

É cêdo ainda para se saber a total distribuição geográfica do gênero, pois parece ser de certa raridade, haja vista, os poucos exemplares guardados nas coleções. Contudo, podemos dizer que parece ser típico da Amazônia, ocupando provavelmente uma área restrita nas regiões mais orientais do Vale Amazônico. De certo modo, com o tempo, conforme forem sendo feitas coletas mais sistemáticas na região, êste conceito poderá talvez modificar-se.

Os componentes dêste gênero possuem os mesmos hábitos que os seus congêneres já anteriormente citados. Vivem sempre na obscuridade das galerias subterrâneas. Constituem formas de médio porte e coloração esbranquiçada.

Diagnose: Abertura auricular ausente; olhos indistintos sob a pele; corpo robusto; cabeça leposternoide; narinas situadas abaixo do canto rostral; prefrontais e frontais presentes; escudos peitorais em duas fileiras centrais de três elementos poligonais, grandes; linha lateral presente; cauda curta, obtusa; pórcs preanais ausentes.

AULURA ANOMALA Barbour

1914 — *Aulura anomala* Barbour, *Proc. New England Zool. Club.* 4, p. 96 (localidade tipo, Brasil).

Descrição: Cabeça de forma leposternóide, curta, cuneiforme; focinho saliente e deprimido, de contorno superior achatado; escudo rostral triangular na parte superior e retangular na inferior; nasais grandes, com narinas situadas abaixo do canto rostral, dentro do escudo; sutura internasal muito curta; prefrontais muito grandes, formando ambas um ângulo aberto para os frontais grandes, de margens laterais em continuidade com os dos prefrontais, margens posteriores irregulares; adjacentes a êstes um a dois pares de occipitais irregulares, curtos e largos; ocular grande, retangular, situado entre o prefrontal, primeiro temporal e segunda e terceira supralabial; olho visível no quadrante ântero superior da ocular; 3 supralabiais de cada lado, primeira pequena; 2 fileiras de temporais, sendo a primeira com elementos maiores e a segunda de elementos bem menores; sinfisal curto, em forma de bigorna; 3 infralabiais de cada lado, anterior menor; mental anterior grande em forma de escudo heráldico, heptagonal; seguem-se 6 a 7 escudos postmentais, salientando-se um par de grandes postmentais de cada lado e entre as labiais e aquelas; cerca de 6 a 7 fileiras estreitas de escamas irregulares formando o sulco gular; escudos peitorais em duas fileiras centrais de 3 ou mais elementos poligonais, grandes; externamente a estas uma a duas fileiras de elementos semelhantes, porém menores e mais irregulares; linha lateral distinta, dorsal e ventral ausentes; cauda curta e grossa; o quarto anel muito curto, estrangulado; 13 aneis posteriores a êle, terminando em uma calota esférica irregularmente escutelada; 7 placas anais, mas podendo variar, sendo o par central maior que todos; ausência de póros preanais.

Coloração: Esta é simples e uniforme, apresentando-se quase que totalmente esbranquiçada.

Mensurações: Mostraremos a seguir as medidas tiradas em 2 espécimens:

N.º	Compr. total	Cauda	Aneis	Segmentos
222 fêmea	280 mm.	23 mm.	181 + 17	34
223 "	300 mm.	23 mm.	188 + 16	34

Distribuição: Forma típica das regiões orientais do Vale Amazônico.

Coleção: O Museu Goeldi possui apenas 2 espécimens, assim registrados: n.º 222, coletado em Ananindeua, localidade próxima de Belém, Pará, 1957; e n.º 223, coletado no Município de Peixe-Boi (hoje Nova Timboteua, antiga Estação Agrônômica), 1909.

Observações: Vanzolini que há muito vem estudando os componentes da família *Amphisbaenidae*, foi quem teve a ocasião de definir a posição taxonômica da espécie, discorrendo também ligeiros comentários sobre a sua filogenia. No final escreveu o seguinte: "Este gênero é, sem dúvida alguma, muito próximo a *Leposternon*. Dêle difere, porém, pela presença de nasais individualizados e pela morfologia da cauda."

"Não me parece que se possa considerá-lo mais primitivo (como levaria a crer a presença dos nasais) nem mais especializado (a julgar pela cauda) que *Leposternon*. Trata-se, provavelmente, de um ramo divergente do estoque primitivo."

O mesmo autor ao examinar 2 exemplares que teve em mãos, encontrou duas pequenas discrepâncias, que em nada modificariam o conceito da espécie. Quanto aos espécimens do Museu Goeldi, encontramos variações nas medidas do corpo e naturalmente no número de aneis e seus segmentos; de resto as pequenas variações existentes são insignificantes.

Gênero **LEPOSTERNON** Wagler

1824 — *Spec. Nov. Serp. Brasil.*, 70 (in Spix).

Este gênero foi primeiramente descrito por Wagler, em exemplares procedentes do Brasil durante a célebre viagem de Martius e Spix, e publicado em 1824 sob a direção deste último com o título *Speciae Novae Serpentum Brasiliensium*. Compreende atualmente várias espécies espalhadas pelo território brasileiro, e que se encontram em dolorosa confusão sistemática. Não se sabe ao certo a validade e existência de espécies e provavelmente raças. Amaral insistia (1937) numa revisão urgente e meticulosa do gênero, pois achava que esta reduziria o número de espécies, "tôdas muito afins e representadas por indivíduos portadores de enormes variações morfológicas".

A diferenciação específica até certo ponto, é um tanto difícil e confusa. Há representantes na coleção do Museu, mas devido a esta dificuldade, e à obtenção de bibliografia mais precisa, resolvemos não incluí-las aqui até que surja oportunidade melhor orientada. Apenas referimos a citação de uma espécie que parece habitar a região Amazônica. O gê-

nero em geral caracteriza-se por apresentar a cabeça um pouco achatada, com o focinho proeminente aplainado, em semi-círculo e forte; narinas furadas no escudo rostral; segmentos peitorais aumentados; uma forte prega colar; póros preanais ausentes e cauda cilíndrica, obtusa. Outras diferenças encontram-se nos escudos cefálicos, que se dispõem um tanto irregularmente. A coloração pode ser às vezes parda ou pardo claro ou simplesmente amarelada.

Os lagartos deste gênero estão disseminados por quase todo o Brasil, Argentina e Paraguai. Na Amazônia registra-se no presente, somente uma espécie pouco comum.

LEPOSTERNON CRASSUM (Strauch).

- 1881 — *Lepidosternon crassum* Strauch, *Med. Biol. Acadm. S. Petersburg* 11, p. 433 (localidade tipo, Brasil).
 1933 — *Leposternon crassum* Burt e Burt, *Transact. Acad. Scien. St. Louis*, 28 (1,2), p. 83.

Coleção: Exemplares na coleção não identificados, que podem muito bem pertencer a esta espécie.

Distribuição: Amazônia, desconhecendo-se exatamente a sua distribuição geográfica nesta região, e área adjacentes.

Nome vulgar: Como as espécies dos gêneros anteriores, é também conhecida pelo nome de "Cobra de duas cabeças".

SECÇÃO ANGUIMORPHA

- 1900 — *Furbringer, Jenasche Zeitschrift*, 34, p. 621.

As famílias componentes desta secção, estão amplamente distribuídas em todos os continentes, faltando contudo na ilha de Madagascar e na Nova Zelândia. Neste grupo se incluem algumas famílias com formas degradadas ou evoluídas e adaptadas à vida unicamente subterrânea. Outras famílias contudo, não possuem esta modalidade de vida. Muitos destes lagartos, apresentam algumas semelhanças superficiais com os componentes da secção *Scincomorpha*, havendo contudo diferenças anatômicas importantes.

Por outro lado, encontramos também nesta secção a família dos maiores lagartos atualmente conhecidos, *Varanidae* distribuída por um único gênero, que habita o norte da África, Austrália, e Ásia meridional. Os únicos lagartos venenosos que se conhecem, pertencem ao gênero *Heloderma* encontrados nos desertos do sudoeste dos Estados Unidos e México. Estes grandes sáurios são chamados "Monstros de Gila", cuja mordida pode ser fatal às pessoas e animais.

Segundo a paleontologia, as serpentes parecem representar um ramo dos Aguímorfos, surgidas de estirpe varânida durante o Cretáceo.

A secção *Anguimorpha* compreende atualmente 7 famílias, das quais 4 se encontram na América do Norte, onde 2 delas pelo menos são endêmicas, e apenas uma se estende por toda a América do Sul.

Família ANGUIDAE

- 1864 — *Cope, Proc. Acad. Philadelphia*, p. 227.

Os componentes desta família apresentam um crânio que pertence ao tipo normal lacertiliano, embora muitas formas apresentem modificações adaptadas a vida em galerias subterrâneas. Eles possuem membros que podem ser mais ou menos desenvolvidos, ou faltar totalmente externamente, em cujo caso contudo, os rudimentos dos arcos peitoral e pélvico estão sempre presentes. O corpo se acha protegido por placas ósseas dispostas em baixo das escamas, que são imbricadas e subiguais. Os escudos cefálicos apresentam a peculiaridade de um occipital ou um escudo ázigo posterior, constantemente presente, caracter este que faz diferenciar as *Anguidae* de *Scincidae*. A longa cauda, tal como a de muitos outros lagartos, é muito frágil.

A maioria dos lagartos da família *Anguidae*, são estritamente de hábitos terrícolas e de vida subterrânea, havendo contudo algumas espécies que podem ser arborícolas. A família encerra 7 gêneros conhecidos, distribuídos pelo norte

da Ásia, o sul da Europa, o norte da África e as três Américas. Contudo a vasta maioria deles, vive no México, Índias Ocidentais e América do Sul. "Um gênero está confinado apenas ao Velho Mundo, um está repartido tanto no Velho Mundo como nos Estados Unidos, dois são endêmicos na ilha de Hispaníola, um se encontra na parte meridional da América do Sul, outro se estende desde o Canadá ocidental até o Panamá, e o sétimo está espalhado desde o México e as Antilhas Maiores, inclusive todo o Brasil e Bolívia". Este último é o gênero *Ophiodes*.

Todos os sáurios pertencentes a esta família, são ovíparos excetuando provavelmente os do gênero *Anguis* que ocorre na Europa, Ásia Ocidental e Algéria, e que são ovovivíparos. Parece serem todos essencialmente carnívoros.

Gênero OPHIODES Wagler

1830 — *Nat. Syst. Amph.*, 159.

Este gênero relativamente comum, apresenta larga distribuição por todo o território brasileiro, principalmente parte mais oriental, alcançando a Argentina e Uruguai. Compreende no momento umas três raças geográficas bastante características. Constituem lagartos pequenos, com rudimentos de membros locomotores, de aspecto serpentiforme e hábitos exclusivamente subterrâneos. A cauda é longa e frágil, fragmentando-se por autotomia, regenerando-se contudo. Eles não são raros, mas tendo-se em mira a vida seclusiva e obscura que possuem, tornam-se desse modo pouco observáveis, dificultando assim sua captura.

Ocorre em boa parte da Amazônia Brasileira, apenas uma raça típica que também é encontrada no resto do Brasil.

Diagnose: Abertura auricular muito insignificante; escudos cefálicos grandes, um tanto regulares; não há prega lateral; escamas arredondadas romboidais, arranjadas quincuncialmente no dorso; formando séries transversas nos lados; membros anteriores ausentes; posteriores rudimentares, estiliformes; cauda longa.

OPHIODES STRIATUS STRIATUS (Spix).

- 1825 — *Pygopus striatus Spix, Spec. Novae Lacert. Brasiliensium*, p. 25 (localidade tipo, Rio de Janeiro, Brasil).
 1937 — *Ophiodes striatus striatus Amaral, Mem. do Inst. Butantan*, vol. XI, p. 184.

Coleção: Nenhum representante na coleção.

Distribuição: Espécie encontrada em todo o território brasileiro da parte ocidental, ocorrendo ainda na Argentina e Uruguai.

Nome vulgar: "Cobra de vidro" ou "Quebra-quebra".

Observações: Esta raça de ampla distribuição, apresenta certa semelhança com o típico "Licranço" europeu (*Anguis fragilis* Linnaeus), principalmente no aspecto geral. Goeldi diz, "que se conhece logo pelo seu comprido corpo, parecido com o de qualquer cobra e liso ao tato, corpo ao qual faltam de todo os pés dianteiros, ao passo que os pés trazeiros são apenas indicados por dois rudimentos ou cotos estiliformes, sem dedos diferenciados e muitas vezes até de dimensões desiguais entre si."

Caracteriza-se especialmente por apresentar um grande ázigo prefrontal, separado do rostral por dois pares de escudos; frontal grande, interparietal presente e tão largo quanto os parietais, e mais comprido que os occipitais; escamas lisas, sendo as dorsais finamente estriadas. Falando da coloração desta forma, Goeldi informa que é de "um bruno avermelhado escuro; ao longo da região maxilar correm diversas manchas pretas e brancas. Sobre o dorso estendem-se algumas linhas longitudinais escuras e estreitas. Todo o lado abdominal porém é cinzento azulado."

O povo criou lendas em torno deste lagarto, acreditando que o réptil vendo-se perdido fragmenta com facilidade o corpo em pedaços, reunindo-os após logo que o ambiente esteja favorável. Na realidade nada disso se passa. O que acontece é o facto de, com facilidade amputar-se quando se vê preso por qualquer motivo, principalmente a cauda, modalidade muito comum a quase todos os lacertílios. Após o sucedido acontece a natural regeneração.

Vive sob a superfície do solo, procurando geralmente os lugares com certa umidade.

*

SUMMARY

SYNOPTICAL STUDIES ON LIZARDS OF THE BRAZILIAN
AMAZON-AREA

The present paper is the result of a revisional study made by Author on the collections of the Museu Goeldi, with the aim of a better classification of all the known species of the Amazonian lizards.

A brief discussion of the ecology, geographical distribution and taxonomy is made. Data are presented on the different habits of the genera and of some of the species, with emphasis on their habits and behavior in the Amazon area.

The last part of the paper refers to the taxonomy and description of the species represented in the museum's collections, and to the data on the biology and the distribution of other species not present in these collections.

*

ALEMAN, CESAR

- 1952 — Ensayo sobre la variabilidad de pequeñas poblaciones de lagartos (*Cnemidophorus lemniscatus nigrocolor* Peters) de las islas Los Roques y la Orchila. *Mem. Soc. Cienc. Nat. La Salle*, tomo XII, n.º 32, pp. 131-142.
- 1953 — Contribución al estudio de los Reptiles y Batracios de la Sierra de Perijá. *Mem. Soc. Cienc. Nat. La Salle*, tomo XIII, n.º 35, pp. 205-224.
- 1952 — Apuntes sobre Reptiles y Anfibios de la region Baruta-el Hatillo. *Mem. Soc. Cienc. Nat. La Salle*, tomo XIII, 31.

ALLEE, EMERSON, PARK, PARK, SCHMIDT

- 1955 — Principles of Animal Ecology. Philadelphia.

AMARAL, AFRÂNIO DO

- 1932 — I. Novos gêneros e espécies de lagartos do Brasil. *Memor. Inst. Butantan*, VII, pp. 53-74.
- 1933-1934 — Collecta Herpetológica no Nordeste do Brasil. *Mem. Inst. Butantan*, VIII, pp. 189-192.
- 1935 — II. Um novo gênero e espécie de lagarto do Brasil. *Mem. Inst. Butantan*, IX, pp. 249-250.
- 1935 — III. Um novo gênero e duas espécies de *Geckonidaeos* e uma nova raça de *Amphisbenideo*, procedentes do Brasil Central. *Mem. Inst. Butantan*, IX, pp. 253-256.
- 1935 — Collecta Herpetológica no Nordeste. II. *Mem. Inst. Butantan*, IX, pp. 230-232.
- 1935 — Collecta Herpetológica no Centro do Brasil. *Mem. Inst. Butantan*, IX, pp. 242-246.
- 1937 — Lista Remissiva dos Lacertílicos do Brasil. *Mem. Inst. Butantan*, XI, pp. 167-204.
- 1949 — Lacertílios do Pará. *Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi*, X, pp. 107-114.
- 1950 — Two New South American Lizards. *Copeia*, n.º 4, pp. 281-284.

ANDERSSON, LARS G.

- 1918 — New Lizards from South America. *Arkiv. f. Zool.*, XI, n.º 16, pp. 1-9.

BAIRD, IRWIN L.

- 1960 — A Survey of the Periotic Labyrinth in some Representative Recent Reptiles. *The Univ. of Kansas, Science Bull.*, vol. XLI, n.º 9, pp. 891-891.

BARBOUR, THOMAS e G. K. NOBLE

1915 — A Revision of the Lizards of the Genus *Ameiva*. *Bull. Mus. Comparat. Zool.*, LIX, pp. 419-479.

BARBOUR, THOMAS e ARTHUR LOVERIDGE

1929 — Typical Reptiles and Amphibians in the Museum of Comparative Zoology. *Bull. Mus. Comp. Zool.*, LXIX, pp. 206-360.

BARRAN, E. F. e M. A. FREIBERG

1951 — Nombres vulgares de reptiles y batracios de la Argentina. *Physis*, 20, 58, pp. 303-319.

BATES, HENRY WALTER

1944 — O Naturalista no Rio Amazonas. Col. Brasiliana, trad. portuguesa. S. Paulo, 2 vols.

BELLAIRS, ANGUS

1957 — Reptiles. Um vol. Londres.

BEEBE, WILLIAM

1927 — Studies of a Tropical Jungle. *Zoológica*. Vol. VI, n.º 2-5, pp. 5-193.

1944 — Field Notes on the Lizards of Kartabo, Brit. Guiana, and Caripito, Venezuela. *Zoológica*, vol. XXIX, part 3. *Gekkonidae*, pp. 145-159.

1944 — Field Notes on the Lizards of Kartabo, Brit. Guiana, and Caripito, Venezuela. *Zoológica*, vol. XXIX, part. 4. *Iguanidae*, pp. 195-215.

1945 — Fields Notes on the Lizards of Kartabo, Brit. Guiana, and Caripito, Venezuela. *Zoológica*, vol. XXX, part. 1. *Teiidae*, *Amphisbaenidae*, and *Scincidae*, pp. 7-32.

1952 — Introduction to the Ecology of the Arima Valley, Trinidad. *Zoológica*, vol. XXXVII, part. 4, pp. 157-183.

BEEBE, WILLIAM e JOCELYN CRANE

1947 — Ecology of Rancho Grande, a Subtropical Cloud Forest in Northern Venezuela. *Zoológica*, vol. XXXII, part. 1, n.º 1-8, pp. 43-59.

BODENHEIMER, F. S.

1955 — Précis d'Écologie Animale. Ed. Payot, Paris.

BOETTGER, O.

1893 — Katalog der Reptilien. Sammlung im Mus. Senckenberg. Natur. Gesellsch.

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI; ZOOLOGIA, 39

BOULENGER, GEORGE A.

1885-1887 — Catalogue of the Lizards in the British Museum, vols. I, II, III. Londres.

1908 — Descriptions of New South-American Reptiles. *Ann. and Mag. of Nat. Hist.* vol. 1 (8), pp. 111-115.

1914 — On a Second Collection of Batrachians and Reptiles made by dr. H. G. F. Spurrell, in the Chocó, Colômbia. *Proc. Zool. Soc. Lond.*, pp. 813-817.

BRONGERSMA, L. D.

1928 — *Arthrosaura dorsistriata* Muller, ein Synonym von *Arthrosaura kockii* (van Lidth de Jeude). *Zoolog. Anz.* LXXVIII, pp. 333-336.

1932 — Notes on Species of *Arthrosaura* Blgr. (*Teiidae*). *Zoologische Mededeelingen Te Leyden*, XV, pp. 76-88.

1935 — XII. Note on *Arthrosaura reticulata* (O'Saughn.) and *Arthrosaura versteegii* Lidth. *Zoologische Mededeelingen Te Leyden*, XVIII, pp. 261-265.

1946 — On *Alopoglossus* from surinam. *Zoolog. Mededeel. Leyden*, 26, pp. 231-236.

1946 — Some Notes on Species of the genera *Bachia* and *Scolecosaurus*. *Zoolog. Mededeel. Leyden*, 26, pp. 237-246.

BURGER, W. L.

1952 — Notes on the Latin American skink, *Mabuya mabouya*. *Copeia*, 3, pp. 185-187.

BURT, CHARLES e MAY

1931 — South American Lizards in the Collection of the American Museum Nat. History. *Bull. Am. Mus. Nat. Hist.* LXI, pp. 227-395.

1933 — A Preliminary Check List of the Lizards of South America. *Transact. Acad. Sci. St. Louis*, 28, pp. 1-104.

CAMP, CHARLES L.

1923 — Classification of the Lizards. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* vol. XLVIII, art. XI, pp. 289-435, com figs.

CAMPO, R. M. DEL

1953 — Nota acerca de algunos saúrios Venezolanos. *Rev. Fac. Agr. Caracas*, 1, 2, pp. 125-128.

CABRERA, A. e J. YEPES

1940 — Mamíferos Sud-Americanos. Buenos-Aires.

CAGLE, FRED R.

- 1923 — An Outline for the Study of a Reptile life history. *Tulane Stud. Zoology*, 1 (3), pp. 29-52.

CARVALHO, JOSÉ C. M.

- 1952 — Notas de Viagem ao Rio Negro. *Publicações avulsas do Museu Nacional Rio*.
 1955 — Notas de Viagem ao Javari-Itacoai-Juruá. *Publ. Avulsas do Museu Nacional, Rio*.
 1955 — Notas de Viagem ao Parú de Leste. *Publ. avulsas do Museu Nacional, Rio*.

COINTE, PAUL LE

- 1922 — L'Amazonie Brésilienne. 2 vols. Paris.
 1945 — O Estado do Pará. Um volume da col. Brasileira. S. Paulo.

COPE, E. D.

- 1885 — Catalogue of the Species of Batrachians and Reptiles contained in a Collection made at Pebas Upper Amazon, by John Huxwell. *Proc. Amer. Philos. Soc.*, XXIII, pp. 94-103.

COTT, HUGH B.

- 1926 — Observations on the life habits of some Batrachians and Reptiles from the Lower Amazon; and a note on some mammals from Marajó Island. *Proc. Zool. Soc. London*, 4, pp. 1159-1178.
 1957 — Adaptive Coloration in Animals. Um volume, Londres.

CRAWFORD, STANTON C.

- 1931 — Field Keys to the Lizards and Amphibians of British Guiana *Annals of the Carnegie Museum*, vol. XXI, pp. 11-42.

CRULS, GASTÃO

- 1955 — Hiléia Amazônica. Um volume da col. Brasileira. S. Paulo.

CUNHA, OSVALDO R.

- 1958 — I. Lacertílios da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, nova série, Zoologia*, n.º 11.

DITMARS, RAYMOND

- 1957 — Reptiles of the World. Um vol., New-York

DUCKE, A. e G. A. BLACK

- 1954 — Notas sobre a Fitogeografia da Amazônia Brasileira. *Bol. Tec. Inst. Agr. Norte*, n.º 29, Belém.

DUELLMAN, WILLIAM e ALBERT SCHWARTZ

- 1958 — Amphibians and Reptiles of Southern Florida. *Bull. of the Florida State Mus., Biol. Sci.*, vol. 3, n.º 5.

DUNN, EMMET R.

- 1936 — Notes on American *Mabuyas*. *Proc. Acad. Nat. Sci. Philad.* vol. 87, pp. 533-537.
 1944 — Los generos de Anfíbios y Reptiles de Colombia. II. Reptiles, Orden de los Saurios. *Caldasia*, 11, pp. 73-110.

FEIO, J. L.

- 1950 — A Biogeografia e os outros setores da Geografia. *Rev. Bras. de Geografia*, ano XII, n.º 3, pp. 445-470.
 1960 — Contribuição à conceituação da Biogeografia. *Publicações avulsas do Museu Nacional, Rio*, n.º 36.

GABAGLIA, RAJA

- 1945 — Aspectos Gerais da Fisiografia das Regiões Fronteiriças, I. A Região das Guianas. *Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia*, n.º 33, pp. 1199-1205.

GADOW, HANS

- 1958 — Amphibia and Reptiles. The Cambridge Natural History, vol. viii. Inglaterra, Reimpressão.

GALVÃO, ROBERTO e MARÍLIA

- 1955 — Áreas Amazônicas de Mato Grosso, Goiás e Maranhão. Publicação Técnica da S.P.V.E.A. Belém, Pará.

GEOGRAFIA, CONSELHO NACIONAL DE

- 1944 — Amazônia Brasileira. Publicação Especial versando sobre vários assuntos da região.

GOELDI, EMÍLIO

- 1895 — Lancear de olhos sobre a fauna dos Reptis do Brasil (Capítulo introdutório da Monografia inédita "Reptis do Brasil". *Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. I, pp. 402-432.
 1897 — Die Eier 13 brasilianischen Reptilien nebst Bemerkungen über Lebens — Fortplanzungsweise letzterer. *Zoologische Jahrbucher*, bd. X, pp. 640-676.
 1902 — Maravilhas da Natureza. A ilha de Marajó. *Bol. do Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. III, pp. 392-399.
 1902 — Lagartos do Brasil. *Bol. Museu Paraense Emílio Goeldi*, vol. III, pp. 499-560.

GOELDI, EMÍLIO e G. HAGMANN

- 1901 — Die Eier von *Tropidurus torquatus*, *Ameiva surinamensis* und *Iguana tuberculata*. *Zoolog. Jahrbucher*.

GRAY, J. E.

- 1851 — Description of a New genus and Family of Cyclosaurian Lizards from Pará. *Proc. Zool. Soc. Lond.*, vol. XIX, pp. 38-39, pl. VI, fig. 3.

GRIFFIN, LAWRENCE E.

- 1917 — A List of the South Amer. Lizards of the Carnegie Museum, with description of four new Species. *Ann. of Carneg. Museum*, vol. XI, n.º 1-2, pp. 304-320.

GUICHÉNOT, A.

- 1855 — Réptiles (in Castelnau, Animaux nouveaux ou rares recueillis pendant l'expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro à Lima, etc.). Paris.

HAGMANN, G.

- 1906 — Die Eier von *Gonatodes humeralis*, *Tupinambis nigropunctatus* und *Caiman sclerops*. *Zoolog. Jahrbucher*.
 1909 — Die Reptilien der Insel Mexiana, Amazonestrom. *Zoolog. Jahrbucher*, pp. 473-504.

HAMILTON, D. W.

- 1960 — Observations on the Morphology of the Inner Ear in certain Gekkonoid Lizards. *The Univ. of Kans., Science Bull.*, vol. XLI, n.º 10, pp. 983-1024.

IHERING, RODOLFO VON

- 1940 — Dicionário dos Animais do Brasil. Um vol. editado pela Secretaria de Agricultura de São Paulo.
 1953 — Da Vida dos Nossos Animais. Um vol. Rio Grande do Sul.

JEUDE, T. VAN L. DE

- 1904 — Reptiles and Batrachians from Surinam. *Notes from the Leyden Museum*, XXV, pp. 83-94.

JOHNSON, W. R.

- 1952 — Herpetological Notes from North Eastern Brazil. *Copeia*, pp. 283-284.

KÜHLMANN, EDGARD

- 1957 — Paisagens Biogeográficas. *Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia*, n.º 140, pp. 622-636.

LACÉPÈDE, C.

- Histoire Naturelle. Tomo I. Paris.

LAURENT, R.

- 1949 — Note sur quelque Réptiles appartenant à la collection de l'Institut Royal des Sciences Naturelles de Belgique. III. Formes Américaines. *Bull. Inst. R. Sci. Nat. Belg.* 25, 9, pp. 1-20.

LIEBERMANN, JOSÉ

- 1939 — Catálogo sistemático y zoogeográfico de los lacertilios argentinos. *Physis*, tomo 16, n.º 48, pp. 61-82.

LIMA, ELÁDIO C.

- 1944 — Mamíferos da Amazônia. I. Primatas. Grande publicação sob os auspícios do Museu Goeldi.

LOVERIDGE, ARTHUR

- 1957 — Check List of the Reptiles and Amphibians of East Africa (Uganda; Kenya; Tanganyka; Zanzibar). *Bull. Mus. Comparat. Zool.*, vol. 117, n.º 2.

MACÊDO, MORALES

- 1955 — Biología Fundamental. Um vol. Barcelona.

MAGNANINI, ALCEO

- 1952 — As regiões naturais do Território Federal do Amapá. *Rev. Brasil. de Geografia*, n.º 3, pp. 243-315.

MARCGRAVE, JORGE

- 1942 — História Natural do Brasil. Um vol., tradução portuguesa, S. Paulo.

MARCUSZI, GIORGIO

- 1951 — Osservazioni sulla sistematica e variabilità di alcune specie di lucertole (Rept. *Lacertilia* del Venezuela. *Arch. Zool. Ital.*), 36 (2) pp. 17-56.
 1954 — Notas sobre zoogeografía y ecología del medio xerófilo Venezolano. *Mem. da Soc. Cienc. Nat. La Salle*, tomo XIV, n.º 39, pp. 225-260.

MARTIUS, KARL VON e J. VON SPIX

- 1938 — Viagem pelo Brasil. Vêr terceiro volume, trad. port. Rio.

MARTONNE, EMMANUEL DE

- 1954 — Tratado de Geografia Física (in Panorama da Geografia). Vol. II, trad. portug. Lisboa.

MELLO-LEITÃO, CÂNDIDO DE

- 1946 — Novos Rumos da Biogeografia. *Rev. Bras. de Geografia*, ano VII, n.º 3, pp. 445-472.
 — As Zonas de Fauna da América Tropical. *Rev. Bras. de Geografia*, ano VIII, n.º 1, pp. 71-118.
 1947 — Zoogeografia do Brasil. Col. Brasileira, S. Paulo.

MORAIS, RAIMUNDO DE

- 1931 — O Meu Dicionário de Coisas da Amazônia. Dois vols. Rio.

MOREIRA, EIDORFE

- 1958 — Amazônia, o Conceito e a Paisagem. Publicação avulsa do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

MYERS, GEORGE S. e A. L. DE CARVALHO

- 1945 — A Strange new leaf-nose Lizard of the genus *Anolis* from Amazônia. *Boletim do Museu Nacional do Rio, n. s. Zool.* n.º 43.

MYERS, GEORGE S.

- 1945 — A Natural Habitat of the House Gecko (*Hemidactylus mabouia*) in Brazil. *Copeia*, n.º 2.

NEWBIGIN, MARION L.

- 1949 — Geografia de Plantas y Animales. Um vol., trad. espanh. México.

NOBLE, G. K.

- 1923 — New Lizard from Tropical Research Station in British Guiana. *Zoológica*, III, pp. 301-305.

OLIVEIRA, JOSÉ C. DE

- 1951 — Folklore Amazônico. Um vol. Belém.

O'SHAUGHNESSY, W. E.

- 1880 — Description of a new Species of *Anolis*, with Notice of some others Species of that Genus from Ecuador. *Proc. Zool. Soc. Lond.*, pp. 491-493.
 1881 — An account of the Collection of Lizards made by Mr. Buckley in Ecuador. *Proc. Zool. Soc. London*, pp. 227-245.

ORICO, OSVALDO

- 1937 — Vocabulário de Crendices Amazônicas. Um vol., S. Paulo.

PARKER, H. W.

- 1953 — Lizard. Artigo na Enciclopédia Britânica, vol. 14, pp. 244-248.

- 1926 — The Neotropical Lizards of the Genera *Lepidoblepharis*, *Pseudogonatodes*, *Lathrogecko*, and *Sphaerodactylus*, with the description of a New Genus. *Annals and Magaz. Nat., Hist.* (9), XVIII, pp. 291-301.

- 1953 — Iguana. Artigo na Enciclopédia Britânica, vol. 12, pp. 75-76.

PERACCA, M. G.

- 1894 — Descrizione di una nuova specie del genere *Pantodactylus*. *Boll. Mus. Zool. Univers. Torino*, IX, n.º 176, pp. 1-4.

PETERS V., JAMES A. e GUSTAVO ORCÉS-V

- 1956 — A Third Leaf-nosed Species of the Lizard genus *Anolis* from South America. *Breviora*, n.º 62.

PINTO, AUGUSTO O.

- 1930 — Hydrographia do Rio Amazonas. Rio.

POPE, CLIFFORD H.

- 1955 — The Reptile World. Um volume, N. York.

PROCTER, JOAN

- 1923 — On New and Rares Reptiles from South America. *Proc. Zool. Soc. Lond.*, pp. 1061-1067.

ROMER, ALFRED S.

- 1956 — Osteology of the Reptiles. Um volume, Chicago.

ROZE, J. A.

- 1958 — Los Reptiles del Auyantepui Venezuela. *Acta Biologica Venezuelica*, vol. 2, art. 22, pp. 243-270.

RUIBAL, RODOLFO

- 1952 — Revisionary Studies of Some South American *Teiidae*. *Bull. Mus. Compa. Zool.*, vol. 106, pp. 477-529.

RUTHVEN, ALEXANDER

- 1916 — Description of a New Genus and Species of Lizard from British Guiana. *Occ. Pap. Mus. Zool. Univ. Mich.*, XXII, pp. 1-4.
 1924 — Description of a New Lizard of the Genus *Alopoglossus*. *Occ. Pap. Mus. Zool. Univ. Mich.*, CLV, pp. 1-6.
 1925 — Lizards of the Genus *Bachia*. *Proc. Boston Soc. Nat. Hist.*, XXVIII, pp. 101-109.
 1929 — Description of a New Species of *Kentropyx*, of Brazil. *Occ. Pap. Mus. Zool. Univer. Mich.*, CCVI, pp. 1-3.

SAMPAIO, ALBERTO J.

1945 — Fitogeografia do Brasil. Col. Brasileira, S. Paulo.

SANTOS, EURICO

1955 — Anfíbios e Répteis do Brasil. Um vol., Rio.

SCHMIDT, K. e R. INGER

1957 — Living Reptiles of the World. Um vol., N. York.

SOARES, LÚCIO C.

1953 — Limites meridionais e orientais da área de ocorrência da Floresta Amazônica em território brasileiro. *Rev. Brasileira de Geografia*, n.º 1, 122 pág.

SPIX, J. B. VON

1824 — Species Novae Serpentum Brasiliensium. Um vol., com estampas.

1825 — Animalia sive Species Novae Lacertarum Brasiliam. Um volume com estampas.

UNDERWOOD, G.

1954 — On the classification and evolution of the geckoes. *Proc. Zool. Soc. Lond.*, vol. 124, pp. 469-492.

VANZOLINI, PAULO E.

1949 — Contribuições ao conhecimento dos Lagartos brasileiros da família *Amphisbaenidae* Gray, 1825. — Sobre o genero *Aulura* Barbour, 1914. *Bol. Mus. Paraen. Emílio Goeldi*, X, pp. 275-278.

1949 — Contribuições ao conhecimento dos Lagartos brasileiros da família *Amphisbaenidae* Gray, 1825. — 3. Sobre *Amphisbaena vermicularis centralis* Amaral, 1935. *Anais Paulistas Med. e Cirurgia*, 57, n.º 2, pp. 105-108.

1950 — Contribuição ao Conhecimento dos Lagartos brasileiros da família *Amphisbaenidae* Gray, 1825. I Sobre uma subespécie insular de *Amphisbaena darwini* D. e B., 1839. *Papeis Avulsos Depto. de Zool. S. Paulo*, IX, n.º 6, pp. 69-78.

1951 — *Amphisbaena fuliginosa*. Contributions to the knowledge of the Brazilian lizards of the family *Amphisbaenidae*, Gray 1825. *Bull. Mus. Comp. Zool.*, vol. 106, n.º 1, pp. 3-67.

1953 — Notas sobre alguns Lagartos sul-americanos. *Rev. Bras. Biol.*, 13 (1), pp. 73-74.

1953 — On the type locality of some Brazilian Reptiles and Amphibians collected by E. D. Cope. *Copeia*, pp. 124-125.

1954 — Sobre a presença do gênero *Lepidoblepharis* no Brasil (*Sauria*, *Gekkonidae*). *Papeis Avulsos Dep. Zool. Secr. Agr. S. Paulo*, vol. XI, n.º 15, pp. 263-270.

1954 — Relatório de uma expedição científica ao Território Federal do Acre, no ano de 1951. *Papeis avulsos do Dep. de Zool., S. Paulo*, vol. XI, pp. 1-20.

1955 — Contribuições ao Conhecimento dos Lagartos Brasileiros da Família *Amphisbaenidae* Gray, 1825. 5. Distribuição Geográfica e Biometria de *Amphisbaena alba* L. *Arquivos do Museu Nacional*, vol. XLII, parte II, pp. 683-705.

1935 — Sobre *Gonatodes varius* (Auguste Duméril), com notas sobre outras espécies do gênero (*Sauria*, *Gekkonidae*). *Papeis Avulsos Dep. de Zool. Secr. Agr. S. Paulo*, vol. XII, n.º 3, pp. 119-132.

1957 — O gênero *Coleodactylus* (*Sauria*, *Gekkonidae*). *Papeis Avulsos do Depto. Zool., Sec. Agr. S. Paulo*, vol. XIII, art. 1, pp. 1-17.

WAGLER, J.

1830 — Naturliches System der Amphibien, pp. 1-354.

WALLACE, ALFRED R.

1939 — Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Tradução, vol. da Coleção Brasileira, S. Paulo.

WATSON, DAVID M.

1953 — Reptiles. Artigo inserto na Enciclopédia Britânica, vol. 19, pp. 180-200.